

ICONOLOGIA
DE CÉSAR RIPA PERUGINO,
Cavaleiro de SS. Maurício, e Lázaro.

LIVRO PRIMEIRO.

< Itens com A >

ABUNDÂNCIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 1; pág. do PDF 73)

Mulher graciosa, que portando uma bela grinalda de vagos fios se cinja a fronte, & o vestimento de cor verde, decorado em ouro, com a mão direita portando uma trombeta com fartura de muitos e variados frutos, uvas, azeitonas, & outros; & com esquerdo braço aperte um faixo de espigas de grão, de milho, painço, legumes, & semelhantes, do qual se vejam muitas de ditas espigas colhidas caírem, & espalharem-se ainda por Terra.

Bela, & graciosa deve ser pintada a Abundância, quer como coisa boa, & desejada por todos, quer como feia, & abominável ao produzir escassez, que dela é contrária.

Tem a grinalda cheia de flores, porque são as flores de frutos que fazem d'a Abundância mensageira, & autora; podem ainda significar a alegria, & as delícias da vida nos campos.

A cor verde, & os frisos de ouro de sua veste, são cores próprias fazendo com que o bom e verdejante campo floresça em férteis produções, para depois se renovarem, a maturação das azevias, & dos frutos, que permeiam a Abundância.

A trombeta da fartura pela fábula da Cabra Amalteia, contada por Hermógenes no livro da Frigia se também como faz riferimento Natale Conte no sétimo livro das suas metodologias ao capítulo dois de Aqueloo, & por isso Ovídio retrata dito Aqueloo sob a figura do Touro, no livro nove das Transformações, e sinal manifestado da Abundância, ele o diz.

Naiade; hoc pomis, & floris odore repletum

Sacrarunt, diuesq; meo bona copia corriu est.

E porque a Abundância se diz Quantidade, para mostrá-la, assim,* a representamos, que o braço esquerdo tenha, (assim) como o direito a sua fartura*/carga*, & em beneficio*, sendo que parte daquelas espigas espalham sobre a Terra.

In prescipitam Abundantia figuram,

Dominicus Ancaianus.

Aspice terrarum flauentes undique campos

Multiplici complet messe benigna Ceres.

Pomorum uario curuantur pondere rami.

Et bromio uitis plena liquore rubet.

*Cerneboum pecuduu*q; greges hinc laetus humor:*

Hinc pingui sidant vinima uineta lacu.

*Sylva fera nutrit, perducunt aquora pisces,
Aerij campis lata uagatur auis.
Quid iam depofitas proprio mortalis in usus
Nec celum quicquam Nec tibi terra negat.*

ACADEMIA.

⇒ imagem (pág. do livro 2; pág. do PDF 74)

ACADEMIA.

Do Senhor Gio: Zaratino Castellini.

Mulher vestida de multicores, de aspecto, & idade viril, coroada em ouro, na mão direita terá uma lima, e em torno de seu punho o escrito DETRAHIT ATQVE POLIT, na mão esquerda possuirá uma guirlanda trabalhada em Louro, Hera, Mirto, e na mesma mão, pendem um par de pomos granados, se sentará em uma cadeira enfeitada por verias folhas, e frutos de Cidra, Cipreste, e Carvalho, com ainda ramos de Oliveira, na parte onde se apóia o cotovelo, o mais próximo possível da figura. Estará no meio de um jardim sombrio, lugar “cheio de natureza/matagal”: com Plátanos em torno dos pés, portará grande quantidade de livros, dentre os quais se faz presente um Cinocéfalo, ou mesmo Babuíno.

Se vestirá em veste adaptável* de variadas cores, para as várias ciências, que em uma notável Academia se tratam.

É pintada em idade viril graças à perfeita, e madura cognição das coisas, que se vêem, e se discorrem naquela idade, que não é submetida à afobação dos jovens, nem aos cenís delírios, mas é dotada de rigorosa* mente, e de sábio/são juízo.

Se coroa em ouro desejando significar, que quando o engenho do Acadêmico teve ao externar os seus pensamentos, que a cabo consintem onde está a parte intelectual de nossa alma (segundo Platão na Timeo) deseja que lhe seja afim, como o ouro, a fim de que possam estar em qualquer prova, e comparação. Da mão direita possui uma lima, com o escrito (*Detrahit, atqve polit*) por que assim como com a lima, instrumento fabril, pulindo-se de ferro, ou outro material, e levando-se a ferrugem se torna lúcido, e resplandecente, assim na Academia levam-se as coisas suupérfluas, & se alteram as composições, se reluzem, & ilustram as obras, porém é necessário se colocar sob a lima de severos julgamentos dos Acadêmicos, e fazer como diz Ovídeo, no livro primeiro de Ponto. Assim que se alteram e se polem.

*Scilicet incipiam lima mordacius vti,
Vt sub iudicium singula verba vocem.*

Onde Quintiliano livro X capítulo III opus poliat lima, & não sem razão se desdenha Orácio na poética dos latinos, que não se igualavam a cura dos Gregos, se torna difícil, em limar, e polir suas obras.

Nec virtute foret clarisque potentius armis,

*Quam lingua latium si non offenderet unum
Quenque vuetarum limalabor, & mora vos,
Popilius sanguis Carmem reprehendite, quod no'
Multa dies, & multa litura coercuit, atque
Perfectum decies non castigavit ad vnguem*

E em Petrarca Soneto 18.

*Matrouo peso non de le mie braccie,
Ne opra di polir con la mia lima.*

Então é, que muito ardentemente dissesse, que à uma obra lhe falta a última lima, quando não está bem “afiada”, e polida, venha nas Adagas. *Limam addere*: Das quais temos inserido o lema, oande se pode ler, perto da imediação da obra. *Lima detrahitur; atq; expolitur, quod redundat, quodque inculum est, & limata dicuntur expolita*. A grinalda é feita em Louro, Hera, e Mirto, porque são todas as três plantas poéticas, pelas várias espécies de poesia, que na Academia se florescem, pois o Mirto é pertinente ao Poeta mélico amoroso, que com suavidade, e prazer canta os seus amores, por que o Mirto, segundo Pierio Valeriano, é símbolo do prazer, & Vênus mãe dos amores, ainda se refere Nicandro, que Vênus fosse presente ao julgamento de Páris coroada em Mirto, e que lhe fôra grato, e que Virgílio no Malibeo:

*Populis Alcida gratissima vitis, laccho,
Formosa myrtus Veneri sua laurea phabo.*

E Ovídio no primeiro do livro IV de Fasti, desejando cantar das festividades de Abril, mês de Vênus, invoca a Deusa*, a qual diz, que lhe tocara as tēmporas com o Mirto, e assim melhor pode cantar coisas reverentes a ela:*

*Venimus ad quartum quo in celeberrima mense',
Et vatem, & mensem scis Venus esse tuos,
Mota Cytherea est, leuiter mea tempora Myrto
Cotigit, & captum peerficere dixit opus.*

De Hera, & Louro se coroavam indiferentemente todos os Poetas. Horácio Poeta Lírico, se vangloriava da hera.

Me doetarum haedere pramia frontium

Dy: miscent superis,

E o mesmo quer o Louro na última ode do livro III dos versos.

Quasitam meritis, & mihi delphica

Lauro cinge volens Melpomene comam.

E ainda o juíza outro, que fôra coroado Píndaro e Lírico no livro IV ode II.

Pindarus ore.

Laurea donandus Apollinari.

Não por menos a hera particularmente fosse para os Poetas Elegidos alegris como se nota na homenagem 6 de Tristibus, onde diz Ovídio.

Si quis habes nostris símiles in imagine vultus,

Deme meis hederas Bacchica certa comis

*Ista decent lae*tos fae*lica signa poetas:*

Temporibus non est apta corona meis.

E Propérrio Poeta Elegíaco.

Enius hirsuta cingat sua dicta corona

Mi folia ex hedera porrige Bacche tua.

E com a mesma Ovídio adverte Catullo, que vai ao encotro à Tíbulo Elegíaco.

Obuius huic venies hedera iuuenilia cinetus,

Tempora cum Clauo docte Catulle tuo.

Convém ainda aos Poetas Ditirâmbicos, justamente pela condição de Ditirambos, versos, que se cantavam em honra à Bacco Deus cujo era consagrada a hera. Ovídio III Fast.

Hedera gratissima Baccho.

Hoc quoque cur ita sit dicere nulla mora est,

Nyfiades Nymphaas puerum quarente nouerca

Hanc frondem cunis apposuisse ferunt.

E no livro 6 do Fasti.

Bacche racemiferos hedera redimite capillos.

O louro então é mais conveniente aos Épicos, que cantavam os fatos dos Imperadores, e dos Heróis, os quais venciam, e com Louro são descobertos, e ainda Apollo no primeiro (livro) das Metamorfoses o decide por coroar aos gloriosos, e vitoriosos Duques, e o consagra a si mesmo pai dos Poetas, como planta, que se deve ao mais alto estilo agradecido, e sonoro, e por fim de argumentar sobre essas três plantas poéticas, basta dizer, que Petrarca foi coroado em Roma com três coroas, de Louro, Hera, e Mirto, assim como se refere de ter visto Senuccio Fiorentino, contemporâneo, & amigo de Petrarca.

Os pomos graúdos, são figuras da união dos Academicos, usufruindo-se de tais pomos à partir do livro 54 de Pierio pelo símbolo de um povo, faculdade, e de uma companhia de muita gente em um mesmo lugar, em cuja união se conservam, e mais ainda eram dedicado à Juno, a qual leva epíteto de conservadora, como se pode veer na medalha de Mammea, com tais palavra, IVNO CONSERVATRIX. E por isso também Juno era conhecida como presidente dos Reinos, e pintava-se com uma maça graúda em uma mão, como conservadora da união dos povos. Sentará a Academia pois seus eserícios de seus Acadêmicos se realizam em ordem entre eles, si fará entalhado o Cedro na cadeira, por ser a Cidra símbolo da eternidade. *Ante alias enim arbores cedrus aeternitatis hieroglyphicum est.* Diz ainda Pierio, que não se apodrecerá, nem menos se cortará, a qual eternidade devem sempre se ter na mira os Acadêmicos, procurando

mandar fora as suas obras limitadas, e fracas, assim sendo dignas de Cidra, assim como Plínio no capítulo 39 do livro 16 diz, que uma matéria banhada em fogo, ou mesmo ungida em óleo de cidra, não é carcomida pelo tempo, assim como no (mesmo) capítulo, e livro 13, afirma dos livro de Numa Pompílio descobertos após 535 anos na colina Gianicolo, de Gneo Terêncio Escriba, enquanto escava, & afossava o seu campo. Onde, *cedro digna locutus*, uma vez dissera, que tenha falado, e composto coisa digna de memória, dito usado por Pérsio na primeira Sátira, venha Teofrasto no livro III e Discórides no capítulo 89 do livro I é citado. *Digna cedro*, pelo que Horácio na Poética disse.

Speramus carmina fingi

Posse linenda cedro, & leui seruanda cupresso.

E mais ainda se entalhará inclusive o Cipreste sendo incorruptível, como a Cidra, e tendo-se usado por Pierio para a perpetuidade, o Carvalho respectivamente símbolo da diuturnidade, segundo o mesmo Pierio, é da virtude, qual se converterá, tanto que nos Agoniais capítulos intitulados por Domiciano Imperador (a)os virtuosos, que venciam em ditos jogos, se coroavam em Carvalho, como os Histriões, os Citaredos, e os poetas. Juvenal.

Na capitulinam syrcaret, Pollio quercum,

E Marcial.

O cui Tarpedias licuit contingere quercus.

De que mais difusamente Scaligero no capítulo X do primeiro livro acima do Poeta Afrânio/Antônio. A Oliveira por ser sempre verdejante se põe ainda para eternidade. Da qual Plutarco na quest. II do Simpósio III assim a pensa *Oleam, Laurum, C Cupressum, semper virentem, conseruat pinguedo, & calor sicut, & ederam*: Se coloca ainda no mais próximo lugar ao corpo da Academia, como planta dedicada pelos poetas à Pallas, Minerva nascida da testa de Giove, que então é figurada pela naturalidade, & vivacidade do intelecto da sabedoria, e ciência, sem os quais necessários dotes não se pode ser Acadêmico, por que quem não é desprovido a dizer sobre ele, trata, e fala *Crassa Minerua*, assim é somente, por ignorante sem ciência: onde dentre os latinos se deriva, aquele ditado *inuita Minerua*, grandemente usado por M. Túlio, e por Horácio naquele verso da poética.

Tu nihil inuita dices faciesque Minerua.

Tu não dirá, nem fará nada daquilo que repugna a natureza de teu engenho, e o dom dos Céus, se como fazem certos belos homens que desejam deturpar a fala do Acadêmico, e do poeta com alguns versos soltos buscados em qualquer parte sem contexto, e sem ciência, (que) não se atêm, que guanto mais falam, mais denotam suas ignorâncias. Necessário ainda à quem deseja imortalizar seu nome como Sábio Acadêmico compartilhar do fruto da Oliveira, isso é conquistar-se pela conquista da ciência, e sabedoria com os estudos noturnos, & vigílias, das quais a Oliveira é símbolo, onde entre os estudiosos é formado tal dizer. *Plus olei quam vini*, ou seja mais pela indústria, e fadiga de mente, que o se divertir, ou comilança, e delícias, são

necessárias para se obter as ciências, e aquele outro ditado *Oleum, & operam perdere*, aqueles, que perdem a fadiga, e o tempo na coisa, que não se podem sair com útil, e honra ***, e ainda S. Girolamo dissera à Pammachio. *Oleum perdit, & impensas, qui bouem mittit ad Ceroma*. Ou seja perde o óleo, e a despesa, o tempo, & a obra, quem manda o boi a pomada Ceroma composta de óleo, e de certa substância terrena, o que se diz daqueles, que desejam domar pessoas de forte engenho incapazes de qualquer ciência, as quais se aprendem com indústria, e fadiga, significada neste lugar pelo ramo de Oliveira, em cuja fronde é áspera, & amarga, com ainda o fruto antes de ser colhido, & maturado, que se tranforma doce, e suave, se converte em suavíssimo liquor, Hieróglifo/representação do cansaço, & ainda da eternidade, como aquilo que conserva os corpos da corrupção, e putrefação: assim a ciência é áspera, & amarga pelo cansaço, & indústria, que se têm por consegui-la, culta, e madura que se é, ou seja conquistada a ciência, ela nos rende frutos, e sadsfações grandíssimas com eternidade do próprio nome, a qual posta em mente de um estudioso lhe alegre a fadiga, se como também o fruto, é o (Oliveiro), que espera recolher (os frutos) da ciência.

Sentará ao meio de uma selva umbrosa, onde cheio de natureza estão plátanos ao redor conforme a descrição de Plínio ao capítulo I do livro II pela memória da primeira Academia, que teve início na vila de um nobre personagem chamado Academos, em cuja amena vila, em um lugarejo em Atenas se reuniam os Platônicos, com o seu divino Platão, à discutir sobre os estudos diletos Platônicos, assim como narra Diorgenes Laerrio na (sobre a) vida de Platão, onde Horácio no capítulo II do livro II.

Atq; inter Sylvas Academi quaerere verum.

E Carlos Stefan historiador diz, que tal vila ou selva fosse distante de Atenas mil passos, sendo que a primeira Academia teve origem na vila, e ganhou o nome de Academos nome próprio porque se é de saber, que as seitas, & orações dos virtuosos, segundo os antigos foram denominadas em três modos, de costumes, de lugares, & de nomes próprios de pessoas; por costumes desprezíveis são ditos os seguidores Cínicos de Antistenes, quer porque tinham por hábito dilacerar a obra, e a vida alheia como com dente canino, e mordaz, quer porque à moda dos cães não se envergonhavam de usar claramente, como os cães em ato venéreo, assim como enjaulados, & Hipárquia filósofa irmã de Metócles cínico, narra Laertes. *Elegit coninuo puella, sumptoque illius habito vna cum viro circuibat, & congregiebantur in aperto, atque ad caenas prifiscebatur*. Pelo costume honesto foram chamados seguidores de Aristóteles Peripatéticos, (✓ 🚶 🏠 🏠 🏠 ? ✓ 🏠 🏠 🏠) *Quod est deambulare* por que tinham por hábito disputar caminhando; em lugares públicos preferiam adotar o nome qual, que fossem nominados pela cidade. *Vt Elienses, Megare-ses, & Cirenaici*, e em lugares privados os Estoicos, os quais pioneiramente se chamavam Zenônios, de Zenone seu Príncipe. Porém daquele dito Zenone por se fazer protegido dos delitos daquele pórtico em Atenas, onde foram mortos 1430 cidadãos começava ele a discorrer & reunir a sua seita, foram chamados Estoicos, porque (*Stoa*) significa

o pórtico, onde os Estoicos foram aqueles, que freqüentavam dito pórtico, que fôra depois ornamentado por belíssimas figuras, por Polignoto, famoso pintor; de pessoas denominadas Socráticas, de Epicuristas, & outros de sua maestria, e como dito tinham, aquele mesmo nome da Academia se deriva do nome próprio daquele herói Platônico, dito Academos, em cuja vida se reuniam os Platônicos, em que seu grande encontro foi o primeiro, a se denominar Academia, derivando-se em todos os encontros posteriores dos virtuosos, que também foram intituladas Academias, chegando ate mesmo em nossos tempos, nas quais se usa um quarto/outro modo, de nomear ainda a Academia, pela eleição de qualquer nome soberbo, & ambicioso, por grave, e modesto, por jocoso, caprichoso, & irônico, sendo que este último é demasiado freqüentado pelos modernos: e por continuar a esplosão da nossa figura dizemos, que a quantidade de livros, che lhe são aos pés, se buscam em bom número, sendo o principal intento dos Acadêmicos, o de transformar várias espécies de livros em conhecimentos de partida para a aquisição de várias ciências. O Cinocéfalo, ou mesmo Babuíno os colocamos como assistente da Academia, por ser ele retirado dos Hieróglifos Egípcios das letras, & mais o consagravam à Mercúrio reputado inventor, & autor de todas as letras como assim se refere Pierio Valeriano no livro VI e colocava entre (os) livros, pois alguém que deseja a profissão de Acadêmico letrado, deve estar afiado nos estudos, os quais vêm muito acrescidos pela freqüência na Academia.

O Cinocéfalo a senter em cujo tínhamos visto em Roma antigos simulacros em mármore egípcio, significava segundo os Egípcios um, & outro equinócio, & ainda punham a efigie sua aos relógios que jorravam água, em vez de pó, para distinção das horas, pois o Cinocéfalo na estação dos Equinócios XII vezes ao dia, & XII vezes à noite, uma vez a cada hora emite um agudo tom de voz: assim o Acadêmico deve cronometrar, & contar as horas do dia, & da noite, e levar boa parte (de seu tempo) em honoráveis estudos, afim de que possa dar à jornada sonoro tom de voz na Academia: porá mais serviço aqui para (o) tipo de imitação: pois este animal imita muito bem os gestos, & as ações do homem para fim com a pena em mano em redigir, de que Eliano ao capítulo X do primeiro livro dos animais assim como o faziam esperiência os Egípcios se colocando em frente à carta, pena, & tinteiro: & o homem chegando à esse ponto pelo instinto de natureza é dedicado a imitar. Aristóteles na Poética. *Insituu est à natura hominibus à pueris imitari.*

Da qual natural imitação parece que tenha originado a Poética, ambrosia, e maná suave par os Acadêmicos, todos intentes a admirar, e representar os costumes, as ações, e os afetos com figurada eloquência adquirida junto às primeiras disciplinas mediante imitação, pré-requisito de toda academia.

PREGUIÇA.

□ Imagem (pág. do livro 6; pág. do PDF 78)

Mulher velha, feia, mal vestida, que está por se sentar, e que tenha a bochecha apoiada sobre a mão esquerda, da qual penda uma fita com um lema, que diz. TORPET INERS, & o cotovelo

de dita mão está pousado sobre o joelho, tendo a testa inclinada para baixo, e que esta recoberta por um pano de cor negra, e na mão direita um peixe dito Torpidinforme.

Preguiça segundo S. Giovane Damasceno livro II é uma triteza, que agrava a mente, que não permite, que se faça boa obra.

Velha é pintada, por que nos anos cenís cessam as forças &, falta a virtude de se fazer obras, como demonstra David no Salmo 70 onde diz, *Ne proij*cias me in tempore seneactus cum defecerit virtus el ne derelinquas me.*

Mal vestida se representa, por que a Preguiça não operando coisa “boa”, indica pobreza, e miséria, como narra Salomão nos Provérbios, ao 28. *Qui operatur terram suam satiabitur panibus, qui autem saetam otium replebitur aegestate.* E Sêneca no livro dos benefícios. *Pigritia est nutrix aegestatis.*

A forma com está por se sentar, que dizemos significar, que a Preguiça torna o homem ocioso, e cansado, como bem demonstra o emblema sobredito, e S. Bernardo nas Epístolas repreendendo os preguiçosos assim diz: *O homo imprudens millia millium ministrant ei, & decies centena* millia affie*stunt ei, & tu sedere praefumis?*

A testa circundada com negro pano, demonstra a mente do preguiçoso ocupada, pelo torpor, e que faz o homem estúpido, & insensato, como narra Isidoro nos Sililóquios livro II. *Per torporem vires & ingenium deftuunt.*

O peixe, que tem na mão direita significa Preguiça, por que este mesmo peixe (como dizem muitos Escritores, e particularmente Plínio no capítulo I livro 32, Ateneo livro VII, e Plutarco de *Solertia Animalium*) pela natureza, e propriedade própria, quem o toca com as próprias mãos, ou mesmo com qualquer instrumento, corda, rede, ou outro, o induz ao estado de estúpido, que não pode operar coisa nenhuma; assim a Preguiça tendo ela as mesmas más qualidades, induz, supera, & vence, de maneira tal que a este vício se pegam, que os faz inaptos, insensatos, e distantes da obra louvável, & virtuosa.

ADULAÇÃO

□ Imagem (pág. do livro 12; pág. do PDF 84)

Uma mulher vestida de hábito artificial, & vago, que toca a tibia, ou a flauta, e um cervo, que o esteja adormecendo próximo aos pés: assim a pinta Oro Apolline, e Pierio Valeriano no livro VII dos seus Hieroglifos, e citam alguns, que o cervo por sua natureza tentado pelo som da flauta, quase se esquece de si mesmo, e se deixa pegar. Em conformidade do que se está na presente imagem, na qual se declara a doçura das palavras com a melodia do som, e a natureza de quem voluntariamente se sente adular com o infeliz natural instinto do Cervo o qual mostra ainda, que é tímido, e de ânimo débil, quem voluntariamente se põe aos ouvidos dos aduladores.

CANSAÇO.

□ Imagem (pág. do livro 14; pág. do PDF 86)

Homem misto, melancólico, e todo rabugento, com ambas as mãos se abre o peito, e se olha o coração circundado por diversas serpentes. Sera vestido em capuz próximo ao negro. O dito vestimento estará rasgado, somente por demonstrar o desprezo de si próprio, & que quando um é em embate com a alma, não pode atender à harmonia do corpo; e a cor negra significa a última ruína, & as trevas da morte, a qual coduz os pesarosos, & em luto.

O peito aberto, & o coração cingido em serpentes, demonstram os fastídios, e embates mundanos, que sempre mordendo o coração infundem em nós mesmos veneno de raiva, e de rancor.

AGRICULTURA

⇒ imagem. (pág. do livro 15; pág. do PDF 87)

Mulher vestida de verde com uma grinalda de espigas de grão na cabeça, na mão esquerda tem o círculo dos 12 signos celestes, abraçando com a (mão) direita um arbusto, que floresce, olhando, fixo, (e) aos pés estará um arado.

O vestimento verde significa a esperança, sem a qual não se teria*, quem (não) se prestasse ao cansaço, do trabalhar, e cultivar da terra.

A coroa de espigas se pinta pelo principal fim dessa arte, que é o de multiplicar as colheitas, que são necessárias à manter a vida do homem.

O abraçar o arbusto florido, & o olhá-lo fixamente, significa o amor do agricultor para com as plantas, que são como seus filhos aguardando o desejado fruto, que ao florir lhe prometem.

Os doze signos são os vários tempos do ano, & as estações, que dessa Agricultura se consideram.

O arado se pinta como imprescindível* instrumento desta arte.

AJUDA

⇒ Imagem (pág. do livro 16; pág. do PDF 88)

Homem de idade viril, vestido de cor branca, & sobre o dito vestimento estará um manto em cor púrpura, & pelo Céu se vê um claríssimo raio que ilumina dita figura, será coroada com uma guirlanda de Oliveira, terá ao pescoço uma Corrente de ouro & por pendente um coração, estará com o braço direito estendido, & com a mão aberta, & com a esquerda tenha um cajado fincado em terra circundado de uma verdejante, & frutífera vinha, & da parte direita estará uma Cegonha.

Se representa em idade viril pois o jovem pode operar segundo a virtude, mas pela novidade, e crueza do sangue, pendendo de todo às ações sensíveis, & o velho (segundo Aristóteles no II da Retórica) (pende) à avareza, sendo que a experiência o ensinou o quanto é difícil adquirir qualquer coisa, e o quão fácil é perdê-la, & por assim considera muito sobre dar ajuda aos outros, tendo sempre como Cães ao lado, um tendo a ganância do ter, e o outro o medo em perder: mas é bem verdade que o velho pode dar conselho pela experiência das coisas do tempo passado.

Se veste em cor branca por que essa ação se deve fazer pura, & sincera, & longe de qualquer interesse, o qual pendido, à utilidade própria, deixa de fazer obra nobre, & virtuosa.

O manto de Púrpura, se diz por sinal de sociabilidade, a qual tem sempre por objeto o ajudar, & sorver às misérias alheias, sendo nessa um devoto afeto puro, & ardente na alma que leva à Deus, & também às criaturas.

Adiuuare imbecillem charitatis est,

diz São Gregório nos Moraes

O claríssimo raio, que desce do Céu, & ilumina dita figura, denota a Ajuda divina, a qual é suprema sobre todas as outras ajudas, onde sobre isso Homero na Odisséia VII assim diz.

Mortalia diuum auxilium desiderat omnis,

& nas Sagradas Escrituras temos

Deus in adiutorium meum intende.

Domine ad adiuuandum me festina,

& em outro lugar,

*Auxilium meum*s*a Domino*

& più Adiutor, & susceptormeus es tu

Et in uerbum tuum super speraui.

A oliveira por Coroa na cabeça em mais lugares pelas divinas letras de Olívio* se entende pelo homem de bem, o qual seja particularmente copioso dos frutos da misericórdia, a qual move a piedade a socorrer, & a dar ajuda à quem mais precisa, David no Salmo 51.

*Ego autem sicut oliua fraec*tifera in domo Dei*

*Speraa*ui in misericórdia Dei in a*eternum,*

Porta o colar, e por pendente o coração se entende, que não somente se deve com o operar da misericórdia pôr ajuda às misérias alheias, mas ainda com a ajuda do Conselho (do qual se é símbolo o coração) tornar aos outros a vida mais saudável.

Dare estulto consilium charitatis est,

Dare sapienti ostentationis, Dare uiro tempore

*peruersitatis sapientiae**, diz São Gregório nas Moraes.

Se representa com o braço direito estendido, & com a mão aberta, para significar a ajuda humana, sendo que a ajuda, na língua Hebréia se diz Zeroha, que quer dizes que a potência, & fortaleza da ajuda atual consiste no braço, & segundo os antigos o colocar a mão era sinal de ajuda em qualquer tempo que (desejássemos) oferecer nossa ajuda à qualquer serviço, & por quanto narra Pierio Valeriano no livro 35 dos seus Hieróglifos, uma similar imagem é observada no simulacro da deusa Ope em algumas medalhas, quase que ela promete à todos ajuda, como aquela que a Ajuda divina sustenta, & pelo laço universal à todas às Criaturas, como ainda se recebe no seu colo.

O cajado aterrado à terra o qual sustenta a verdejante, & frutífera vinha significa a Ajuda conjugal, sendo que a mulher sem a Ajuda do marido, é como a vinha sem a Ajuda do cajado, onde Ariosto ao canto X na nona oitava diz.

Saresti come inculta vite in orto,

Che non hà palo, oue s'appoggi, ò piante.

Lhe se pinta ao canto uma Cegonha, por ser o verdadeiro significado da piedade, & da ajuda, sendo que um, sem o outro mal podem existir, Logo com grandes ornamentos em diversas Medalhas dos Príncipes Romanos se encontrava expressa essa nobríssima ação com a natureza desse animal, o qual denota o homem para com os parentes piedoso, & amoroso pelos ofícios de conceder Ajuda, sendo que tinham grande cuidado para com os seus genitores quando caíam na velhice, e jamais por qualquer tempo os abandonasse, & não somente quando estes eram velhos lhes era oferecido Ajuda, porém à qualquer tempo que fosse necessário, eram assim governados pela indústria dos próprios filhos. Onde Alciato* nos seus Emblemas assim diz.

Aerio insignis pietate Ciconia nido

*In vestes pullos pignora grata foui*e*t*

*Taliaque expec*tat sibi muneramutua redàs*

Auxilio hoc quoties mater egebit onus:

Nec pia spem soboles fallit sed fessa parentum

*Corpora fert humeris, prae*stat & ore cibos.*

ALEGRIA.

□ Imagem (pág. do livro 18; pág. do PDF 90)

Jovenzinha com fronte carnuda, lisa, e grande, será vestida em branco, e dito vestimento pintado em verdes frutos, e flores vermelhas, e amarelas, com uma guirlanda de várias flores na cabeça, na mão direita tenha um jarro de cristal cheio de vinho vermelho e saudável, e na esquerda uma grande taça de ouro, esteja em aspecto gracioso, e belo, e prontamente se mostra a dançar em um prado cheio de flores.

Alegria é paixão da alma sobre os prazeres que intrinsecamente se contempla sobrenaturalmente, ou que lhe são plantados internamente pela natureza (do ser), ou por obra do acaso.

Terá a fronte carnuda, grande, e lisa pelo dito de Aristóteles na fisionomia ao capítulo VI.

Ipsatibi blandos fundent cunabula flores.

O jarro de cristal cheio de vinho vermelho com a taça de ouro, demonstra que a alegria quanto mais não se esconde, & voluntariamente se comunica como testemunha São Gregório no livro 28 das Moraes, assim dizendo: *Sollet laetitia arcana mentis apperire*. E o Profeta diz, o vinho alegra o coração do homem, e o ouro assim também tem virtude de consolar os espíritos, e este conforto é razão da Alegria. A disposição do corpo, e a demonstração do dançar é manifesto indício de Alegria.

ALTERIDADE DA PESSOA CIVIL NASCIDA POBRE.

□ Imagem. (pág. do livro 19; pág. do PDF 91)

Mulher jovem, cega, com a face austera, será vestida em uma rica, & pomposa blusa de cor vermelha, toda contexta de diversas jóias de grande valor, & sobre a dita blusa terá uma veste de altíssimo/vilíssimo valor toda remendada em cores da terra, ou mesmo da cinza, terá debaixo do braço direito um Pavão, e o esquerdo, com a mão aberta, estará com um pé sobre uma grande bola, & o outro em ato de precipitar-se de dita bola.

A alteridade tem origem pela Soberba, & não gera muito pela sua natureza, o qual não nasce de outro, que de uma falsa opinião de ser maior do que os outros, Onde Santo Agostinho livro 14 *Deciu*. Deus disse, que a Soberba não é outro que uma appetite de perversa alteridade, & o mesmo confirma Hugo, & Isidoro (ao) livro (das) Etimologias como ainda São Thomas II II desejando definir a Soberba já estabelecida diz. *Est inordinatus appetitus excellentiae cui debetur honor, & reuerentia*.

Jovem se pinta por que diz o Filósofo ao livro II da Retórica no capítulo 12 que é próprio dos jovens ser ambiciosos, austeros, & soberbos.

Cega se representa, pois a Alteridade se cega em tal grau, que nos faz desejar aquilo que está no nosso mal, & procuramos sempre de nos colocar onde há maior perigo, sendo privados da luz do Senhor, onde aquele Santo Padre *Homeliae de diuersis* diz assemelhando o soberbo ao cego. *Sicut oī uulīs captus ab omnibus offendi potest facile, i*ua & superbus quoque Dominum nesciens (principium enim superbia est ne Icire Dominam) etiam ab hominibus facile capi potest, ut*potē lumine summo orbatus*.

É pintada com a face, & semblante austero para representar aquilo que diz Dante no 12 do Purgatório.

Hor superbite, & via col viso altiero

Figliuoli d'Eua, & non chinate il volto

Si che veggiate il vostro mal sentiero,

E um elegante Poeta latino em uma sua longa descrição da Soberba diz.

Contemprix inopum vultos elata seueros

Inflatoque rotans turgentis gutture verba,

Ferre' nequit iuga, maiore' indagnata parenq;

A rica, e pomposa blusa de cor vermelha toda contexta de diversas jóias de grata estima, demonstra que o austero tendo pela juventude grande vitalidade no sangue, qual é matéria do calor natural (como deseja Galeno no livro *de vtile respirationis* capítulo 12 dizendo que deste calor, & jovialidade do sangue crendo-se saudável, & disposto nas suas ações pela subtileza, & elevação dos espíritos, se estima, & se tem de ser grandissimamente superior às outras forças, & riquezas.

A veia veste de vilíssimo valor toda remendada em cores da terra, ou das cinzas, denota que o austero, & o soberbo, é de nenhum valor, ainda ínfimo, & baixo similar à terra e às cinzas pelo que diz o Eclesiástico ao X. *Quid superbis terra & cinis?* Mas no pobre particularmente, é de extrema feiúra o ser austero, & soberbo, como diz Sant'Agostinho nestes, *Superbia magis in paupere, quam in diuite damnatur.*

Tem com o braço direito o Pavão por sinal, que assim como este animal complacêdo-se de sua plumagem exterior não se digna da companhia dos outros pássaros, assim o austero & soberbo menospreza, & tem por vil qualquer pessoa, *Superbia odit consortium*, diz Santo Agostinho na epístola 120 & Plutarco em Dione *Arrogantia solitudinis, odit societatem.*

O braço esquerdo alto com a mão aberta nos significa que o austero com obstinação de si mesmo; mostra de suportar os outros em qualquer ação.

O estar com o pé em cima da grande roda, demonstra o perigo do soberbo, sendo dita bola figura nobilíssima a qual como diz o Filósofo *tangit in puncto*, & por não ter estabilidade, nem firmeza alguma, & pela mesma causa se pinta com o outro pé em ato de precipitar da mesma bola, sendo a Austeridade instável, & sem qualquer fundamento, que facilmente caia no precipício das misérias, & por bem disse Dante 29 do Paraíso.

Principio del cader fù il maledetto

Superbir di colui che tu vedesti,

Da tutti i pesi del mondo costretto.

O similar dice Eurípedes Poeta grego falando dos austeros.

Quum videris in sublime quempiam elatum

Splenditis gloriantem opibus, ac genere

Supercilioque supra sortem suam fastuosum

Illius celere' diuinitus expecta breui uindicta'.

E Felistão falando dos Soberbos diz.

Superbus tolitur altissimè, vt maiori casu rvat,

E Folengo no Salmo 74.

Superbus se extollit, & euehit, in médio

Tamen cursu precipitatur, & quasi

In nihilum resoluitur.

ARITMÉTICA

⇒ Imagem. (pág. do livro 21; pág. do PDF 93)

Mulher jovem, que com bela disposição, tenha em ambas as mãos o quadrado geométrico em ato de pegar a altura de uma Torre.

Aritmética, é aquela que mede a altura como de uma torre, a amplitude de um monte, de uma pirâmide, & de qualquer lugar, ou edifício por mais alto que seja.

Se faz jovem por ser a aritmética filha da Geometria, que não deteriorando a qualidade da sua gênese observa com diligência todas as medidas por ela ensinadas. Tem por mim já mencionado o quadrado Geométrico, sendo que dito instrumento opera para as divisões em si circunscritas mediante a nobreza do objetivo que se põe inclusive às espécies, & aos termos que lhe são altos, & porque acima disso se podem dizer muitas circunstâncias, não por menos por ser a Aritmética membro da Geometria, como tenho dito não me estenderei em palavras, colocando-me pelo quanto disse na figura da Geometria, me parecendo por muito ser esta parte que disse medida linear, & por mais desejando retratá-la junto à figura da Estrutura, & Área se pode observar que brevemente o disse.

AMBIÇÃO

⇒ Imagem (pág. do livro 22; pág. do PDF 94)

Mulher jovem, vestida de verde; com hábito sucinto, e com os pés nus; tem aos úmeros asas, & com ambas as mãos mostra de meter confusamente na cabeça várias sortes de Coroas, & tem os olhos vendados.

Ambição segundo São Tomás II II q. 131 artigo*II é um apetite desordenado de se fazer grande, e de prevenir à Graus, Estados, Vontades, Magistrados, & Ofícios, por qualquer que seja em justa, ou injusta ocasião, virtuoso, ou vicioso meio d'onde avém, que aquilo se diz ser ambicioso, como diz Aristóteles no quarto da Ética, o qual por mais que não opere trabalho, & nem sequer o deseja, busca honra.

Se pinta jovem vestida de verde, pois os jovens são aqueles, que muito se presumem, e muito esperam sendo n'eles seu próprio vício, como diz Sêneca no Tróíades*, por não poder controlar o ímpeto da alma, que por assim se lhe são asas aos úmeros, demonstrando ainda, que apraz & ardentemente desejam aquelas coisas, que não convém à eles próprios, sendo assim voar sobre os outros, & serem superiores aos outros.

A veste sucinta, & os pés nus significam o cansaço, os danos, e as vergonhas, que o ambicioso carrega, para conseguir aquelas honras que decididamente ama, pois para estes cada coisa arde por fazer, & tem de sofrer/sofre com paciência, como bem demonstra Claudiano livro II *in Stilicon. laudem*.

Trudis auaritiam, cuius faedissima nutrix.

Ambitio, quae vestibulis, foribusque potentum,

Excubat, & praecijs commercia poscit honorum Pulsa simul.

Se representa, que ela mesma se ponha por evidenciar acima das sobreditas coisas na cabeça, que o ambicioso opera temerariamente, sendo escrito em São Paulo aos Hebreus capítulo V. *Nemo sibi sumat honorem, sed qui vocatur à Deo Tanquam Aaron*, Não sabendo se ele fosse digno.

Se pinta com os olhos vendados, por que ela tem esse vício, que não sabe discernir, como diz Sêneca na Epístola 105. *Tantus est ambitionis furor vt memo tibi post te videatur, si aliquis ante te fuerit.*

A qualidade/quantidade das coroas demonstra, que a Ambição é um desordenado apetite, segundo o dito de Sêneca no II *de ira*.

Non est contenta honoribus annuis, si fieri potest vno nomine vult faectos occupare, & per omnem Orbem titulos disponere.

E a este propósito não quero deixar de escrever um Anagrama feito sobre a presente figura de Tadeu Donnola, que assim diz.

Ambitio Amotibi

*Grammatica' falsam quid rides? des*ine, namq,*

Ex vitio vitium nil nisi colligitur

Tu laude hinc nomines, quos ambitiosa cupidos,

Caecos, dementes, ridiculosque facit.

AMIZADE.

□ Imagem (pág. do livro 23; pág. do PDF 95)

Mulher vestida de branco, porém descuidadamente/levemente, mostre quase o lado esquerdo nu, & nu também o peito, com a mão direita mostra o coração no qual se fará um lema com as letras em ouro assim, *Longe, & prope*: & ao estremo da veste se verá escrito, *Mors, & vita*, será descabelada, & à cabeça levará uma grinalda de buxo, & de flores de pomos graúdos emaranhados juntos, na frente se verá escrito. *Hyems, & Aesi*tas*.

Será descalça, & com o braço esquerdo terá uma Árvore seca, a qual feita circundada por uma vinha verde.

Amizade segundo Aristóteles é uma intercambiável, expressa, e recíproca benevolência guiada pela virtude, e por razão entre os homens, que têm conformidade de influxos, e de compreensões.

A vestimenta branca, e leve, é a simples candidez da alma, onde o verdadeiro amor se vislumbra longe de cada coisa terrena, & de caprichos artificiosos.

Mostra o lado esquerdo, e o peito nus, apontado o coração com o lema, *Longe, & prope*, porque o verdadeiro amigo, ou presente, ou distante, que seja da pessoa amada, pelo coração não se separa jamais; & ainda que os tempos, & o destino mudem, ele é sempre o mesmo preparado à viver, e morrer pela Amizade, e isso significa o lema, que se faz presente nessa parte da veste, e aquele da frente: mas se é fingida, à um mínimo virar do destino, se vê subitamente, quase finíssima névoa ao Sol se afastar.

O ser descabelada, & o portar a grinalda (de mirto?) com as flores de pomos graúdos mostra, que o fruto do amor consorte, & da união interna derrama o perfume suave dos exemplos, & das

honoráveis ações, & assim sem vaidade de aparências, sob o qual se esconde eximamente bem a Adulação inimiga desta virtude, disso se pode ver em Demócrito, como se refere Pierio Valeriano livro 55.

Se é pintada sofridamente descalça, para demonstra solicitude, ou ainda prestação de serviço, & que pelo serviço do amigo não se devem prestar incômodos: como demonstra Ovídio *de Arte amandi*.

Si rota defuerit, tu pede carpe viam.

Abraça finalmente uma Árvore seca circundada por uma vinha verde, a fim de que se conheça, que a Amizade feita na prosperidade, para sempre deva durar, & nos maiores desejos deve ser mais do que Amizade, se recordando, que não é mais amigo tanto inútil, que não saiba encontrar caminho em qualquer modo de pagar as obrigações da Amizade.

MAESTRIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 25; pág. do arquivo 97)

Homem de aspecto magnífico, & venerável, com veste longa, & cheio de magnânima gravidade/pompa, com um espelho na mão, em volta do qual será um lema com estas palavras. INSPICE, CAVTVS ERIS.

O Ensino é o exercício, que se faz para a aquisição dos hábitos virtuosos, e de qualidades louváveis, por meio, ou de voz, ou de escritura, & se faz em aspecto magnífico; pois as almas nobres por elas mesmas e facilmente se empregam aos fastídios, que vão avantes à virtude.

A vestimenta longa, & contínua, mostra, que ao bom hábito se busca continuamente o exercício.

O espelho nos dá a entender, que cada (uma de) nossas ações deve ser calculada, em conformidade com a ação dos outros, que naquela mesma coisa sejam universalmente louváveis como declara o lema acima.

Amor à virtude.

⇒ Imagem. (pág. do livro 26; pág. do PDF 98)

Uma criança nua, alada, na cabeça tem uma guirlanda de louro, & três outras nas mãos por que entre todos os demais amores, quais por muitas vezes os Poetas se pintam, aquele das virtudes à todos supera em nobreza, como a virtude por si só é mais nobre do que qualquer outra coisa.

Se pinta com a guirlanda de louro, por sinal de honra que se deve à essa virtude, & por mostrar que o amor dessa não é corrosível, inclusive como o louro (que) é sempre verdejante, & como coroa, ou guirlanda que é de figura esférica não há jamais um final.

Se pode ainda dizer, que a guirlanda da testa significa a Prudência, & as outras virtudes Morais ou Cardinais, que são Justiça, Prudência, Fortaleza, e Temperança, & por mostrar duplamente a virtude com a figura circular, & com o número ternário, que é perfeito das coroas.

Amor à Deus.

⇒ Imagem. (pág. do livro 27; pág. do PDF 99)

Homem que esteja em reverência com a face levantada ao Céu, o qual aponta com a esquerda mão, e com a direita mostra o peito aberto.

Amor domado.

Do Sn. Gio. Zaratino Castellini.

⇒ Imagem. (pág. do livro 29; pág. do PDF 101)

CUPIDO a sentar tenha sobre os pés o arco, e a aljava, com a face dormida, na mão direita tenha uma ampulheta, na esquerda tenha um passarinho magro, & macilento denominado Cinclo.

Tem sobre os pés o arco, & a aljava com a face acordada por sinal de ser domado, sendo que o abaixar, & depor as armas suas, significa sujeição, & submissão. Não nos é coisa que dome mais o Amor, e levante a amorosa face, do que o tempo, & a pobreza.

O relógio que porta na mão é símbolo do tempo, o qual é moderador de cada humano afeto & cada perturbação da alma, especialmente de Amor, o cujo fim sendo posto em desejo de beneficiar a amada beleza estraga, e tal é a força, que mudada pelo tempo a beleza, se muda ainda o Amor em outros pensamentos. *Il lamabam olim, nunc iam alia cura, impendet pectori.* Disse Plauto no Epidico, & o mesmo na Mustelária*. *Stulta ES plane, Que illum tibi aeternum putas fore amicum, & beneuolentem, Moneo ego te, deseret: ille aetate, & satietate.* E mais abaixo mostra que cessada a causa, cessa ainda o amoroso afeto, mudado pelo tempo a bela (e) jovial coloração. *Vbi aetate hoc caput colorem commutauit, reliquit deseruique me: tibi idem futurum.* Creio que fosse di em Demóstenes que o amoroso fogo dentro do peito aceso, não se pode desligar com a desligar com a diligência: mas na negligência própria do tempo se extingue, & se resolve. Agradece a taça, o tempo, que o tenha derretido dos amorosos cordões neste Soneto.

Perche sacrar non posso Altari, e Tempi,

Alato uoglio, à l'opre tue sì grandi,

Tù già le forze in quel bel viso spandi,

Che fê di noi sì dolorosi scempi.

Tù de la mia vendetta i uoti adempi.

L'alterezza, e l'orgoglio a terra amandi,

Tù solo sforzi Amore, e gli comandi,

Che discoglia i miei lacci indegnim & empi.

Tù quello hor puoi che la ragion non ualse.

Non amico ricordo, arte, ò consiglio,

Non giusto sdegno, d'infinite offese.

Tù l(')alma acquisti, che tanto alse, & alse.

*La qual hor tolta da mortal periglio,
Teco alza il uolo a più leggiadre imprese.*

O tempo portanto é domador do Amor, que se converte ao fim em pensamento do tempo perdido na vaidade do amor.

O passarinho nomeado Cinclo magro, & macilento, significa que o amante logrado que tem em seus íntimos nos seus amores secados, & nu permanece domado pela pobreza, pela fome, & pelo mísero estado em que se acha. Da pobreza nos é símbolo do dito Cinclo, sobre o qual diz Súida*. *Cinclus auicula tenuis, & macilenta, Prouerbium pauperior leberide, & Cinclo.* E esta ave marinha assim tão débil, que não se possa fazer o ninho, porém abriga-se no ninho dos outros, onde Cinclo nos Ditados se chama um homem pobre, & mendigo, se bem por Súida, esta ave marinha é chamada 🐦✂️①✂️🪚✂️?🪚 *Ex quo Cincluspro paupere dicitur.* Crates Filósofo tebano diz, que três coisas domam o Amor, a fome, o tempo, & o laço, quer dizer o desespero. *Amorem sedat fames, sin minus tempus eis uero si uti non vales, laqueus.* E por tal conto se poderia adicionar um cordão ao pescoço do cupido, sendo costume dos amantes por desespero desejar a morte, que em efeito alguns isso fazem; Fedra no Hippólito de Eurípedes não podendo suportar o orgulho ímpeto de Amor, pensa dar-se à morte.

*Ex quo me amor vulnerauit, consideraba-, vt
Commodissime ferrem eum, incaepi itaque
Exinde reticere hunc, & occultare morbum
Linguae enim nulla fides, quae extrema quido*-
Consilia hominum corrigere nouit,
A se ipsa ueroplurima possidet mala
Secundo amentiam bene ferre,
Ipsa modestia, uincere statui
Tertio cum his essici non posset.
Venerem uincere mori visum est mihi
Optimum. Nemo contradicat meo decreto.*

Mas nós temos representado Amor domado somente pelo tempo, & pela pobreza, como coisas mais ordinárias, & temos em parte deixado a desespero, ocorrendo raras vezes aos amantes se dar à morte: pois qualquer um ama a própria vida, & se bem todos os amantes recorrem por pensamento à morte não por isso se entregam, e mais (ainda) o Cavaleiro Guatini introduz Mitrillo* em seu excessivo amor.

Non hà remédio alcun se non la morte.
à quem responde Amarilli.

*La morte? hor tu m'ascolta, e fa che legge
Ti sian queste parole, ancor ch'io sappia
Che'l morir de gli amanti è piùtosto*

D'innamorata lingua, che desio

D'animo in cio deliberato, & fermo.

E Torquato Tasso antes dele na sua elegante Pastoral de Aminta* disse.

è vsu, & arte

Di sciascun ch'ama manacciarsi morte,

Ma rade volte poi segue l'effetto.

Basta então à nós ter mostrado, como Amor resta principalmente domado pela pobreza, & pelo tempo.

AMOR PELA PÁTRIA.

Do Sn. Gio. Zaratino Catellini.

⇒ Imagem. (pág. do livro 31; pág. do PDF 103)

Jovem vigoroso posto entre uma exalação de fumaça, & uma grande chama de fogo, mas que ele olha com prazeroso cílio para a fumaça; porta à mão direita uma coroa de Erva, na esquerda uma outra de Carvalho, aos pés em um canto se coloca um profundo precipício, do outro canto intrépidamente algumas cimitarras, armas em haste, e munição: & por que corresponda à similares circunstâncias, & pela razão que diremos, se vestira em veste militar antiga.

É jovem vigoroso, pois o Amor à Pátria por mais que se envelhece mais é vigoroso, não se debilita, nem jamais perde as forças: todos os amores ceçam. Um Cavaleiro posteriormente, que terá servido em amor um tempo à uma Dama, desligado o amoroso fogo pelo frio tempo, & pela idade esfria, que outro pensamentos introduz, pouco à pouco o esquece, mas da Pátria não jamais. Um mercante reinado pelo amor ao material, & pelo pagamento não estimará perigo algum por navegações difficilissimas, e tempestuosas, ao último se retira ao porto da paterna margem. Um Cortesão solicitado pela ambição vive corajoso/encorajado na soberba Corte, nutrido de falácias esperanças, não por menos com freqüência pensa em seu nativo ninho. Um Capitão depois, que terá (por) muitos guerreado a fim de adquirir fama, e glória, ao fim retorna à pátria a repousar; Exemplo se o está na obra Ulises, que havendo praticado como Capitão glorioso nos mais nobres confins da Grécia, grato, inclusive gratíssimo à Corte Imperial, desejava todavia fazer retorno em Ítaca sua pátria escura, e feia, & pedregosa: Este Amor à Pátria é perpétuo pela eterna obrigação, & honra, como àquela de natureza todo mundo a deve, como o filho ao pai, sendo nós mesmos por aquela gerados, & tendo por essa recebido o espírito, & a aura vital: inclusive por quanto adverte Platão em/para Critão, & Hierócles, é maior a obrigação, & a honra que se deve fazer à Pátria, que à Mãe, & ao Pai, do qual leva o nome de Pátria. *Qui nomen patriae imposuit* (Diz Hierócles) *à re ipsa non temere Patriam nominavit, uocabulo quidem à Patre deducto, pronuntiato tamen faeminina terminatione, vt ex vtroque parente mixtum esset. Atque haec ratio insinuat patriam vnam ex aequo duobus parentibus colendam esse. Praeferenda igitur omnino est Patria vtrius parentum seorsim: & ne simul quidem parentes ambos maioris fieri, sed aequali honore dignati: est autem, & alia ratio*

quae non tantum aequali, sed maiori, etiam quam simul ambos parentes honore patriam afficere monet, neque solum ipsis eam praeferat, sed etiam vxori & liberis, & amicis, & absoluto sermone rebus alijs omnibus post Deos. De mesmo modo é Plutarco nas *Morais*. *At enim Patri, & vt Cretensium more loquar. Patria plus in te, quam parentes tuius habet.* De tal obrigação, & afeto natural nasce que qualquer um ama a Pátria sua, ainda que mínima; a percorre de local a local por mais humilde, ou sublime que seja. *Vlysse ad Ithaca sua saxa sic properat, quemadmodum Agamennom ad Mycenarum nobiles muros. Nemo enim Patria quia magna est amat, sed quia sua.* Disse Sêneca Filósofo, que Ulisses se empenha por andar em todos os cantos de Ítaca sua Pátria, com aquele mesmo amor, & desejo, que Agamemnon Imperador entre os nobres muros de Micenas: pois ninguém ama a Pátria, por que é grande, mas por que é sua, amando-se naturalmente por sua; cresce tanto o Amor à Pátria ao coração de seus Cidadãos, que cegador por aquilo, não almejam o esplendor de outras Pátrias, & mais a qualquer um delegará o seu Vale, Montanha, & cabana, à sua deserta, & bárbara terra, que a nobre Roma: Vulgar é aquele Provérbio. *Patriae fumus igne alieno luculentior.* A sombra/fumaça da Pátria é mais reluzente, que o fogo dos outros países, e por isso temos figurado (o olhar) em direção à fumaça voltando as costas para o fogo. Tem esse lema origem em Homero no princípio da primeira Odisséia.

Caeterum Vlysses

Cupiens vel fumum exeuntem videre

Patriae suae, mori desiderat

O mesmo replica Ovídio no primeiro *de Ponto*, com outros versos, que muito bem exprimem o doce Amor pela Pátria.

Non dubia est Ithaci prudentia, sed tamen optat

Fumum de Patrijs posse videre focis

Nescio quod natale solum dulcedine cunctus

Ducit, & immemores non sinit esse sui:

Quid melius Roma? Scythico quid frigore

peius?

Huc tamen ex illa Barbarus Vrbe fugit?

Luciano ainda ao Encomio da Pátria insere o mesmo dito. *Patriae fumus luculentior homini videtur quam ignis albi.* Ao homem parece mais reluzente, a fumaça da Pátria, que o fogo de outras, de que não se tenha maravilha, que quase todos os forasteiros culpam Roma, que em uma coisa, que em outra louvam por mais sua própria Pátria, pois o Amor à Pátria, que aos olhos deles triunfa, impedem a eles de discernir sua grandeza, & mais ainda não tenham visão de tê-la fraudada pelos seus meritos louvores, no que mostram de pouco saber, ainda que Eurípedes diga, que não vê saber ninguém, que louva mais a Pátria dos outros, que a sua (própria).

Meo quidem iudicio non rectè sapit

Qui spretis patriaeterrae finibus

Alienam laudat, & moribus gaudet alienis.

Ainda à meu juízo muito mais mostrasaber aquele, que conhece a qualidade dos costumes, & a diferença, que nos é dada de um lugar à outro. Onde (a) quem chega o véu da Pátria (à) afeição diante dos olhos, que bemdados tenham, & (a) quem quer dizer o verdadeiro sem paixão, confirmará o parecer do Atheneo, o qual ainda que Greco, & Gentil Autor ao primeiro livro chama Roma Pátria Celeste, Compêndio de todo o Mundo; Celeste em vedadeiro não tanto pela beleza, & amenidade do lugarejo, & a suavidade do Céu, mas por que naquela sentiu vontade de fundar a sua Santa Igreja o Criador do Céu, & essa é residência do seu Vicário, que tem as chaves do Céu, & se guarda (dos) tesouros celestes. Compêndio é então do Mundo, pois àquela não somente chega multidão de genti da França, e Espanha, mas ainda se vêem Gregos, Armenos, Alemães, Ingleses, Holandeses, Helvéticos, Rusos*, Marões*, Persas, Africanos, Trácios, Mouros, Japoneses, Indianos, Transilvanos, Úngaros, e Círios*, aponto como diz o sob dito Atheneo. *Quandoquidem in ea Vrbe gentes etiam totae habitant, vt Capodoces, Scythe, Ponti nationes, & alie complures, quarum concursus habitabilis totius terrae populus est.* Nesta quia todas as partes da terravêm a ser voluntariamente atribuídas do/pelo seu sangue, dos/pelos seus filhos, & cidadãos à Roma, como centro/chefe do Mundo, pelo que com muita razão pode chamar-se Asilo, Teatro, Templo, & Compêndio do Universo, & podemos confirmar, aquilo que afirma Petrarca com tais palavras. *Hoc affirmo, quod totius humanae magnificentiae sij, premum domicilium Roma est, Nec est vllus tam remotus terrarum angulus, qui hoc neget.* E se o mesmo Petrarca em alguns Sonetos o diz mal, emenda ainda tal erro com sobre-abundante louvor nas suas obras latinas, naquela copiosa trocava, que faz *contra Gallum*, na qual é por ele celebra com sim nobre elogio. *Roma Mundi caput, Urbium Regina, Sedes Imperijs, Arx fidei Catholicae, fons omnium memorabilium exemplorum.* E se a houvesse visto no amplíssimo estado em que agora se acha acrescida, & demasiadamente embelezada, não diria por menos. *Muri quidem, & Palatia ceciderunt, gloria nominis immortalis est;* porém por mais dito alcance a glória o/do imortal nome corresponde à eterna, & excelsa Majestade da Cidadepois nessa resplandece o esplendor dos edificios modernos, velhos, de antiga magnificência, os quais vestígios, dão maravilha, & norma à arquitetura, nesta se goza a amplitude das estradas, nesta se vê a austeridade dos soberbos palácios, obeliscos, colunas, arcos, e trofeis, essas se conservam por estátuas feitas por antiquíssimos escultores nomeados por Plínio, Niobe com os filhos, Laocoonte, Dirce junta ao touro, & outras tantas, às quais se adicionam modernas obras de Escultura, e Pintura, que atualmente à fama dos antigos não cessa, para além dos domínios de Tebro rei dos rios, se abandonam copiosos/explêndidos aquedutos, e escorem diversos filetes de água, & florescem deliciosos jardins para os soberbos, e(m) espaçosos volumes, & aquilo que mais importa estão aos pés de infinitos Monastérios, lugares mais, Faculdades, e Templos verdadeiramente Divinos, e Sacrossantos. Quanto à Corte de Roma assimilar se pode à

Hierarquia celeste, assim como Pio II praticou nas cortes Reais, & imperiais paralelismo na Apologia, que escreve à Martinho*. *Inflar Caelestis Hierarquiae diceres Romanae* m curiam, intueri, & circue Mundum, & perlustra Principum atria, & Regum aulas introspicite & siqua est curia similis Apostolicae refer nobis.* Quantos aos nobríssimos engenhos, que continuamente (ao) se florescerem é supérfluo o seu raciocinar; posto que nessa, & nascem felissísimos, & vindos de fora se afinam; como o ouro na forja: então é que muitos vêm à Roma inflados, & cheios de soberba, & presunçosos de muito saber, que depois partem humilhados surpreendidos pelo estupor, os coloca às suas contas as derrotas, pois se perdem os nomes, como os rios, que deseguem no mar: Conceito de Pio XI nos/dos seus Comentários. *Quenadmodum terre flumina quantumvis ampla, & profunda nomen amittunt ingressa mare, ita & doctores domi clari, & inter suos illustres Romana- aduentes curia- inter maior alumina, nomen, & lucem amittunt.* Discrimina Giusto Lipsio, que na primeira Centúria, Epistola 23, reputa Roma Cidade confusa, e turbulenta, e toda Itália ignorante de fama, & de escritos, quase que o seu saber não seja fundado sob (os) antigos escritores Romanos, pêgo, & aprendido ainda por modernos italianos. Em Beroaldi, M. Antônio Sabéllico*, Lorenzo* Valla, Guarrini, Marsi, Rafaello Volaterrano, Bembo, Alciato, Constâncio* Fanese, Merula, Calderino, Gio: Batista Pio, & de outros comentadores, e Oradores, Poetas, & Historiadores, Romanos; por Biondo, Pompônio Leto, Ângelo Politiano, Marcílio Fircinio, Gio. Battista Ignácio, Merliano, Andrea Fulviada Célio Rhodigino*, Pollidoro Virgilio, Pietro Crínito, Lílio Girraldi, Panúino*, Sigônio, Pietro Vittório, Manucci, Fulvio Orfíni Romano, & por outros italianos observadores da antiquidade Romana, especialmente por Aless*andro à Aless*andro. Mas como poder chamar a Itália inculta de escritos, se (à) todas as outras regiões majoritariamente em escritos se supera, pois é abundante, & culta não só na sua antiga língua latina, mas ainda na sua (língua) materna vulgar, rica em várias composições, & de versos tersos, & diletos da parte dos antigos Gregos, & latinos, & por não andar vagando pelo tempo passado; hoje em dia em Roma somente no Sacrossanto Senado Romano de Cardeais, estão presentes Historiadores, Oradores, Jurisditores, Filósofos, e Teólogos tanto culto, & copiosos em escrita, que todas as outras nações de escritos podem confundir, Bellarmino na Filosofia, e Teologia, Mântica, e Tosco singularíssimo nas leis, Ascânio Colonna na oratória facultados dos nativos Romanos, & Barônio na História, de quem se pode dizer, aquilo que o Romano Varrão disse (por) S. Agostinho livro VI capítulo II da Cidade de Deus. *Tam multa legit, vt aliquid ei scribere vacasse miremur, tam multa scipsit, quam mult*ia vix quemquam legere potuisse credamus.* Caso se quisesse posteriormente enumerar outros Autores Italianos, & Romanos, que ao presente por Roma estão nas Religiões, nos Colégio/Faculdades, nas Cortes, nas casas privadas, sem dúvida chegaríamos ao infinito, & tanto mais se desejássemos sair de Roma, & diletarmos/vagarmos por toda Itália, a qual em qualquer tempo esteve cheia de homens literatos, e valorosos, assim com em espécie (se pode encontrar em) Roma. Onde com muita razão Petrarca se teve por bem ser Italiano, & se glorifica

por ser Cidadão Romano, na sobredita retórica. *Sum verò Italus Nazione, & Romanus Ciuis esse gloriior; de quo non modo Principes; Mundique Domini gloriati sunt. Sed Paulus. Apotolus, is qui dixit non habemus hic manentem Ciuitatem, Vrbem Romam patriam suam facit.* Mas retornamos à figura, & se o Amor à Pátria Romana lacerada por certos invejosos Autores além de serem pouco à eles devotos, teve me transportado à suas defesas, & louvores, não deve à ninguém importar; por ser/uma vez que se está à Pátria comum.

A coroa de Graminha é símbolo do Amor à Pátria, o qual fervor tem aquele Cidadão, que tivesse liberado a Pátria do assédio dos inimigos, & se fazia de Graminha, por que fôra observado, que era nascido no lugar em que se achavam presos os assediados: foi pelo Senado Romano concedida a Fábio Máximo, que na segunda guerra Cartaginense liberou Roma do assédio: & era o mais nobre, & honrado prêmio, que dar se poderia à um guerreiro conforme operava, que maior não se pode fazer pois quem estima à todo o corpo da Pátria, estima à qualquer Cidadão membro da (mesma) Pátria. Direi mais, que quem saúda um membro, saúda a todo o corpo, e mais ainda quem estima qualquer Cidadão, estima também a Pátria pois útil coisa é a cidade, & espediente a saúde de um ótimo, & jovem Cidadão, pela causa; se concedia ainda uma outra Coroa à quem tivesse salvado a vida em batalha à um Cidadão, & se fazia de Carvalho pois (era) dela (que) os mais antigos a comida se nutriam, & em vida se mantinham, como apraz Aulo Gellio, tanto que nas questões Romanas outras razões Plutarco acarreta; assim que o Amor à Pátria deve primeiramente abraçar toda a Pátria, & secundariamente em espécie qualquer Cidadão por maior útil consolação, & quietude da Cidade.

O precipício perto aos pés, com quais convergem intrépidamente as armas, significa, que não se preza nenhum perigo de vida por Amor à Pátria, como Anch*uros* filhos de Midas Rei da Frígia, & Marco Curtio Romano, que espontâneamente por revigorar as forças a Pátria eles se sacrificaram precipitando-se na fenda abertura da terra, & milhares (de outros) que em generosas impresas têm esparço o sangue pela Pátria. Nestor famoso Capitão na 15 Iliada de Homero desejando dar ânimo aos Troianos para combater contra (os) gregos, propôs, que o morrer pela Pátria é coisa bela.

Pugnate contra naues frequentes, qui autem vestrum

Vulneratus, vel percussus mortem, & fatum secutus fuerit.

Moriatur, non enim indecorum pugnanti pro Patria mori.

Onde Horácio na Ode II do livro III disse *Dulce, & decorum est pro Patria mori.*

E Luciano no Encômio da/à Pátria escreve, que nas exortações militares mais vale, caso se diga que a guerra está pela Pátria, ninguém ousa que ouvida esta voz seja por ter terror à morte, & de perigo algum; não há medo pela eficácia do chamado, & a comemoração da Pátria de fazer renovar/recriar um ânimo tímido: forte, & valoroso, pela obrigação que se deve, & pelo amor, que se leva incitado ainda pelo estímulo da glória, que se adquire o próprio nome, à sua estirpe em vida, & pós morte, assim como com doce canto copiosamente esprime Pínda nos

Estímios* Ode VII pela/em cima da vitória de Esterpsíade* Tebano, o cujo Tio materno combatendo morreu pela Pátria.

Auunculo cognomini dedit comune a'ectus, cui mortem Mars aéreo clypeoinsignis attulit: sed honor praeclaris eius factis ex aduerso respondet, sciat enim certo, quicunque in hac nube grandinem sanguinis à cara Patria propulset satexii*n*um a cuiubus depellere par contrarium exercitum stirpi se maximam gloriam accumulare, & dum videt, & cum obierit.* Mas por meu aviso pouco chegaremos/nos encheremos/acciecsimenro (q merda é essa!) de/à glória possa causar (à) Estepsíade, à memória, & nome de seu Tio, por que sem comparação alguma, muito maior glória é morrer pelo Amor à Pátria, que viver nos festejos, combates amistosos/estímios*, Nemei Pithij*, & Olímpicos* cantados por Píndaro. Por qual causa nós pensamos que Licurgo Legislador, & Rei dos Lacedemônios ordenado*, que não se escupia nome de morto algum nos sepulcros, senão daqueles corajosos homens, & mulheres, que tivessem sido honrosamente em batalha mortos pela Pátria? Salvo por que reputava ser somente dignos de memória aqueles que fossem gloriosamente mortos pela Pátria. Turbossi* então/ao passo também Senofonte Filósofo Ateniense, enquanto fazia Sacrifício, quando lhe fôra dada a notícia, que Grillo seu filho tivera morto, & mais ainda levou para si a coroa à cabeça, tento então perguntado de que fosse morto, sendo-lhe respondido, que fôra morto animosamente em batalha, ententido então se pôs novamente a coroa à cabeça, & mostrou de sentir mais alegria pela glória, & valor do filho, do que (a) dor pela morte, e perda do mesmo, quando lhe respondeu à quem lhe deu a funesta notícia. *DEOS praecatus sum, vt mihi filius non immortalis: ac longaeuus esset, cum incertum sit an hoc expediat sed vt probus esset ac Patrie amator.* Texto de Plutarco à Apolônio.

Desses particularmente se pode dar juízo, que o hábito militar muito bem convém ao Amor pela Pátria, estando sempre qualquer bom Cidadão às adversidades pronto, & apto a morrer com as armas em mãos pela sua Pátria, opondo-se à qualquer que seja seu público inimigo: & em verdade assim com o amigo se conhece os desejos; assim o amor à Pátria não se escorre melhor, que nos urgentes desejos de guerra, onde quem ama antepõe a saúde da Pátria, à própria vida, & saúde.

Ântico disse/dizia, por que os Antigos têm dado singular exemplo de amor à Pátria, e mostrava* sinais evidentes de Amor, como os Horácios*, Décios*, & o trezentos*, & diversas Fábulas seguidas por muitos adeptos, que todos generosamente com fama, e glória provocavam nos outros o sentimento de Amor, que embarcou toda Roma Pátria dos mesmos.

ALMA RACIONAL, E SANTA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 36; pág. do PDF 108)

Donzela graciosíssima, terá o corpo coberto com um finíssimo, e transparente véu, terá a veste clara, & reluzente; aos úmeros um par de asas, & acima da cabeça uma estrela.

Pois bem a alma, como se diz pelos Teólogos, seja substância incorpórea, & imortal, se representa não por menos naquele melhor modo que o homem unindo aqueles sentidos corpóreos

à imaginação a pode compreender, & não atoa, se costuma representar Deus, & os Anjos, ainda que sejam mesmo assim substâncias incorpóreas.

Se pinta donzela graciosíssima, por ser feita pelo Criador, que é fonte de qualquer beleza, & perfeição, à sua similitude.

Se lhe faz sobre o véu a face por denotar, que ela é, como diz S. Agostinho no livro *de definit. anim* substância invisível aos olhos humanos, e forma substancial do corpo, no qual ela não é evidente, salvo que por certas razões exteriores se compreende.

A vestimenta clara, & reluzente é por denotar a puritaneidade, & perfeição da sua essência.

Se lhe põe a estrela sobre a cabeça, sendo que os Egípcios significavam com a estrela a imortalidade da Alma, como se refere Pierio Valeriano no livro 44 dos seus Hieróglifos.

As asas aos úmeros denotam assim a agilidade, e espiritualidade sua, como ainda as duas potências intelecto, e vontade.

ESPÍRITO BOM, CUIDADOSO,
& Amável.

⇒ Imagem. (pág. do livro 37; pág. do PDF 109)

Um Golfinho que leva a galope uma criança. Se bem Pierio Valeriano por autoridade de Pausânias* atribui ao Golfinho o símbolo de alma grata por que em Proselene Cidade da Jônia, sendo chamado um Golfinho por nome Simone*/Simeão* por uma criança, costumava se deitar junto àquela, & acomodá-lo no dorso para levá-lo onde quisesse, por que fôra daquela criança salva das mãos dos Pescadores, & curado de uma ferida lhe fez, não por menos nós o atribuiremos a Alma apraz, & cuidadosa, pois o Golfinho é bom ao homem não por interesse algum de benefícios recebidos, ou por receber, mas por sua própria natureza, assim como o mesmo Valeriano com suas próprias palavras confirma citando Plutarco nesse trecho *Admiratur Plutarcus tantam animalis stius humanitatem, siquidem non educatione. veluti canes, & equi, non vna alia necessitate, veluti elephanti panteraque & Leones ab hominibus liberati sed genuino quodam assectu sponte sunt humani generis amatores*. Assim de espontâneamente natural afeto amam o gênero humano, não são por gratidão de benefícios recebidos, & que seja verdade, se lê por vezes (em) outros Autores, que os Golfinhos têm feito o mesmo, que narra Pausânias com outros, dos quais não receberam benefício algum; nem benefício de migalhas de pão, que por brincadeira se jogam, e não por alimentar, por que o Golfinho não precisa disto sabendo-se reclamar o seu próprio alimento no amplo mar, e se lhe porta por pessoa, o recusa por gratidão/não precisar. Mas por apraz domesticagem; o Golfinho leva várias pessoas indiferentemente, apenas por ser de natureza afável, cuidadosa, & amável para com o humano. Pelo que se refere por Solino capítulo 17 ou 22 que no litoral Africano segundo Hippono* Diarrhito*, um Golfinho se deixava tocar com as mãos, e muitas vezes levava sobre o dorso todos com ele, que se desejavam cavalgar; entre eles Flaviano Procônsul* da África ele próprio lhe tocou, e o uniu de ungüento perfumante, mas pela novidade do óleo se confundiu, e esteve

sobre a água, como meio morto, & por muitos meses se absteve em solidão da conversação que se compreendeu, que não por interesse de alimentar-se, mas só pelo prazer do convívio lhe apraria tratar com os Hipponeses. De mais se refere Solino, & Plínio ambos ao livro IX capítulo VIII que no tempo de Augusto Imperadoruma criança no Reino da Campânia* atraiu um Golfinho com pedaços de pão, e tanto com aquele o/se domesticou, que seguramente nas mãos lhe alimentava, pegando dessa segurança confiança a criança, o Golfinho lhe portou dentro do Lago de Lucrino, & não somente fisera isso, mas o conduziu a galope da Baía até Pozzuolo, & assim perseverou por tantos anos, que não era obra milagrosa, contudo morrendo a criança, o Golfinho por muito desejar perante aos olhos de todos morreu de dor, & isso se confirma pelas cartas de Mecenate*/Mecenas*, & Fabiano. E se seguiu por escrever, que um outro menino chamado Hernia* levado de mesmo modo à um outro mar por um Golfinho, foi por uma repentina tempestade submerso, & assim morto, o Golfinho o reportou à terra reconhecendo ser ele a causa da morte, não quis mais retornar ao mar, mas por punição quisera ainda ele morrer respirando ao seco, pois os Golfinhos imediatamente que tocam a terra morrem; Sinal em verdade da natureza aprez, cuidadosa, & amável.

BUSCA POR APRENDER*/APREENSIVA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 39; pág. do PDF 111)

Mulher jovem, de medíocre estatura, com cabelo tingido de loiro, vestido de cor branca, (está) na ponta do pé, vivaz, e pronta, em atitude de estar escutando outros que falam; que com a esquerda mão tenha um Camaleão, & com a outra um polidíssimo espelho.

É a Busca por Aprender/Ansiedade* uma racional, & natural parte da alma, mediante a qual as coisas, que se são representadas facilmente a aprendemos, & entendemos.

É parte racional, e natural, por que é próprio da natureza racional, sendo somente o homem apto a aprender, & ao entender cada, e qualquer coisa apreensível, & inteligível, que por mais dissera Juvenal dos homens falando.

Venerabile soli

Sortite ingenium, diuinorumque capaces,

Atque exercendis, capiendisque artibus apti.

O que demonstrou Aristóteles enquanto figurou ser homem de natureza dotado como de uma tábua rasa, sobre a qual ninguém é retratado, e todas as coisas pintadas se podem. Imitado posteriormente por Lírico Poeta na sua Poética dizendo.

Format enim natura prius nos intus ad omnes, Fortunarum habitus.

E segundo Homero vem ainda expresso o mesmo, enquanto introduz aquele Phemio músico ilustríssimo a dizer. *Mea sponte didici, Deus enim varias artes animo meo inseruit.*

É parte da alma pois mediante (a) isso sabemos, mediante isso entendemos, & aprendemos.

Se figura jovem, por que como diz Aristóteles no II da Retórica a juventude têm grande força os afetos; & os sentidos são mais vivazes, & altíssimos ao aprender, & às operações das coisas inteligíveis pelo furor dos espíritos.

Se representa em medíocre estatura, por que assim como dissera Platão, a mediocridade é ótima em todas as coisas, mais ainda por que a moderada estatura dos membros age em moderado temperamento dos humores, como se refere Porta* no seu belíssimo tratado da Fisionomia ao livro II capítulo I e por consequência boa atitude às operações do intelecto, sendo verdadeiríssimo aquilo que comumente atestam os Filósofos, que *mores sequuntur temperaturam corporis*.

Tem o cabelo louro por que assim feita penteado dá muita (ideia) de boa disposição, e capacidade, onde o acima dito Porta no tratado que vem junto livro IV capítulo 11 diz, *Capilli placide subflavescentes in disciplinis capiendis promptitudinem, egragiam animorum subtilitatem, & artificium tradunt*.

Tem veste branca pois assim como a arte da Pintura o branco é a base, e fundamento de todas as cores; assim esta é a base, e fundamento de todos os discursos, e lógicas.

Se figura na ponta dos pés, vivaz, e pronta em atitude de estar escutando, por significar a disposição, e prontidão com a qual está sempre a aprender, & entender.

Tem com a esquerda mão o Camaleão, por que naquela forma o Camaleão se muda em todas as cores às quais se aproxima (segundo se lê em Aristóteles no livro da natureza dos animais) assim esta se transforma nestas lógicas, e discursos que lhe vêm propostos.

Tem na direita um espelho, pois à forma do espelho ela impressiona-se em si mesmo & em si mesmo apropria todas as coisas, as quais ela escuta, entende, & aprende.

ARQUITETURA MILITAR.

⇒ Imagem. (pág. do livro 40; pág. do PDF 112)

Mulher em idade viril, vestida nobremente em várias cores, portará ao pescoço uma corrente de ouro com um belíssimo Diamante como jóia, terá com a mão direita a bússola de pegar/medir as proporções do local, & com a esquerda uma estandarte, que está estampado uma figura de uma fortaleza esagona a qual forma é a mais perfeita entre todas as fortalezas regulares, sobre a qual está uma andorinha, & em terra uma enxada, & uma pá.

O fortificar não é encontrado por outro senão que os poucos se possam defender de muitos, como ainda por apartar os povos & manter os inimigos longe, & por isso a fortificação é tida não somente arte; mas ciência, por que é aquela que investiga tanto nas defesas, quanto nos ataques assegurando o (bem-)estar do Príncipe, & povos vizinhos.

Se representa em idade viril, pois nesta é a verdadeira proporção do saber, onde consiste a defesa, & utilidade universal.

A veste nobre de várias cores denota a inteligência das várias invenções que consistem na fabricação militar.

Lhe se dá o colar de ouro com o Diamante por que assim como o ouro entre os metais é o mais nobre, assim a Arquitetura militar entre as fabricações é de maior estima, & valor, como também o Diamante, o qual entre as jóias é a mais dura, & forte, assim em congruência a fortaleza, é a mais nobre jóia do Príncipe, como aquela que o protege dos golpes dos inimigos.

Tem à mão direita a bússola na qual é divisa em 360 graus com pelas suas faixas, por ser aquela que opera tanto segundo os ventos, quanto segundo as posições que se convém em formar a fortaleza, & é ainda está que prende as bases dessa fortificação.

O estandarte com a figura acima dita sobre a qual está a andorinha, significa que desejando-se fabricar a fortaleza, se deve examinar bem a área, & como se fará a planta, & sobre a qual se formará o desenho segundo o desejo de quanto se espera à obra de tamanha importância, & imitar a andorinha pois como narra Piério Valeriano no 22 livro dos seus Hieroglifos por essa deseja que signifique um homem que seja estudioso, & apto a edificar, & que tenha fabricado grandes edifícios, como exemplo Castelos, Cidades, & outros monumentos de arte, & de engenho.

Lhe se põe ao lado a enxada & a pá, por que são os dois primários instrumentos para fortificar, como aqueles que principiam os focos, & as valas, como ainda por espurginação conduzem embaixo das fortalezas os inimigos das trincheiras.

AUDÁCIA MAGNÂNIMA, E GENEROSA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 41; pág. do PDF 113)

Um jovem de estatura robusta, e orgulhoso em face, terá o direito braço armado (e) por força (e) com corajosa atitude tirando a língua de um Leão, que lhe está sob os joelhos; o restante do corpo estará desarmado, & em muitas partes nu, o que alude à benevolente audácia de Lisimaco de Agatocles nobre da Macedônia, & um dos sucessores de Alexandre Magno, que por ter dado o veneno ao seu Mestre Callistenes* Filósofo, demandado por ele por levar-se à miséria da prisão, que a teve confinado Alexandre; foi condenado a ser devorado por um Leão; mas com o engenho superou a fera; & confiante da sua força, o direito braço, que ele secretamente estava armado, enfiou na boca do Leão, & da garganta lhe trouxe por força a língua, restando-se a fera subitamente morta, pelo qual feito fui da Índia adiante seu nome famoso por Rei Alexandre, & assim lhe galgou por subir ao governo dos estados, & à eternidade da glória. Desejando representar essa figura rapidamente/a cavalo seja por dissimulada, ou em outro, se lhe fará a língua em mão, & o Leão morto sobre o escudo.

ARITMÉTICA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 42; página do PDF 114)

Mulher de singular beleza, de idade viril, vestida por diversas, & espaçadas/vaguíssimas/impressíveis cores, & sobre dito vestimento se estão como por bordado a variedade de notas musicais, & ao extremo de dita vesteserá escrito PAR, & IMPAR, & que com

a esquerda mão tenha com bela graça uma tavola cheia de números, & com o indicador da direita mostre ditos números.

Aritmética, é voz Grega por que o número no qual consiste essa arte, é por ele chamado Arítmos.

Se representa de belíssimo aspecto sendo que a beleza, & perfeição dos númerosalguns Filósofos acreditavam que por estes todas as coisas se compunham, entre os quais Pitágoras Filósofo dissera que a natureza dos números transcorre por todas as coisas, & que a cognição dessas é aquela verdadeira sapiência qual versa em torno às belezas primevas, divinas, incorruptas, sempre existentes, da qual participação são feitas belas todas as coisas; & Deus do qual não procede coisa, que não seja justa, tudo fizera em número, em peso, & medida.

Se faz em idade viril, pois assim como nesta idade é a verdadeira perfeição, assim na Aritmética é perfeita nas suas qualidades.

A diversidade de cores demonstra que esta arte concede princípio às disciplinas Matemáticas por ser essa que abre a estrada à Música, à Geometria, & à todas as demais afins.

Lhe se dá por bordado do vestimento as sobreditas notas musicais, pois por todas as consonâncias musicais as proporções Aritméticas nascem.

A incisão que na extremidade da verte PAR, & IMPAR, declara que coisa seja aquela que por todos a diversidade das ramificações desta arte, & todas as demonstrações.

Tem com a esquerda mão a tavola sobredita, & com o indicador da direita mostra os números subscritos, para notificar a força dos mesmos, Onde Proclo sobre o Timeo* de Platão narra à este propósito que os Pitagóricos assinalaram quatro razões de números/numéricas, a primeira Vocal/De voz, a qual se acha na música, e nos versos dos Poetas, A segunda Natural que se acha na composição das coisas, A terceira Racional, que se acha na alma, & nas suas partes, A quarta Divina que se encontra em Deus, e nos Anjos, & isto basta em torno à esta matéria por não ser tidioso no dizer.

ARISTOCRACIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 43; pág. do PDF 115)

Mulher em idade viril de ambas, & honoráveis vestes; estará a sentar com grande magestade em um suntuoso, & riquíssimo assento, & na cabeça terá uma Coroa de ouro, que com a direita mão tenha um maço de varas unidas, & uma guirlanda de louro, & com a esquerda um elmo; que da parte direita está uma bandeja, & um saco cheio de moedas de ouro, jóias, colares, & outras riquezas, & da esquerda um machado. Aristocracia é o governo dos homens nobres guiado por eles com ordem igual de lei por viver, & de vestir, distribuindo à qualquer um balanceadamente os aborrecimentos, & as honras, as depezas, & os vícios com olho sempre ao benefício comum, à perpétua união, & conteúdo do seu (próprio) estado.

Se faz em idade viril sendo que nesta idade é (a) verdadeira perfeição, uma vez que com juízo se coloca em execução quanto se espera o governo da República.

A sobredita vestimenta & o estar a (se) sentar em um rico assento com grande magestade é repensar o sujeito da nobreza em pessoa com grande condição, que por sinal disso porta à cabeça a Coroa de ouro.

Lhe se dá o maço de varas unidas juntas, por significar, que a República deve estar unida para conservação, & benefício público, onde Eurípedes disse, *Intestinum oboriri bellum solet hominibus inter ciues si ciuit*as dissenserit.*

E Salústio *In bello iugurtino*, ainda ele assim diz

*Concordia paruae res crescunt discórdia
maxima dilabintur.*

& Cicerone na Epístola à Attico*

Nihil uiro bono, & quieto, & bono ciui magis conuenit, quam abesse à ciuilibus controuersijs.

Tem a guirlanda de Ouro, por demonstrar o prêmio que costumam dar àqueles que tenham operado em benefício da República virtuosamente assim como pelo contrário o castigo; o que se demonstra com o machado que lhe se põe ao lado. Onde Sólon sobre isso diz. *Republicam duabus rebus contineri dicebat, praemio, & paena, & Cicerone 3 de nature Deorum.*

Nec domus nec Respublica stare potest, si in ea nec rectè factia praemia essent vlla, nec supplicia peccatis, & Sólon costuma dizer.

Illam ciuitatem optimè habitari, in qua uiros bonos honoribus affici; contra autem improbos paenis mos fuerit.

O elmo, que tem à esquerda; a bandeja & (o) saco cheio de moedas de ouro, com as outras riquezas denotam, que sem as suas armas, & dinheiro, pobremente/malmente se conservam as Repúblicas, e mostra de desenvolver ainda o dinheiro, pois por conservar a liberdade não se deve poupar benefícios, pois como diz Horácio,

*Non bene pro toto*libertas venditur auro.*

ARROGÂNCIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 44; pág do PDF 116)

Mulher vestida de cor de verdes ramos, terá as orolhas de asno, terá sob o braço esquerdo um pavão, & com a direita mão alta mostrará o dedo indicador.

A arrogância é vício, de cor, que se bem se conhecem de pouco valor, não por menos (de) opinião extrema (sobre) os outros, pegando os encargos das feitura difíceis, & de importância, & assim diz São Tomás 2.2.q.122.art.1 *Arrogans est, qui sili attribuit, quod non habet.* Mais ainda com razão se pinta com as orelhas de asno, nascendo esta vício da ignorância, & da tolice, que impossibilita o sucesso dos feitos, que se prendem em pouco juízo.

O Pavão significa ser a Arrogância uma espécie de soberba, & o dedo alto a obstinação em manter a própria opinião mesmo que falsa, & de comum parecer longe, estimando-se muito, &

menosprezando outros. E assim ainda retratam os Antigos a Pertinácia, que é quase uma mesma coisa que a Ignorância.

ARTE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 45; pág. do PDF 117)

Mulher de idade consistente, sucintamente vestida de cor verde. Na mão esquerda tenha uma vara em contato com (a) terra da qual está unida uma planta (como) em espiral, e ténera, & na mão direita um pincel, & um cinzel.

A arte é um hábito do intelecto, que tem origem pelo uso dos preceitos, ou das razões, que geralmente se exercem acerca das coisas necessárias ao uso humano, Esta definição está em Diomedes*, por Aristóteles no VI da Ética, & por São Tomás 1.2.q.37 mas por explicá-la à parte, diremos que este nome Arte pode significar estas coisas, Primeiro o Conceito, ou similitude, assim é a imaginada, & concebida forma das coisas na mente, & neste primeiro mododizemos que é hábito do intelecto; Segunda, o magistério, o artifício com aqueles modos na obra expresso, com os quais era no intelecto a Arte com hábito, Terceira a Obra, ou o Efeito com o Artifício formado; Por isso dizemos ser a Arte na Mente, o Magistério na Vista, & a Obra no Efeito.

O hábito pois do intelecto, é de dois gumes; o hábito especulativo, que é a contemplação, o cujo fim é a Ciência, do qual por agora não falaremos; O outro é o hábito do intelecto prático; o qual tem duas estradas para conseguir o seu fim que é a Obra; O primeiro é o exercício contínuo nas coisas realizáveis, da qual nasce o hábito fazendo o intelecto hábil, & pronto nas operações; A outra parte é a Prudência, a qual ordena a verdade da obra, & faz que o Artífice seja regulado nas suas ações. Temos dito, que tem origem pelo uso, preceito, ou razão onde é de advertir que esta palavra “uso” se pode significar duas coisas, Primeiro a experiência, Segundo o exercício do artífice: Que a experiência seja necessária, o diz o Filósofo (no) livro II *demonstrationum ex ipsa experientur omnis artis, & scientiae principia*, & Manilo Poeta.

Per varios usos artem experientia fecit

Exemplo mostrante uiam

E Cardano* ao I livro das contradições assim diz. *Ab experimento prodit ars, eum anima fuerit confirmatum*, Que o uso significa ainda o Exercício, & que esteja na arte necessário o (que) diz Aristóteles livro I Metáforas capítulo I *Verum vsu atque exercitatione hominibus ars, & Scientia comparatur*, o que ainda confirma Virgílio livro segundo *de re militari*, *Omnes, artes omniaque opera quotidiano vsu, & iugi exercitatione proficiunt*.

Que a Arte logo tenha desejo de preceitos, & razões, não é de duvidar, & por mais dizemos, que os preceitos das Artes estão na longa experiência a qual ocorre em todas as Artes Mecânicas da natureza assim como ocorre na Pintura; & pela razão como acorre em certas Artes que não se dizem Artes, se não impropriamente participando essas demasiadamente na ciência do que na Arte; Como a Medicina, que entre todas as outras conhece *res per suas causas*, não sendo outro

o saber que conhecer as coisas pelas suas causas como diz o Filósofo, Ainda não se acha Arte alguma que não tenha as suas regras, & observações, & por isso diz, Diomedes que diz, *Ars quiaie arctis praeceptis, & regulis cuncta concludat.*

Que se vêem Artes que se servem de razões o diz ainda o mesmo Aristóteles com o exemplo da Poesia livro I Poetas *Ars Poetica est ars rationalis*, & verdadeiramente, se bem parece que todas as Artes tenham por fundamento a experiência como acima tivemos dito, deseja ainda que sejam acompanhadas da razão sem a qual nenhum artífice poderá bem operar. Onde Triverio* ao Apotegma 12 diz. *Quanto fortior dextera manu sinistra,*

Tanto potior est ratio ipsa experientia.

Desta razão têm desejo as Artes livres, & mais nobres, as quais se podem chamar ciências práticas, como é confirmado em Aristóteles VI Ética, *Ars est habitus quidam faciendi cum uera ratione*, & ao I da(s) Metáforas *Ars est operis ratio*, similar parecer diz São Tomás 1.2.q.37.art.3 *Ars est recta ratio factibilium.*

Temos dito que geralmente se exercita, por entender o hábito do intelecto em potência a operar, & não o ato (somente) por ser obra de arte, daquela por vezes chamada experimento da Arte sendo uma coisa particular, & por isto diz o Filósofo ao local citado. *Ars est uniuersalium experientia autem particularium.* finalmente dizemos que se exercita acerca das coisas necessárias ao viver humano; & por que as coisas necessárias ao viver humano sejam muitas, & várias, sendo assim as artesão de mesmo modo várias, Aristóteles lhe distingue em três divisas enquanto diz: *Ars vtens vt nauigandi, peritia, operans, vtque secat ligna, & imperans, vt Architettura*, Platão lhe distingue em duas ao passo, *quae faciunt operae, & quae operibus vtuntur.*

Mas por agora não desejo (que) peguemos outra distinção senão aquela que se pega da causa final; Dizemos (que) na figura da Natureza que o fim da natureza era o bem, & pois a Arte é imitadora da Natureza não será novidade se ainda o fim da não ser o bem.

O bem segundo o Filósofo livro VII (da) Ética capítulo 12 é de duas divisas, *alterum, quod absolutè, & per se bonum sit, alterum quod alicui bonum sit & vtile.* O primeiro será o bem que se chama honesto; o segundo que é por serviço do homem será o útil, & o detalhável, & assim dizemos, que todas as Artes, ou se exercitam em coisas úteis, ou necessariamente ao viver humano, ou ainda em coisas detalhadas.

Agora por explicar a figura, dizemos que a Arte se pinta em idade viril, primeiro por que um artífice jovem não possa ter experiência de muitas coisas, por não ter (se) exercitado muito tempo; o velho então pela desvantagem das forças não pode se pôr em execução aquilo que com seu longo cansaço teve aprendido, o que ocorre particularmente às Artes Mecânicas, & como diz Xenofonte em ocomono (falando sobre as Artes Mecânicas) *Eneruatis labore membris necesse est ânimos debilitari, & quodammodo laborare.*

Se veste de cor verde por muitas razões, Primeiro por que por meio das Artes todas as coisas necessárias ao viver humanovêm a refazer-se de novo, quando pela injúria do tempo venham consumadas a forma que a Natureza (a) cada ano reveste a terra de novas gramas, & as árvores de novas vitalidades, Segundo por que o artífice deve sempre estar com esperança de vir à maior perfeição das suas obras, & nestas colocar qualquer estudo, & diligência, se não desejamos ainda dizer, que significa a esperança, da honra, útil, & recebedora, que o artífice tem de reportar dos seus cansaços, Terceira por significar o frescor das invenções, a vivacidade do engenho, & as jovens fadigas, que em um bom artífice se buscam, outro que ainda pode significar um parecer, ou desejamos dizer pertinácia, que sempre é na frescura, e verde feitura, & à este significado se pega este nome verde, Petrarca.

Per far sempre verde i miei desiri,

Se veste de hábito sucinto como hábito mais cômodo aos trabalhos manuais.

A vara com a planta tênera, & enroscada significa a Agricultura, Arte da qual se vem ao homem tudo de útil qual dissemos acima ser uma espécie de bem, que é fim, e meta das Artes, Esta Arte por Xenofonte foi chamada entre todas as outras preclaríssima, da qual vem administrada ao homem aquilo que para seu viver é necessário, ouvimos Cicerone I dos Ofícios. *Omnium rerum ex quibus aliquid exquiritur nihil est Agricultura melius nihil dulcius, nihil vberius nihil homine libero dignius.*

Mas por não me estender mais em narra a utilidade, & necessidade de dita Arte me basta aderir às palavras de Vitruvius ao livro I da Agricultura.

*Etenim natus infans fine nutricis lacte non potest ali, neque ad uitae crescentis gradus perduci ciuitas sine agris, & eorum fructibus non potest crescere, nec siue abundantia ciui frequentiam habere populumque sine copia t*ibi*ueri.*

A outra espécie do bem, era o detalhável como tivemos dito; Ma que coisa seja ao mundo mais vaga, & detalhável (que a) Pintura, & Escultura? este queremos significar pelo Pincel, & cinzel, que a presente figura tem em mão, Artes em verdade nobríssimas, & por mais dignas de louvor, Onde a nobre escola de Atenas no primeiro gral da Artes livres a colocou detalhável e digo (que) a Pintura por ser imitadora da nossa comum majestade não somente às coisas tangíveis, senão também em todas as visíveis, representando com variedade de cores, todos os objetos sensíveis, *Pictura est omnium quae viuuntur imitatio disse Xenofonte, & Platão livro de pulcro, Pictura opera tanquam viuuntia extant.*

A Escultura então (por) todos os membros inteiros formado, não (por) outra forma que a Natureza palpável faz, não somente pelo olho, mas o tato ainda plenamente tátil, Onde estas duas nobríssimas Artes se põem irmãs chamadas como nascidas por um mesmo pai que é o Desenho, & têm um mesmo fim ou seja uma artificiosa imitação da Natureza.

ARTIFÍCIO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 47; pág. do PDF 119)

Homem com veste detalhada, & com muito Artificio feito, terá a mão direita pousada sobre um Guindaste*, & com o dedo indicador da mão esquerda mostra um cilindro* que lhe está cheio de Abelhas, das quais se verá acima de uma fábrica/em trabalho, & muitas voar pelo ar.

Se veste em hábito nobre, & artificioso pois a Arte, é por si nobre, que segunda Natureza (assim) se pode chamar.

Se pinta que tenha pousada a mão direita sobre o Guindaste, sendo aquilo pelo qual demonstram o artificio com humana indústria/feitura encontrado o qual vence por grande vantagem* a Natureza, & as feitura difficilissimas com pouco esforço mandadas ao fim pelo Guindaste, & outras máquinas; Antífone* Poeta naquele verso o qual cita Aristóteles nas Mecânicas nos ensina, que nós por via da Arte superamos aquelas coisas as quais parecem que rapúgnam a própria Natureza da coisa, fazendo com que mudemos do seu lugar edificios grandíssimos usando o Guindaste.

Mostrando o cilindro* de Abelhas como dizemos, sendo, que estes animais, são o Hieróglifo do Artificio, & da diligência, e mais ainda disse Salomão*.

Vade ad apem, & disce ab ea quam laboriosa sit operatix. E Virgílio também ele elegantemente descreve o Artificio, & indústria/trabalho das Abelhas, no primeiro da Eneida, & mais copiosamente no IV das Geórgidas começando pelo princípio ao qual remeto ao Leitor, por que (senão) me delongarei, basta dizer, que desejando cantar o Artificio, & trabalho natural das Abelhas Virgílio convida Mecenas a ouvir cantar de tal matéria, como de coisa grande, & inspiradora*.

Hanc etiam Maecenas aspice partem

Admiranda tibi leuium spectacula rerum

Magnanimosq; duces totiusq; ordine gentis

*Mores, & studia, & populus, & praelia dicant**m*.

ASSIDUIDADE.

Como pintada na Sala de Requintes do Palácio de nosso Senhor.

⇒ Imagem. (pág. do livro 48; pág. do PDF 120)

Uma velha, a qual tem com ambas as mãos uma ampulheta, & ao lado está um rochedo circundado por um ramo de hera.

ASTRONOMIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 49; pág. do PDF 121)

Mulher vestida em Cor pavonante todo estrelado, com o olhar revoltado ao Céu, que com a mão direita tenha um Astrolábio, & com a esquerda uma tábua onde estão diversas figuras astronômicas.

Astronomia é regra, que concidera a grandeza, & os movimentos dos corpos superiores ou seja os Céus, & todas as estrelas.

O vestimento de cor de pavão todo estrelado lhe denota a noite, na qual se vêem mais facilmente as estrelas, não sendo elas refletidas pelos raios de Sol, & por isso se vestão à demonstração mais clara do erguer, do pôr, e do modo dessas estrelas. Tem o olhar revoltado ao Céu sendo que o cerne dessa figura, está sempre com o pensamento elevado em alto por saber, & entender as coisas celestes.

Lhe se dá o Astrolábio pois com isso se vêem exatamente as cognições das medidas, & distâncias de todas as figuras do Céu.

Tem com a esquerda mão a tábua assinada com diversas figuras astronômicas, sendo que a Astronomia (segundo o parecer de Isidoro, & de alguns outros) é muito diferente da Astrologia, pois quase como Teórica trata do Mundo em universal, das Esferas, & das Orbes em partículas, do Lugar, do Movimento, e do Curso daqueles, das Estrelas fixas, & dos seus aspectos, da Teórica, dos Planetas, do Eclípe, do Eixo, dos Polos, dos Cardinais celestes, dos Climas, ou chuvas dos Hemisférios, dos Círculos diversos, dos Ecêntricos, dos Concêntricos, dos Epíclis, das retrogradações, dos Acesos, dos Recessos, dos Raptos, & de outros Movimentos & busca (mais ainda) Movimentos, com outras tantas coisas, pertinentes aos Céus, & às Estrelas.

AÇÃO VIRTUOSA.

⇒ Imagem (pág. do livro 50; pág. do PDF 122)

Homem de idade viril; de belíssimo aspecto; e que as partes todas do corpo sejam correspondentes à uma proporcionada beleza, Terá circundado a cabeça de claros, & resplandecentes raios similares àqueles de Apolo, como ainda uma guirlanda de Amaranto, será armado, & sobre a armadura portará o manto dito paludamento, que seja em ouro, com a mão direita terá uma haste quebrada, & o restante dessa de parte de ferro, se verá à cabeça de uma asquerosa, & assustadora serpente que seja em terra morto, & com a esquerda com belíssima graça um livro, & sob um dos (seus) pés, ao qual parece ao cuidadoso Pintor terá uma caveira, Muitas são as ações humanas, mas eu somente vou representar a virtuosa, & particularmente aquela das letras, & das armas as quais, & uma & outra faz o homem famoso & imortal.

Se representa em idade viril, por que entre as outras idades sendo nesta demasiada perfeição (como narra Aristóteles livro II Retórica) facilmente com esta se chega (a) verdadeira cognição, & operação/obra da virtude.

O belíssimo aspecto correspondente à todas as partes do corpo com proporcionada beleza demonstra que a giocondidade* que aparece no aspecto do homem belo seja indício da beldade similar àquilo que se vê de fora/no exterior; *Gratior est pulcro veniens in corpore virtus*, disse Virgílio ao V das Eneidas, & Aristóteles I da Ética.

Exteriora indicant interiora. onde necessariamente se segue, que ainda as ações são belas, & virtuosas. Os claros e resplandecentes raios, que lhe circundam a cabeça, denotam que assim como o Sol resplandece em todas as partes, onde ele gira, de mesmo modo a Ação virtuosa faz

(com) que o homem seja claro & resplandecente, onde a fama sua voa com a sonora trombeta, *sed famam extendere factis, hoc virtutis opus*, disse Virgílio no décimo das Eneidas.

Se lhe cinge a cabeça com a guirlanda de Amaranto pois esta flor não perde jamais a sua vívida, & nativa coloração, & jovem se concerva, & não se seca jamais, ainda mesmo que seco banhado com água retoma o seu primeiro estado, & se faze(m) guirlandas no inverno, Plínio livro 21 capítulo VIII similar é a natureza do homem virtuoso por que não somente se degenera das belíssimas (virtudes) tais suas, mas separada a alma do corpo, as suas claríssimas ações, restam, & se concervam à perpétua memória com aquela suprema beleza, & glorioso nome que seja (o) maior possível.

Se representa armado, & que com a direita mão tendo a haste quebrada, na forma, que temos dito por demonstrar, que o virtuoso com as ações suas é sempre contrário, & combate continuamente com o vício seu perpétuo inimigo, que por tal sinal demonstramos a assustadora serpente morta, & passada pela haste; & mais ainda com tal demonstração fazemos claro, que não basta à perfeição da virtude o querer se não se mete em execução onde Cicerone I dos Ofícios *Hominis virtus in actione consistit*. & Sêneca de Ben/dos Benefícios. *Virtus non recipit sordidum amatorem*.

O manto dito paludamento de ouro significa, que a Ação virtuosa é difficilíssima de operar-se por quem vive ao uso do Artífice, & à pessoas mecânicas.

Tem com a esquerda mão com belíssima graça o livro sendo que o exercício sim das letras, como as armas por ser, & um, & outro exclusivamente fazem o homem ilustre, & famoso. Onde Petrarca ao Soneto 84.

.....*Il nostro stadio è quello*

Che fà per gl'huomini immortali

E no capítulo III da fama.

Che s'acquista ben pregio altro che d'arme.

Tem sob o pé a caveira por demonstra, que a Ação virtusa sempre vive, & enquanto durarão os séculos, & as escrituras viverá eternamente: Onde Plauto *Sola virtus. Expers. Sepulchri*.

AVAREZA.

⇒ Imagem (pág. do livro 52; pág. do PDF124)

Mulher velha (e) pálida, & magra, que no aspecto mostra cansaço, & melancolia, ao lado terá um lobo magríssimo, & à forma do hidrópico terá o corpo muito grande, & sobre se terá uma mão, por sinal de dor, & com a outra tenha uma bolsa acoplada, & apertada, na qual ministra com grandíssima atenção.

O lobo como conta Christóforo Landino, é animal ávido, e voraz, o qual não somente faz presa livre de outros, mas ainda com seguidor, & armadilhas furtivamente, & se não é descoberto pelos pastores, ou por cães não cesa até conseguir, que todo o rebanho fique morto,

duvidando sempre de não ter presa o bastante, assim o avarento quer com fraude, & engano, ou com abertas garras tira os outos, podendo acumular tanto, que o desejo seja satisfeito.

Pinta-se em forma do hidrópico; por que, assim como este não amortiza mais a sede pelo beber, mas a acresce; assim a avareza tanto crescenho homem, quanto crescem os tesouros, mais ainda dissera Horácio na Ode II livro II.

Crescit indulgens sibi dirus hydrope

Nec sitim pellit, nisi causa morbi

Fugerit venis, & agnosus albo

Corpore languor

E São Gregório nas Moraes 14 assim dissera também ele sobre o assunto: *Omnis avarus ex potu sitim multiplicat qui cum ea, quae appetit adeptus fuerit, ad obtinenda alia amplius anhelat.* E Sêneca ainda: *Avaro deest, tam quod habet, quàm quod non habet.*

A magreza no lobo denota o insaciável apetite do avarento, & a inconveniente tanacidade do alimento, que possui. Onde Dante no primeiro capítulo falando do Inferno assim diz:

Et hà natura si malugia, eria,

Che mai non empie la bromosa voglia

Et dopo posto hà più fame che pria.

Se faz com a bolsa fechada, (com) mais prazer em guardar o dinheiro, como coisa pintada por diletto, que em utilizar-lhe como útil necessidade, & muito à propósito me parece nesta ocasião no Epigrama de Monsenhor Barberino Chierico de Camera, & por ora colocássemos Cardeal de nobreza, valor, espelho/respeito, & ornamento ao século nosso. Criado Pontífice com nome de Urbano VIII enquanto se reencenava essa obra em seis de Agosto de 1623.

Vt parcas opibus tibi, quid non parcis na unquam

*Augendi census terminis vnus erit?**

Desine diuitias fuluo cumulatore metallo.

Tam tibi deest, quod habes, quam quod habera nequis.

*Quid tamen abduras ti*ties, quid Pontice iactas?*

Non nisi qui frugiest, possidet vllus opes,

*Tu nihi diues eris, qui ne*quo tempore partis*

Diuitijs egeas, Pontice sempereges?

BOA SORTE.

Segundo a opinião dos Gentili*.

⇒ Imagem (pág. do livro 54; pág. do PDF 126)

Um juvenzinho, que tenha uma estrela acima da cebaca, em braço tenha um Cisne, & seja vestido em cor verde, que significa Sorte, pois as ervas, quando verdejam, prometem bons exemplares de frutos.

Pierio Valeriano ao quadragésimo quarto livro diz, que aqueles, que antigamente operavam as Sortes confirmavam, que a estrela é sempre sinal de prosperidade, & de feliz sucesso.

Do Cisne diz Virgílio no primeiro das Eneidas.

Ni frustra Augurium vani docuere parentes

Aspice bis senes laetantes agmine Cygnos.

Mais ainda à nós Cristãos não é lécito crer à vaidade das Sortes.

AUTORIDADE, OU PODER.

□ Imagem. (pág. do livro 55; pág. do PDF 127)

Uma Senhora, que sentando, sobre uma nobre cadeira, seja vestida de veste rica, & suntuosa ostentada toda por várias jóias de grande estima, com a mão direita alçada tenha duas chaves elevadas, com a esquerda um cetro, & de um lado estão livros, & de outro diversas armas.

Se representa Senhora, por que a idade madura em si (diz) propriamente Autoridade; Onde Cicerone ao livro *de Senectute* diz: *Apex autem Senectutis est auctoritas*, & pouco depois alega; *Habet senectus honorata praesertim tantam auctoritatem, vt ea pluris sit, quam omnes voluptates*, & assim principiamente pela prudência, & muito saber, que nesta se encontra, dizendo a Sacra Escritura em Jó*, ao capítulo 12 *In antiquis est sapientia, & in multo tempore prudentia*, onde advém que: *ad parendum iuuenes, ad imperandum senes sunt accomodati*, como diz Plut. na Política*.

Se pinta sentanda, por que o sentar é próprio dos Príncipes, e Magistrados, pelo qual ato se mostra Autoridade, & junto paz, & tranqüilidade da alma, pois as coisas que procuram gravidade, não se devem tratar, senão com madura feffione, assim advém nos Juizes*, os quais tendo Potestade & Autoridade para decidir, absorver, e condenar, assim não podem legitimamente seguir por sentença, senão são como a lei parágrafo II *in bonorum. ffiquis ordo in bon. poss. seru.*

Se veste em hábito pomposo, e resplandecente, por que tal é quem a Potestade sobre os outros no conceito dos homens, ainda mais por que os vestidos, e pedras preciosas por si demonstram Autoridade, & honra a quem a porta.

As chaves denotam Autoridade, e Potestade espiritual, como demasiadamente bem demonstra Cristo Nosso Senhor, & Redentor, quando por meio dessas deu aquela suprema Autoridade à São Pedro dizendo: *Et tibi dobo Claves Regni Caelorum, & quodcumque ligaueris super terram erit ligatum, & in Celis, & quodcumque solueris super terram, erit solutum, & in Caelis.* Matheus capítulo 16.

Tem ditas chaves à direita, por que la potestade espiritual é a principal, e mais nobre de todas as outras, quanto é mais nobre a alma do corpo, & não é alguém, que não seja súdito aquela do Sumo Pontífice Vigario de Cristo em terra, o qual: *Dicitur habere plenitudinem potestatis*, segundo o Cãnone ao capítulo *qui se scit* 2.q.6.

Tem alçada a direita com as chaves elevadas ao Céu, para demonstrar que: *Omnis potestas à Deo est*: Segundo o Apóstolo São Paulo aos Romanos capítulo 13. Mas alerta, que: *Omnis anima potestatibus sublimioribus súbdita sit*.

O Cetro na esquerda mostra Autoridade, e Potestade temporal; como por si mesma é coisa notável à todos, & os livros, & as armas, que lhe são das partes (por fazer essa imagem mais universal) o primeiro diz Autoridade das escrituras, e de Doutores, e o outro das armas, as quais se põem à esquerda pelo dito de Cicerone: *Cedan arma togae*.

< Itens com B >

SANTIDADE QUINTA.

⇒ Imagem (pág. do livro 57; pág. do PDF 129)

É a libertação do coração, ou seja ter o coração livre de paixões, e das desordenadas afeições.

BELEZA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 61; pág. do PDF 133)

Mulher(.) que tenha aumentada a cabeça entre as nuvens, & o resto seja pouco visível, pelo esplendor, que a circunda, ponha uma mão fora do esplendor, com a qual terá um lírio, apresentando com a outra mão uma bola & um compasso.

Se pinta a Beleza com a cabeça envolta às nuvens, por que não é coisa, da qual mais dificilmente se possa falar com mortal língua, & que menos se possa conhecer com o intelecto humano, quanto a Beleza, a qual, nas coisas criadas, não é outro (metafóricamente falando) que um esplendor, que deriva da luz, da face de Deus, com definem os Platônicos, sendo a primeira beleza uma coisa disso/distinta, a qual comunicando-se posteriormente em qualquer modo a Idéia por benignidade d'Ele às suas criaturas, é causa, que eses entendam em qualquer parte a Beleza: mas como aqueles que guardam (à) si mesmos no espelho, subitamente se esquecem, como disse São Giacomo na Epístola Canônica, assim nós (que) guardando a Beleza nas coisas mortais, não muito podemos nos alçar a ver aquela pura, e simples clareza, da qual todas as clarezas têm origem, como disse Dante no 13 do Paraíso.

Ciò che non mume, & cio che può morire

Non è senon splendor di quella idea,

Che partorisca amando il nostro sire.

Se pintará também à sobredita maneira, significando-se pela mão, que se estende com o Lírio a Beleza dos lineamentos, & de cores do corpo feminino, na qual parece, que seja recolocada grande parte daquela pequena medida de Beleza que é participada & aproveitada em terra, como já havemos dito sobre.

Na outra mão terá a bola com o compasso, por demonstrar que cada beleza consiste em medidas & proporções, as quais se ajustam com o tempo, & com o lugar. O lugar determina a Beleza na disposição das Províncias, das Cidades, dos Templos, das Praças, do Homem, e de todas as coisas sujeitas ao olho, como cores bem distintas, & com proporcionada quantidade, & medida, & com outras coisas similares, com o tempo se determinam as harmonias, os sons, as vozes, as orações, os abatimento, & outras coisas, as quais com medida se ajustam, diletam, & são meritamente chamadas belas.

E como o Lírio pela perspicácia do odor move o sentido, & dista os espíritos, de mesmo modo a Beleza move, & dista os ânimos à amar, & desejar ppor prazer (por dar perfeição à si mesmo) a coisa, que se conhece pela demasia Beleza digna de concideração, & de apreço; sobre da qual uma nuvem, e gentilíssimo espírito fez o presente Soneto.

E luce la beltà, che dal primiero

Splendor nascendo in millerai si parte,

E fede fà mentre gli uibra, e parte

Di quel ebe in Cielo splende eterno uero.

Varia color souente, hor bianco, hor Nero

E luce in vna men, che in altra parte

Ne dotta mano di ritrarla in carte

Speri, si vinte ogni opra, ogni tensiero

Quegli che'l nostro, e l'altro pólo eresse*

Quase tempij à lui sacri, oue il profondo

Saper s'adopri, e la potenza, e il Zelo.

Vita scintilla sol mostronne al mondo

E di cio, ch'egli imaginando espresse

Note furon le stelle, e carta il Cielo.

BENEVOLÊNCIA, OU AFEIÇÃO.

□ Imagem. (pág. do livro 63; pág. do PDF 135)

Mulher de idade viril, será alada, & vestida de cor verde, Terá com ambas as mãos com bela graça a Ave, & aos pés por terra se fará um Lagarto, ou Lagarticha, que dizer queremos, que no um, & no outro nome se diz, com a cabeça levantada, & que esteja em ato de subir por uma das pernas desta figura.

A Benevolência, ou Afeição, é similar em demasia à amizade, mas porém não é piedade, por isso que a Benevolência por certa inclinação que em nós (se) é gerada quase em um momento faz (com) que se afeiçoem um tanto mais ao homem, que a outro de dois, os quais vemos

combater em um cercado, ou mais vendo-os jogar sem primeiros tê-los se conhecido, O que não advém da amizade, a qual não pode, nem deve ser aumentada.

Se representa em idade viril pois a Benavolência não deve ser como aquela dos jovens, mas com estabilidade, & constância.

*De Benevolentia autem, quam quisque habeat erga nos, primum illud est in offiio vt plurimum tribuu*mus; à quo plurimum dirigimur, sed benevolentiam non adolescentorum more, ardore quodam amoris. sed stabilitate potius, & constantia iudicemus* Cicerone primeiro dos Ofícios.

Se faz alada, sendo que a Benevolência em um instante, & sem alvo/outro costume, nascee, & tem o seu princípio em nós.

Veste-se de cor verde pois a Benevolência por sua natureza dá sinal de alegria & por isso se demonstra com o rosto alegre, & risonho, tudo ao oposto do ódio, & da inveja ambos seus contrários. Tem com ambas as mãos, com bela graça a Ave, & por terra o Lagarto na forma que havemos dito, por ser o um, & o outro animais, símbolo da Benevolência por seu oculto instinto da Natureza, Sobre a Galinácea, nos faz ver Pierio Valeriano no livro 24 dos hieróglifos, dizendo que pele Galinácea se entende um homem benevolente, & amável, por isso se é achado, que nenhum outro pássaro tem para com o homem maior Benevolência & nisto à ele se remeritam como homem de muita inteligência.

O Lagarto se sabe por pública voz, & fama que este animal é benevolente ao homem, & é manifestado que o defende das armadilhas das serpentes, se advém que durma ao campo.

A demonstração de ascender (&) pela perna subir, & aproximar-se à mais nobre parte da figura, e por mostrar aquilo que diz o Filósofo ao V da Ética que a Benevolência de longe entre dois, cresce finalmente uma verdadeira, & perfeita amizade.

BENEVOLÊNCIA, E UNIÃO MATRIMONIAL.

Do Senhor Gio. Zarattino Castellini.

⇒ Imagem (pág. do livro 64; pág do PDF 136)

Mulher que tenha à cabeça um coroa de vinhas entrelaçadas, com um ramo de oliveira em mão, rumo ao ceio um Ganço pássaro marítimo. Cada um sabe (o) quanto a vinha ama a árvore, & a árvore a vinha, Ovídio.

Vlmus amat vites, vitis non deserit vlmus.

Por tal amorosa Benevolência, & união a Árvore se chama marido da vinha, & viúva se chama a vinha quando, é apoiada/separada do Ulmeiro Catullo aos exâmetros imperiais.

Vt vidua in nudo vitis quae nascitur aruo

Nunquam se extollit.

mais abaixo então diz.

At si forte eadem esto vlmo coniuncta marito.

E Marcial ao IV livro das núpcias de Prudêncio, & Cláudia, querendo mostrar a União, & a Benevolência destes esposos disse.

Nec mellius teneris iunguntur vitibus vlmis.

assim de cheios/fartos pensamentos pensou Tarso quando disse.

Amano ancora

Gli arbori, veder poi con quanto affeto,

Et con quanti iterati abbracciamenti,

La vite s'auuiticchia al suo marito..

Ou seja à Árvore, se bem se pode ainda entender, ao álamo, ou ao conjunto arbóreo todos amigos à vinha como diz Columella livro XVI.

Vitem maxime populus alit, deinde vlmus, deinde fraxinus,

E destas árvores se presta a entender Horácio ao IV livro Ode V chamadas viúvas sem a vinha.

Et vitem viduas ducit ad arbores,

E nos louvores da vida rústica com essa lhe mérita.

Adulta vitium propagine,

Altas maritat Populus.

Destes Poetas latinos graciosamente pegos por Bembo o seu conceito maximamente por Catullo por exortar as damas amadas.

Ciascuna vite.

Essa giace, e'l giardin non se n'adorna

Nel frutto suo, nell'ombre son grandite (gia;

Mà quando à l'Omo ò al Pioppo alta s'appog-

Cresce seconda per Sole, e per pioggia.

Onde (em) alguns Textos mais modernos (se) lê,

Mà quando à l'Omo alta s'appoggia.

E dessa Árvore somos desejosos nós a seguir deixando os outros por ser mais frequentemente em boca pelos Poetas, & por não confundir com mais diversos ramos a coroa, que mais gentilmente compartilhará simplesmente a vinha advinda ao Ulmeiro seu marido, por símbolo da Benevolência, & União Matrimonial.

O Ganso que tem em mão é uma ave pouco maior que um pássaro, quase todo de cor cerúlea, senão que tenha mastigado alguns pães (em) proporção, e brancos, tenha o pescoço fino, & longo, vai voando, & cantando em volta do leito do mar, com voz lamentável, onde ainda faz seu ninho, & se cava sete vezes, as quais por serem felizes, se chama *Alcyonij dies*, pois em tal tempo o mar está todo tranquilo, como diz Plínio livro X capítulo 32 & Isidoro livro 12 & Sannazaro assim cantou na Égloga quinta.

Contere, & Haleyonis nidum nihi pollere ventos

Dicitur, & sauas pelagi mulcere, procellas

*V*D*orcitan hic nostros sedabit pectoris astus.*

E (a) isto teve mira o Úngaro na primeira Cena do quarto ato de Alceu, supérflua em verdade, mas graciosa, similar à décima Égloga de Rota.

Turbate e'l mar d'amor mà forsi vn giorno

Per me farrano l'Alcione il nido.

Assim é esperado um dia de haver em amor (um) tranquilo estado, & Bernardino Rota mais claramente.

Soaue vdir gli augei, che per la riuu

Cantar piangendo (e si son anco amici)

*Lo*r sidi amori, & mentre al tempo rio*

Prendon sul nido, in stebil voce, & viua

Aequentan l'onde, e fanno i liti aprici.

Se chama ainda Alcione a mulher de Ceix Rei de Trácia, a qual amou cordialíssimamente o seu marido, onde o Úngaro desejando mostrar em Alceu uma Benevolência, & união grande com Eurília, faz que lhe diga.

e fù tra noi

\Mentre fummo fanciulli

Sì suiscerato affetto

Che tra figli de Leda, hor chiare stelle

E tra Ceix, & la fida Alcione

Non sò se fosse tale

Sempre ella staua meco, & io con lei

Si che rado, o non mai ci vide il Sole

L'vn da l'altro disgiunto.

Amou tanto esta Alcione o seu marido, que tendo em sonho visto que ele em um turbulento naufrágio era morto, assim como advém, se jogou em dor ao mar, onde os Poetas fingem, que fosse tranformada em tal ave de seu nome & que se não voasse sobre o cadáver morto de seu marido, que era levado das ondas marinhas, & mais ainda fazem que esta ave se vai todavia lamentando no leito do mar, como entre os outros Bernardino Rota na Égloga XIII.

Deh perche non son io, come colei

Che vide in sonno, & poi trouò lo sposo

Sommerso in mare, & per fauor de' Dei

Hor piange augello il suo stato doglioso.

E na oitava seguinte.

Quanto t'inuidia ò bem coppia felice

A cui sposi, & augelli vn lette, vn nido

*Comum fù sempre, à cui cantando lite
L'onda quetar, quando più batte il lido.*

E Petrarca ainda ele cantou sobre a Benevolência, & União destes felizes consortes ao segundo Triunfo de Amor.

*Quei due che fece Amor compagni eterni
Far i lor nido à più souui verni.
Alcione, & Ceice, in riu del mare.*

Com muito juízo Ovídio no livro décimo das Metamorfoses tem transformado dita mulher amante de seu marido em Alcíone, por que verdadeiramente este pássaro de sua natureza porta ao seu marido tanta Benevolência, que não por distância de tempo, mas sempre (em) busca de estar unida ao seu marido, não por luxúria, mas por amiga Benevolência, que (se) ter deve da mulher para com o marido, e jamais outros recebe, ainda sim por velhice, (em que) ele perde as forças, e tarda à segui-la em vôo, ela o pega para cuidar, o nutre, jamais o abandona, jamais o deixa só, mas tendo o colocado sobre os úmeros, lhe porta, lhe gere, & está consigo unida até a morte, sim como se refere Plutarco, *De solertia Animalium*. Em tal medida falando sobre a Alcíone, *Voi autem senectus marem imbecillum & ad sectandum tardum reddidit, ipsa eum suscipient gestat, atque nutrit, numquam destituens, numquam solum relinquens, sed in humeros sublatum vsque quaeque portat, atque fovet, eique ad mortem vsque adest.*

Põe-se a imitar as consortes amáveis naturezas da Alcíone, & estão entre eles unidas com amor, & Benevolência, se têm em dois corpos uma alma, & um valor, o um se transforma no outro, rejubila, & resta satisfeito, & feliz da companhia lhe concedida por Deus: tal efeito, & união, se exprime naquele nosso Soneto acróstico feito nas núpcias do Sn. Gio. Battista Garzoni, & da sua nobríssima Esposa, o cujo empregado nome na cabeça dos versos por ordem se põe.

*In qual parte del Cielo, in qual idea
Scolpi Natura sì leggiadra forma,
Anima di virtute essempro e norma
Beata al par d'ogni suprema Dea.
Ella co'l suo splendor rallegra, & bea
Lo sposo suo diletto, e in se'l trasforma
L'astringe à seguir sol la sua bell'orma,
Amando lei noua celeste Astrea.
GARZON inuito è saggio à lei simile
Le fù prescritto dall'empireo coro;
Onde ben lieta v'è co'l cor giocondo.
Roma per voi già godè eterno Aprile,
Indi verrà per voi l'età de l'Oro,*

E RARA prole ad abbellire il mondo.

E certo, que nenhuma maior felicidade pode ser entre dois consortes que a União, & Benevolência: digno de ser impresso na mente de qualquer pessoa unida em modo Matrimonial, o preceito de Focílides* Poeta Grego.

*Ama tuam coniugem, quid enim suavius, & prae*stantius.*

Quam cum Maritum diligit Vxor vsque ad senectam

Et Maritus suam Vxorem, neque inter eos incidit contentio?

Assim ama a tua mulher, que coisa pode ser mais suave & mais conveniente, que quando a mulher ama o marido até (além da) velhice, & o marido a sua mulher e entre eles não se interve nem briga, & contesta alguma. Assim é que os Romanos antigos têm deixado muitas memórias daqueles que são fixos ao Matrimônio juntamente com Benevolência sem contraste, dos quais nós os colocaremos por exemplo quatro estampas de Esmério* dois versos para o marido, e dois outros para a esposa.

D. M.

D. Iunio primigenio

Qui vx.ann.xxxv.

Iunia. Pallas. fecit

Coniugi Karissimo

Et pientissimo.

De se benemerenti

Cum quo vixit annis

xv. Mens. vi

Dulciter. sine Querella.

T. Flauio. Aug. lib. Chrysogono

Lesbiano. Auditor Tabulator

Ration. Hereditat.

Caes. N. coniux.

Flauia. Nice. coniux. cum quo

Vixit. ann. xlv. sine vlla offensa

DIS. MANIBVS.

Lusiae Glaphyra

Vixit annis. xxxiix.
Ti. Claudius. faustus
Coniugi. optimas & bene
De se merita. cum qua
Vixit Ann. xiix. mense I. **
Diebus xxiiij. sine vlla
Querella fecit; & sibi

DIS. MAN. S.
CALPVRNIAE
C. L. HOMEAE
M. CALPVRNIVS
M. L. PARIS
CON. SVAE SANCTISS.
CVM. QVA. V. A. XXv
SINE OFFEN. F. ET. SIBI.

Similar modo de dizer usa Plínio segundo no livro VIII escrevendo à Geminio*. *Graue vulnus E Macrinus noster accepit, amisit vxorem, singularis exempli, etiamsi olim fuisset. Vixit cum haec triginta nouem annis sine iurgio, sine offensa.* E à inscrição de Lúcio Sílvio Paterno se lê. *Sine vlla animi laesura.* E àquela de Giulio Marziano. *Sine vlla animi laesione.* Avança todos Caio Billieno marido Geminia Cauma. *Qui vixerunt vna anni continuis. LII. sine lite molesta.* Uma outra inscrição desejamos colocar achada pouco tempo atrás na primeira vinha fora da porta latina à mão direita, na qual diz ao Leitor, que sabe de ser envejado, por três causas, uma por que enquanto viveu esteve sempre são; a segunda pois teve comodamente vivido, a terceira por que teve uma mulher à ele amabilíssima.

Q. LOLLIO. Q. I.

CONDITO

SCIO TE INVIDERE. QVI LEGIS:

TITVLVM MEVM DVM VIXI

VALVI. ET HABVI BENE QVET

VIVEREM. ET CONIVGEM

HABVI. MIHI. AMANTISSIMA.

Hora pelos Gentili* é observado que viveu sem querela, sem ofensa, & lesão alguma entre Mulher, & Marido, mas com recíproco, & mútuo amor, tanto mais pelos Cristãos se deve procurar viver no Sacro Matrimônio, na Santa Paz com união, & Benevolência, ou seja méritam então de ser unidos (inclusive) na outra vida em sempiterna glória.

BENEFÍCIO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 66; pág. do PDF 138)

Um jovem de singular beleza, com rosto alegre, & sorridente, mais ainda pelo seu corpo tenha um pano de cor turquesa todo estrelado, o qual cobre as partes mais secretas, se verá pelo Céu um raio o qual faz replandecer dita figura, Terá o braço direito alto, e com a palma da mão as três graças na forma, que se costumam representar, Ou seja uma está com as costas voltadas à nós, e duas nos olham, tendo as mãos entrelaçadas em forma de quem dança, Estará com o braço esquerdo em ato de abraçar outro, & que no punho, & pela mão saem um par de asas, tendo com dita mão uma Corrente de ouro com demonstração de fazer dádiva, E por terra da parte direita se fará um Áquia, a qual tendo feito presa de um lebre qual tem sob as garras, alimenta vários pássaros de rapina diferentes da sua espécie. Jovem se pinta, por que não deve envelhecer jamais a memória dos benefícios recebidos, que assim diz Sêneca (ao) livro primeiro dos benefícios.

Se representa de singular beleza, sendo que o Benefício mais de que qualquer outra coisa apraz, & diletta à qualquer um.

Se demonstra com rosto alegre, & risonho, pois tal se há por mostrar quem faz Benefício à outros, onde sobre isso Agostinho sobre as Definições assim diz, *Beneficium est beneuola actio, tribuens, captansque gaudium tribuendo, id quo agit*, Como ainda podemos dizer que similar demonstração deve fazer quem recebe dito Benefício, É bem verdade, que o Benefício não é, nem pode ser Benefício quando se beneficia gente torpe, & infame, & sobre isso poderíamos ainda dizer, mas nos privaríamos por não fazer corar aquele (que) faz benefício à aqueles, os quais são indignos de viver ao mundo, nos remeteremos àquilo que diz o Poeta Grego, que em nossa língua assim ressoa.

Noli in malum uirum beneficium

Conferre, est ac si in mari semines,

Faz-se nu por que o Benefício tem por ser não só livre, e apartado de qualquer engano, mas (ainda) longe daqueles, que sob fingimento de serem livres, & de fazer benefícios à outros, mostram, mais sinal de vã glória & interesse de alma pura, & sincera, *Videre etia liceat plerosque non tam natura liberales, quam quadam gloria inductos vt benefici videantur facere multa, quae videntur magis proficisci ab ostentatione, quam à voluntate*, disse Cicerone (ao) primeiros dos ofícios.

Podemos ainda dizer, que quem recebe o benefício não o deve esconder, mas fazer ver à qualquer um, pois isto é sinal de gratidão sendo, que quando não se pode retribuir com obras o Benefício confessando ao menos com palavras, é fazer que a todos seja evidente a liberalidade do benfeitor.

O pano turco todo estrelado, nos significa o Céu do qual se recebe todos os Benefícios, & todas as graças, que por isso se representa o raio, que faz replandecer tal nobre sujeito, escreve

São Giacomo/João Apóstolo ao capítulo I. *Omne donum desursum est descendes à Patre luminum*. Por isto à primeira Sátira mostra esta cor ser de homens que à coisas de grande importância aspiram; Àqueles ainda que contemplam as coisas celestes, & aspiram à coisas grandes, meritamente de tal cor deve ser vestido, & Petrarca ao Soneto 83 diz.

Volo con l'ali de pensieri al Cielo.

Tem o braço direito alto, & com a palma da mão as três graças, pois assim se entende as três maneiras dos benefícios, Assim são daqueles, que lhes dão, & daqueles que lhes rendem, & aqueles, que lhes dão, & rendem mútuos.

Se demonstra que uma esteja com as costas viradas à nós, & duas nos olham, por que se considera, che no permutar os benefícios feitos, temos de ser mais liberados ainda, que quando somos nós os primeiros a fazer benefício de outros, *Si ea, quae vtenda accipimus maiori mensura reddimus, quid beneficio prouocati facere debemus? na non imitari agros fertiles, qui multo plus adferunt, quam acceperunt*, diz Cicerone I dos ofícios.

Estão con os braços unidos a forma de quem dança por demonstrar que a ordem dos Benefícios os quais passam de uma mão à outra retorna ultimamente ao útil daquele que o fez primeiro.

O estar com o braço esquerdo em ato de abraçar outros, se denota a prontidão & a boa disposição (de) quem tem por objetivo exercitar essa nobre virtude de beneficiar a outros.

As asas que são ao punho do braço, & da mão, demonstram que quem faz o Benefício com cada prontidão deve ser veloz, & rápido às operações, assim que seja muito mais agradecida a graça à quem recebe o Benefício. *Celeres gratiae dulciores, si autem tardauerit, Omnis gratia uana neque dicetur gratia*, diz Luciano, & Públio Mimo. *Bis dat qui cito dat*.

Por a Corrente de ouro com demonstração de fazer-se dom, por significar que o Benefício liga, & encadeia à todos aqueles os quais são beneficiados.

Beneficium dignis vbi das

Omnes Obligas. diz Públio Mimo.

A Águia à forma que temos dito deste hieróglifo nos reportamos àquilo, que narra Pierio Valeriano (ao) livro IX o qual diz que querendo os Egípcios significar um homem benigno, benéfico, & liberal, pintavam uma águia a qual para qualquer pássaro deixava pegar a comida da própria presa.

BENIGNIDADE.

⇒ Imagem (pág. do livro 68; pág. do PDF 140)

Mulher vestida de azul estrelado (e) de ouro com ambas as mãos se aperta as mamas das quais jorra muito leite que diversos animais o bebem, ao esquerdo lado se fará um Altar com fogo aceso.

A Benignidade não é muito diferente da afabilidade, clemência, & humanidade, & principalmente se exercita ao povo, & é compaixão tida por razão interpretando a lei sem

rigor/restrição, & é quase aquela que os Gregos demandam, () assim é prazerosa interpretação da lei.

Se veste de azul estrelado à similitude do Céu; a qual quanto mmais é de estrelas ilustrado, & adornado, tanto mais se diz ser benigno para conosco, assim benigno se diz ainda ao homem, que com serena fece cortezmente faz graças aos outros sem interesse, ou reconhecimento mundano, & que seque (em) piedosa justiça.

Expreme das mamas o leite, do qual se são muitos animais, por que é efeito da Benignidade, & de junta caridade espalha amorosamente aquilo que se tem de natureza apegando-se ao dito de S. Paulo, que conjuntamente disse: *Charitas benigna est*. Se mostra mais ainda este ato, que exercitando a Benignidade para com os povos, como se é dito, ela deve ser anteposta ao rigor da justiça, segundo Papiano Jure* Consulto*, sendo a Benignidade companheira dessa justiça, como bem disse Cicerone *De finibus*. Que mais ainda de todas (as) duas deve ser louvada, & abraçada, afirmando Plut.....vriI capítulo 26 que: *Qui non laudat benignitatem, is perfectò cor habet adamantium, aut ferre excussum*.

O Altar com o fogo, denota, que a Benignidade se deve usar, ou por causa da religião, a qual principalmente, se exercita com os sacrificios, ou ao menos não sem esta, talmente que venha o perigo de ser demorada, ou impedida a justiça por imitas Deus de mesmo modo, o qual é igualmente justo, & benigno.

MARCHESANA SALVIATI.

⇒ Imagem (pág. do livro 69; pág. do PDF 141)

Mulher jovem(,) bela, & sorridente, com esvoaçante penteado de louros cabelos, coroada de coroa de ouro, com o Sol na cabeça, vestida com hábito gracioso em cor de ouro, com Clâmide traçada em cor púrpura, onde se vê três luas de prata, as quais são crescentes, & encontradas à mão direita, esteja ao quanto inclinada, com os braços abertos, & com a mão direita tenha um ramo de pinho, mostrando-se de ser tirada de uma rica cadeira, & ao lado se está um Elefante.

A Benignidade não é outro por quanto se pode recorrer da doutrina de Aristóteles livro IV (da) Ética, que um afeto de pessoa natural magnânima de estimar as honras dadas pelas pessoas inferiores, tal que é virtude própria das pessoas grandes em quanto são magnânimas, & magnânimo não quer dizer outro que homem de esplendor, & ornamento de perfeita virtude, tal que muito é difícil de ser magnânimo por haver precisão de todos os costumes bons, tanto é nobre ser benigno. Quatro são os afetos do magnânimo (que afetos se devem chamar aquelas coisas, que não tem Eleição, Beneficência, Magnificência, Clemência, & Benignidade) às quais se reduzem todas as outras, pois o magnânimo não estima, nem despreza, como aquilo que não teme, nem espera: em quanto não despreza é Benéfico, em quanto não estima, Magnífico, em quanto não teme, Clemente, em quanto não espera, Benigno, & porque a Benignidade tem por objeto imediatamente a honra, & o honrar, mais se pode dizer, que a Benignidade seja o mais

digno afeto, que possa nascer em príncipe generoso, o que é conforme à doutrina do mesmo Aristóteles no II da Retórica ao capítulo 20 dizendo que a grandeza ao homem não é outro, que uma certa prazerosa, & nobre gravidade. Aonde descobrindo-se essa virtude singularmente na Ilustríssima Senhora Maddalena Strozzi Meritada ao Excelentíssimo Senhor Marquês Salviati, me é parecido que se veja tal figura com particular menção desta Senhora, na qual mais do que os outros esplendores, que lhe dão à Pátria feliz, a Casa Ilustríssima, (a)os Genitores de suma virtude, resplandecente tanto a mesma Benignidade enquanto aceita as honras das pessoas inferiores com satisfeita face, & com a Benignidade sua, que opera melhor que os outros com a altitude, & bem se pode dizer dela aquilo que escreve Claudiano im *Consulatu Manilij*.

Peragit tranquilla potestas

Quod uiolenta nequit: nam lataque fortius vrget

Imperiosa quies.

As três Luas, que são em torno às vestes da Clâmide, representam o ensino/letreiro da Ilustríssima Casa Strozzi, na qual se contém com muita razão o símbolo da Benignidade, pois, como o brilho/lúmen da lua não é outro que o mesmo brilho do Sol, assim a Benignidade não tem outra luz que aquela da mesma magnanimidade, Sol das virtudes, como temos mostrado, & mais ainda a forma do Sol se descobre em cabeça da figura, onde em lugar mais superior, & mais nobre sede do intelecto, onde se cavam as virtudes intelectivas, & os órgãos sensitivos, nos quais se fundam as morais.

O número ternário das Luas, significa a perfeição dessa eminente virtude, por que o ternário sempre significa perfeição, como ensina Aristóteles ao primeiro do Céu capítulo I, & é (o) primeiro número (à) aprender, & princípio de aprendizagem da qual diziam os Gentili satisfazer-se Deus, como de coisa perfeita, onde Virgílio na Écloga VIII diz. *Numero Deus impare gaudet*.

E os Pitagóricos diziam o III triplicado no qual se convém a dualidade/o dois, ser de potência infinita, com (os) quais concorda ainda Platão que diz ao Timeo*, deste número triplicado ter origem (n)a perfeição da alma, & a mesma Lua se demanda pelos poetas Triforme, como se vê em Ausônio* no livrinho intitulado Grifo, no qual do mesmo número ternário discorre, não devo deixar de dizer, que ditas Luas são voltadas à mão direita ou seja para o Oriente, o que é sinal, que a Lua está em seu crescimento, seguindo o Sol, & assim a ilustríssima Casa Strozzi seguindo os esplendores da magnanimidade, se vai continuamente avançando à glória, & aos esplendores da fama com a mesma Benignidade, & é a Lua dita Lucina, por ser ela tida pelos Antigos portadora da Luz às nascentes crianças, por que concede (à) eles ajuda a sair do ventre da mãe, & por ser ela benigna; & planete húmido afeta tal hora com o seu influxo o parto socorrendo as mulheres nas suas dores, rendendo mais fácil à parteira, como diz Horácio livro III Ode 22.

*Montium custos numerorumq; uirgo,
Quae laborantes vtero puellas
Ter vocata auidis ademisque; letho,*
Diuatrimiformis.*

E benigna se pode dizer a Lua, por que resplandecendo na escuridão da noite, assegura, & quia com seu lúmen os pobres viajantes, & os pastores à guarda do seu véu, & por isso é chamada pelos Antigos (de) escolta/reserva/protetora, doce, & os Egípcios com o hieróglifo do Sol, & da Lua se imaginavam que esses dois planetas fossem Elementos das coisas, como aqueles que com a virtude própria gerassem, & conservassem, & perpetuassem, todas as coisas inferiores, ainda sobre isso a vida nossa (deva) ser reta pelo governo deles por ser sustentada pelo humor de um, & o calor de outro.

Se faz dita figura de face, apraz, & jocosa, sorridente, de aspecto jovial, gracioso, & modesto, por que não é coisa mais grata, & amada pela Benignidade, onde diz Terêncio nos Adelfos.

Re ipsa reperi.

Facilitate nihil esse homini melius neque elementia.

E por significar o estado senhoril que é necessário ao uso dessa Benignidade, se faz vestida, & coroada em ouro.

O colocar-se em pé, inclinada, & (o) abrir os braços, são sinais próprios nos Príncipes de sua Benignidade, longes da altitude da alma, & do rigor.

Tem com a mão direita o Pinho, sendo dita árvore símbolo da Benignidade, porque o Pinho mais do que qualquer outro, & faça sombra grandíssima, não prejudica à nenhuma planta que se seja sob, mas qualquer uma se germina graciosamente, por que ela é Benigna a todos, como se refere Theophrasto livro III capítulo 15 de *Plantis*.

Pinus quoque benigna omnibus propterea esse putatur quod radicesimplici altaque sit: Seritur enim sub eam & Myrtus, & Laurus, & alia pleraque nec quicquam prohibetradix, quo minus haec libete augescere valeant: & quo intelligi potest, radicem plus infestare quam vmbram: quippe cum Pinus vmbram amplissimam reddat, & reliqua quoq; pauquis altisq; nitentia radicibus ad partionem societatemque non negat. Onde é de notar, que o Pinho árvore nobríssima de raiz alta, & simples recolhe benignamente sob a sua sombra as menores plantas, assim como são outras árvores de alta raiz, que não negam receber em companhia as outras plantas, o que nos serve por figura, que uma pessoa nobre de alta raiz, assim é de estirpe, & origem sublime recebe sob a sombra da sua proteção com qualque benignidade outras de menor condição, & com parte lhes admite na amizade, & companhia sua, o que não faz os ânimos nascerem vilmente, ainda que por fortuna sublimados são, que pelo ordinário restam grosseiros, & como duplos, e não simples usam para os outros mais malignidade, que Benignidade.

O Elefante animal nobre, & mais de qualquer outro grande, o pomos neste lugar por símbolo de Benignidade dos Príncipes, & Senhores grandes, da sua benigna natureza vem a fazer testemunho Aristóteles livro IX capítulo 46 na história dos animais. *Elephas omnium ferarum mitissimus, & placidissimus*. E Bartolomeu Ânglico da propriedade das coisas livro 18 capítulo 42 disse que os Elefantes são de natureza benigna por que não têm fê. *Sunt autem Elephantes naturaliter, Benigni quod careant felle*. Mas nós dizemos que ele seja benigno não somente, por que seja privado de fê (previsto que o Camelo também é privado de fê, & não por menos não chega àquela gentil Benignidade, que tem o Elefante) mas por que a natureza o teve dotado de um certo sinal de intelecto prudente e sentimento quase que humano. Plínio livro VIII capítulo I. *Animalium maximum Elephas, proximumq; humanis sensibus, &c*. Este animal se alguma vez no deserto encontra qualquer pessoa que tenha se perdido em estrada por não assustá-la com seu aspecto, se retira em belo modo em certo daquela, & por lhe dar ânimo se lhe mostre todo cortês, & manso, & lhe procede avante no caminho, tanto, que pouco à pouco o coloca (novamente) na estrada. *Si elephantes hominum errantem sibi obuium viderint in solitudine, primo, ne impetu terreant, aliquantulum de via se subtrahunt, & tunc gradum figunt, & paulatim ipsum praecedentis viam ei ostendunt*, disse o mesmo Bartolomeu Ânglico no lugar citado, & Plínio no sobredito livro capítulo IV *Elephas homine obuius forte solitudine, & simpliciter oberrante clemens, placidusq; etiam demonstrare viam* traditur*. Ato verdadeiramente benigno, admirável*, em um Animal, que tenha força de prejudicar, & não quer, mas mais ainda de beneficiar: Pela nobre, e benigna condição desse Animal, se podem reputar participios daqueles Senhores, os quais movidos por sua inata benigna natureza remetem os súditos, ou servidores na vida do feliz contento, os socorrendo nas suas extremas necessidades. *Hunc sibi sinem proponit honestus Princeps, vt súbditos felices efficiat*. O fim do honesto Príncipe é de fazer felizes os súditos diz Antipatto*: de mais os honestos, & benignos Príncipes, & Senhores, reconhecendo-se de serem maiores tidos, & recebidos, conheciam a alma aos menores de fala, & requerer audiência, & socorro, assim como têm feito os ótimos Príncipes, & Imperadores, que têm deixado bom nome de si. Alessandro Severo de nome, & benigno de natureza a quem não se arricava de pedir (a) ninguém, o chamava, dizendo por que não pediram nada? Querem talvez que eu reste devedor? peçam, ainda (que) não se lamentem de mim: Conhecia Alessandro que o Príncipe é obrigado dar benigna audiência, & socorro às pessoas menores, & privadas, & por isso se oferecia benignamente à eles, perguntando as necessidades não permanentes a eles devedores, & tal era gentil Imperador, confundindo-se aqueles Senhores ásperos de natureza, que negam a audiência, e se mais a dão às primeiras palavras fastidiosas descazem de si com injustiça as pessoas, & lhe assustam com a sua severa, & bruca sentença; pegam exemplos de Tito filho de Vespasiano Imperador, que sempre benigno se mostrou ao povo, onde por tal Benignidade foi chamado Amor, & complacente do gênero humano, jamais licenciou algum de si sem lhe conceder boa esperança, ainda (que) avisado por familiares, como

que ele promettesse mais daquilo que pudesse manter, costumava dizer que precisava advertir que ninguém se partisse misto, & desgostoso do parecer do Príncipe. *Non oportere, a*it, quemquam a sermone Principis tristem ui*scedere*: Adiciona Suetônio que tratou o povo em qualquer ocasião com tamanha bondade, & Benignidade, que costumava fazer preparar as festas públicas de Gladiadores não à seu gosto, mas à arbítrio dos espectadores, & jamais negou nada a ninguém que lhe demandasse, ainda a extornado* requerer por mais: *Nan neque negauit quicquam petentibus: & vt quae vellent peterent, vlcro adhortatus est*: Estando uma sentada ao jantar, lhe vem em mente, que naquele dia não tivesse usada a dita Benignidade com niguém, de que arrependendo-se, mandou fora aquelas memoráveis vozes *Amici diem perdidimus*, Amigos temos perdida a jornada, reputou como Príncipe ser dever seu exercitar cada dia o ofício da Benignidade. Não fôra benigno aquele bom Imperador, digo Marco Arélio de que Herodes* disse, que a qualquer vontade que se andava adiante punha benignamente a mão, e não (se) comportava, que da sua guarda fosse impedido o ingresso à ninguém. Estes são os Príncipes amados em vida, & após (a) morte inclusive, que se fazem escravos as gentes com a Benignidade, & cetro por guatro diasque nesta vida um domina, deve procurar de deixar memória benigna de si, por que o seu Poder muito se perde, & a sua Benignidade, com virtude eternamente dura; dito digno de generoso Príncipe foi aquele de Filippo Rei da Macedônia Pai do grande Alexandre. *Malo diù benignus quam breui tempore Dominus appellari*.

Desejo avidamente ser chamado (por) longo tempo benigno, (e) breve tempo Senhor, onde euconciderando a cortês alma desses invitos, & benignos Príncipes, & a nobre natureza do Elefante animal maior de qualquer outro adjunta com tanta Benignidade, se concluirá, que quanto mais uma pessoa é nobre, & grande, tanto mais deva ser cortêz, & benigna, mas aquilo, que mais importa se conforma com a benigna natureza de Deus, de cujo é próprio o ser benigno, sendo, que não nos é quem mais D'ele exerça a Benignidade pelo bem, que cada dia faz às suas criaturas, sim que um Senhor, & um Príncipe por quanto comporta a mortal condição em coisa nenhuma pode mais debruçar-se à natureza divina, que com a Benignidade. & sem dúvida, que Deus ama mais um Senhor benigno, que (um) soberbo, & austero, ainda o odeia, assim como o moral Filósofo Plutarco claramente demonstra no discurso, que faz ao Príncipe ignorante, dizendo, que assim como; Deus teve colocado no Céu o Sol, & a Lua, sinais do seu esplendor, assim é a imagem, & o lúmem do Príncipe na República, que porta à mente, & a razão justa, & reta, é não é o lampejo, e o tridente, como costumam fazer-se pintados alguns por parecer tremendos, & sublimes mais que não são: desagradam à Deus aqueles, que fazem emulação com os tons lampejantes, & raios, & se compadece daqueles, que imitam a sua virtude, se rendem similares à ele na honestidade, humanidade, & Benignidade, & estes mais inalça os fazendo parte da sua Equidade, Justiça, Verdade, Mansidão, & Benignidade, mediante as quais virtudes resplandecem, como o Sol, & a Lua não tanto aprendido pelos homens, quando sabido (por) Deus pai de qualquer Benignidade.

BONDADE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 72; pág. do PDF 144)

Mulher bela vestida de ouro, com guirlanda de arruda na cabeça, e estará com os olhos revoltos ao Céu, no braço tenha um pelicano com os filhinhos & ao lado se seja um verde arbustinho ao leito de um rio.

Bondade no homem é composição de partes boas, como fiéis, verazes, íntegras, justas, & pacientes.

Bela se pinta, pois a Bondade se conhece pela beleza, sendo que a mente (a) adquire em cognição de sentidos.

O vestimento de ouro significa Bondade, por ser o ouro supremamente bom entre todos os metais. Horácio demanda áurea a mediocridade, da qual deriva a Bondade igual em todas as coisas.

A Árvore ao leito do rio é conforme as palavras de David no seu I Salmo, que diz: o homem que segue a(s) lei(s) de Deus (deve) ser similar à uma árvore plantado ao leito de um riacho claro, belo, & corrente, e por não ser outro a Bondade, da qual falamos, que o confirmar-se com a vontade de Deus, por mais se pinta em tal modo, & o Pelicano de mesmo modo, o qual é pássaro, que, segundo (oo) que era contado (por) muitos autores, por sorver os próprios filhos postos em necessidade, soa a si mesmo com o rosto, e do próprio sangue lhe bica, como diz difusamente Pierio Valeriano ao seu lugar, & de mais modernos na nossa língua.

O Riacho na impresa/campanha do Cardeal de Augusta não mostra outro, que a mesma Bondade.

Está com os olhos revoltos ao Céu, por ser intenta à contemplação divina, & por expurgar os pensamentos maus, que de contínuo fazem guerra. Por isso ainda se põe a guirlanda de arruda, tendo dita erva propriedade de ser expurgadora de ditos espíritos malignos, & a temos autênticos testemunhos. Tem ainda propriedade de diminuir o amor venéreo, o que nos manifesta, que a verdadeira Bondade deixa de lado todos os interesses, & o orgulho pessoal, o qual só desconcerta, & gasta toda memória deste órgão, que costuma (ir) com harmonia de todas as virtudes.

MENTIRA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 73; pág. do PDF 145)

Mulher envolta, & recoberta na veste sua quanto seja possível, o vestimento de uma parte será branco, & da outra negro, terá na cabeça uma Gaze, & na mão uma Lula.

A parte do vestimento de cor branca mostra, que os homens mentirosos primeiramente dizem, qualquer verdade por escondê-los sob a mentira imitando o Diabo, o qual, como São João Grasóstomo* sobre Matheus*.

Concessum est interdum vera dicere, vt mendacium suum rara veritate commendat.

A outra parte de dito vestimento negro, se faz naquela sentença de Trifão Gramático Grego, a qual dizia, que as mentiras têm calda negra, & por essa mesma razão à essa imagem se põe a cabeça a Gaze, que é de cor variada, e a Lula, a qual segundo, (o) que conta Pierio Valeriano no livro 28 quando se sente capturada, manda fora pela calda uma certa fumaça negra, no qual se esconde, estimando com tal engano fugir do pescador. Assim o mentiroso obscura a si mesmo com as artes das mentiras, & não vem jamais à luz de boa fama.

< Itens com C >

CAPRICHOS.

⇒ Imagem (pág. do livro 75; página do PDF 147)

Jovenzinho vestido de várias cores, na cabeça portará um chapéu similar ao vestimento, sobre o qual se estão penas diversas, na direita mão terá um fole, & na esquerda uma espora.

Caprichosos se nomeiam aqueles, que com ordinárias Idéias dos homens diversos fazem perpetuar as próprias ações, mas com a nobreza de uma outra ainda do mesmo gênero, & por modo de Analogia se dizem caprichosas as idéias, que em pintura, ou em música, ou em outro modo se manifestam longes do modo comum: a inconstância se demonstra na idade juvenil, a variedade na diversidade das cores.

O chapéu com as várias penas, mostra que principalmente na fantasia são postas estas diversidades de ações não comuns.

A espora, & o fole mostram o caprichoso pronto a adular as virtudes dos outros, ou ao atacar os vícios.

CARÊNCIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 84; pág. do PDF 156)

Mulher macilenta, & mal vestida, na direita mão tenha um ramo de salgueiro, na esquerda uma pedra pomes, & ao lado haverá uma vaca magra.

Pinta-se a carência magra, por demonstrar o efeito da falta das coisas à vida humana necessárias, por que o dinheiro sozinho a gastas largamente em mais felizes tempos, nas estériles estações, pouco menos, que tudo se transfere ao domínio de poucos, de modo que facilmente os pobres ficam macilentos, & mal vestidos por carência de pão, & de dinheiro.

A pedra pomes, & a salgueiro planta são estériles, & a esterilidade é principal causa da carência, mas nasce algumas vezes ainda pela instável cobiça dos Mercantes, os quais costumam (fraudando a natureza) aflingir as pobres gentes com os seus enganos.

Pinta-se junto à vaca magra, por sinal de carência, & este significado o mostou Giofesso*/José nas sagradas letras, quando declarou o sonho do Faraó.

CARIDADE.

□ Imagem. (pág. do livro 85; pág. do PDF 157)

Mulher vestida em vermelho, acima da cabeça tenha uma chama de fogo ardente, terá no braço esquerdo uma criança, a qual lhe dá o leite, & duas outras lhe estando brincando à pé, uma de essas terá dita figura abraçada pela direita mão.

Sem Caridade um seguidor de Cristo, é como uma harmonia dissonante de um Címbalo discorde, & uma desproporção (como diz S. Paulo) por mais a Caridade se diz ser cara unidade, por que com Deus, & com os homens se une em amor, & em afeição, que crescendo então os méritos, com o tempo nos faz dignos do Paraíso.

A veste vermelha significa Caridade, pela causa falada acima: por mais a Esposa na Cantiga amava esta cor em sua verdade.

A chama de fogo pela vivacidade sua nos ensina, que a Caridade jamais fica sem ajudar, segundo o seu único amor, ainda pela Caridade deseja, que se interpretasse o fogo Cristo Nosso Senho sob aquelas palavras: *Ignem ueni mittere in terram, & quid uolo, nisi ut ardeat**.

As três crianças, demonstram que se bem a Caridade é uma ímpar virtude, tem não por menos triplicada potência, sendo sem esta, & a fê, & a esperança de nenhum momento, o que muito bem expresse o Senhor Giovan Buondelmonte no Soneto feito por ele neste propósito, à imitação das palavras de S. Paulo, e assim diz.

*O più d'ogn'altro raro, e pretioso
Dono, che in noi vien da celeste mano,
Così hauess'io lo stile alto, e sourano,
Come son di lodarti desioso.
Tù incor superbo mai, nè ambizioso
Non hai tuo albergo, ma il benigno, e lui* mano
Tu paziente sei non opri in uano
Ne del ben far sei tumido, ò fastoso.
Ogni cosa soffrisci,* e tardi, e spori
Non pensi al mal, di verità sei pieno
In ricchezze in honor non poni affetto.
O dolce Carità, che mai uien meno
Deh col tuo fuoco i bassi miei pensieri
Scaccia, e di te sol mirisealda il petto.*

CASTIDADE.

□ Imagem. (pág. do livro 87; pag. do PDF 159)

Mulher bela, de honesta face, na direita mão terá um chicote alçado em ato de bater-se, & um Cupido com os olhos vendados lhe esteja sob os pés, será vestida de longo, como uma Virgem Vestal, & cingida ao meio por um faixa como hoje usam as viúvas, sobre a qual se está escrito o dito de São Paulo: *Castigo corpus meum*.

CASTIGO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 88; pág. do PDF 160)

Pintaremos pelo Castigo um homem em ato feroz, & severo, que tenha com a direita mão um machado, ou machadinha que dizer desejamos, em maneira que mostre de querer com ele severíssimamente dar uma golpe, & ao canto se está um Leão em ato de atacar um urso.

Não somente segundo os Romanos, mas ainda segundo alguns povos da Grécia, o machado fôra hieróglifo de severíssimo castigo, assim como se pode ver nas medalhas do povo de Tenedo, do qual trata Pólux*, pois o Rei de Tenedo tinha feito aquela lei, que quem fosse pego em adultério, assim macho, com fêmia, fosse decapitado com o machado, & não tendo ele perdoado o próprio filho, desejou ainda que o fosse feita memória nas Medalhas de Tenedo, que por um lado é o machado, por outro são duas cabeças.

Que o Leão na forma sobredita signifique o Castigo, nos serviremos daquilo, que cita Eliano, escrito por Eudômio, assim, que um Leão, um Urso, & um Cão nutridos, & treinados por um certo mestre à uma mesma vida, vivessem longo tempo juntos pacificamente, sem ofender-se pronto um ao outro, como fossem estado domesticados, & animais de uma mesma espécie, mas o urso mordido por um certo ímpeto, atacado o cão, com o qual tinha (em) comum a estância, & a vida; o Leão comovido pela velocidade de terem (sido) infringidas as leis de viver sob o mesmo teto, corre em cima do urso, & a atacando de mesma a fez pelo Cão pagar/pagarem a meritada pena.

CEGUEIRA DA MENTE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 89; pág. do PDF 161)

Mulher vestida em verde, esteja em um prado cheio de várias folhas, com a cabeça inclinada, & com/por uma Toupeira seguida.

Cegueira se diz a privação da luz dos olhos, & por semelhança, ou mesmo por analogia, se demanda ainda a ofuscação da mente, por mais uma se demonstra com a toupeira pelo antigo costume dos Egípcios, como reconta Ouro Apolline*: a outra com a testa inclinada para as caídas flores da terra, que são as delícias mundanas, que alentam a alma, e a têm ocupada sem proveito, por que quanto de bem o mundo elogioso se promete, tudo é um pouco de terra não ainda sob falsa esperança de breve prazer recoberta, mas com grandíssimos perigos de toda nossa vida, como bem disse Lucrécio livro II *de natura rerum*.

O miseras hominum mentes, & pectora casa

Qualibus in tenebris uitae quantisq; perislis,

Degitur hoc aui quodcunque est.

E Ovídio ao livro VI das Metamorfoses.

*Pro*h* superi quantum mortalia pectora caca Noctis habent.*

CLAREZA.

⇒ Imagem (pág. do livro 91; pág. do PDF 163)

Uma jovem nua, circundada de muito esplendor de todos os lados, & que tenha em mão o Sol.

Claro se diz aquele, que se pode bem ver por meio da luz, que ilumina, & faz a Clareza, a qual demandaremos aquela fama, que o homem, ou com a nobreza, ou com a virtude se adquire, como demonstra Pierio Velariano no livro 44 & S. Ambrósio chama claríssimos aqueles, os quais são estado ao mundo ilustrados de santidade & de doutrina, se diz ainda Clareza um dos quatro dotes dos Beatos ao Céu, & em qualquer um desses significados.

Se pinta jovem, por que no florir dos seus méritos qualquer um, se diz claro pela similitude do Sol , que faz visível o tudo.

CÉU.

⇒ Imagem (pág. do livro 92; pág. do PDF 164)

Um jovem de aspecto nobríssimo vestido de hábito Imperial de cor turcatodo estrelado com manto dito paludamento, & com o cetro na direita mão, & na esquerda tenha um vaso no qual esteja uma chama de fogo, & em meio deste um coração, que não se consome, encima de popa direita se esteja figurado o Sol, acima (d)a esquerda a Lua, seja cinto com o Círculo do Zadíaco, na qual se escorrem os seus doze signos, porta à cabeça uma rica cooroa de várias gemas, & nos pés li coturni/trabalhados de ouro.

O Céu por Bartolomeu Angélico livro VIII capítulo II é pintado em sete partes, Aéreo, Etéreo, Olimpo, Igneo/Ígneo, Firmaneto, Aqueo/Áqueo, & Empíreo/Empireu, mas à nós não ocorre repetir isso que ele teve dito, de que remeto ao Leitor, & de mermo modo sobre, busca/buscar o número de Céus, em Plutarco ao Petério/Pretérito na Gênese, em Clavio sobre a esfera do Sagrado bosque à Sintaxe da arte mirável, à Margarida Filósofa, & em outros autores: à nós basta dizer, que o Céu é todo o âmbito, & circuito que é da terra, até o Céu Empíreo onde residem as almas Beatas. Heródito Poeta Grego na sua Theogonia o faz filho da terra neste modo.

Tellus uero primum siquidem genuit partem sibi

Caelum Stellis ornatum, vt ipsam totam obtegit,

Vt'q; esset beatis dijs sedis tuta semper. cioè

Primieramente ingenerò la Terra

Il Ciel di Stelle ornato

Acciò la copra tuta,

Et perche sia delle beati menti

Sempre sicura fede.

E por tal causa lhe temos feito o manto estraladdo turco por ser (de) cor cerúleo assim dito pelo Céu, e quando desejamos dizer um Céu claro e sereno, dizemos um Céu turco. Real pois, & com






































Se representa, que porta as trombetas de ouro, (&) coloca sobre todas (as suas coisas) incorruptíveis por confirmar a incorruptibilidade sua.

⇒ Imagem (pág. do livro 93; pág. do PDF 165)

A tocha acesa, significa, que como aos nossos olhos corpóreos, faz-se necessária da luz por ver, assim ao olho nosso interno, que é o intelecto por receber a cognição das espécimes inteligíveis, faz trabalho no instrumento intrínseco dos sentidos, & particularmente daquele da visão, que se demonstra com o lúmen da tocha, por que como diz Aristóteles *Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu*, assim mostrando ainda o livro aberto, pois, ou por vê-lo, ou por ouvi-lo se ler se faz em nós a Cognição das coisas.

⇒ Imagem (pág. do livro 94; pág. do PDF 166)

Se pinta nesta forma, por que o moinho tem símbolo das ações, & Comércio da Humana Vida, pois os moinhos são sempre dois, & um tem desejo do outro, & quando jamais não podem fazer obra de moer, assim ainda um homem não pode por si mesmo qualquer coisa, e por mais

as amizades nossas se chamam necessárias, por que a qualquer um é necessário ter qualquer amigo com o qual possa concentrar as suas ansiedades, & com mútuos benefícios um ao outro eleva-se, & ajuda-se, como fazem as Cegonhas, as quais por que são de pescoço alto à longo andar se privam de voar, nem podem sustentar a cabeça, sim que uma apóia o pescoço sobre a outra, e a condução quanto é esquecida passa atrás da última a cuja esta se apóia, assim dissera Plínio livro X capítulo 22, & Isidoro refere o similar costume dos Cervos, os quais pelo peso dos chifres em breve tempo se estagnam, nem podem reger a testa quando nadam por mar, ou por qualquer grande rio, & por mais um apóia a cabeça sobre a garupa do outro, & o primeiro quando é estanco passa atrás, assim que de tal maneira esse animais se dão um ao outro ajuda. Assim ainda os homens são requeridos entre eles de valer-se de obra, & auxílio próximo, pelo que muito retamente fôra dito aquele Provérbio tirado dos Gregos, uma mão lava a outra, *Manus manum lauat, & digitus digitum, Homo hominem servat, ciuitas ciuitatem*. Um homem concerva o outro, & uma Cidade a outra Cidade, & isto se faz não por outro meio, que pelo comércio, & por mais Aristóteles entre as cinco coisas pelas quais se faz conselho, coloca em quarto lugar *De*ijs quae importantur, & exportantur*, ou seja daquelas coisas, que se portam dentro, & fora da Cidade nas quais duas ações consiste o Comércio, pelo que faremos, colocar dentro as nossa Cidades daquelas coisas que nos são privadas, & que temos necessidade: fora, logo faremos portar coisas das quais não desejamos em Cidade, que não temos necessidade: por que o Grande Mestre deste mundo muito sabiamente teve feito, que não teve dado cada coisa ao seu lugar imperio que teve vontade que toda esta universalidade se corresponda com proporção, que tenha necessidade as obras do outro, & por tal necessidade uma nação tenha ocasião de tratar, & acompanhar-se à outra, onde se é derivada a permutação do vender, & do comprar, & se é feito entre todos o Comércio na Vida Humana.

COMPAIXÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 95; pág. do PDF 167)

Mulher que com a esquerda mão tenha um ninho dentro do qual se esteja um abutre, que beliscando-se os seus músculos esteja em ato de dar o seu sangue aos seus filhos, quais são ainda esses no ninho em ato de receber o sangue, & com a direita mão estendida ponha em ato de compaixão qualquer coisa para prover à outras necessidades.

Se pinta com o Abutre na forma, que tenhamos dito, por que os Egípcios pelo Abutre, quando com o bico se infringe as coxas, representam a compaixão, pois ele naqueles cento e vinte dias, que demonstra no treinar os seus filhos, não jamais tão distante voa à presa atento somente àquele único pensamento de não deixar os filhos, & somente pega aquelas coisas que rapidamente lhe se mostram, & se nada outra lhe ocorre, ou satisfaz de sorver em alimento aos filhos, ele com o bico beliscando-se os músculos cava o sangue, & aquilo dá fugir aos filhinhos, tanto é o amor com o qual tem cuidado, que por falta de comida não lhe faltam.

O pôr com a mão direita em ato piedoso qualquer dom, demonstra com tal afeto o verdadeiro sinal do homem com compaixão, o qual por caridade socorre com potência aos pobres necessitados com a própria faculdade.

COMPUNÇÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 96; pág. do PDF 168)

Mulher vestida de cilício/flagelos, magoada, com a boca aberta em ato de falar, com os olhos revoltos ao Céu, que versam copiosas lágrimas, com uma coroa de pungentes espinhos em cabeça tendo com a esquerda mão um coração de mesmo modo ornado de espinhos, terá a direita mão alta, & o dedo indicador em rumo ao Céu.

Se faz vestida de cilício, & lagrimejante, por que diz S. Crisóstomo, ao seu livro *de compunct.cord.Sola compunctio facit horrere purpuram, desiderare cilicium: amare lachrimas, fugare risum, est enim mater fletus.*

Se lhe fazem duas coroas de espinhos, pois o espinho no Salmo 31 naquele verso, que diz: *Dum consigitur spina*, vem denotada a culpa contracta pelo pecado a qual de contínuo morde, & punge a consciência significada pela coroa, que tem na cabeça, como infrutuosa, nascendo pelo ordinário temor à pena, & conhecimento do mal.

Por mais lhe adiciona a coroa de espinhos ao coração, denotando por esta outra a verdadeira compunção do coração, que nasce daquela imensa dor, & conhecimento de ter ofendido Deus sumo bem, & perdida a graça sua, & pois a perfeita compunção deve haver quatro condições, ou seja que tenha aquela suma dor já dita, por mais se faz magoada, e lacrimajante.

Segundo, que tenha firme propósito de não cometer mais pecado, que se demonstra pelo indicador alçado da mão direita.

Terceiro, que similarmente tenha firme proposta de conservar-se, o que vem significado pela boca aberta.

Último, que tenha à satisfazer, como de mesmo modo se promete pela direita alta, e pronta em operar bem conforme a sua boa, e santa resolução.

COMPLEIÇÕES, COLÉRICO

PELO FOGO.

⇒ Imagem (pág. do livro 97; pág. do PDF 169)

Um jovem magro de cor amarelada, & com olhar com olhar confiante, que sendo quase nu tenha com a direita mão uma espada nua, estando em prontidão de querer combater.

Por um lado (ou seja por terra) se fará um escudo em meio ao qual se pintada uma grande chama de fogo, & do outro lado um feroz Leão.

Pinta-se magro, por que (como disse Galeno no livro IV dos Aforismos ao Comentário* VI) nisso predomina muito o calor, o qual sendo razão da seca se representa com a chama no escudo.

A cor amarelada, significa, que o predomínio do humor do corpo muito se vem à manifestar na cor da pele; de onde nasce, que pela cor branca se demonstra a fleuma, pelo pálido, ou mesmo cheio de cólera, pelo avermelhado misto com branca compleição sanguínea, & pelo fogo a melancolia, segundo Galeno ao IV *de sanitate tuenda* no capítulo VII & no I dos Aforismos ao Comentário II.

Se pinta com orgulhoso olhar sendo esse seu próprio, como bem demonstra Ovídio no livro III *de arte amandi*.

*Ora tumentir*a, nigrescunt sanguine* vanae**

Lumina Gorgoneo saeuius angue micant

E Pérsio na III Sátira.

Nunc face supposita feruescit sanguis, & ira

Scitillant oculi, &c.

A espada nua, e a prontidão em querer combater, denota não só o colérico ser pronto à rixa: mas ainda apto à todas as outras operações, como ainda significa a sobredita chama de fogo, sendo seu (destino) próprio se resolver.

Se pinta jovem, quase nu, & com o escudo por terra; pois quiado pela impetuosa paixão da alma não se prove de reparo: mas sem juízo, & conselho se expõe à qualquer perigo, segundo o dito de Sêneca em Troade*, *Iuvenile uitium est regere non posse impetum*. E mais diletamente dissera Avicenna* no II do I da dicção III ao capítulo III que quando as obra são feitas com maturidade dão sinal de um temperamento perfeito: mas quando se fazem com ímpeto, & com pouco conselho dão sinal de muito calor.

Lhe se pinta o Leão ao lado por demonstrar o orgulho, & acalorada da alma nascida da já dita causa. Mais ainda manteve-se este animal por ser o colérico similar ao valente/vingativo Leão, do qual assim escreveu Alciato* nos seus Emblemas.

Alcaeam ueteres caudam dixere Leonis

Qua simulante iras concipit, ille graues,

Lutea cum surgit bilis crudescit, & atro

Felle dolor fúrias axcitat indomitas.

Denota ainda o Leão ser colérico de natureza magnânima, e liberal, ainda que passando os termos, (se) torna pródigo, como os infrascriti versos da Escola Salernitana, não somente desta: mas de todas as outras qualidades sobreditas dizem.

Est humor cholera, qui competit impetuosus

*Ho*c genus est hominum cupiens praecellere cunctos:*

Hi leuiter discunt, multum comedunt, cito crescunt.

Inde, & magnanimi sunt, largi summa petentes.

*Hirsutus fallax, irascens prodigus, audax,
Astutus, gracilis, siccus, croceique coloris.*

SANGUÍNEO PELO AR.

⇒ Imagem (pág. do livro 98; página do PDF 170)

Um jovem alegre, sorridente, com uma guirlanda de várias flores em cabeça de corpo carnudo, & mais aind os cabelos louros terá a face avermalhada mista com branco, & que soando um alaúde dá sinal com voltar os olhos ao Céu, que lhe apraz o foco, & o canto, de uma parte dessa figura se fará um carneiro, tendo em boca um caixo de uvas, & do outro lado um livro de música aberto.

Jovem, alegre, com a guirlanda de flores, & sorridente, se pinta o sanguíneo, por que (segundo Hippócrates) naqueles, que abundam de sangue temperado, & perfeito, se geram espíritos vitais puros, & finos, dos quais nasce o riso, & a alegria, onde esse são prazeros, & divertidos, & amam os sons, & os cantos.

O ser de corpo carnudo, segundo Galeno no II livro do temperamento & Avicenna ao livro I significa, que pela virtude assimilativa* que nos sanguíneos é muito potente nasce o hábido do corpo carnudo.

Pinta-se rubicondo misto de branco, por que (segundo Avicenna no II do I) esta cor denota abundância de sangue, e mais ainda dissere Galeno ao II dos aforismos no comentário II que o humor, que no corpo predomina dá a cor à carne.

O Cordeiro com o caixo de uva, significa o sanguíneo ser dedicado à Vênus, & à Baccho; por Vênus se entende a natureza do Cordeiro, sendo que esta animal muito inclinado à luxúria, como narra Pierio Valeriano livro X & por Baccho o caixo de uva; onde Aristóteles no Problema 31 disse, que isso advém ao sanguíneo, por que nisso abunda muita semente, o qual é causa dos apetites venérios, como ainda se pode ver por descrição da Escola Salernitana.

*Natura pingues isti sunt, atque iocantes,
Rumoresque novos cupiunt audire frequenter;
Hos Venus, & Bacchus delectat fercula risus
Et facit hos hilares, & aulcia uerba loquentes.
Omnibus hi studiis habiles sunt, & magis apti
Qualibet ex causa non hos facile excitat ira
Largus, amans, hilaris, ridens, rubeique coloris
Cautus, Carnosus, satis audax, atque benignus.*

FLEUMÁTICO PELA ÁQUA.

□ Imagem (pág. do livro 99; página do PDF 171)

Homem de corpo gordo, & de cor branca que estando a sentar seja vestido de pele de Texugo-Europeu, tendo ambas as mãos ao seio, & a testa inclinada, a qual seja cingida de um pano negro, que lhe cubra quase os olhos, & ao lado se fará uma tartaruga.

Pinta-se gordo, por que assim como a seca do corpo procede à calidez, assim o inchaço/gordura deriva da frigidez, & humidade, como diz Galeno no segundo do temperamento ao capítulo VI.

Se veste em pele de Texugo, por que assim como este animal é sonolento e cansado, assim é o fleumático por ter ele poucos espíritos, e aqueles opresos por muita frigidez, que nisto predomina, onde advém que é ainda pouco apto aos estudos tendo o engenho obstruído, & não hábil à meditar aquilo que fosse causa de eleva-lo das coisas vis, & básicas, que por mais ainda se lhe cinge a cabeça de um pano negro.

Se representa com a cabeça inclinada, pois ele é cansado, negligente (&) tardio sim nas operações do intelecto, como em todas as outras do corpo similar à tartaruga, que se lhe faz ao lado, o que tudo vem otimamente expresso pela Escola Salertiana nos versos que (se) seguem.

Pleghma dabit vires modicas, latosque breuesque.

Pleghma facit pingues, sanguis reddit mediocres,

Otia non studio iradunt, sed corpora somno,

Sensus habet, tardos, motus pigritia sumnus;

*Hic somnolentus, piger in sputamine, plenus:**

Est huic sensus habet pinguis facie color albus.

MELANCÓLICO, PELA TERRA.

⇒ Imagem (pág. do livro 100; página do PDF 172)

Homem de cor fosca, que pousando-se com o pé direita sobre uma figura quadrada, ou cúbica, tenha com a esquerda mão um livro aberto mostrando de estudar.

Terá fechada a boca por uma venda, e com a mão direita terá uma bolsa unida, & na cabeça um Pardal ave solitária.

A venda que lhe cobre a boca, significa silêncio, que no melancólico costuma reinar, sendo ele de natureza fria, e saca, e assim como a calidez faz (o) loquaz, assim pelo contrário a frigidez é razão do silêncio.

O livro aberto, & a atenção de estudar, demonstra o melancólico ser dedicado aos estudos, & nesses fazer progresso; fugindo à outras conversações: onde Horácio na última Epístola do II livro diz.

Scriptorum chorus omnis amat nemus

Et fugit Vrbes.

Que mais ainda se lhe pinta o Pardal solitário sobre a cabeça, sendo ave que habita em locais solitários, e não conversa com os outros pássaros.

A bolsa/boca* fechada significa a avarenta natureza, que é comum por mais reinar nos melancólicos, como dizem os seguintes versos da Escola Satertiana.

Restat adhuc tristis cholerae substantia nigrae

Quae reddit prauos, per tristes pauca loquentes

*Hi vigilant studijs: nec mens est dedita somno,
Seruant propositum sibi nil reputa't fore tutum.
Inuidus, & tristis cupidus dextraeque tenacis
Non expers fraudis, timidus, luteique coloris.*

CONCÓRDIA MARITAL.

De Pier Leone Castella.

⇒ Imagem (pág. do livro 101; página do PDF 173)

Um homem à mão direita de uma mulher, ambos vestidos de púrpura, & que uma única corrente/laço de ouro una o pescoço dos dois, & que a dita corrente tenha por pendente um coração, o qual venha sustentado por uma mão de ditos homem, e mulher.

O colar na forma que dissemos demonstra, que o Matrimônio é composto de amor, de amizade, & benevolência entre o homem, & a mulher, ordenado pela natureza, & pelas divinas leis, as quais desejam, que o marido, & a mulher sejam dois uma (só) carne, que não podem ser divisos senão por morte.

CONCÓRDIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 102; pág. do PDF 174)

Mulher bela, que mostre severidade, na direita mão tenha uma caneca na qual se fará um pomo graúdo, na esquerda um cetro, que em cima tenha flores, & frutos de várias flores, na cabeça terá uma guirlanda de maçãs graúdas, com as folhas, & com os frutos, juntos à guirlanda, por decência se fará um peixe-lua, & assim nas Medalhas Antigas se vê esculpida.

CONFIRMAÇÃO DA AMIZADE.

⇒ Imagem (pág. do livro 103; pág. do PDF 175)

Uma jovem, que seja coroadada por uma guirlanda de várias flores, será vestida de hábito vago, & de cor verde, terá com a mão direita uma Chávena de cristal cheia de vermelho vinho, a qual (se) colocará com semblante alegre, & em ato gracioso, & belo.

Si pinta jovem, com a guirlanda de flores, & com o hábito de cor verde por sinal de alegria, que assim convém que sejam, & mostrem aqueles, os quais se unem, & confirmam na amizade.

Se representa, que ponha a Chávena cheia de vinho pois as Chávenas, ou cálices, que alegremente/mútuamente se encham os convictos, & naqueles unidos que se fazem a beber, é costume de nossos tempos, como ainda é uso antigo, no qual ato se vêm a unir os espíritos dos amigos, & à confirmar-se a amizade, & por sinal disto Aquiles na nona Iliada de Homero ordena à Pátroclo íntimo seu amigo, que sirva o melhor vinho, que tenha, & que dê a beber Ulisses, & aos outros Gregos, do vinho melhor não por outro, senão por dar a entender, que isso se tinha por caríssimos amigos.

Vlterius duxit Nobilis Achilles

*Sedereque fecit in sedilibus, tae*pedibusque pu*rpe*reis*

Statim autem Patroclum , allocutus est prope exiflexsem
Maiorem iam cratorem Menoetij fili statuito
Meraciusá fundico; poculum autem para vnicuique*
*Hi enim carissimi uir*i mea sunt in domo*

Mais abaixo logo Aiace acena à Ulisses, que faça um brinde à Aquiles, & Ulisses (assim se) lhe faz em tal modo.

Innuít Ajax Phoenici: intellexit autem nobilis Vlisses
Implensq; uino poculum, propinauit Achilli Salve Achilles.

& aquilo, que seguida dos quais se brindam, se é cheio Homero, à passo, à passo, sinal de união,& confirmação da amizade.

CONFISSÃO SACRAMENTAL.

□ Imagem (pág. do livro 104; pág. do PDF 176)

Mulher nua; mas que com bela graça esteja circundada por um cândido, & finíssimo véu, o qual com belos giros cubra as partes secretas; Terá aos úmeros as asas, Terá a boca aberta mostrando de manifestar os seus pecados. Estará ajoelhada sobre uma base de uma coluna, em local remoto, & secreto, com a cabeça descoberta de qualquer ornamento, Terá cinta a fronte de uma venda de cor vermelha, que versa aos olhos pares de lágrimas, & que com o punho da mão direita se percute o peito & o braço direito estendido, & sobre dita base se está uma pomba branca, & por terra de uma parte está um cão, & pela outra um cordeiro.

São Thomás no IV dos sentidos* dist. 17.q.3.art.4 coloca 16 condições, que deve ter a boa, & perfeita Confissão as quais se contém aqui sobrescritas.

Sit simplex, humilis Confessio, pura fidelis.
Atque frequens, nuda, discreta, libens uerecunda.
Integra, secreta, lacrymabilis, accelerata,
Fortis, & accusans, & sit patere paraca.

Onde por declaração de ditas partes, digo que se pinta nua pois a Confissão há de ser nua, & não vestida de cores, nem daquilo que cobre, & obscura a gravidade dos pecados, & por isso deve ser clara, & manifesta, & que o penitente em tal modo diga todos os seus pecados, & que ele creia, que o Sacerdote o entenda com as circunstâncias necessárias do lugar, do tempo, das qualidades, das pessoas, & similares.

O ser circundada com bela graça pelo cândido, & finíssimo véu, denota que este ato de penitência tem de ser puro, & sincero, & com reta intenção de reconciliar-se com o Senhor Deus por receber a graça & a remissão dos pecados, sim de culpa, como de pena.

Se faz alada por significar que não somente a Confissão há de ser acelerada, mas ainda denota que ela erga (os) outros à glória eterna.

Tem a boca aberta com demonstração de manifestar os erros cometidos, sendo que o pecador confessando-se, convém que seja íntegro, ou seja que diga todos os seus pecados à um mesmo Confessor, & por não tido (como) mal não os diga uma parte à um, & a outra, à outro.

Se pinta que esteja sobre uma base, por sinal de constância, & de fortitude, que é o vencer a si mesmo, & render os próprios apetites obedientes à razão, a qual faz que o pecador diga aquilo, que o diabo quer que ele (próprio) por vergonha deixe-se de dizer.

*Fortitudo est firmitas animi in sustinendis,
& repellendis his, in quibus maxime est difficile
firmitatem habere propter bonum uirtutis,* disse S. Thomás 2.2.q.23.art.2

Se representa em lugar remoto, & secreto, por mostra que a confissão se há por fazer, com dizer os seus pecados segretamente, & não em público, & que o Confessor não revele aos outros (o) que sabe por via da Confissão, mas tenha tudo secreto.

O ter cinta a fronte pela venda vermelha, significa que o pecador se conhece culpável, & que a consciência o remorça, & por mais se cora & (se) envergonha de ter cometido muitos pecados.

Pudor est Timor iutae vituperationis, qui affectus est honestissimus, disse Aristóteles.

O versar aos olhos pares de lágrimas denota, que a Confissão (se) tem por ser lacrimante com dor, & desprazer grande de haver ofendido Deus que por isso se mostra de repercutar-se o peito com a direita mão, & reneder-se em culpa dos pecados cometidos.

Lacrymae, poenitentiae sunt indices, disse Quinto Curtio livro III, & Cassia*, super Psal*.

Fletus cibus est animarum. Corroboratio sensum,

Absolutio peccatorum, & Lucrum culparum'.

O estar ajoelhada, & o ter o esquerdo braço estendido, é por denotar o ato voluntário, & de ser pronto à fazer voluntariamente a penitência de quanto se espera à obrigação que (se) deve.

A pomba branca denota a sua simplicidade sendo que a Sacra Escritura diz, *Estote simplices sicut columbae* & particularmente no ato da Confissão, no qual convém de ser simples, & não mesclar outras razões pertinentes à essee Santíssimo Sacramento.

Simplicitas est munditiae cordisq; rectitudo sine fictione.

Por terra de uma parte se se coloca um Cão por sinal de fidelidade (do qual é símbolo este animal do como temos dito em outros lugares) por isso que quem se confessa Sacramentalmente convém ser fiel em narrar todos os seus pecados com as suas circunstâncias, não omitindo aquilo que tem feito, & não dizendo aquilo que não tenha feito.

Pela outra parte se lhe pinta o Cordeiro por ser esse animal o significado da humildade, & mansidão, não somente nas profanas letras Egípcias; mas ainda nas Sacras da Religião Cristã, Ainda os Augúrios gentis usavam o Cordeiro nos seus sacrificios somente pela agradabilidade do puro, humilde, & manso ânimo, do que deva ser o penitente.

Ajoelha(-se) com a testa nua de qualquer ornamento, avante ao Sacerdote por sinal de humildade, reverência, & submissão.

Vera humilitas est, quae se ad culpae emendationem offert diz S. Bernardo no I Reg./Reino.

CONFIDÊNCIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 105; pág. do PDF 177)

Mulher com os cabelos esparços, com as duas mãos sustenta uma nau.

A Confidência porta com si a cognição do eminente perigo, & a falca crença de dever(-se) escapar livre, & sem estas duas qualidades variasse (de) nome, & mudasse o ser seu.

Por mais se pinta com a nau, que é sinal de Confidência, com a nau os navegantes partiam por praticar as ondas dos mares, as quais somente com a felicidade do perpétuo movimento, parece que ameacem ruína, morte, & extermínio ao homem, que quando passa a terra, sai fora de seus confins, à esse propósito diz Horácio na III Ode do primeiro livro.

Illiobur, & as triplex

Circa pectus erat, qui fragilem truei

Commisit pelago ratem,

Primus & então.

Quem mortis timmiut gradum?

Com aquilo, que segue.

COGNIÇÃO DAS COISAS

Humanas, & Civís.

⇒ Imagem (pág. do livro 106; pág. do PDF 178)

Se pintará um homem ajoelhado com os olhos revoltos ao Céu, e que humildemente tenha com ambas as mãos uma corrente de ouro pendente de um Céu, & de um Estrela.

Não se tem nenhuma dúvida, que com o testemunho de Macrobio*, & de Luciano, que a sobredita cadeia não signifique um conjuntamento das coisas Humanas com as Divinas, & um certo vínculo comum com o qual Deus quando lhe apraz nos tira de nós mesmos, & leva as mentes nossas ao Céu, onde nós com as (nossas) próprias forças, & todo o poder nosso não podemos sair; de modo outro, que queira significar, que a mente sua se governa com o querer divino, atentamente assim ele poderá pintar dita corrente pendente do Céu, & de uma Estrela, sendo que esta é aquela força de uma Divina aspiração, & daquele fogo do qual Platão tem querido que cada homem seja participante à fim (de) que endireite a mente ao Criador, & erga ao Céu, mais ainda convém que nos conformemos com a vontade do Senhor Deus em todas as coisas, e pregar sua Divina Majestade, que nos faça dignos da sua santíssima graça.

CONSERVAÇÃO.

Do Pier Leone Casella.

□ Imagem. (pág. do livro 107; pág. do PDF 179)

Mulher vestida de ouro, com uma guirlanda de Oliveira em cabeça na mão direita terá um faixo de milho, & na esquerda um círculo de ouro.

O ouro, & a oliveira significam Conservação, isto, pois conserva os corpos da corrupção, & aquilo, por que dificilmente se corrompe.

O milho de mesma forma conserva as Cidades.

O círculo, como aquele, que nas figuras não tem princípio, nem fim, pode significar a duração das coisas, que por meio de uma circular transmutação se conservam.

CONSELHO.

Do Sn. Gio. Zaratino Castellini.

⇒ Imagem (pág. do livro 108; pág. do PDF 180)

Homem velho vestido de veste longa de cor vermelha, terá um colar de ouro o qual seja por pendente um coração, na mão direita tenha um livro fechado com um coruja sobre, na esquerda mão três cabeças ligados à uma pescoço, uma cabeça será de cão, que olhará para a parte direita, na parte esquerda será uma testa de lobo, ao meio uma cabeça de Leão: sob o pé direito tenha uma cabeça de urso, & um Golfinho.

O bom Conselho parte seja daquela retidão, que segundo a utilidade resguarda à um certo fim, da qual a prudência é verdadeira extimadora* segundo Aristóteles na Ética livro VI capítulo IX. *Bona consultatio rectudo ea esse uidetur, quae secundum vtilitatem ad quendam finem spectat, cuius prudentia uera existimatrix est.* O Conselho por quanto o mesmo Filósofo adverte não é ciência, pois não se busca aquilo que se sabe, não é conjectura, pois a conjectura se faz com presença e sem discurso, mas o Conselho se faz com duração de tempo raciocinado pela razão. Não é opinião por que aquilo que se tem por opinião se tem por determinado sem Conselho, veremos então mais distintamente que coisa seja.

O Conselho é um discurso, & deliberação, que se faz entorno às coisas incertas, & duvidosas, que são por fazer-se, o qual com razão, elege, & resolve o que se reputa mais expediente, & que seja por dar à luz ao mais virtuoso, o mais útil, & o melhor efeito. Em quanto ao público, busca cinco coisas especialmente se faz o Conselho nos tratados, & entrados públicos da guerra, & da paz, da guarda, da província, da graça, & mantimento que se tem por portar dentro, & expurgar, das leis, & estados, & isso segundo a instrução de Aristóteles no primeiro da Retórica. *Sunt autem quinqué fere numero maxima, ac praecipua eorum, quae in consilijs agitari solent, Agitur enim de*

vectigalibus, & redditibus publicis: De bello, & pace, De custodia regionis, De ijs quae importantur, & exportantur, & delegum constitutione.

O figuramos velho pois o homem velho demonstra Conselho como diz S. Ambrósio no Hexametro. *Senectus est in consilijs vtilior*; por que a idade madura é aquela que fertiliza a perfeição do saber, & do entender por experiência das coisas que já viveu, & praticou não podendo pela juventude ser pelo pouco tempo (de) maturidade de juízo, & por mais os jovens se devem remeter ao conselho dos velhos. O Conselheiro de Agamemnon Imperador dos Gregos vem por Homero em pessoa de Nestor figurado velho de três idades/terceira idade na I Iliada, onde o mesmo Neestor exorta os Gregos jovens especialmente Agamemnon & Aquiles entre eles enraivecidos, à obedecer o seu conselho, como velho.

*Sed audite me ambo autem iuniores estis me,
Iam enim aliquando, & cum fortirobus quam uos
Viris consuetudinem habet, & nunquam me ipsi parui penderunt
Neque tales uidi uires, nec uidebo.*

Mais abaixo.

*Et tamen mea consilia audiebant, obediebantque uerbo.
Quare obedite, & uos: quia obedire melius.*

E na quarta Iliada se oferece de bendizer os Cavaleiros Gregos, com o Conselho não podendo com as forças, sendo as próprias forças dos Jovens, sobre as quais esse muito se confiam.

*Atride ualde quidem ego vellem, & ipse
Sic esse, ut quando diuum Creuthalionem interfeci,
Sed non simul omnia Dij dederunt hominibus.
Si tunc iuuenis fui, nunc rusus me senectus; premit:
Veruntamen sic etiam; * quitibus intero, & hortaber
CONSILIO, & verbis, hoc enim munus: * est SENVM
Hastas autem tractabunt iuuenes, qui me
Minores nati sunt, confiduntque vtribus.toga*

Assim é que Plutarco afirma, que aquela Cidade é seguramente salva que tem o Conselho dos velhos, & as armas dos jovens; por que a idade juvenil é proporcionada à obedecer, & a idade senil à comandar, louva-se mais ainda (o) modo aquele de Homero na II Iliada na qual Agamemnon Imperador faz reunir um Conselgo da Nau de Nestor aos homens primeiramente velhos.

*His uero praeconibus clamosis iussit**

Conuocare ad Concilium comantes Achiuos:

Hi quidem conuocarunt, illi frequentes affuerunt celeriter,

Concilium autem premium ualde potentium constituit senum

Nestoreum apud nauem Pylij Regis

Quos hic cum coegisset prudentem struchbat consultationem.

Os Espartanos davam ao seu Rei um magistrado de velhos nobres, os quais são chamados de *Licurgo Gerontes*, ou seja velhos venerandos, & o Senado dos Romanos fôra dito Senado pelos velhos, que se aconselhavam Ovídio no V de Fast.

A senibus nomem mitte senatus habet.

Com muita prudência Agamemnon Imperador segundo Homero na Ilíada II faz grande estima do Conselho de Nestor, & deseja ter dez Conselheiros para si, & o chama velho, que de Conselhos supera todos os outros Gregos.

Hunc uicissim allocutus est Agamemnon

Certe iterum consilio superas omnes filios Achiuorum.

Vtinam enim Iupiterque Pater, & Minerua, & Apollo,

Tales decem mihi consultores essent Achiuorum.

A veste longa convém-se ao Conselho, pois tanto nos Antigos tempos, quanto nos modernos cada Senado por maior gravidade se faz adornado com a toga; & veste longa. Lhe se dá a cor vermelha, sim por que a **púrpura** é digna dos Senadores, & os Senadores são dignos de púrpura, sim por que esta cor, significa caridade pela qual se deve mover com ardente zelo o sábio à aconselhar os duvidosos, o que é uma das sete obras da Misericórdia Espiritual.

Lhe se coloca ao pescoço o coração, por que como narra Pierio ao livro 34 dos seus Hieróglifos; os Egípcios colocaavam por símbolo do Conselho o coração, sendo que o verdadeiro e perfeito Conselho vem do coração, que puro e sincero ser deve em dar bom Conselho, como coisa Sacra *ἱερὰ πόνη ἀμβύβαλη* disse Suida na sua História, ou seja *Res Sacra consilitu-*, deriva-se do grego tal verso. *Res est profecto sacra consulatio*. Coisa ainda sacra é dito o Conselheiro, que religiosamente aconselha, o faz referência Zenodoro de Epicharmo, & Platão por autoridade de Demódoces* chamou o Conselheiro coisa sacra; A semelhança dos Egípcios; usaram os Romanos fazer portar aos garotos nobres uma bola de ouro ao pescoço pingente sobre o peito em **forma de coração**. *Pueris attributū, ut cordis figuram in bullae ante pectus annecterent*. diz Macróbio ao primeiro dos Saturnais capítulo VI não tanto por que pensassem de ser

homens, se tinham coração, como deseja dito Autor, quanto por significar que aquela idade era de reger-sr com o Conselho alheio, como apraz à Sesto Pompeo, pois a Bola é dita pela voz Grega Βαλη que segundo **nosso** Conselho significa, ou ainda por que a Bola toca aquela parte do corpo, ou seja o peito ddo qual está o natural conselho. *Vel quia parte- corporis bulla co'tigat, id est pectus, in quo naturale manet consilium.* diz Sesto Pompeo: não seria maravilha se Horácio reputasse Tibullo corpo com peito. *Non tu corpus era sine pectore*, ou seja que ele era homem de sabedoria e Conselho, que ao peito reside: levanta-se de mais dita bola de ouro concedida aos garotos nobres, ser portada avante ao peito pelos Triunfantes nos Triunfos, como assere Macróbio, sem dúvida por mostrar que esses triunfam mediante a sua virtude, sabedoria, prudência, e Conselho.

O livro na mão direita significa, que o Conselho nasce do estudo da sabedoria, & por mais eficaz símbolo da sabedoria se adiciona sobre a Coruja pássaro dedicado à Minerva tida pelos Gentili Deusa da sabedoria, & do Conselho. Este animal é noturno, vá envolto à noite à caçar alimento, & vê de noite, como escrevem os naturais, especialmente Bartolomeu Ânglico livro X capítulo 27. *Dicitur noctua quas*f*i di nocte acute tuens, de nocte autem uidet*, a cuja figura se representa o estúdio, & pensamento noturno da mente de um Conselheiro, & um Príncipe, que tem por aconselhar, & prover os povos, pensar, & travar/trabalhar com a mente, meditando (n)a noite, aquilo que tem por resolver de/o dia, sendo a imaginativa da alma mais perspicaz, & em maior vigor no silêncio da escuridão da noite; de que se é Hieróglifo a Coruja, que discerne melhor de/à noite, que de/o dia. Onde Homero na segunda Iliada diz.

Nono portem per totam noctem dormire Consilisarium

Virum, cui Populi sunt commissi, & tot cura sunt.

Não necessita à um Conselheiro, ou Príncipe que tenha os povos sob a sua custódia, e negócios de pensar-se sobre, dormir toda a noite, por que quem conselha deve ver brilho quando ainda aos outros é escuro, juizar, e discernir o bem do mal, o branco do negro sem paixão, & afeto, esperado que pelo Conselho livre de qualquer afeto se veja ainda as coisas ainda que difíceis, & ocultas, e levado pela alma o tenebroso véu das inverdades, se penetra com a vista do intelecto à verdade. Com a Impressão de uma Coruja derrotada à honra de Domiciano Imperador, se viu o Senado Romano (à) significar, que o dito Imperador fosse Príncipe de ótimo Conselho, e sabedoria, que tal

se mostrou no princípio de seu Império, se bem degenerou então de si belo princípio, & pela mente do seu bom progenitor, & irmão seu antecessor no Império.

Em outro a Coruja que vê, & vai investigando coisas em si necessárias ao tempo escuro da noite pousa sobre o livro fechado, pode ainda denotar, que o Conselho investigado com estudo noturno deverá se ter (em) oculto, & que não se devem falar os segredos, que consultam, & (se) registram nos conselhos; & por mais os Romanos antigos em direção **à Circo muitas raízes do monte Palatino*** dedicaram à Conso Deus do Conselho um templo subterrâneo, por significar, como disse Servio no oitavo das Eneidas sobre o verso.

Consessu caue magnis Circensibus actis,

que o Conselho deve ser coberto, & secreto, de que se vê mais à longo (em) Lilio Giraldi Syntaginate quinto.

As três cabeças na esquerda mão tidas de Cão, de Leão, & de Lobo na forma dita acima, são figura(s) dos três principais tempos do passado, do presente, & do futuro, como expõe Macróbio nos Saturnais livro I capítulo 20 por que a cabeça de Leão posta ao meio, demonstra o tempo presente, sendo a natureza, & condição sua bondosa no ato presente, que é posto **avante** ao passado, & o advir, a cabeça de Lobo demonstra o tempo passado, como animal de pouquíssima memória, ao qual se refere às coisas passadas. A cabeça de Cão significa o tempo que há de vir, que nos faz carícias, & festa pela esperança de receber qualquer utilidade de nós, a qual esperança resguarda sempre as coisas que hão de vir. Pomos as três cabeças figuras dos três tempos em mão ao Conselho por que o Conselho é de três partes, outro (o) Conselho pega-se ao tempo passado, também o futuro, & ainda ao presente; advertimento de Platão que em Diórgenes Laércio assim diz. *Consilium tripartitum est, aliud quippe à praeterito, aliud a futuro, aliud à presenti tempore sumitur.* O tempo passado se administra os exemplos, enquanto se atende com a mente o que tenha partido qual seja a nação, & pessoa, & por qual causa: assim que exista os vemos, império que dor lares/conselhos alheios se aprende aquilo que se tem por fugir, & pelos acidentes passados se encontra morma, & regra de consultat bem as coisas antes que se executem, pondo mente à quanto outros tenham operado com prudência, de modo que se fazem, & (se) imitam. O presente se busca à considerar aquilo que pelas mãos temos, resolvendo de pegar não aquilo que apraz, & dileta ao sentido, mas aquilo que segundo a razão juizamos possa ocasionar com o tempo bem, & não mau. *Non tantum videntum quid in praesentia blandiatur, quam quid deinceps sit è re futurum.* Disse Desmósthene, onde o futuro nos persuade

de antever, que não se cometa coisa com temeridade, mas com maduro discurso, assim (que) não percamos a boa fama, & opinião de nós (mesmos), & a glória do nosso nome. Então é, que as três cabeças de Cão, Leão, & Lobo pegando-se por Pierio como símbolo da prudência, a qual resguarda outros três ditos tempos, como se recolhe em Sêneca Filósofo moral no tratado de quatro virtudes, onde diz. *Si prudens est animus iuuus tribus temporibus dispensetur; praesentia ordina futura, prouide, praeterita recordare, nam qui nihil de praeteritis cogitat vitam perdit, qui nihil de futuro praemeditatur in omnia incautus incidit.* O que tudo se compreende das três cabeças figuras dos três tempos, & símbolo da prudência sem a qual não se pode fazer bom Conselho. *Consilia perfecta non sunt absque prudentia*, Dissera São Bernardo nas Epístolas, & Aristóteles ao I da Retórica define, que a prudência é virtude da mente a qual faz que se possa aconselhar & deliberar bem das coisas boas, & das más, que aparecem à beata & feliz vida, assim que ao Conselho mais ainda a esperança figurada com a coruja sobre o livro, é necessária a prudência figurada com as três cabeças sobreditas.

A cabeça de Urso, & o Golfinho que tem sob o pé denota que nos Conselhos deve-se deixar de lado a ira & a velocidade esperado que péssima coisa é correr em fúria, & em cólera, à deliberar, & consultar um partido: mas deve-se em Conselho fazer sem ira, & sem rapidez, & velocidade, o Urso é símbolo da ira, & da raiva, como animal feroz, onde o Cardeal Egídio nas suas estânciasdisse.

Gli Orsi rabbiosi com feroci artigli

Fanno battaglie, dispietate, & a'ire.

E Petrarca.

L'Orsa rabbiosa per gli Orsacchi suoi.

Logo deste símbolo se retirará a figura da ira. O Golfinho, como peixe ao nado velosíssimo é figura da esbafoda velocidade, defeitos que aos Conselhos tanto públicos, quando privados (se) retirarem se deve. *Duo maxime contraria sunt Consiglio, ira scilicet & festinatio* dissera Biante sábio da Grécia, & S. Gregório na epístola V disse, que o Conselho em coisas difíceis não deve ser precepitoso. *Consilium in rebus arduis non debet esse praeceps.* A razão é em prontidão, por que as celeridades, com o ímpeto, & com a fúria adquirem vigor, mas os bons Conselhos com a madura demora segundo o parecer de Tácito, ao primeiro livro das Histórias. *Scelera impetu, bona consilia mora ualescere.* Se deve bem com celeridade, & prestação, como diz Aristóteles executar o conselho, mas com demora se há por resolver, assim (que) se possa primeiro escolher,

com maior são juízo o melhor partido, bellissimo àquele dito. *Deliberandum est, diu, quod faciendum est semel*. Longo tempo consultar se deve, aquilo que ora se tem por fazer. Pátroclo Capitão sendo-lhe dito por Demétrio seu Rei, que coisa tomava conta, & à que se permanescia tanto a atacar com a luta, & fazer ímpeto contra o exército de P*tolomeu seu inimigo que era **este** inferior de forças, respondeu. *In quibus poeinentia non habet locum, magno pondere attentandum est*. Nas coisas, nas quais não há lugar o pensamento andar se deve com o pé de chumbo porque depois do fato o arrepender-se (de) nada vale, voz verdadeiramente percebida (pelo) Capitão na mensagem/**não mensageia** Agelião Capitão dos Licaônoicos* o qual solicitado pelos Embaixadores Thebanos à responder rapidamente à uma Embaixada exporta-lhe, respondera ele. *Na nescitis, quod ad vtilia deliberandum mora est tutissima?* Quase que dissesse, não sabeis vós ó Thebanos, que nos árduos negócios por discernir, & deliberar aquilo que é mais útil, & expediente, não nos é coisa mais segura que a demora? onde se pode conciderar quanto que erram com eles, que comendam o parecer de Ariosto naquela oitava na qual louva o Conselho das mulheres feito em um súbito: antigo orgulho dado (como) adulação às mulheres de Heliodoro Grego Autor ao quarto da História Etiópica, renovado posteriormente pelo sobredito Poeta em rima.

Molti consigli delle donne sono

Meglio improuiso, che à pensarui vsciti,

Che questo è spetiale, e proprio dono,

Frà tanti, e tanti, lor dal ciel largiti

Mà può mal quel degl'huomin'esser buono

Che maturo discorso non aiti;

Oue non s'habbia ruminarui sopra

Speso alcun tempo, e molto studio & opra.

E erram duplamente, primeiro porque louvam o Conselho feito em rapidez secundariamente, por que elevam o Conselho das mulheres, sendo que em uma mulher não se é Conselho de vigor, & pulso, mas débil, & fraco, segundo o parecer de Aristóteles que **menospreza** o Conselho das mulheres ao para dos **meninos**, dizendo ao primeiro livro da Política *Consilium mulieris est inualidum, pueri uerò est imperfectum*. Onde é aquele de Terêncio em Hecyra*. *Mulieres sunt ferme vt pueri, leui sententia*. O Senado Romano proíbe por lei, que nenhuma mulher por qualquer negócio não deva entrar em/no Conselho, foi tida por coisa inconveniente que Heliogabalo Imperador se fez entrar sua mãe à dar o voto, como se refere Lamprídio, & malmente se comportou,

que Nero se introduz Agripina sua mãe, e por mais o Senado desejasse que estivesse atrás separada por um véu coberto, por que parecia a eles indecência, que uma mulher fosse vista entre tantos padres com escritos a consultar.

Costume.

⇒ Imagem (pág. do livro 111; pág. do PDF 183)

Homem velho, em ato de andar, com barba grisalha, & apoiado à um bastão com uma mão, na qual terá ainda uma carta com divisa, que diga: *Vires acquirit eundo*. Portará nas costas uma multidão de instrumentos, com os quais se exercitam as artes, & próximo terá uma roda de amolar facas.

O uso imprime na mente nossa os hábitos de todas as coisas, os conserva à posteridade, os faz decedentes, & à sua vontade se fabrica muitas leis no viver, & na conservação.

E se pinta velho, pois na longa experiência consiste a sua autoridade, & quanto mais é velho, tanto melhor está em pé, o que se acena com a divisa que tem em mão, o qual é conveniente ainda a roda, por que se essa não move em giro, não tem força para consumir o ferro, nem de amolá-lo, como não movendo-se o uso com o exercício do consenso comum não (se) adquire autoridade, mas voltando-se em giro une talmente a vontade em um (único) querer, que sem saber atribuir os termos de razão têm os ânimos unidos à uma mesma ocupação, & constantemente se lhe conserva. Mais ainda se diz, que as leis do costume sejam válidas, como aquelas do Imperador propriamente, & em todas as artes, & em todas as paixões, por provas uma coisa duvidosa, se põe em consideração um uso nato do consenso universal, quase que seja impossível serem as coisas diversas daquilo, que isso aprova. Mais ainda disse Horácio, que as boas palavras ditas pelo Poeta se devem pegar pelo uso, & em suma se nota, & se observa em todas as coisas, assim que não venha violado o decência tanto necessário no curso da civil conservação.

E mais ainda portará às costas um punhado de instrumentos artificiais, segundo o capricho do pintor, não nos curando de dar-lhe por isso outra lei.

CONTAMINAÇÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 102; pág. do PDF 184)

Mulher jovem, extenuada, & pálida, & vestida com vestes vis & maltrapilhas, & (que) sejam de cor misto. Com a mão direita terá um ramo de nogueira, a esquerda terá

sobre um basilisco, que se fará ao lado em ato orgulhoso, & olhar atroz, do outro lado se fará um jovem, que mostre (de) ser lânguido, & enfermo caindo por terra meio morto.

Contágio pelos Latinos se diz *Contagium*, & vem à *Contactu* sendo que nesta se faz a passagem de um afeto do corpo à outro.

O Contágio segundo Avet*roe no quinto da Física ao Comentário do texto 30, é de dois destinos, Matemático, & Físico, o primeiro não se faz sempre entre dois corpos, mas busca as grandezas dos corpos, não conciderando outro o Matemático, que as superfícies, ou outras medidas, o segundo se faz sempre entre dois corpos, que são em local determinado mesmo que não se dizem achados naturalmente.

Mas desejando definir o Contágio diremos que é uma qualidade mórbida, e má, da qual, ou por ar, ou por um corpo à outro se transfere & essa definição a põe Mercurial ao livro *de febris*, capítulo 17 mas Gio. Battista Montano ao Comentário da segunda **Fen**, de Avicenna na lição 33 se dá uma outra mais perfeita **condensada** em si causa material, formal, & eficiente, dizendo que o Contágio é um afeto que transpassa de um corpo em um outro por um contato mediado, ou imediado pela conveniência da matéria, & disconveniência da parte da forma mediante à alteração do calor, que inevitavelmente conhece o úmido sujeito.

Agora para explicá-la digo que sendo um afeto, que transpassa de um corpo à um outro, necessita que se faça por meio de qualquer movimento, & se nos é (sabido que) o movimento necessita que seja um dos quatro listados por Aristóteles no quinto da Física, ou seja de corrupção, de aumento, de alteração, & local; não nos é movimento local, por que não se vê alguma coisa que se mova de lugar, não nos é aumento por que nada se acresce, resta ainda que nos seja alteração, ou corrupção, sendo que as alterações procedem todas da corrupção.

Se é dito de um corpo em um outro por que necessita que nos seja o agente, & o paciente, ou seja aquele que toca, & aquele que é tocado, o agente é aquele do qual decorre o Contágio, & o paciente aquele que o recebe & necessita que ao paciente se introduza um afeto, similar àquele do agente.

O contato imediado é aquele, que se faz entre dois corpos, de modo que não seja nada de meio, como intervem na Lue Venerea: O contato mediado é aquele, que se faz entre dois corpos dividindo-se qualquer outro corpo, como por meio do ar dois corpos se tocam, de modo, que um transmita o afeto ao outro, por que primeiro sofre o ar, a qual logo comunica a paixão, à outro corpo mais **arduamente**; A essa verdade aspirando o sobredito Mercurial no lugar citado diz, que as enfermidades que se fazem por

contato, ou se fazem por contato **do ar**, ou **do ânimo**, império que as partes sólidas, são impossíveis que pelo contato próximo se contaminem, & essa é a causa que a contaminação amorosa é a mais fácil à contrair-se, tornando então uma grandíssima peste como diz Ficino no argumento do convívio de Platão; Mas como seja possível, que um fino raio, um ligeiríssimo espírito, uma pequena parcela de sangue da pessoa amada, assim (tão) rápido, com tanta velocidade, & bondade, assim perniciosamente inflinja o ávido amante? A causa não é outra que aquele espiritual vapor, aquele sangue próspero, que tem quatro condições, Claro, Fino, Quente, & Doce, por que é claro corresponde aos olhos do amante, a acaricia, & conforta de modo que por aqueles é avidamente atirado, por que é Fino, rapidamente se voa nas vísceras, & pelas veias, & artérias se difunde por todo o corpo, com a **Calidez** opera bondosamente, & move eficazmente o amante, ate que na sua natureza o converse, o que muito bem toca Lucrécio.

Hinc in te primum Veneris dulcedinis in cor

Stellauit gutta, & successit frigiada cura.

Sendo que com a doçura apraz, & dá gosto às vísceras, disto nasce, que quem de tal paixão é oprimido sente junto dor, & prazer, isto pela clareza, & doçura daquele vapor daquele sangue a florido da alma, aquele pela sua calidez, & finura, necessita ainda fazer aquilo que diz Lucrécio,

Sed fugitare decet simulacra, & pabula amoris.

Absterrere sibi, atque alio conuertere mentem.

Mas retornando à Mercurial (se) diz que os humores (assim possam transferir qualidades má, & mórbida) necessita que tenham duas qualidades, ou seja que são na superfície do corpo, & que sejam viscosas, & tenazes segundo Aristóteles & Alessandro ao Problema 42 do segundo livro, & por esta causa a dor, ou sarna por ter todas as duas condições se transmite facilmente de um corpo à um outro.

Mas em que modo ainda as enfermidades internas são Contagiosas, como o tísico, a febre maligna, & outras por meio daqueles vapores, & o ar inspirado, & respirado, qual recebendo nas partes internas dos Pulmões a infecção facilmente logo a comunica, ao corpo vizinho. Não será mais ainda de dizer do que a peste, & a Contaminação seja toda uma coisa, sendo a peste um mau comum, onde se adverte que alguns males se chamam Esporádicos, ou seja dispersos, outros Comuns, os Esporádicos são quando vários males ocupam várias nações, & vários homens. Os Comuns são de duas vertentes; os primeiros se chamam Endêmicos pelos Gregos, & pelos Latinos Inquilinos, & são

Comuns, mas familiares à uma estirpe de gente, & mais à uma nação que uma outra, Os segundos se chamam Epidêmicos, & são comuns à todos, & dessa vertente é a peste, ao tempo da qual por uma oculta força infecta os mortais, que jamais aparece/desaparece* se não quando

..... *Tebida membris*

Corrupto Coeli tractu, miserandaque uenit

*Arboribusq; s*f*atisq'; lues, & laetifer annus.*

Como diz R. Pai Alessandro *de Angelis* na sua Apologia em *Astrologos Coniectores*.

Mas retornando à definição nos é necessária a semelhança da matéria, & dissimulação da forma, por que, sendo que a ação se faça por meio da contrariedade, & dissimulação, & o contrário não receba o seu contrário, é necessário que nos seja qualquer sujeito que receba esta contrariedade, & isto é a matéria comum à um, & à outro corpo. Pelo que se busca o princípio ativo desta corrupção, & deste movimento que é a contrária forma **putredinal** do corpo infectado, & demandante à Contaminação, & o princípio passivo, que é a matéria do corpo morimbundo, & apto a receber a contrária forma. Mas vejamos a alteração como seja necessária ao Contágio. É coisa clara entre Filósofos que a alteração precede à todas as corrupções, ou putrefações, & alterações, se faz nas qualidades, será então *ex calefattione*, a qual se faz mediante o seu instrumento, qual é o calor, & fazendo força no húmido, & no seco, que são qualidades passivas, não a aperfeiçoa em si, nem debilmente a corrói, & por isso se diz que quando as qualidades passivas vecem as ativas **abaixar** se faz a putrefação, por que sendo qualquer hora o calor débil que não possa superar o húmido, ainda que o húmido sobressaia, à hora se faz uma **continuação** que a chama Aristóteles no quarto dos Meteoros, a qual (a) continuação se segue a putrefação; E isso (se) pode ocorrer em todas as duas vertentes de **corrupções**, na **elisão**, & na **afação**. Onde vemos que as coisas que tenham calor (é) entendido (que) não se putrefam, mas se desidratam, e temos o exemplo daquele que se diz, que ao terceiro Clima, ou seja na Arábia se estão certos lugares próximos ao mar, cheios de areia, pelos quais passando os Mercadores por andar em Oriente pela calidez sim da economia, como ainda pelo fervor do Sol, morrendo em dito local se secam pelos mesmos raios solares, de modo que se perde todo o húmido, & daqueles se faz a múmia, que jamais se putrefa, qual se porta então nas nossas partes, Ainda pelo grande frio as coisas tal volta não se putrefam; onde veremos que aqueles que morrem aos montes de S. Bernardo na França estão (à) muitos anos sem putrefar-se. Agora tendo explicado que coisa seja a Contaminação, & como se faça, resta explicar a figura.

Se pinta logo jovem, sendo que a juventude pela abundância, & fervor do sangue tenha ainda em si mais calor, o qual tem virtude de atenuar, rarefar & atrair, & conseqüentemente pode ativar a causa material, & eficiente da Contaminação sendo ainda os jovens mais fáceis à adquirir a Contaminação pelas suas desordens, & pouco cuidado da vida deles.

Se faz pálida, & extenuada por denotar as muitas doenças Contagiosas que consomem à pouco, à pouco entre (as) quais são a Lue Venerea, o Tísico, a lepra, & muitas outras.

A veste maltrapilha significa muitos incômodos que por tais causas se seguem, quais ultimamente reduzem o homem em pobreza, como ainda a sua cor mista denota que em tal caso não nos pode ser alegria alguma, & muitas vezes se segue ainda a morte.

Tem o ramo de nóz sendo dita árvore contagiosa com a sua sombra, como diz Plínio no livro 17 capítulo 12 à semelhança de Tasso em Nórbona*, que segundo Dioscórides é tanto má, que se um se dorme sob, ou que se aproxima à sua sombra, é ofendido/afetado gravemente como conta Fernélio livro II *de abditis rerum c*ausis* capítulo 14 onde afirma o mesmo da Nóz, & Ovídio ainda ele/lhe diz

Me, lata ne leda, quonian sata ledere dicor

Imus in extremo margine frondus abet.

Tendo tanta pose que ofende*/afeta ainda as plantas vizinhas, & por isso os agricultores a plantam nas florestas, onde Ovídio,

Mox ego iuncta via cum sim sine crimine vitae

A populo saxis praeterunte petor;

O Basilisco é uma espécie de serpente das quais não só **o respirar/bafo**, mas (também) o olhar, & o assobio são contagiosos, & os animais que são mortos pelo seu Contágio não costumam ser tocados por outros animais ainda que vorazes, & se forçados/atraídos pela fome os toca, subitamente morrem ainda eles, onde de todos os outros animais ainda que venenosos sem dúvida supera-os todos, como narra Aéc*io Antioq*ueno, sermão 13 capítulo 33 & Plínio livro VIII capítulo 21.

O jovem pálido, lânquido, & meio morto se é posto por todas as razões sobreditas afigurando ainda o corpo paciente que recebe a Contaminação do agente ou seja daquele que a transmite.

FELIZ/FELICIDADE/CONTENTE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 114; pág. do PDF 186)

Um jovem pomposamente vestido, com espada ao lado, terá jóias, & penas por ornamento da cabeça, & na direita mão um espelho, & com a esquerda uma bacia de prata apoiada à couxa, a qual será cheia de moedas, & jóias.

O Contente, do qual pende aquele **pouco/poço** de felicidade, que se goza nesta vida, nasce principalmente da cognição do bem possuído, por que quem não conhece o próprio bem (ainda que seja grandíssimo) não (se) pode sentir contente, & assim restam os seus méritos fraudados dentro de si mesmo.

Mas ainda se pinta a imagem do Contente, que olha (para) si mesmo no espelho, & assim se contempla, & se goza rica, belo, e pomposo de corpo, & de alma, o que demonstram as moedas, & os vestimentos.

CONTRASTE.

⇒ Imagem (pág. do livro 116; pág. do PDF 188)

Jovem armado, com um caibro vermelho sob o corselete, tenha uma espada nua em ato de desejar atacar-se contra algum inimigo, com uma gata aos pés por uma parte, e da outra um cão em ato de combater.

O contraste, é uma força de contrários, dos quais um busca prevelecer ao outro, e por mais se pinta armado, & eminente à defender-se, & atacar/ofender* o inimigo.

A cor vermelha nos demonstra a alteridade da alma, & o domínio das paixões, que estão em movimento, & movem o sangue.

Se faz em meio de um cão, & de uma gata, por que pelos dissimilhantes, e contrárias naturezas (se) pega essa origem.

CONVERSAÇÃO.

□ Imagem. (pág. do livro 117; pág. do PDF 189)

Homem, mas jovem, alegre, & sorridente, vestido de pomposa aparência, o cujo vestimento será de cor verde, terá cingida a cabeça por uma guirlanda de louro, terá com a esquerda mão um cadeceu, mas em troca da serpente se farão com belíssimas voltas um ramo de mirto, & um de pomo graúdo pelos dois lados florido, & pelas asas/abas em cima, se fará uma língua humana, terá a pessoa ao quanto inclinada, & uma perna tirada atrás em demonstração de querer fazer reverência, & o braço direito estendido, aberto em ato de desejar abraçar, & receber (de) outros, & com a mão terá uma Pasta, na qual se está uma incisão que diga *Veh Soli*.

Conversação, é uso doméstico entre os amigos, & pessoas que se conhecem, & (se) ama por causas honestas, & diletas, & mais ainda se diz que não é coisa mais grata, &

suave à vida, que uma doce Conversação, & mais ainda diz um Sábio. *Conuersatio est hominum societas, & grata confabulatio quae mediante inuicem animi recreantur.*

Se pinta em pessoa de homem, & não de mulher pois não somente convém mais ao homem a Conversação que à mulher, mas também por que particularmente a etimologia da voz do homem na língua Grega que diz *homu*, segundo o parecer de alguns estudiosos escritores significa “*junto*”, & por mais não se pode ser verdadeiro homem sem Conversação, sendo que quem não conversa não tem experiência, nem juízo, & quase se pode dizer sem intelecto, & por mais dissera Aristóteles no primeiro da Política, (“o homem que vive só não é **nem** um homem, **nem** besta”). *Qui in comuni societate viuere nequit, aut Deus est, aut bestia.*

Se representa jovem sendo que Aristóteles no II da Retórica dice que os jovens são mais amadores dos amigos, & de companheiro de alguém que nenhuma outra idade, e por que se diletam de viver juntos, sendo que não julgam coisa alguma segundo a utilidade*, & pensam, que os seus amigos sejam da mesma natureza.

Se demonstra alegre, & sorridente vestido em cor verde, pois assim como nas ervas, nas árvores, nos prados, nas montanhas, não se pode ver coisa mais prazerosa, nem mais grata à vista deste calor, o qual pela vagueza, & giocondidade sua move até (mesmo) os pássaros pela alegria de cantar mais suavemente: Assim a Conversação com cada afeto maior move os ânimos alheios à alegria, & convém ao uso honesto, & virtuoso, que por tal significado temos dada à guirlanda de louro à esta figura, sendo que nós entendemos de representar a Conversação virtuosa, & deixar de lado a viciosa, como aquela que se deve em qualquer instância odiar, & fugir sendo ela abominável, & perniciosa, & logo Aristóteles na Econímia. *Non debet homo sanae mentis vbicumque conuersari, & Sêneca epístola VII Cum illis conuersari debet, qui es meliorem facturi sint.*

O ramo da mortela, & do pomo graúdo de dois lados com belos laços entrelaçados juntos, significam que na Conversação convém, que se seja união, & verdadeira amizade, & que ambas as partes rendam de si trocas (mútuas,) de boníssimo perfume & (se) peguem junto das ditas plantas, sendo (que conta conta Pierio Veleriano no livro quintuagésimo) entre eles se amam tanto, que mesmo se se postam distantes uma da outra raiz, se fazem a achar, & se aproximam juntas à confusão de quem foge à Conversação, os quais se pode dizer que sejam da pérfida natureza de Timão Filósofo, o qual fôra muito célebre pelo ódio que à todos os homens portava, era seu amigo Apemanto* de mesma natureza, estando um vez junto à mesa, & dizendo Apemanto que

aquilo era um belo convicto, pois era entre eles o maior, respondera Timão que ele seria (o) mais belo, quando esse não se fosse presente.

A língua posta sobre as ditas plantas, significam que a natureza tivera dado o dom da comunicação* ao homem, não já por que segundo propriamente se diz, mas por que se serve com outros em exprimir o afeto da alma nossa, com qual meio vêm aos homens à amar-se, & conjugarse entre eles.

O ter a pessoa ao quanto inclinada, & uma das pernas em forma de fazer reverência, & o braço direito extendido, aberto, & em ato de querer abraçar, & receber de outros, é por demonstrar que à Conversação convém qualidade de criação, & bons costumes, & com benignidade & cortesia com cada reverência abraçar, & receber quem é digno da verdade, & virtuosa Conversação.

A insisão que tem com a mão direita, que diz VEH SOLI é dito de Salomão nos Provérbios a declaração do qual é aparte aquilo que é só; & por mais devemos com muita consideração buscar de unir-se dizendo o Salmo 133 *Ecce quàm bonum, & quàm indicundum habitare, frates in vnum.*

CONVERSÃO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 118; pág. do PDF 190)

Uma belíssima mulher em idade viril, será nua, mas por um cândido, & finíssimo véu recoberta, terá presa* ao pescoço uma fita de cor verde, na qual se está escrito.

IN TE DOMINE SPERAVI.

& não só por terra serão vestes de grandíssimo valor; & estima, Colares de ouro, pérolas, & outras riquezas, mas ainda os louros, & entrechados cabelos, que desde a cabeça vêm* cortados, sim que mostre de ser sem tranças/ambições*.

Estará com a cabeça levantada, & com os olhos para o Céu, no qual se veja um claro, e resplandecente raio, & vertendo copiosíssimas lágrimas: tenha as mãos como em cruz*: uma sobre a outra, mostrando sinal de grandíssima dor, & sob os pés se fará uma Hidra com decididos olhares, & em ato de jogar por terra essa figura.

Bela se pinta por que, assim como é feio, & abominável quem se encontra em pecado mortal, assim ao encontro é de suprema beleza, quem é distante daquele, & se converte à Deus.

Se representa de idade viril, pois reconta Aristóteles no segundo livro da Retórica que essa idade têm todos aqueles bens, que na juventude, & na velhice estão separados, & de todos os excessos, & de todos os defeitos; que se acham nas outras idades, nesta (eles) se encontram em medida, & convencionais, sim que por tal causa possamos dizer,

que nesta idade se é a verdadeira cognição de fugir (d)o mal, & seguir o bem, & à esse propósito se poderia aplicar aquele dito, que *in médio consistit virtus*.

Se pinta, que seja nua, ma à ressalva de* recobrir(-se) pelo cândido, & finíssimo véu por demonstrar, que a Conversão tem de ser cândida, pura, & despojada de todos os afetos, & paixões mundanas. A escrita, que se faz* na fita, que diz *In te Domine speravi*: significam estas palavras, que quem verdadeiramente se converte à Deus faz decidido propósito de não se partir jamais d'Ele pelo pecado, & por isso espera nele tal esperança pelo crer de estar em graça de sua D. M., sim que crescendo na alma esta crença, cresce de mesmo modo a esperança mediante (a)o desejo de louvar à Deus.

Os suntuosíssimos vestimentos, os colares, & a diversidade das riquíssimas jóias que são por terra nos é sinal, que quem se converte à Deus despreza as pompas, as riquezas, & a vaidade deste mundo, Onde S. Bernardo sobre o Cântico Sermão 26 *Ornatum corporis sancti contemnunt solum animae decore *m quaerentes*.

Os louros & entrechados cabelos cortados & tirados por terrapela declaração desses nos serviremos daquilo pois dissera Pierio Valeriano livro 32 no qual narra os Cabelos significa os pensamentos, sim que quem se converte, convém, que (os) tire, & remova os pensamentos maus; os quais se não se tolhem, ou acabam por cegar a mente, ou qualquer grave impedimento aportam à boa intenção de se converter, & sobre isso Cassiod.sub.Psal. assim diz, *Quocunque tempore non cogitaueris Deum, puta, te illud tempus perdidisse*.

Tem a cabeça elevada, & olha o Céu, pois convém primeiro à nósde desejar ao Senhor Deus com fé, por receber de sua Divina Majestade a graça, se bem (que) uma, e outra ele dá por sua misericórdia, & não pelos méritos nossos. *Fides est domum Dei*, dice S. Paulo, & *gratiam & gloriam dabit Dominus* dice o Salmo, o qual significado o representam com o claro, & respladecente raio, como temos dito acima.

As copiosíssimas lágrimas que versa dos olhos significam penitência, & contricção como narra Curcio livro III *lacrymae poenitentiae sunt indices*. E as mãos como em cocha a uma, na outra com a demonstração da dor, denotando a dor interna que sente o homem convertido à Deus por ter ofendido sua Divina Majestade a Hidra que tem sob os pés na forma que dissemos, nos demonstra que convém desprezar, & extinguir o pecado; o qual com grandíssima dificuldade se vence, & (se) joga por terra pois faz grandíssima resistência àqueles, os quais convertidos caminham pela via da saúde, que por tal representam a Hidra com orgulhoso olhar; & em ato de jogar por terra dita figura.

Diuitiae atalicae iaceant, aurumque comeque

Et levis haec tantum fascia membra tegas

Et modo iam menti sedeat sententia nostra,

Quae vela exornet pectoris alba mei.

*Hydra vel haec pedibus iaceat supposita * diris*

Ne illius pereant pectora nostra dolis.

Cuncta tenenda modo sunt haec de sede suprema

Luminibus pateant lumina clara meis.

CORREÇÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 120; pág. do PDF 192)

Mulher velha enrugada, que sentando na esquerda mão tenha uma fêrula, ou mesmo um estilete, & na outra com a pena emenda uma escritura, adicionando, & tirando várias palavras.

Se pinta velha & enrugada, por que como é efeito da prudência a Correção em quem a faz, assim é causa de pesar naquele, que dá ocasião de fazê-la, por que não costuma muito (se) aprar os outros à sentir corrigir, & emendar as obras suas: & por que a Correção se exercita na retenção que fazemos na **vid*a** ou das ações, ou das contemplações.

Se pinta com o estilete, & com a pena, que corrige as escrituras, provendo uma com o desbrazer do corpo à Conversação Política, a outra com os termos de cognição à beatitude Filosófica.

CARTOGRAFIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 121; pág. do PDF 193)

Mulher jovem vestida de cor alvejante* & que dito hábito seja simples, & curto. Que com a mão direita tenha o Monicometro, & por terra pelo mesmo lado se seja um globo com um pombo (em uma) parte desenhado, & com a esquerda mão um compasso, com a linha com um termo da mesma parte em terra.

Cartografia é dita por Coros, que em Grego significa lugar, e Grapho denota scrino, onde Corografia tanto vale, quanto descrição de um lugar, ou seja de uma Cidade, ou terra particular, ou mesmo país, mas não por demais grande, sendo este nome o mesmo pego (por) Tolomeu com o nome de Topografia, a qual propriamente falando, desenha um lugar particular.

Se pinta jovem, por que a Corografia no pegar os locais terminais, de Príncipes, & outras pessoas, muda os estados em maior, & menor forma renovando os domínios de qualquer um.

Se veste de cor alvejante pois esta pega diversamente os lugares. E sendo dito veestimento simples, & curto, é por demonstrar, que pegando as plantas & medidas de ditos domínios, mais facilmente, & com mais brevidade de tempo, se pega as partes menores (do) que as maiores.

Tem com a mão direita o Monicômetro sendo que com isso exatamente se pega todos os limites, & confins de qualquer domínio, como ainda alturas, & larguras terminadas.

O ter com a esquerda a linha, & o compasso denota que com ditos instrumentos delineando quanto tem pego com a operação de dito Monicômetro, coloca o termo, o qual é uso de plantar os confins por conhecer, & distinguir de todos o seu.

COSMOGRAFIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 123; pag. do PDF 195)

Mulher velha, vestida de uma Clamidita de cor celeste toda estrelada, & sob essa uma veste de cor terrestre, que esteja em meio de dois globos, da parte direita seja o Celeste, & da parte esquerda o Terrestre, que com a direita mão tenha o Astrolábio de Tolomeu, & com a esquerda o Raio* Lartino.

Cosmografia é arte que concidera as partes da terra respeito ao Céu, & acorda os pólos de um ao outro, sim que por esse nome Cosmografia, se entende o Mundo, sendo pelos Gregos, dito Cosmos, do qual se faz Cosmografia ou seja descrição, não somente por esse particular terrestre, mas ainda por todo o globo do Céu que faz o composto de todo o Mondo.

Se pinta velha pois o seu princípio teve origem pela criação do Mundo.

Se veste em cor cerúleo todo estrelado, e de cor terrestre como tivemos dito, sendo que essa figura participa sim das partes do Céu, como ainda da terra por que a representamos que esteja em meio de um, & de outro globo, demonstrando a operação sua com o Astrolábio que tem com a direita mão com o qual se pega a distância, e o intervalo, & a grandeza entre uma estrela, & outra, & com o Raio, que tem com a esquerda as operações, que se fazem em terra.

CONCIÊNCIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 124; pág. do PDF 196)

Mulher com um coração em mão perante aos olhos com este escrito em letras de ouro ΟΙΚΕΙΑ ΣΙΝΕΣΙΣ, ou seja a própria Conciência estando em pé em meio (à) um prado de flores, & um campo de espinhos.

A Conciência é a cognição, que tem qualquer um para com as operações, & pensamentos escondidos, e celados aos outros homens.

Por mais se pinta em ato de resguardar o próprio coração, no qual cada um têm ocultos os seus segredos, os quais somente à ele mesmo são à viva força evidentes.

Está com os pés nus no lugar sobredito, por demonstrar a boa, e má via, pelas quais qualquer um caminhando, ou com as virtudes, ou com os vícios, é apto a sentir as ásperas picadas do pecado, como o suave perfume da virtude.

CONSTÂNCIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 125; pág. do PDF 197)

Uma mulher, que com o braço direito tenha abraçada uma coluna, & com a esquerda mão uma espada nua sobre um grande vaso de fogo aceso, & mostre voluntariamente de querer-se queimar a mão, & o braço.

CREPÚSCULO DA MANHÃ.

□ Imagem. (pág. do livro 126; pág. do PDF 198)

Criança nua; de pele morena, que tenha as asas aos úmeros de mesma cor, estando em ato de voar no alto, terá em cima da cabeça uma grande, & reluzente estrela, & que com a esquerda mão tenha uma urna apontada para baixo versando com essa minuciosos respingos de água, & com a direita uma tocha* acesa, apontada para a parte de trás, e pelo ar uma andorinhazinha.

Crepúsculo (por aquilo que se refere Boccaccio no primeiro livro da Geneologia dos Deuses) vem dito por/(como crepero), que significa dúvida, concioso que parte se duvide, se aquele espaço de tempo seja por conceder à noite passada, ou ao dia que virá, sendo nos confins entre um, & outro. Onde por tal razão pintaremos o Crepúsculo de cor bruna.

Criança alada o representamos, como parte do tempo, e por significar a velocidade deste intervalo que logo passa.

O voar alto demonstra, que o crepúsculo da manhã se alça empurrado do amanhecer, que aparece ao Oriente.

A grande, & reluzente estrela, que tem sobre a cabeça, se chama Lúçifer, ou seja aporador da luz, & por essa os Egípcios, como se refere Pierio Valeriano no livro 46 dos seus Hiereglifos significavam o Crepúsculo da manhã, & Petrarca no triunfo da Fama, desejando mostrar, que essa estrela aparece no tempo do Crepúsculo assim diz.

Qual in sul giorno l'amorosa stella

Suol venir d'Oriente innanzi al Sole.

O espargue com a urna as minutíssimas gotas de água, demonstra, que no tempo do Verão cai o orvalho, & o inverno pelo gelo a geada, onde Ariosto sobre isso assim diz.

Rimase dietro il lito, e la meschina

Olimpia che dormia senza destarse

*Fin*che l'Aurora la gelata brina*

Dalle dorate ruote in terra sparse.

E Giulio Camillo em seu Soneto.

Rugiadose dolsizze in matutini

Celesti humor: che i Boschi inargentate

Hor tra gl'Oscuri, e lucidi confini

Della notte. & deldi, &c.*

A tocha arde revolta na forma, que dissemos, demonstra, que o Crepúsculo da manhã é mensageiro do Céu.

A andorinhazinha costuma comunicar à cantaravante (o) dia no Crepúsculo, como demonstra Dante no capítulo XXIII do paraíso assim dizendo.

Nell'ora, che comincia i tristi lai

La Rondinella presso alla mattina

Forse à memoria de suoi tristi guai.

E Anacreonte Poeta Grego, naquele seu lítico, assim disse em sua sentença.

Ad Hirundinem.

Quibus loquax, quibusnam

Te plectam hirundo poentes?

Tibi, quod ille Tereus

Fecisse fertur olim?

Vtrum ne vis volucres

Alas tibi recidam?

*Imam se*cemus linquam?*

Nan tu quid ante lucem

Meas strepens ad aures

E somnijs beatiss

Mihi rapis Bathyllum.

O que foi imitado pelo Senhor Felippo Alberti nos seus Quadernais.

Perche io pianga al tuo pianto

Rondinella importunata innanzi al die

Da le dolcezze mie

Tu pur cantando mi richiami al pianto.

A este se ajuntam outros versos de Natta Pinario, citados por Sêneca na Epístola 122.

Incipit ardentis Phebus producere stammis.

Spargere sed rubicunda dies, tam tristis hirundo.

Argutis reditura cibos immittere nidis,

Incipit, & molli partitos ore ministrat.

CREPÚSCULO DA TARDE.

⇒ Imagem (pág. do livro 127; pág. do PDF 199)

Criança ainda ele, é igualmente alado, & de pele marrom, estará em ato de voar para baixo para o Ocidente na cabeça terá uma grande, & reluzente estrela, com a direita mão terá uma flecha em ato de lançá-la, & se vê pelo ar, que as tenha jogado do alto, & que caem para baixo, & com a esquerda mão tenha um *nyctalus noctula* (morcego) com as asas abertas.

O voar para baixo em direção ao Ocidente, demonstra por tal efeito ser o Crepúsculo da tarde.

A estrela que tem em cima da cabeça se chama Héspero, a qual aparece no locomover do Sol, & segundo os Egípcios, como dice Pierio Valeriano no lugar citado acima, significava o Crepúsculo da tarde.

As flechas, na forma, que dissemos, significa os vapores da terra tirados pelo alto graças à potência do Sol, o qual distanciando-se de nós, e não havendo ditos vapores, que lhe sustentam, vêm à cair, & por ser vapores grossos, fluem mais, ou menos, segundo o tempo, e lugares úmidos, mais frios, ou mais quentes, mais altos, ou mais baixos.

Tem a Noctula com as asas abertas, como animal próprio, e se vê voar neste tempo.

CRÉDITO.

⇒ Imagem (pág. do livro 128; pág. do PDF 200)

Homem de idade viril, vestido nobremente de veste longa, com um colar de ouro ao pescoço, senta, com um livro em uma mão pelo(s) comerciantes **dito o maior**, em cujo capa, os atrás escrevesse asse incisão *solutus omni foenore*, & a pé seja um Grifão sobre um monte.

Porque mais à baixo sequiremos o Débito, é racional, que primeiro representamos o Crédito.

O temos figurado em idade viril, por que na virilidade se adquire o Crédito, o hábito longo adiciona crédito, & por mais os Romanos Senadores andavam togatos: tal hábito portou Crasso, & Locullo* Senadores de grande Crédito, os quais mais de qualquer outro possuíam faculdade, & riquezas.

Porta um colar de ouro, a razão é em prontidão*, por que somente a aparência do ouro concede Crédito, sobre o qual é fundado.

Senta por que com aqueles, que têm Crédito estão em repouso com a mente tranqüila.

O livro maior entendemos, que seja somente do ter, o que se exprime com esse versinho de Horácio. *solutus omni foenore*. ou seja livre de qualquer débito, tal que no livro não se compreenda partida alguma do dar, mas somente do ter, pois aquele é o verdadeiro credor, que não tem por dar, mas somente à receber, nem consiste o crédito à traficar, & fazer-se nomear com o dinheiro de outros, como fazem os mercantes por não dizer todos, que por isso facilmente falem, mas consiste em possuir totalmente do seu próprio sem ter de dar nada à alguém.

O Grifo foi em grande crédito pego pelos antigos, & por mais se serviam por símbolo de custódia, & que seja verdade (que) se veja posto à todas as coisas sacras, & profanas pelos Antigos, à Arte, aos Sepulcros, às urnas, aos Templos públicos, & privados edifícios, como corpo composto por animais vigilantes, & generosos, quais são a águia, & o Leão, sim que o Grifo sobre o monte significa a custódia, que deve ter um do acúmulo das suas faculdades se assim deseja (se) manter em Crédito, & deve fazer à (tal) ponto, como o Grifo os quais particularmente custodiam certos montes Scithi*, & Hiperborei*, onde são pedras preciosas, & pulsos de ouro & por mais não permitem, que nenhum se encoste, sim como se refere Solino onde Bartholomeu Ânglico *De proprietatibus reru-* livro XVII capítulo 24 diz *Custodium Gryphes montes in quibus sunt gemmae praeciosae vt smaragdi, & laspes, nec permittunt eas aufere*. O mesmo confirma Plínio livro VI capítulo II racionando sobre (os) Scithi. *Quibus assidue bellum*

esse circa metalla cum Griphis ferarum volucris genere, quale vulgo traditur, eruenta ex cuniculis aurum mira cupiditate, & feris custodientibus & Arimaspis rapientibus. O mesmo nome têm os Grifos na Índia, como afirma Filostrato livro VII capítulo I *Indorum autem Griphes, & Aetiopum formicae quamquam sint forma dissimiles, Eadem tamen agere student, Na- aurum vtroque custodire prohibentur, & terram auriferam adamare.* Assim eles, que têm Crédito não devem deixar encostar ao monte da **avareza sua pessoal**, que são por destruí-lo, com seres com segundas intenções*, adutores, que o agravam com o tempo em qualquer circunstância*/segurança* ou mesmo em uma prestação (de serviço), que jamais ali* se rende, nem* (se) parasita, que lhe fazem desperdiçar tudo em **futilidades**, como* Jigolôs, Meretrizes, & outras gentes infames, que dariam cabo à qualquer quantia de ouro, assim que fugindo estes tais estarão em perpétuo Crédito, & viverão com as suas (próprias) reputações, por que se não expulsarem símiles transcuradas & viciosas pessoas, perderam as coisas, e o Crédito, & andarão vagando com decepção, & ignomínia sua.

CURIOSIDADE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 129; pág. do PDF 201)

Mulher com vestimento vermelho, & azul, sobre o qual se são esparças muitas orelhas, & rãs, terá os cabelos esparços*/extendidos, com as mãos levandas, com a cabeça sobressaia para fora, & será alada.

A Curiosidade é desejo desenfreado d'aqueles, que buscam saber mais daquilo, que devem.

As orelhas mostram, que o curioso tem somente/para si* o desejo de entender, & de saber coisas referidas à outrem. E S. Bernardo *de gradib. superb.* desejando demonstrar um Monge curioso, o descreve com estes signos assim dizendo. *Si videris Monacum euagari, caput erectum, aures portare suspendas. curiosum cognoscas.*

As rãs por ter os olhos grandes são indício de Curiosidade, e por tal significado são pegadas pelos Antigos, por isso os Egípcios, quando desejavam significar um homem curioso (o) representavam (com uma) rã, e Pierio Valeriano disse, que os olhos da rã, ligados à pele de cervo juntas com carne de rouxinol fazem o homem em alerta, & acordado pelo que nasce o ser curioso.

Tem altas as mãos, com a cabeça sobressalente por que o curioso sempre está em alerta & vivaz por saber, & entender de todos os lados as novidades. O que demonstram

ainda as asas, & os cabelos em pé, que são os pensamentos vivazes, & as cores do vestimento significando desejo de saber.

< ITENS COM D >

TAXA OU MESMO IMPOSTO.

Do Senhor Gio. Zaratino Catellini.

⇒ Imagem (pág. do livro 131; pág. do PDF 203)

Um jovem robusto, como se pinta Hércules, com músculos, & nervos eminentes, será coroado em carvalho, na mão direita terá um alicate, ou tesoura de **lã**, ao pé uma ovelha, da mão esquerda terá espigas de grão, ramos de Oliveira, e cachos de uva, que pendem, **estará em veste sem manga**, e descalço, com braços, & pernas nuas, & limpas até a planta dos pés de mesma forma musculosos, & com nervos sobresalentes. A Taxa fôra no Egito primeiramente imposta por Sefostre* Rei do Egito sobre (os) terrenos, à forma de **marcações** contínuas por quanto se recolhe em Heródoto livro II No primeiro livro dos Adversários de Turnebo capítulo V temos que ainda os Romanos recorrecem Imposto, & **décima de formentos** os campos, Caligula fôra então inventor de Impostoss sórdidos, inauditos, & novos: impôs Taxa sobre qualquer coisa de comer que se portava em Roma; Dos litígos, & juízes queria a quadragésima parte; Dos carregadores a oitava parte do ganho, que faziam cada dia assim ainda das Meretrizes o pagamento de uma vez, deu que Suetônio na vida de dito Imperador capítulo XX.

Se tem por figurar robusto, por que a renda de Impostos concede grande posse ao príncipe, & às comunidades, onde Marco Túlio pro*/(para) Pompeu assim disse.

*Vectigai*ta neruos esse Reip. semper duximus.*

Se exprime majoritariamente essa robustez com a coroa de carvalho, pois a etimologia da robustez se deriva da voz latina *Robur*, que significa o Carvalho, e planta*; como árvore duríssima, corajosa, forte, e durável, convem-se logo tal coroa ao Imposto, como que seja coroa Cívica, assim chamada de Aulo Gélío*, que se concedia à alguém que tivesse salvado qualquer Cidadão, sendo que o efeito do Imposto é de conservar, e manter todos os Cidadãos, & assim como o Carvalho era consagrado a Giove, porque na sua tutela tiveram os **Gentili fossem as cidades???**, assim deva-se dar a Taxa, como aquilo que cresce (de) força aos Príncipes em todos os quais estão as Cidades.

O alicate de tosar lã às ovelhas alude àquilo que disse Tibério Imperador, que no princípio do seu Império dissimulou a ambição, & a avareza, na qual se mostrou então ser totalmente submerso, desejando ele então dar boa aparência de si, respondeu à certos presidentes, que o persuadiam à impor novos agravos às Províncias. *Boni pastoris esse condere pecus; non deglubere*, ou seja que o bom Pastor deve tosar as Ovelhas, mas não operar além do necessário*, o que se infla com o dito de Alcamente* filho de Telecro*, o qual demandado em que modo alguém poderia conservar bem o Reino, respondera; se não será abusivo o ganho. Apotegma* Lacônico* de Plutarco.

Na outra mão, lhe se metam as espigas de grão, ramos de Oliveira, & cachos de uva, por que sobre estes três frutos desta terra, de grão, farinha, óleo, & vinho se impõem principalmente (n)o Imposto, principalmente digo, sendo certo que sobre muitas outras coisas Taxa se impõe, entre as outra Vopisco escreve que Aureliano Imperador constituiu o Imposto para o vidro, para a carta, para o linho, & para a estopa, sabendo ainda por relações de Botero, que o Rei da China arrecada por ano cento e oitenta mil escudos por Imposto pelo sal da Cidade de **Cantão***, & cento outros mil escudos pela décima sobre o arroz de uma terra da mesma Cidade. Imposto de mesma forma pelo sal necessário aos pobres e ricos se pôs em Roma no ano de 1606 junto com a taxa sobre a carta, & com a Taxa de tudo nova, sobre a neve*, **a qual não agrava se não àqueles que desejam as penas de montanhas (por) querer em delícias da gula**, por usar as palavras de Plínio livro XIX capítulo IV à cujas tempo não encobria tanto em neve*, por agora se fala: pois pelo seu falar, no lugar citado, & no livro 31 capítulo III não se servem, se não por refrescar a água & alguns a conheciam antes segundo a invenção de Nero por pegar seguramente o dileto pelo fresco sem os defeitos da neve: Agora se servem não somente por refrescar a água, mas o vinho, a salada, as frutas, & outras coisas do Verão, & do Inverno; & aquelas, que são infelizmente à tal frescura refrescam, quando se purgam, , os xaropes, & os medicamentos; tanto que se arrecada, seis mil escudos de Imposto em Roma.

Os braços, e pernas nuas, e limpas, sendo que esses membros são em virtude das mãos, & dos pés ministros das operações, & andamentos humanos, & executores dos nossos pensamentos, significam, que a Taxa deva ser imposta pelo Príncipe com ânimo sincero, e pura abstração pelo desejo, que o tempo & a ocasião dita, com andamento, e desejo franco, e leal, de beneficiar não só a si quanto ao público & aos povos seus, & não por mera avareza, & pensamento do próprio interesse: nem devam comportar, que os seus officas venham inventando, como vulgarmente se diz novos cobradores*, &

assediadores de Imposto sobre coisas vis, **foscas**, & pouco honestas como fizera Vespasiano Imperador o qual ávido pelo dinheiro impôs taxa até na urina do que fôra pego (também) por Tito seu primogênito filho; & ainda que o pai lhe respondesse, que o dinheiro arrecadado por tal Imposto não emanavam* da urina não resta então que o ânimo seu não se incomodasse como mal (o) odor da(s coisas) vis, & sordidez contrária ao ânimo de um Príncipe, que deve ser generoso, e Magnânimo. Mas o interesse o cegou, & lhe fizera expulsar da mente as ponderações que lhe dera Apolo entre (as) quais era que não ficasse as riquezas de tributos recolhidas pelos suspiros do povo, assim como Filóstrato deixou escrito ao livro V capítulo XIII. *Atrum enim sordidumque putandum est aurum quod ex lacrymis oritur*. Onde fôra de mesma forma culpado Domiciano Imperador, segundigênito de dito Vespasiano, que impôs tributo in suportável aos Judeus, com ordem que quem dissimulasse de não ser Judeu para não pagar o tributo fosse constringido à mostrar as secretas, e vergonhosas partes a fim de ackarar-se de que eram corcuncisadas, ou não, tributo, & ordem **(de)** engenho, referido por Suetônio em Domiciano ao capítulo XII. *Interfuisse me adolescentum menimi, cum a Procuratore frequentissimoque consilio inspiceretur nonagenarius senex na circumspastos esset*. Sobre de que brinca Matrial contra Chreso* ao VII livro.

Sed quae de Solymis venit perustis

Damnatam modo mentulam tributis.

O qual tributo quanto seja meritável de culpa, e vergonha claramente se compreende*, pois cada galante homem ao arbítrio do procurador fiscal podia ser acusado, & enculpado de seita judaica, & constringido à mostrar o prepúcio, qquando sem réplica não desejasse pagar a Taxa, e por mais pelo outro canto louvado vem o seu sucessor Nerva Cocceio Imperador, que levou sim insuperável tributo, pelo que foi batida em honra sua, por decreto do Senado Romano uma Medalhia de prata, com o seu retrato, e nome por um canto, & pelo outro uma silhueta* de árvore da Palmeira em meio à essa duas letras S. C. & cada entorno *Fisci Iudaci Calumnia sublata*, Cerca das quais calúnia, acusações, e injustos Impostos levados, & vetados por Nerva Imperador **lê-se Dione** em sua vida à exemplo deste último Imperador, devem os Príncipes aliviar os povos de qualquer indevida imposição, não que agravá-los com novas, & ásperas Taxas.

DÉBITO DO SENHOR GIO. ZARATINO CASTELLINI.

⇒ Imagem. (pág. do livro 132; pág. do PDF 204)

Jovem **pensoso***, & misto, de hábito rasgado, portará o chapéu verde na cabeça, em ambos os pés, & ao pescoço um ajuntamento de ferro em forma de um círculo redondo

grosso, terá uma cesta em boca, & em mão um chicote, que em cima das cordas tenha bolinhas de chumbo, & uma lebre aos pés.

Esta figura parte é representada por coisas naturais, parte por costumes presentes, & parte por várias penas antigas, & humilhantes, com as quais se puniam os devedores.

Se pinta jovem, por que o(s) jovem(ns) pelo mais são transcurados, & não tem amor à **roupa**, & se ninguém é pensoso, e misto, certo aqueles é que têm por pagar os débitos.

É rasgado, por que desperdiçado que tem a sua roupa, não achando mais crédito, vai como um mendigo.

Porta o chapéu verde na cabeça pelo costume, que se usa hoje em dia em muitos países, nos quais à perpétua infâmia os devedores, que não tenham o modo de livrar-se do débito, são forçados à levá-la, & por mais se diz de um falido, o qual é reduzido ao verde.

Se representa encadeado pelos pés, & pelo pescoço, por que antigamente eram assim constrangidos das leis Romanas, as cujas palavras são essas referidas por Aulo Gellio livro XX capítulo I.

Acris confessi, rebusq', iure iudicatis triginta dies iusti sunt. Post deinde manus iniecto esto, inuius duc*ito, ni iudicatum facit, aut'qui pseudo coin iure, vim dicit si cum ducito vincito, aut neruo, aut compedibus quindecim pondo, ne minore aut si volet maiore vincito. Si volet suo viuito. Ni suo viuit, qui cum vinctum habebit libram fratris in dies dato. Si volet plus, dato.*

Onde são de advertir pela nossa figura estas palavras. *Vincito, aut neruo, aut compedibus*. Ou seja se lê o devedor com o nervo, ou com os cepos, busca de que é por saber que coisa seja Nervo, assim declarado por Festo.

Neruum appellamus etiam ferreum vinculum, quo pedes, vel etiam ceruices impediuntur.

Ou seja se chama ainda nervo uma “prisão*” de ferro, com a qual se têm impedidos os pés, & ainda o pescoço, o qual nervo de ferro (segundo o texto supracitado) não podia ser menos/menor* de quinze libras, mas se bem maior pelos devedores, os quais ainda se puniam as vezes capitalmente, ou mesmo se vendiam fora de Trastevere, como diz no mesmo lugar Aulo Gellio. *Tertijs autem nundinis capita panas dabant, aut Transtyberim peregre vinum ibant*. E se os credores eram mais, à seu arbítrio se cortava os preços (d) o devedor. *Nan si plures forent quibus réus esset iuducatus, secare si vellent atque partiri corpus addicti sibi hominis permiserunt; verba ipsa legis haec sunt. Tertijs nundinis partes secanto, si plus, um*eus*ve secuerunt sine fraude est.*

O que por mais sendo demasiada atrocidade, & desumanidade, não se seguiu jamais similar pena, avante isso dissera o mesmo Gellio antigo autor, que não tem jamis nem lido, nem ouvido de algum devedor, que tivera sido dividido em mais partes. Achasse bem em Tito Lívio Dé* cada primeira livro I, que os devedores se davam em serviço aos credores, & que eram por eles ligados, & **colocados próximos**, assim como se lê em Lúcio Papiro, que tem ligado Plúbio júnior/jovem, e o frustrou lhe sendo devedor, não tendo ele querido agradar aos apetites ilícitos de Papiro, por quanto narra Testor. *L. Papirius inquit Publium adolescentem in vinculis tenuisse, plaquisque & contumelijs affecisse dicitur, quod stuprum pati noluisset, cum Publius eidem esset debitor.* A mesma pena afirma Danílio Halicarmásico* livro VI & adiciona ainda que não somente os devedores, mas ainda os seus filhos se davam em serviço aos credores; & assim se é dito por estudos curiosos. Terá em boca uma cesta; ou uma corda, que dizer queremos, por que se acha nos geniais de Alessandro livro VI capítulo X que, segundo os Boetes* nos confins da Grécia, não se era a maior infâmia daquela do devedor, que era forçado* sentar em praça, & em presença da plebe pegar com (a) boca em cesto vazio, como aquilo que tinha devorado todo o seu, & **votada a Gorba** de cada faculdade, ou substância.

Terá em mão o chicote de chumbo pois os devedores em Roma foram açoitados com bolinhas de chumbo, até o tempo de Constantino o qual como Pio, & Cristiano Imperador fôra o primeiro que liberou os devedores de tal ímpia pena, coisa registrada pelo Cardeal Barônio no volume dos Anais, no ano do Senhor 33 capítulo 24 se bem muitos anos depois o Império de Constantino, comandou Theodósio, Valenziniano*, & Arcádio Imperador que se algum Centurião, falisse*/saísse* com o dinheiro do público fosse feito chicotear com bolas de chumbo segundo o concenso antigo, o qual decreto mais amplamente se estendo no Código de Juitiziano livro X título 31 lei 40.

See põe aos pés a lebre por timidez, assim como a lebre teme qualquer trovoada, e se assusta quando junto aos cães, assim o devedor tem medo do fracasso das citações, intimidações, & mandatos, & cada dia teme de ser pego pela polícia, & por mais, se é patrício, à forma de lebre se põe em fuga.

DECORO.

Do Senhor Gio. Zaratino Castellini.

□ Imagem (pág. do livro 134; pág. do PDF 206)

Jovem de belo, & honesto aspecto, porta endosso uma pele de Leão na palma da mão direita tenha um quadrado, em cujo meio será pintada a figura de Mercúrio, pela mão

esquerda tenha um ramo de Amaranto vulgarmente dito flor de veludo com esta incisão ao redor. *Sic Floret Decência Decus*. Do mesmo se pode ainda coroar, & aflechar* o hábito, que será uma saia longa até o joelho, no pé direito tenha uma bota, no esquerdo um tamanco.

É jovem belo por que o Decência, é ornamento da virtude humana.

É honesto, pois o Decência está sempre unido com o honesto: império que o Decência assim como devotamente discorre Marco Túlio ao primeiro dos ofícios geralmente se pega por aquilo, que em qualquer honestidade consiste: & é de duas vertentes, por que à esse Decência genérico se é sujeito um outro, que aparece à qualquer parte de honestidade. O primeeiro assim define se dejamos. A Decência, é aquele, que é conveniente à excelência do homem, que na natureza sua por outros animais se difere. A outra parte, que é sujeita ao gênero, assim a definimos. A Decência é aquilo, o qual é tanto conveniente à natureza, que nisso apareça a moderação, e temperança, com um certo viés nobre, civil, e livre. Sim que a Decência difusamente se abrange em qualquer coisa, que apartenha ao honesto geralmente, e particularmente em cada arte da virtude; império que assim como a beleza do corpo com proporcionada compaixão de membros, conforta, e move os olhos; e por isso mesmo diletta, por que **para si** todas as partes com uma certa graça convêm, e correspondem, assim a Decência, que na vida acena* mover à aprovação daqueles com os quais se vive com ordem, constância, e moderação de qualquer dito, e fato: do que se recolhe, que a Decência se observa no falar, & operar honestamente, e conciderar aquilo que se convenha seguir, & continuar, a continuação às coisas justas, & honestas, como boas, e convenientes, expulsando-se as injustas, e desonestas, como más, & inconvenientes, contrárias à Decência, & ao honesto, o qual nasce, de uma dessas partes; ou pelo resguardo; e diligente observância do verdadeiro, ou do manter a Conservação humana, & o comércio dando o seu à qualquer um, segundo à dada fé, nas coisas contrárias ou pela grandeza, & fortaleza de ânimo excelso, & convite à qualquer coisa, que se faz, & se diz com ordem, & modo, no qual se é a modéstia, a temperança, & cada mitigação de perturbações de alma, no qual coisas se contém à Decência, a cuja força, é que não se possa separar do honesto, pois aquilo, que é conveniente é honesto, & aquilo, que é honesto é conveniente. Onde Marco Túlio disse. *Hoc loco continetur id quod dici latine Decoru- potest. graecè enim (πο*ε-ποψ*) dicitur huius vis est, vt ab honestó non queat separari; nam et quod decet, honestum est, & quod honestum est, decet*. Mais abaixo adiciona. *Et iusta omnia decora sunt iniusta contra,* vt turpia sic indecora. Similis est*

*ratio fortitudines, quod enim, viriliter animoque magno s*f*it, id dignum viro, & decorum videtur: quod contra id vt turpe, sic indecorum.*

Por demonstrar essa grandeza, fortaleza, & excelsa virtude da alma, que a Decência requer, a temos figurada com a pele de Leão endossada, previsto que os antigos preferiam a pele de Leão por símbolo do valor da virtude, e fortaleza de alma, a qual assinar costumavam àqueles, que tivessem observado a devida Decência, e se fossem mostrados generosos, fortes, e magnânimos, pois tudo aquilo que se faz virilmente, e com ânimo grande, aquilo parece digno, de homem que observe a Decência, pelo contrário a privo de Decência é aquele que vive efemeramente, sem constância, e grandeza de alma. Baco tido por Orfeu por símbolo do divino intelecto, em Aristófanes porta consigo a pele de Leão, Hércules o mais viril, & mais viril dos Argonautas vai sempre envolto à pele de Leão Ajáx primeiro Capitão dos Gregos, depois (de) Aquiles, segundo ainda eles pela sua Decência (portava) a pele de Leão, & diziam, que naquela parte que era coberto de dita pele não podia ser ferido, onde era descoberto poderia ser ferido, ao que se pode dar esse belíssimo significado, que o homem naquelas ações nas quais se porta com Decência, não pode ser **usado** em pinturas como culpável*, & ignonímia, mas nas ações nas quais sem Decência se porta, sofre pontas de culpa, & ignonímia, que chegando ao coração lhe penetra, como à Ajax, o qual se portou virilmente com Decência, nas suas impresas, não vem jamais a sentir culpa (por) alguém, mas a reportar louvos grande, **censura** grandíssima lhe fôra dada, quando fizera cair a pele do Leão, ou seja à a fortaleza da alma dando-se em presa à desesperação sem Decência. Sobre isso temos envolto a Decência na pele de Leão, pois assim como esse animal em quanto ao corpo é o melhor composto, & perfeito pelos outros, assim em quanto ao ânimo, não nos é quem observe mais a Censura dele, por que é liberal magnânimo, amador de vitória, manso, justo, & amante daqueles com (os) quais conversa, assim como dissera Aristóteles na fisionomia* capítulo VIII & no livro IX capítulo 44 dos animais, diz que não é desconfiado*, mas prazeroso, festejável, & amoroso com seus companheiros, & familiares. Não se **adira*** com o homem se não é ofendido, é racional no punir, se pega um que lhe tenha dado cansaço ligeiro, não o matou com as unhas*, o abala somente, & como lhe colcou medo o deixa andar. Mas procura por bem punir gravemente, quem o tiver agredido, & ferido com dardos, ou espetos. Em Eliano por autoridade de Endomo se compreende, que lhe desagradam os ultrajes, e de mesma forma os pune, pois narra Eliano, que foram por um treinados juntos um Leão, um Urso, & um Cão, os quais viveram* longo tempo sem algum

contraste doméscante: Mas o Urso um dia atirou-se (&) matou o Cão: O Leão vista a injustiça feita à companhia, não pode partir similar ultragem, onde ele fizera ímpeto contra a urso, a matou, & comoo justo Rei à morte a puniu. Plínio se refere, que é animal grato, & recordável de benefícios, que é clemente, & perdoa à quem se/lhe humilha, mostra sempre nobreza, & generosidade de alma, & se jamais é constrangido por muitíssimos por cães, & caçadores à ceder, não se coloca de repente fronte aos olhos (d)eles em fuga, esperando-se* de conservar* reputação, como coisa fora de qualquer Decência inconveniente à um generoso Rei de sua parte*, mas em belo modo passo à passo se retira, e de quando em quando para manter a Decência senta em meio do campo sem arma contra eles, & mostra desprezar fim à tanto*, que achando qualquer mancha não vista por ninguém com veloz fuga se esconde, & se embosca outras vezes, como razoável se oculta não por que tema, mas por não transparecer temor, e terror aos outros, & quero dizer observa a Decência do Príncipe, & Reis em toda parte; E isso seja dito sobre a Decência de operar; vejamos agora a Decência no falar.

O quadrado com o sinal de Mercúrio significa a severidade, estabilidade, & constância do falar conforme a Decência, & por tal conta Mercúrio fôra pelos Gregos apelidado Tetragonos ou seja agradável solo, estável, prudente, por que não se deve ser imprudente, vário, e mutável, no falar fora dos termos da Decência, nem se deve com lejeireza correr à morder, e culpar com o falar as pessoas, & desprezar aquilo que esses sentem sendo assim por arrogante, & dissoluto, mas sim deva falar com uma certa reverência à alguém, como adverte M. Túlio falando da Decência acerca (d)a moderação dos fatos, & ditos. *Adhibenda est igitur quaedam reuerentia aduersus homines, & optimi cuiusque reliquorum. Nan negligere, quid de se quisque sentiat non solum arrogantis est, sed etiam omnino dissoluti.* De modo que se deva ser conciderado no racionar falando honrosamente de outros: pois quem fala bem, & honrosamente de outros é sinal, que é pessoa benigna, & honrada, quem fala mal é sinal, que é pessoa cruel, maligna, invejosa, & pouco honrada, qual é apreendido (por) Homero Thersito de língua serpentina, volúvel, & pronta a falar pessimamente, & dizer mal do seu Rei pelo contrário Ulisses é taciturno, & **matutante primeiro*** que fale, no falar logo é quadrado, eloquente, e prudente. conhecendo ele, como sábio, & reparante, que por observar(-se) a Decência de um homem sábio, a língua não deve mer mais veloz de que a mente, devendo-se pensar muito bem, como se tenha à pensar. *Linguam praeire animo non permittendam.* Disse Quiron Lacedenônio*, & muito bem pensar se deve por que o falar é indício da alma de qualquer um, segundo, como fala com Decência, & por mais ainda

pelos Gregos fôra chamado o falar **Ἀνδρὸς χαρακτήρ** Hominus character. Merco do homem, como se refere Pierio Vittorio nas várias lições livro IX capítulo VI por que assim como as bestas se conhece pelo **grito** de qual raça sejam, assim as pessoas pelo falar se conhece de qual natureza, & condição sejam. Epiteto* Filósofo moral, como Greco disse no Enquiridio. *Praefige tibi certum modum, & characterem quem obserues, Tum solus t*acum, cum alijs conuersans, operan datne in colloquiaplebeia descendas, sed, siquidem fieri potest, orationem transfer ad aliquid decorum, sin minus, silentium age.* Ou seja formados (de) um certo modo, ou character por observá-lo **por si** mesmo privadamente & em evidente concervando com os outros, procura por não incorrer, em discursos plebeus, mas por quando se pode transferir-nos (a)o falar em qualquer coisa que tenha da Decência, ainda que esteja demasiadamente **quieto**. Observa-se ainda a Decência no falar com o racionar discretamente de outros, com o não repelir* alguém, mas sobretudo louvar, & com o não taixar as obras alheias maximamente em coisas, que não são da sua profissão, esperado que muitos fazem dos universais, & em qualquer coisa desejam interpor o seu* juízo, o qual então no falar se dão a conhecer por ignorantes com pouca sua Decência, como o Príncipe Megabizo, que deseja taxar algumas figuras **em casa de Zeuxide**, & percorrer com os escolares seus, pela arte do pintar, em cujo Zeuxide disse (que) esses jovens enquanto faziam a admiração como Príncipe ornado de púrpura, agora se riem de você, que deseja racionar de uma profissão, que não saiba: demais observar principalmente a Decência no falar se dando caminho à palavras feias, & honestas, se racionará de coisas honestas, & honrosas, o que se convém maximamente à jovens de belo aspecto, pois à beleza sua do corpo deve corresponder à beleza do ânimo, que se manifesta por um falar de coisas honestas.* Vendo Diórgenes Filósofo um jovem belo, que falava sem Decência, disselhe não te vergonhes tu de defender(-te) por uma bela bainha de marfim, uma faca de chumbo? Pegando a bainha de marfim, pela beleza do corpo, & a faca de chumbo, pelo falar de coisa feia, vil, & ínfima, como o chumbo, entre os metais, vê-se Laercio na vida de Diórgenes, onde diz. *Videns decorum adolescentem indecore loquentem, non erubescit ait, ex eburnea vagina plumberum educens gladium?*

O Amaranto, que na esquerda mão porta, é flor que a cada tempo floresce, mantém a sua Decência pela beleza, com isso os Gregos em Tessaglia encoroavam o sepulcro de Aquiles único seu Decente*, por demonstrar, que assim como essa flor nunca perece, assim a sua fama faria para sempre durar, assim como Antônio Thilésio, no seu tratado

do algodão. *I bessali Achilis sui monumentum Amarantho coronabant, vt ostenderent quemadmodum flos ille nunquam interit, sic eius famam perpetuo daraturam.* É dito Amaranto pois jamais murcha, & se aos tempos ásperos do turbulento inverno ao quanto vem faltando, refrescado com a água encorajado retorna ao primeiro estágio, & revigore tanto, que dele se pode fazer coroa ainda de inverno, assim com dissera Plínio livro XX capítulo VIII assim o homem se pelos ásperos, & turbulentos casos deste instável Mundo ofendido venha à faltar de ânimo, refrescado-se com a água da Decência, ou seja reduzindo-se na mente aquilo, que se convém fazer em tais ocasiões ressurgue no florido estado de alma primário, & faz coroa de louvor, & de honras nos tórbidos tempos à si mesmo, mediante a Decência por mais vá encoroadado, & enfeitado de Amaranto, & vem o movimento em torno à flor, que diz, *Sic floret Decoro decus.* Ou seja que a honra pela Decência se aflora em cada tempo, como o Amaranto: por que o homem se rende forte mediante à Decência, & se mantém condescendente/condizente ao logo do tempo: quem vive com Decência nos tempos bons & felizes, não se insere de soberba, nos maus, & infelizes não se perde de forma vil o ânimo. *Dum secunda fortuna arri-det superbire noli, auversa persi*t*repente noli frangi.* Disse Cleobolo Filósofo, enquanto a próspera sorte te favorece não te queiras estar em soberba, fazendo fracasso a perversa sorte, não te queiras horrorizar, e romper: mas isso não pode querer quem se governa sem Decência, que faz o homem forte, & magnânimo: como Cipião Africano, o qual jamais se tornou soberbo ainda que vitorioso pela prosperidade da sorte, nem pela adversa se perdeu de ânimo, nem é maravilha se este honesto, & generoso Capitão Romano, não tanto pelo valor seu, quanto pela Decência de bons, & honestos costumes vem naquele diálogo de Luciano por Minos justo juiz judiciado digno de preceder à Alexandre o Grande & à Annibal Cartaginense Capitães muito austeros*, soberbos, vingativos, inconstantes, & pouco honestos, sem Decência de alma verdadeiramente forte & magnânima. E isso é aquilo, que deseja aferir M. Túlio no primeiro dos ofícios. *Omnino fortis animus, & Magnus duabus rebus maxime cernitur, quarum vna in rerum externarum despicientia ponitur, cum persuessum sit nihil hominem nisi, quod honestum decerumque sit, aut admirari, aut optare; aut expetere oportere, nullique neque homini, neque perturbationi animi, nec fortunae* succumbere.* pelo que se recolhe, que um, que seja verdadeiramente homem não se apete se não o honesto conforme a Decência, e por tal conta, como de grande, & forte alma não ceda às perturbações, & aos golpes do destino: Onde mais abaixo querendo Túlio pensar sobre a Decência, exorta, que nas coisas prósperas, e nas consequências, que sucedem segundo o nosso desejo

grandemente se fuja a soberba, e a arrogância império que o porta imoderadamente nas coisas adversas, & nas favoritas* é sinal de legeireza, da qual é longe a Decência por que a Decência contém em si uma honesta, temperança, modéstia, & cada moderação de perturbações da alma: moderação digo por que se pode sem (alguma) culpa (se) perturbar, mas moderadamente que se bem a mente sua vem às vezes em parte sensibilizada de qualquer movimento, e perturbação da alma, não por isso perde a Decência, convém ao homem sábio. *Sapiens non omnino perturbationibus vacat, verum perturbatur modicè* segundo Aristóteles em Laertes*. Na verdade é coisa próprio do homem o martirizar-se, e se satisfazer, o não martirizar-se, e não se satisfazer, é coisa de uma porta, ou pedra. *Non dolere stipitis est, non hominis*. dissera S. Agostinho livro IX capítulo IV de *Ciuitate Dei*, & Plínio segundo ao livro XIII das Epístolas escreve à Paterno endolorido pela morte de seus filhos, onde não tem por homens grandes, e sábios aqueles, que se reputam de serem sábios, & grandes com a reputação similar quase um rápido dano, ainda não lhe reputa (aos) homens assim dizendo. *Qui an magni sapientesque sint nescio, homines non sunt, hominis est enim affici dolore, sentire, resistere tamen, & solatia admitere, non solatijs non egere*. É ainda coisa do homem, dar lugar à dor, & à alegria, **nem que** seja contrária a dureza de Sócrates que jamais mostrou sinal de tristeza, & de alegria, nem a severidade de Anaxágoras, & de Aristóstenes, que jamais riam, pois estes excederam o termo do dever, tanto mérita culpa quem jamais (se) martiriza ou (se) alegra, quanto aquilo, que em demasia, cada extremo é vicioso como o contínuo riso de Demócritos & o contínuo choro de Heráclito, a Decência nos coloca pela via do meio, e nos mostra aquilo que comporta (a)o dever, (a)o honesto, & (a)o conveniente, conveniente é que nas coisas públicas, & privadas de parentes, senhores de casa, & amigos prendam alegria, ou triteza, prazer, ou desprazer segundo os casos, que à jornada ocorrem, & que fazemos demonstrar exterior de congratulação, ou condolência: mas como dito temos nos nossos afetos, e movimentos de ânimo, queremos alegrar-nos com a moderada honestidade, e conveniência da Decência, em tal maneira a virtude da alma, se verá sempre florida em qualquer tempo como o Amarato.

Temos discorrido sobre a Decência do operar, e do falar, resta, que tratemos ainda da Decência sobre o andar, caminhar, e comparecer entre as gentes, que por isso a perna direita temos dado o grave cothurno, & a esquerda o simples soco, se bem Hércules se ri de Aristófanes de Bacco, que portava a clava, & a pele de Leão, com os cothurnos às pernas como coisas desproporcionadas, sendo a pele de Leão expólia de pessoas fortes,

reputando a bota, mole, e delicada pessoa, e por mais dissera-lhe Hércules, que tem por fazer o cothurno com a clava.

Sed non potens sum, arcere risum

*Videns pellem Leonis in crocco positam.**

*Qua mens? quid cothurnus, & clauacomti*niunt?*

Mas muito bem à Bacco se convém o cothurno, que por mole, & delicado reputar não se deve, por que os cothurnos eram portados como heróis, como se afere Isidoro a cuja autoridade mais à baixo distrincharemos, logo é que nos trágicos espetáculos se utilizavam, esperado que nas tragédias se interviessem personagens grandes, Heróis, & Príncipes, por tal causa pelos Poetas vem estimado digno de Herói, e Plutarco no Sympósio 4.q.5 refere-se, que era portado pelos Pontífices Hebreus. *Primum enim arguti hoc Pontifex Maxim, qui festis diebus mithratus ingraditur hinnulli pellem auro contectam indutus, tunicamque ad talos pertinentem gestans, & cothurnos, multa autem lintinabula dependent de veste, quae inter ambulandam strepitum edunt, vt & apud nos.* Por similitude deste hábito gabando-se Plutarco assim como ainda Tácito bobamente se comenta que fosse sacerdote de Bacco portado pelos heróis, & Pontífices naquele tempo com muita sua Decência. Bacco tido pelos Poetas símbolo de espírito divino, Presidente ainda esse das Musas, & primeiro herói, que tenha triunfado levar poderia junto com a Clava, a pele de Leão o heróico cothurno, & por mais nas poesias, e esculturas antigas vem com o cothurno figurado. Virgílio no segundo das Geórgiadas, convida Bacco às **vendêmias*/festas*** dizendo-lhe, que tinja suas pernas nuas no mosto, levadas aos cothurnos.

Huc pater ò lenae veni, nudaraque musto

Tinge nouo mecum, direptis cura cothurnis.

No qual banquete Probo disse, que os cothurnos são certo calçado aptos ao caçador, por que com esses ainda as pernas circundam, & fortificam, a forma das quais se vê nas estátuas de Bacco, & de Diana, tal autoridade de Virgílio, e de Probo seu antiquíssimo expositor, adicionamos: não tanto por mostrar que o cothurno pelos Poetas se dava à Baccosamente à portá-las sim como a baixo mais longo trataremos, quanto por notícia, que o cothurno era feito como uma botinha, (& bota?), que cingia envolta à perna, até a sola, assim como na Écloga sétima afirma Virgílio na qual promete à Diana Caçadora uma estátua de limpo mármore com o cothurno vermelho.

Leui de marmore rota

Puniceo stabis suras euincta cothurno

E isto digo por que muitos Autores de peça têm que o cothurno somente leva-se pelos Heróis, Príncipes, & personagens grandes nas tragédias fosse outro, como hoje em dia os tamancos*de madeira de mulher à usância Romana, Espanhola, Veneziana, Napolitana, ou de outra nação, maximamente de Itália, como tem Carlo Stefano sobre Baifio*, *de re vestiaria*, o qual cita aqueles versos de Virgílio no primeiro das Eneidas.

Virginibur Tyrijs mos est gestare pharetram.

Purpureoque aliè furas vincere cothurno.

Onde ler (se) quer *Purpureasque* Epíteto que não se convém à voz *suras**, borrões*/borras na* perna vermelhas, por belas, pois neste lugar não se pode pegar naquele sentimento, que pega Horácio ao livro IV Onde primeiro *Purpureis ales oloribus*: E o Poeta da Elegia em morte de Mecenas*. *Bracchia purpura candidiora Niue*. Por que a intenção de Virgílio é de dar o epíteto purpúreo ao cothurno, e não o começo da perna, e que seja verdade na Écloga sétima disse, Puniceo cothurno. cor grata/consagrada à Diana, assim como à todas as mulheres, disse Turnebo livro 28 capítulo 16 do seu jornal: quisera então Carlo Stefano ler *alto*, em vez de *altè*, imaginando-se, que o cothurno fosse alto por terra sob o pé; mas o cothurno é alto do pé até o começo da perna por mais dissera Virgílio *altè suras vincere cothurno*, se confirma em Turnebo no lugar sopracitado, considerando, que Diana sendo caçadoraandava sucinta com a veste sobre o joelho, pelo que tendo dito Virgílio que Vênus tinha recolhida a veste sobre o joelho, pensara Eneia que fosse Diana caçadora, porém lhe perguntara se era irmã de Febo. *An Phoebi soror*. E por que a veste seria alçada sobre o joelho levava (també,) outros cothurnos; afim de que não vissem as pernas nuas. *Cum autem supra genua esset sublata vestis. ideo altos gerebat cothurnos, ne cruribus nudis cerneretur*. Eis então, que o cothurno era como uma botinha, que cobriria a perna, não tanto alto, & espesso, como tem Scaligero na Poética livro primeiro capítulo 13 dizendo que o cothurno era espesso de tal maneira, que com a sua exceção da altura, se avaliava a grandeza dos Heróis, & alega se tal é estado o cothurno, em que modo Virgílio daquilo calça a caçadora, a qual deva ser caríssima? *Si talis fuerit cothurnus, quimodo veneratricem,* eo calceat Virgilius, quam decet esse espeditissimam?* Quase que Virgílio não sabia de qual material fossem (fesitos) os cothurnos, que à seu tempo se usavam, & nos Teatros, & Circos, muitas vezes se utilizavam reprep=sentando os outros públicos de singulares Tragédias, & mais ainda Virgílio não somente nomina o cothurno, mas o descreve nos sobreditos três lugares, & claramente lhes dá às caçadoras, de modo que não podia ser alto como os tamancos* de madeira das

mulheres, mas como ele disse vestia, & cingia a perna até a couxa: quem retratasse o cothurno em forma de bota pegava-se indício na Elegia sobredita, em morte de Mecenas atribuída por alguns à Caio Pedão/Pedone na qual o cothurno de Baccho, é chamado Sandália feita ainda esse à forma de bota.

Argentata tuos etiam sandalia talos

Vinxerunt certè: nec puto, Bacche negas.

E Filóstrato na imagem IX dos Amantes dá ao Cupido a Sandália dourada em vez do cothurno. O Autor dos Adágios naquele Provérbio. *Cothurno versatiliior*. Demonstra que fosse alto em mulher, & por pesálos bem fossem de quatro ângulos, mas não sei que material* de tamancos* lhe tenha dito, com invocando **nenhum** autor antigo por testemunho não é de prestar-lhe **crença** mais que explica aquele provérbio com frívola razão, que o cothurno seja versátil por dizer assim harmonioso a voar*, & incorrer*, pois se acomoda em qualquer pé esquerdo, & direito, tanto de mulher quanto de homem. É verdade que o cothurno é apto em qualquer pé, como disse Sérvio no primeiro das Eneidas, se acomoda ao pé do homem, & da mulher, como se refere Súida*, mas não é verdadeiro que por essa causa dis-se *Cothurno versatiliior*, que se isto fosse tanto se poderia dizer *Socco versatiliior*, por que ainda o tamanco se acomoda à qualquer pé direito, e esquerdo, & o podem portar homens, & mulheres. Que fosse por mulher o tamanco, é notabilíssimo, pois pelos Autores se lhe dá (o) epíteto muliebre. Apuleio disse de um que por parecer mulher portava uma veste de seda, os cabelos longos, e o tamanco dourado. Lúcio pai de Vitélio Imperador descalçou Mexalina cortando* um tamanco, que consigo o portava, & muito (a) beijava*. Plínio taxa o luxo das fêmeas ao livro IX capítulo 35 que portavam as jóias nos sapatos*, & nos tamancos, & ao livro 37 capítulo II. *Super omnia muliebria socculos induebat margaritis*. Que o portavam ainda os homens, recolhidos* por Sêneca narrando à César, que calocou o pé esquerdo Pompeu Perso fê-lo beijar por mostrar o tamanco de ouro que portava ornado por gemas; E Suetônio no capítulo 52 refere-se à Calígula, que portava ora o cothurno; ora o tamanco, o mesmo Autor na vida de Cláudio capítulo VIII onde reconta das remoções feitas àquele Imperador por brincadeira de convidados jovens perversos segundo Sabélico, disse que enquanto dormia o dia costumavam colocar-lhe nas mãos os tamancos assim que em um súbito acordado se adivinha-se a face com aqueles: sim que o portando homens, e mulheres tanto dizer se poderia, *Socco versatiliior*, contudo dis-se *Cothurno versatiliior*, ou seja harmonioso mais que um cothurno, se acomoda por qualquer verso mais que uma bota, por que o cothurno como bota se calça em qualquer

perna, se vai*/volta*, & vem*/revolta*, & se reversa harmoniosamente como calçado de mulher, não se poderia reverter nem acomodar ao pé do homem, mas somente àquele da mulher, por que vemos que os homens não sabem caminhar com os salto-altos da mulher as quais saltos assim como não se pode aplicar aquela voz. *Versatilior*. Ainda que se acomode em qualquer pé esquerdo, & direito que assim faria falar impróprio, & comum a qualquer salto, ainda que baixo, pois aqueles ainda se acomodam em qualquer pé, melhor que os altos, & mais agradavelmente sem perigo de ceder: assim menos se pudesse aquela voz *Versatilior* aplicar ao cothurno se fosse alto, & espesso, com o salto da Mulher, ou verdade que uma vez Juvenal na Sátira sexta diz.

----- *Brerioresque videtur*

Virgine Pygmea, nullia adiuta cothurnis.

Mas, não por isso se segue, que o cothurno trágico fosse alto, como um salto de mulher, porque os Poetas eram tanto **avesos** à pegar misticamente, com falar figurado o cothurno portado por personagens grandes, & superiores, pela altivez, & grandeza, que Juvenal neste lugar pegou pela altivez material entendendo que a Mulher parece mais pequena de uma pignéia, sem ajuda de qualquer altiveza, & quando bem ainda tal salto de Mulher se fosse chamado ordinariamente cothurno, não por menos é força que tal salto fosse diferente do cothurno bota: facilmente podem os escritores, e tradutores terem equivocado, & trocado um nome pelo outro; pois o Cothurno pelos Gregos se chamava ainda Emuada, & o tamanco Emuata: Scaligero na poética livro I capítulo 13 *εμνατας* por mais indevidamente se lê em alguns textos Gregos de Luciano. *De s*faltatione*. falando do personagem trágico *εμνατας υψηλοις*. em vez d'εμβαδας.

Ou seja que aquele Trágico de estatura longa; entrava em cena com outros cothurnos. Por provar que não fosse materialmente o cothurno alto, como o salto da mulher: deveriam bastar os três lugares de Virgílio, adiciona a autoridade de Probo, que no segundo das *Geórgiadas* disse. *Cothuri sunt calceamentorum genera Venatori apta, quibus crura etiam muniuntur cuius calciamenti effigies est in simulacri liberi, & Dianae*. E Servio, que ao primeiro das *Eneidas* afirma, que são botas de caça. *Cothurni sunt calciamenta venatória*. O que declara, que não fossem altos como os saltos da mulher, por que com similar altivez não se pode correr sobre colinas, lugares montanhosos, & espinhosos. Com tudo isso quero que o provemos com outras autoridades. Em Plínio livro sétimo capítulo 20 se compreende logo que não fossem

altos como os saltos de mulher, onde ele conta de haver visto Athanato* Histrião* homem de cinquenta anos comparte em Sêneca por fazer ostentar pela sua coragem, com um corselete de chumbo, & com os cothurnos de quinhentas libras, feia vista teremos feito (a)os cothurnos de grande peso se fossem espessos, & altos, como os saltos de mulher inoportunamente* feitos, mas por que deviam ser à forma de botinha aberta, que se cinge à batata da perna, & deviam abranger com proporção, maximamente com o corselete, com o qual movimento bem observamos nas estátuas antigas dos Heróis, & Príncipes, os cothurnos à forja de bota, à forja de salto alto, & quadrado em ângulos, como disse Alessandro, à* Alexandre não se é jamais visto ninguém, na outra sorte vem-se todavia infinitas esculturas de Imperadores, de Musas, de Diana, & de Bacco, do qual cothurno de Bacco, ademais(d)os Autores mencionados se faz menção Velleio* Patercolo* no último livro, onde narra sobre M. Antônio, que queria ser tico (como) um outro Bacco, & por isso portava as três outras coisas tidas por Bacco, (ademais d)os cothurnos. *Cum autem nouum: se liberum pa*strem appellari inffiffet cum redimitus hedera coranaque velatus aurea, & Thyrsum tenens cothurnisque suceiuti currus velut liber pater vectus est Alexandria.* E Coronel Tácito ao décimo primeiro dos Anais, disse que Mexalina mulher de Cláudio Imperador, que celebrava em casa a festa da vendêmia, & que à forma de Bacante, com o pêlo espaçado, **mexendo no** tirso segundo Sílvio*/Silio coroado por hera, portava os cothurnos, & agirava(-os) na testa fazendo-lhe estrépito entorno à um coro de Bacantes. *Ipsa crine fluxo, Thyrsum qui*d*iens, ex*nu*que Silius Hedera vinctus gerere cothurnos, iacere caput, strepénte circu*m prae*sae*s, choro.* Similares Bacantes com cothurnos, se vêem também armas Antigas de Roma, quais materiais faziam pouco saltar*, & correr furiosamente nos jogos bacanais, se o cothurno **em si já era** alto, como os saltos de Diana, **revelado, também,** como dizem alguns com **a rolha/cortiça, e *** materiais** de madeira. Dizem-me um pouco estes tais, deixando de parte as Caçadoras das Bacantes. Se o cothurno fosse feito alto, & elevado assim como tivemos podido **galgar***, por montas, campos, e florestas: as Amazonas, as quais os portavam em guerra (com/a)os escudos, como *** Lune & os cothurnos, como reconta Plutarco na vida de Pompeu; *Li haec pugna Amazones amentibus Thermodonti fluuii accubantibus profecte auxilio venisse per hibentur Barbaris, quippe à praelio, dum spelia Barbarorum legunt Romani peltas Amazonicas: cothurnesque reperi.* Certo que com as estampas* sob os pés não podem andar a combater, nem homens, nem mulheres, os quais os **seus joelhos pela cega,** os passos ao quanto difíceis, & no querer esse caminham em pressa, não que

correr, se levantam* os saltos, ainda que baixos por rolha*. Onde aparece que o cothurno deseja que fosse feito à forma de bota, & botina requer alguma elevação sob a planta do pé, & se Isidoro no 19 livro capítulo 34 diz que eram feitos à forma de saltos, entorno à isso, tem bem no texto razão, que o usassem os Tragediógrafos nos Teatros & os Heróis, como afirma *Cothurni sunt quibus calciabuntur Tragea*di, qui in Theatro dicturi erant & alta iotonantique vnice cantaturi, est enim calciamentum in modum crepidarum. quo Heroes vtebantur*. No qual texto parte do tempo passado, *Calciabantur, vteban*ra*tur*. Como que à seu tempo não lhe tivesse visto em Teatros, Usados ainda por Tragediógrafos sob personagens de Heróis, nos Teatros, é de crer que Virgílio mais vezes os **entendesse***, & soubesse muito melhor dos Autores mais modernos, como fossem feitos, & que não fossem feitos (em) outra forja que naquela por ele escrita, à forma de bota, & botina, onde comumentemente segundo os Autores vulgares, passa a bota sob nome de cothurno, da cuja forma temos nós mostrado desenhar a nossa figura:* da Decência, contendendo-nos, quando nos são outros de contrário parecer de errar com Probo, Servio, & com Virgílio inclusive, que sobre saber com Autores Modernos, que não têm visto os cothurnos aos tempos em que (se) usavam, como viram Servio, Probo, & Virgílio: Sei que Petrarca levou o cothurno em forma de salto quando fôra coroado, como se refere por ter visto Sennúcio* seu amigo, mas quem ordenara aquela triunfal pompoa mostrou de não saber nem a forma do cothurno, nem tão pouco a forma do taco* portado por Petraca no esquerdo pé feito com um botina até o pé todo inteiro se tal seja o taco outro o deixara judiciar, à mim demais parece bota, que hoje em dia nas Éclogas Pastorais pelo ordinário se assegura/se procura, o mesmo que em Virgílio vem figurado o cothurno nos versos supracitados, observados em parte por Lívio Andronico Décano* dos Poetas latinos, que fôra o primeiro que introduzira a cena em Roma:

Et iam purpureo suras include cothurne, Baltheus, & reuocet volucres in prectore sinus, Pressag ia- grauida crepitem tibi terga Pharetra, Dirige odori sequos ad certae cubilia canes.

A qual autoridade como por maior enfim temos deixada, então que Lívio poeta dramático assina o cothurno aos caçadores, que porta não só a aljava cheia de dardos com os cães junto, & exprime que o cothurno fecha (n)o começo da perna. Agora sim como não é verossímil que o primeiro Autor da cena não soubesse como se fosse feito o cothurno que em cena introduziria, assim não tem elegância, que neste particular erro o nosso Poeta: mas se bem erram aqueles finos engenhos que inconsideravelmente taxam

(uma) coisa (como) deveras boa conhecida por Virgílio, o qual dissera que os cothurnos de Diana, eram de vermelha cor, & tal cor ainda é muito proporcionado às Trágicas representações, sim pois neste vêem(-se) postos sanguinosos (em alguns) casos. sim por que se introduzem Imperadores, Reis, Príncipes, e pessoas sublimes às quais convém a púrpura, & por mais o cothurno é feito de assinatura pelos Poetas, aos personagens grandes, assim como o taco à pessoas positivas, civis, & de menor qualidade.

Aonde por advir o significado da nossa figura: levando a Decência a perna direita, o imponente cothurno denota que o homem mais potente (e) nobre, & rico pela sua Decência deva andar com hábito nobre, conveniente à um *status** seu, portando na esquerda um simples taco, denota que o homem de menor força, & de baixa condição deva andar positivamente, e não tratar (os assuntos) do nobre, & do Príncipe, & qualquer um (que) busque o hábito deva (o) ter resguardado pela observância da Decência, à idade, & ao gral, que tenha, fugindo sempre (a)o extremo tanto daqueles que desperdiçam o culto da sua pessoa, os quais não se cuidam de serem vistos com vestes vis, ímpias*, más conectadas, quanto daqueles, que se a amarram demais, assegurando particular estudo em limpar-se, & fazer-se ver cada dia com vestes novas, & justas. Catão Uticense (se) deu no primeiro extremo, que não observara ponto à Decência pelo Senador Romano; pois que se andava demasiadamente de qualquer maneira* caminhando com os amigos descalço com uma só veste, de cima mal feita com um cordão, sim como diz Marc' Antônio Sabéllico, livro II & Ascônio Pediano, & Plutarco se refere, que andava pelo foro cinto com uma toga de campo, & em tal forma sem outra veste por baixo, detinha razão em tribunal; Sillas é ainda mais a frente*, que sendo Imperador de exércitos com pouca Decência do seu gral passeava por Nápoles com um manto, e em salto. No outro extremo deram Calígola, Nero, & Heliogabalo Imperadores, os quais compareciam com hábitos figurados de várias cores mais convenientes à uma lasciva mulher, que à um majestoso Imperador; **nem jamais** os dois últimos portaram o vestimento mais de uma vez, & Pompeu Magno ainda isso vem por M. Túlio no Ático livro II Epístola III notado por vão, & lascivo dos calçados, das faces brancas, & da veste pintada, que com pouca Decência de um supremo Capitão para seu porta convinha, da cuja veste se lhe fala na 16 Epístola. *Pompeus togulam illam pictam silentio tueatur suam*. Públio Clódio de mesma forma à Cicerone vem censurado, por que portava os calçados vermelhos que à ele não se convinham, como Senador, sendo aquela cor dos jovens, às quais pois são nesta idade mais fresca(s), sem algum gral, é lícito portar vestimentos belos, & cores alegres, & vagas; mas mais ainda estas não

devem transpassar os termos da modéstia, *ir.(?)*, *limpar-se?**, assemelhado-se, com ouriços, & arbustos, & hábitos por demais lascivos às mulheres, devendo-se recordar, que são de natureza mais nobre. Diórgenes vendo um jovem dedicado à similares vaidades de vestes delicadas, & roupas femininas, lhe dissera. *No- pudet deterius quam naturam ipsam, de te ipso statuere?* Se esta vaidade das vestes aparece (também) em jovens, em Capitães, Príncipes, tanto mais ainda serão incluídos os Filósofos, & Doutores, que com hábito conforme a Decência da sabedoria não andavam, abstendo-se por mais da sordidez de Diórgenes Cínico, & de Epaminondas *brutos/ilíquido*/Senhor dos* Filósofo/s, que sempre portavam uma mesma veste, das quais não fôra aparte Sócrates, que descalso se se andava envolto à uma veste de fios*, ou talvez* tecido*/*sacco*, dentro da qual as vezes dormia a noite pelas estradas pelos bancos, ou sobre qualquer apoio com pouco Decência. Nem somente deve-se observar a Decência, no andar fora, em busca da veste: mas ainda buscando o movimento, servindo-se com belo modo do cothurno, ou seja da severidade, *fazendo jus* à extrema severidade deles, que portando *a vita* deles, alta, tensa/dedicada, tirada, toda à um pedaço, que à pena se movem, & parecem, a ponto que tenhamos a testa apoiada à um poste, tanto que sem Decência se movem ao riso quem os vê, não menos pegar se deve em todo o tamanco, ou seja o passo de pessoas baixas vis, *da lachè*, & *ftafiere*, mas se deve portar vulgarmente o taco, & o cothurno, ou seja temperados a severidade com o passo ordinário de pessoas positivas Horácio na Sátira III do primeiro livro com dente satpírico, morde Tigéllio Sardo que não tinha modo no caminhar, ora caminhava devagar, que parecia fosse um Sacerdote de Juno, & ora caminhava tanto veloz, que parecia fugir dos inimigos.

Nil aequale homini fuit ille saepe velut qui

Currebat, fugiens hostem: per saepe velut qui

Iunonis sacra ferret.

Às mulheres sim é que se convenha a severidade no andar, e o passo tardio pela maior sua Decência, & por isso mostra razão (que) têm à portar os saltos altos, que retardão o passo, nem deixam caminhar em rapidez, mas o homem deve caminhar vilmente com o passo maior do que as mulheres: Marco Túlio (assim como refere-se Petrarca, nas obras Latinas livro II tratado III capítulo III) vendo que Túllia sua filha caminhava um pouco forte que não se convinha à Decência de uma mulher, & pelo contrário Pífão* seu marido mais lentamente que não se convinha à de um homem, taixara ambos com um mesmo movimento, dizendo em prezença de Pífão seu genro à

filha, ou assim, caminha do homem. *Ambula vt vir*. Querendo interferir, que essa deveria caminhar devagar de fêmea, & Pífão mais rápido de homem.

Mais ainda sobre isso o cothurno, & o taco muito bem se convém à figura da Decência, comp símbolo da Decência Poética, pois os Poetas não têm com outros instrumentos feita distinção de uma espécie de Poesia à alta, que com o cothurno & com o taco de uma severa à uma mais* severa ação: por que o cothurno assim como temos dito era aos Trágicos poemas, nos quais se intervém por fundamento principal, Príncipes, e personagens supremos, digo principais, pois se intervém ainda servos, escravos, **tutores***, & Pedagogos: E o taco era aos Cômicos Poemas, aos quais se intervém pessoas privadas, & ínfimas, & por que nesse se trata de coisas baixas, domésticas, & familiares, com estilo de mesma forma raso, pega-se o taco por significar do falar vulgar*: E nesse pois se trata de advindas, ocorridas entre Heróis, & Príncipes com estilo mais sério se pega o cothurno pelo falar sonoro, perfeito, & sublime, onde se chama por Poetas grande & alto. Ovídio.

Alta meo sceptro decoras, altoque cothurno.

Horácio na Poética.

Hunc socci caepere pede-, grandesq' cothurni.

Intendendo por Cômicos, & Trágicos, & Petrarca no mesmo significado lhe pega por baixos, & sublimes engenhos naquele verso.

Materia da cothurni, e non da socchi.

De modo que os cothurnos, & os tacos aplicando-se não tanto ao hábito quanto à figura do falar, vêm a ser inclusive* símbolo do Rigor Poético, & um compêndio de qualquer Decência, por que os Poetas excelentes externavam a Decência, nas suas Poesias, em qualquer coisa, no costume das obras, do falar, & da veste, & procurando demais partir a Decência devida à qualquer pessoa, que se por erro do devido Rigor partem, são notados os seus personagens de imperfeição, sim como nota Aristóteles na sua Poética, o choro, & o lamento de Ulisses na Cicília, pois à Ulisses como prudente, e sábio não convinha chorar, & lamentar-se vilmente: E por mais dissera Aristóteles. *Indecori, atque inconuentis moris Vlyssis eiulatio in Scylla*. Viere notado de mesma forma Homero por M. Túlio, por que atribuía aos Deuses ações, que manchariam ainda os homens, como refere, defensivos, invejosos, & desonestos afetos, de que nos vem ainda repreendido por Empédocles, & por Senófanes, **nas** maravilhas, que Heráclito Filósofo judicasse Homero digno de ser expulsado por Teatral*, & miserável, que lhe fossem dados por pugnos, & escravos, como se refere Laertes *Homerunque dicebat*

dignu- qui ex certaminibus eijceretur, colaphisque caederetur. Não por outro, que pela falata da Decência, que no resto é admirável mais do qualquer outro intelecto, & eloquência; falta similamente na Decência à meu parecer Sófocles em Ajax, onde introduzira Teucro filho de uma escrava irmão natural de Ajax à contender com Menelau Rei irmão gêmeo/germânico de Agamemnon Imperador sem respeito, e temor, respondendo-lhe, como se diz, à você por você, e se bem faz que Menelau partindo ao fim diga, que é feia coisa ao dar-se contender com um **de** palavra, que se possa domar por força.

Abeo, nam turpe auditu fuerit

Verbis cum eorixari, quem vi coercere possis.

Não por isso se fingia* de tal feiúra pelas muitas injúrias já pelo sobredito Teucro, maximamente que lhe repondera com maior arrogância dizendo, & à mim é coisa demasiadamente feia à ouvir (de/para*) um homem fraco.

Apaga te nam, & mihi turpissimum est audire

Hominem stolidum inania verba efutientem.

Nas quais palavras não se é Decência, nem do canto de Menelau Rei a cotender à fundo com Teucro soldado privado sem gral algum; nem pelo canto; de Teucro é vverossimil, que ele de ordem ínfima* na grega milícia, simples **sagitário** (como se recolhe em Homero, & pelo mesmo Sófocles) privo de forças, & de **companhia**, tivesse **ardor** de contrastar com um Rei irmão do Imperador, e fosse tanto sem escrúpulos que lhe dissesse sem respeito mil injustiças, tanto mais falta Sófocles ao Rigor quanto que pouco depois replica Teucro orgulhosamente ao mesmo Imperador contando vantagem de ser nascido nobre, acusando à Agamemnon ser nascido de pai ímpio, & de mãe adúltera, & demasiadamente lhe minava sem conveniente costume de respeitoso vassalo, com pouca Decência do Imperador, que com a sua Imperial autoridade justamente pela injustiças & minácias o poderia fazer prender, e castigar, se bem Teucro fosse feito supremo e entitulado não que privado súdito, como era. Agora sim como o judicioso Poeta busca dar aos personagens de seus Poemas o costume conveniente, com ter cuidado em não atribuir àqueles coisa fora da Decência, assim nós com juízo devemos quardar bem ao quanto nos nos convém a fazer, assim que não restemos censurados em nossas ações, como aqueles Poetas, que desejando introduzir personagens à exemplo das ações humanas, o representam sem o devido costume com pouco Rigor.

DEMOCRACIA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 143; pág. do PDF 215)

Mulher de idade viril, com hábito de medíocre condição, que tenha cinta a cabeça de uma quirlanda de vinha entrechadas com um ramo de ulmeiro, que esteja em pé, & que

com a direita mão tenha um pomo graúdo, & com a esquerda um maço de serpentes, & por terra se sejam grãos, & parte nos sacos.

Democracia é o governo de um estado popular juizado, & reto pela multidão daqueles em forma de um conselho ao qual seja hábil (à) qualquer plebeu & nenhum nobre, onde se resolvem todas as ordens, & deliberações públicas segundo seus graus.

Se faz em idade viril, pois nessa se opera com mais juízo, que nas outras idades.

Coroa-se em vinhas, & ulmeiro juntos unidos, por mostrar, que sim como essas duas plantas se unem juntas, assim se une a qualidade, & o ser deste povo.

O hábito medíocre declara o estado da plebe, a qual por falta não pode segundo as forças demonstrar o desejo ambicioso que tem de ser igual aos outros de maior condição, que por isso a representamos, que esteja em pé, & não à se sentar.

Tem com a direita mão o pomo graúdo,* por ser (como reconta Pierio Valeriano ao livro 54 dos seus hieróglifos) símbolo de um povo congregado em um lugar, a cuja união se governa segundo a baixa qualidade dos mesmos.

A demonstração do maço de serpentes significa a união, & o governo plebeu, o qual não sendo de concideração, de verdadeira glória,* vai similar à serpente por terra não podendo-se alçar às coisas de grande concideração, como ainda por demonstrar, que a natureza da plebe, tende pelo mais o pior, onde Petrarca nos diálogos diz.

Natura populus tendit ad peiora,

& por isso dissera Virgília na Eneida.

Seutiq'; animis ignobile vulgus

Se coloca o grão na forma que temos dito, por demonstrar a provisão pública, que costuma fazer a unidade da plebe pelo comum útil à todos, & por mostrar que o povo ama mais a abundância dos mantimentos, que a ambição das honras.

DESEJO À DEUS.

⇒ Imagem (pág. do livro 145; pág. do PDF 217)

Jovenzinho vestido de vermelho, & amarelo as quais cores significam Desejo, será alado por significar a presteza com cujo o ânimo servil/fervoroso* subitamente voa à pensamentos celestes, do peito lhe saia uma chama pois é esta chama, que Cristo N. S. venha a portar em terra.

Terá a esquerda mão ao peito, & o braço direito distendido, o olhar revoltado ao Céu, & terá ao canto um cervo, que bebe a água de um riacho, segundo o dito de David ao

Salmo 41, onde se assemelham o desejo da alma sua para com Deus, ao Desejo, que tem um cervo afetado* de aproximar-se à qualquer límpida fonte.

A esquerda mão ao peito, & o braço direito distendido, & o olhar revoltado ao Céu é por demonstrar, que devem operar, os olhos, o coração, & qualquer coisa ser em nós revolta à Deus.

DENEGRINAÇÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 146; pág. do PDF 218)

Mulher a sentar com boca ao quanto aberta mostre a língua dividida similar aquela da serpente, terá na cabeça um pano negro, tirando para fora parte disso, com a esquerda mão em modo, que faça sombra à visão*/olhar, & o restante do vestimento será de cor da ferrugem, quebrado em alguns lugares, terá sob os pés um trompete, & com a direita mão um punhal nu em ato de ofender.

Denegrinação segundo S. Thomás 2.2.questão*73.artigo4 outro não é, que oculta maledicência contra a fama, & reputação de outros.

DEFESA CONTRA INIMIGOS MALÉFICOS, E VENENOSOS.

⇒ Imagem. (pág. do livro 147; pág. do PDF 219)

Mulher que porte à cabeça um ornamento contendo dessas pedras preciosas de Amianto, de Azeviche, de Ágata, & Diamante, leve ao pescoço os corais, em mão uma planta, que tenha a cebola branca dita Scilla, ou mesmo Squila, ao pé se faz uma Doninha, que tenha em boca um ramo de arruda.

Do Amianto pedra similar ao alume* ciciliano*, disse Isidoro livro 16 capítulo IV que é bom, & resiste contra qualquer maledicência de magos*. Do Azeviche disse Bartolomeu Ânglico livro 16 capítulo 49 que vale contra os fantasmas & *contra nocturnas Demonum vexationes*: E no livro 12 capítulo primeiro disse, que a Áquia mais a pedra Etitapõe ainda em seu ninho a Ágata para guardá-lo da venenosa mordida da serpente. Mas eu tenho opinião, que equivoque, pondo o nome de Ágata em lugar de azeviche império que a pedra Etita Aquilina* é ainda por Plínio chamada Azeviche ao décimo livro capítulo III *Lapis Aetites, quem aliqui dixere Gagatem*. Não por menos a temos posta pois as Ágatas ou Ágata, que dizer queremos, vale contra o veneno ainda essa, & contra a mordida dos escorpiões, como disser Plínio livro 37 capítulo X. Do Diamante, o sobredito Isidoro livro 16 no capítulo onde trata dos Cristais, dissera, que faz sumir vários medos & resiste às artes maléficas, *metus varios expellit, & maleficis artibus obuiat*.

Do Coral Bartholomeu Ânglico livro 16 capítulo 33 disse *Contra diabolica, & varia montra valet*, Vale contra vários & diabólicos monstros.

Da erva da Cicília* Plínio livro 20 capítulo IX *Pythagoras Scillam in limine quoque inuae* suspensam, malorum medicamentorum introitum pellere tradit*, Dice que Pitágoras se refere, que o Alho* colocado sobre as portas não deixa entrar algum mal.

Sobre a Doninha, que porta a arruda em boca escrevem todos os naturalistas, que se lhe traz pela sua defesa contra o Basilisco, & qualquer serpente venenosa.

DEFESA CONTRA PERIGOS.

⇒ Imagem. (Pág. do livro 148; pág. do PDF 220)

Mulher jovem, armada, tenha com a direita mão uma espada nua, & com o braço direito um escudo* em meio do qual se seja pintado um porco espinho/ouriço espinhoso.

Jovem se pinta por ser a juventude pelo vigor apta por defender-se de qualquer encontro, a armadura, & a espada, demonstram as ações não só defensivas, mas ainda ofensivas aos outros **desejando**.

Lhe se dá o escudo por sinal de defesa, como narra Pierio Valeriano livro 41 & o porco espinho, os Egípcios o colocavam por Hieróglifo da Defesa, & demonstravam por isso um homem que fosse seguro das armadilhas, & perigos, & de todos os acasos de sorte, império que este animal por vezes que sente o odor das feras que o cercam, ou o latido dos cães se recolhe todo em um grupo redondo, é retirado-se o focinho & os pés da parte de dentro à forma, que fazem as testudinatas, & toda a coluna à modo de uma bola reduzida à um globo redondo, & pela sua Defesa & salvação têm enrijecidos os espinhos dos quais ele é por cada parte cheio, E se (lhe) está seguro rendendo formidável à qualquer um que tocá-lo queira.

DIGESTÃO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 149; pág. do PDF 221)

Mulher de robusta compleição, tenha a mão direita sobre um Avestruz, seja coroada em poejo, & porte na mão direita uma planta de Chondrilla.

Sem dúvida as compleições robustas são mais fáceis à digerir, que as delicadas, onde o Avestruz pela sua robustez, & cavidade* digere ainda o ferro. O poejo diz Santo Isidoro que pelos Hindus é mais estimado das especiarias, uma vez que reaquece, purge, & faz digerir.

A Chondrilla é uma planta que tem o fusto menor (de) que um pé, & as folhas que aparecem dentro **rosigatas/divididas*** entorno, & tem a raiz similar à fava, esta vale à digestão, segundo se refere Plínio, por autoridade de Deroreo* Poeta ao livro 22

capítulo 22 onde diga *Dorotheus stomacho, & concoctionibus vtilem, carminibus suis pronuntiauit.*

JEJUM.

⇒ Imagem (pág. do livro 150; pág. do PDF 222)

Homem de idade consistente, será pálido, & magro, vestido à antiga, & de cor branca, & aos ombros portará um pano de cor verde, Terá a boca cinta por um lado, & o olhar revoltado ao Céu. Terá o braço direito estendido, & a palma da mão aberta em meio da qual se seja um peixe dito Céfalos/Cefalópode com uma insição em um cartilha com belíssimos giros recolhida que diga *Pauco Vescor*, & sob o braço esquerdo uma lebre com os olhos abertos, & em outro com os pés concluirá* um Crocodilo que tenha a boca aberta.

Se pinta de idade sobreditapor ser ela inclusive perfeição por jejuar, & por mais digam todas as somas, que os jovens são aos 21 anos, não são tidos à jejuar, sendo que não suportando assim facilmente o Jejum, por que ele não tendo bastante calor lhe venha à consumir muito alimento como afirma Hipócrates I Afor. Afor. 14.

Qui crescunt plurimum habent calido

Innati plurimo igitur egent alimento,

Alioqui corpus consumitur.

E por fazer menção da idade similar temos de advertir, que não basta de ser velho por não*/para jejuar, pelo que sendo de boa compleição, convém que a consciência opere muito nele, assim (que) não seque no vício da gula, como demonstra muito bem Navarra na sua somma.

O ser pálido, & magro demonstra as operações, & os efeitos próprios do Jejum, quase são em todos contrários à Comilança, & a gula, que fazem o homem gordo, & corpulento, onde Galeno *de sanitate tuenda* livro II capítulo II sobre isso diz

Inedia durum siccumque effecit corpus,

O vestimento à antiga demonstra que o Jejum; é antiquíssimo pelo que até na lei velha se jejuava com grandíssima abstinência, & por maior consideração o Senhor Deus (em) suma perfeição jejuou ainda ele, como clara se lê nas sacras letras.

Se representa dito vestimento que seja de cor branca por significar que o Jejum por ser em suma perfeição, convém que seja cândido, & puro, & sem mácula alguma, pelo que não somente convenha abster-se de alimentos, mas (também) de vícios ainda como

se faz fê Crisóstoto* **super Gênese** I homilia* 58. *Ieiunium est abstinencia à cibis, & à vitijs.*

O pano que leva aos ombros de cor verde significa esperança, a qual é próprio do Jejum de esperar em Deus pela saúde, Como canta Régio Profeta no Salmo 145 *Nolite confidere in principibus, neque in filijs hominum in quibus non est salus*, & aos provérbios 28. *Qui sperat in domino saluabitur*, a venda que lhe vela a boca, demonstra que (o) jejum, ou mesmo (quem) faz qualquer obra boa, convém de tacer conforme ao Evangelho que por boca da verdade não pode mentir que diga *Cum ieiunas noe*li tuba canere.*

Tem a cabeça alta, & mira o Céu por significar os efeitos, e as operações do Jejum, a qual faz (com) que as potências da alma não sejam obscuradas das exalações, & fomes* de alimentos, mas que se alçam com pureza de espíritos à contemplação da grandeza do eterno Deus & à esse propósito S. Agostinho nos Sermões do Jejum *Ieiunium purgat mentem, subleuat sensum, carnem spiritui subijcit, cor facit contritum, & humiliantum, concupiscentia nebula disperdit, libidinum ardores extinguit. Castitatis vero, lumen ascendit.*

O peixe Céfalo que tem na direita mão na forma que temos dito, narra Pierio Valeriano livro trigésimo ser o Hieróglifo do Jejum por ser dito peixe de tal natureza, sendo que mais se nutre do seu humor que de outro alimento, que isso declara a insição que diz *Pauco Vescor.*

Tem sobre o braço esquerdo a lebre pois os Sacerdotes do Egito significavam por esse animal a vigilância, sendo que ele tem os olhos aberto enquanto dorme, & por isso entendiam a vigilância de um que mostrando de dormir não resta por mais de ver com os olhos da mente aquilo que faz negócio* pelo benefício seu, sim que sendo as internas operações do jejum por sua natureza vigilante resta com o intelecto purificado à contemplação das coisas divinas, que isto é o seu fim.

Por declaração do Crocodilo que tenha sob os pés nos serviremos de autoridade de Oro* Apolline, a qual é que desejando os Egípcios significar um homem que sempre coma & que seja intento com qualquer cuidado à Comilança & à Gula, pintavam um Crocodilo com a boca aberta, onde sendo o Jejum em todo contrário, & inimigo da Comilança, & (d)a Gula com as oporações da abstinência sua conclua este péssimo, & celerado vício.

DIGNIDADE.

⇒ Imagem (pág. do livro 151; pág. do PDF 223)

Mulher bem ornamentada, mas que tenha uma grandíssima pedra sobre as costas, a qual pedra seja ornada em muitas flechas de ouro, e de pedras preciosas: esteja com a testa, e as costas ao quanto curvadas. Do que se compreenda claro, aquilo que muito mais claro vê quem a prova, que as honras não são outras que pesos, e cargas, e por mais se usa muitas vezes essa palavra (“cargos”) em língua nossa em troca de (“honras”) & é feliz aquele que sabe portá-los sem gastar-se a coluna, & fracassar-se os ossos.

DILETO.

⇒ Imagem (pág. do livro 152; pág. do PDF 224)

Jovenzinho de idade de dezesseis anos, de vago*, & belíssimo aspecto, alegre, & sorridente, Será vestido em hábito de cor verde com ornamento de várias cores, & na cabeça terá uma guirlanda de rosas, & outras flores odoríferas, & ao pescoço um Colar de ouro, & por pendente uma língua humana. Terá com a esquerda mão uma lira apoiada ao lado esquerdo, & a direita alçada ao peito, & terá uma espada cinta ao lado, Da parte direita se fará um livro intitulado *Aristotelis*. & um livro de Música aberto, & da outra parte duas* pombas estando com as asas ao quanto abertas, em ato de beijarem-se.

Deleite segundo São Thomás I:II quest. IX.art.I é uma quietude conhecida de coisas convenientes à natureza.

E segundo Platão no livro *de Republica siue de lusto* é de três vertentes, distinguindo o dito Filósofo a alma nossa em três partes, ou seja em três potências Raciocinadoras, Irascíveis, & Concupíveis, às quais correspondem três normas de viver, Filosófica, Ambiciosa, & Avara do dinheiro, servindo o dinheiro por cavar-se logo todos os desejos, a primeira se exercita com juízo, experiência, prudência, razão, & verdade; A segunda com a potência, vitória, & glória; A terceira a qual ainda chama Concupível com os cinco sentimentos do Corpo, Então nasceu que Xenofonte no primeiro livro *De factu*, & *dictis Socratis* ensinando a estrada da Contemplação, & do prazer coloca por meio os cinco sentimentos, como que por aqueles se tenham todos os gostos possíveis dizendo,

„ *Primum nanq; considerabis, quem tibi gratum cibum, aut potum inuenias, quidue visu, aut odoratu, aut tactu voluptuosum percipias, quibusq.* cupiditatibus vsus, quam maxime delectatione effectus fueris, quoque pacto mollissimè dormias, & absque laboribus omnia ista agas.*

& Cicerone livro IV quest. Tuscul.

Delectatio est voluptas suavitatis auditus,

Vel aliorum sensuum animum delinens.

Mas por explicar a figura digo que se represente jovem de dezesseis anos pois neste número os Egípcios notavam o prazer. & o Deleite como refere Pierio Valeriano falando dos números.

Jovenzinho se faz por ser os jovens mais dedicados aos prazeres, & aos Deleites onde Horácio na Poética.

„ Al Giovanetto alqual ancor vn pelo

„ Non segna le mascelle, à pena è dato

„ Viuer senza custode, & sciolto in tutto

„ Dal precetor: ch'ei gode hauer caualli

„ E girsene cacciando, e star in villa,

„ Quest'è qual cera à seguitar il vitio

„ Aspro à chi lo riprende, tardo à quello

„ Ch'vile apporta, & presto à quel che nuoce,

„ Prodigio del danar superbo, & pieno

„ Sempre di voglie, duro, & ostinato

„ A seguir cio che li diletta e piace.

Se pinta de vago, & de bellissimo aspecto sendo que os Gregos chamavam o Deleite terpifis, que significa uma escolha de gostos, sendo o Deleite uma coisa belíssima, suavíssima, & por todos desejada, como pelo contrário a dor (é) coisa molestíssima, feíssima, & por todos odiada.

O vestimento de cor verde demais que convenha à juventude pela esperança, que se tenha dela, significa ainda a vivacidade, & firmeza do Deleite sempre verde nos seus apetites, onde Petrarca.

Per far sempre mai Verdi i miei desiderì.

Além (de) que o verde significa a Primavera símbolo da Juventude, por ser ainda a dita estação muito mais apta aos diversos deleites, & prazeres.

Ultimamente a cor verde significa o sentimento do ver sendo que não seja coisa mais grata, & deleitosa à vista desta cor, não sendo coisa mais graciosa dos verdes, & floridos prados, das árvores cobertas de frondosas, & a **vida**, & fronte ornadas de ter cobertos de verde, que de vivacidade de cores não cedam à Esmeraldas, Por mais renda o Abril, & o Maio muito mais aprazes, & diletêvoles dos outros meses pela abundância do verde

nos Campos, qual move à sua sombra, até os pássaros à cantar mais suavemente, que em outra estação, & por todas estas razões as cores se colocam pelo sentimento do ver sendo o seu objeto adequado; **O ar o meio & o sensorio o humor Cristalino que está fechado com o humor áqueo dentro (d)a túnica dita vuesa**, disse que o ar, é o meio da visão, por que segundo o Filósofo.

Sensibile positum supra sensorium non facit sensationem.

Mas se busca este meio (pois o) ar se bem pode ser ainda água, ou outro corpo Diáfano, como deveras bem fazem todos os Filósofos como Alessandro Afrodiseo entre os outros diz no Comentário III de anima.

Visio sit eo quod sensorium colores excipit & se se coloribus simile praebeet, querendo dizer (que) quem recebe as espécies de cores multiplica pelo ar que é entre o sensível, & o sensorio.

O sentido da visão é entre todos o mais nobre, & apreciado, & por isso a natureza tem feito os olhos em lugar eminente ou seja na cabeça na parte dianteira verso o qual o homem se move, & os têm munidos pelas suas seguranças de pálpebras, Ciliosos* entorno, & pele que os circunda, O olho é composto de três humores Cristalino, vítreo, & áqueo, ou albugíneo*, de quatro túnicas. A primeira exterior, & se chama adnata, ou mesmo conjuntiva, A segunda Córnea, A terceira vuesa*, A quarta Aracnoide, ou mesmo reticular, a qual imediatamente contém os três humores, Mas (do que qualquer outro) a sagaz Natureza assim o olho poderia ver qualquer coisa, & mover-se por todos os versos assim fosse feito à qualquer visão (que) os tenha formado entre os* músculos, ou seja feitos instrumentos por vários movimentos, os primeiros quatro movem de cima para baixo, à parte do nariz, & em direção da orelha, dois outros obliquamente em direção das pálpebras, & um os dá o movimento circular, como dissera Vessálio, Vasseo, & antes de todos Galeno livro X *de usu partium humanorum* capítulo VIII. Estes músculos têm todos o próprio nome do seu afeto qual por brevidade translúcido, O sentido do olfato, pelo qual se coloca grandíssimo Deleite o representamos com a quirlanda de rosas, & outras flores odoríferas, sendo que a rosa entre as outras flores é de suavíssimo odor qual penetram pelas narinas por meio do ar por dois canais pelo afeto da Natureza produzidos acima da parte dianteira do cérebro, & assim se faz o olfato, como diz Ludovico Vasseo na terceira tábua da sua Anatomia, & Galeno livro VIII *de usu part.*

Porta ao pescoço o Colar de ouro por significar (a)o Deleite grandíssimo que coloca este metal o qual é desejado por todos, & como diz o Poeta *Auri sacra fames*, sendo que é o mais nobre de todos os outros, onde os Antigos nos seus sacrificios costumavam

doar **as trombetas** às vítimas pensando de fazer coisa grata aos seus falsos Deuses como dissera Plínio livro 33 capítulo III sendo o dito metal naturalmente claro, reluzente, virtuoso, & **reconfortante***, de maneira que os Físicos o dão nas enfermidades do coração, & aos morimbundos por revigorar a virtude vital de um sopro* de ajuda, ademais que lhe representa o Sol Luz nobilíssima se sabendo que não é coisa alguma ao mundo mais grata vaga, & merecedora* de luz, por mais diz a sagrada Escritura que o homem justo, & Santo será assemelhado ao ouro, & à luz, por mais todas essas prerrogativas adiciona ainda outras Plínio no lugar citado, & são, que o ouro não se consome ao fogo como os outros metais, ainda quando é pelo fogo circundado mais se aperfeiçoa, & isso é a prova da bondade do ouro, que em meio ao fogo seja de um intenso calor do fogo, & por isso a Escritura em pessoa dos Justos, & Mártires de Cristo diz *Igne nos examinasti sicut examinatur argentum, & aurum*, Uma outra causa do preço deste metal é que não se acha assim (tão) facilmente como os outros metais, & assim se estende, & se divide quase em infinito não perdendo jamais o seu valor, Ora se o ouro, é em tanta qualidade apto* aos mortais não fará maravilha se com aquilo (que) temos representado o Deleite dos avaros, por mais que as riquezas servem para conquistar-se quanto se pode desejar por todas as vertentes de Prazer, Onde Platão no lugar citado *de Republica** falando da terceira espécie de Deleite diz.

Tertiam vero propter varietatem vno non potuimus proprio, ipsius vocabulo nominare, sed ex eo quod in se continet maximu- vehementissimumque co-cupiscibile appellauimus, propter vehementiam earium cupiditatem quae ad cibum- potumq; & venerea rapiunt, & adea, quae ista sequuntur: Nec non auarum- cognominauimus, quoniam pecuniarum maxime huiusmodi res exple-tur. *Atque si notum- hoc pecuniarum-, & lucri cupidum nominemus recte admodum appellabimus, ac si voluptatem affectumque lucri dixerimus esse.*

A língua que por pendente (se põe) à dito Colar denota o gosto, o qual tem todos os animais, a língua do homem se bem é unida, & conexa/convexa*, é por mais germinada, & dupla, como todos os outros instrumentos dos sentidos como diz Galeno ao livro II *de visu partium*; & tenha três camadas de músculos, dos quais alguns se alçam para o palato, outros o abaixam, & outros se encontram* por ambos os lados, Tenha ainda duas famílias* de nervos, um que venha da sétima conjugação do Cérebro, & dê o movimento voluntário à ditos músculos, A outra da terceira conjugação quais se dispersam pela primeira túnica/camada da língua por distinguir os sabores que se lhe oferecem, & estes nervos são o sensorio do gosto, dos quais ainda nos são esparços pelo

palato, o meio pelo qual seja necessário à todos os sentidos é a própria carne da língua, & por tal efeito tenha produzida a natureza assim esponjosa, & deixe assim poder em si receber todos os sabores, os quais se produzem nas coisas comestíveis, de primeiras & segundas qualidades, que nesta se encontram, o qual como se faça por ser declarado em Platão no Timeu, transluz, me basta ter acenado que o gosto se faz na língua com aqueles vasos que já dissemos, o que querendo ainda Lattanzio Firmiano escrevera. *Nam quod ad sapes attinet capiendos fallitur quisquis hunc* sensum palato inesse arbitratur, lingua est enim qua sapes sentiuntur, nec tamen tota, nan partes eius, quae sunt ab vtroq; latere teneriores sapes subtilissimos sensibus trahunt.*

A Lira é símbolo do ouvido, sendo que a Lira tem dois buracos arcados que significam as orelhas, & o ouvir, pelo que sim como na Lira tocam aquelas cordas, & aqueles nervos o ar aproxima (com*) comovida (voz) responda àqueles dois buracos, & repercutindo no côncavo desta onde é ainda aprisionado o ar, manda fora o som, assim a voz movendo o ar fora das nossas orelhas (não sendo outra a voz, ou som que um repercussão de ar segundo Aristóteles) a pinta nos canais daquelas, a qual encostada à uma certa pelugem esticada como um tambor onde são de concenso todos os Anatômicos (que) dois objetos dos quais pareça um anudine, & o outro um martelo, debatendo-se pela força do ar exterior por meio* do ouvido repercute, & retumba em um certo ar natural, que está de dentro aprisionada desde o princípio do nosso nascer, & por meio de um nervo da terceira conjugação que vai ao cérebro, onde estão todas as faculdades animais, se faz o ouvido como testifica Galeno livro II e 16 *de vsu partium humanorum*. O ouvido é um sentido nobríssimo & concorre com o ver, entrando pelos olhos na alma as imagens das coisas, & pelas orelhas os conceitos alheios junto com as palavras, dos quais dois sentimentos tanto mais louvam as orelhas quanto per essas passam as sentenças de um ao ânimo de outro, & une as coisas que se aprendem pelos olhos (pois) são como vozes mudas, assim ouvem as orelhas as vozes vivas, & por mais dizia Xerfe, que a almo habitava nas orelhas por que ela das boas palavras se alegrava, & das más se doía.

E conciderando os Antigos o útil que levavam as orelhas ao saber (tinham) crença que fossem consagradas à Sabedoria, & à Prudência. Aonde por vezes vinham eles (ao) encontro (d)os filhos (e) lhes davam beijos às orelhas como desejassem sumamente acariciar aquela parte da qual esperavam que os filhos fossem por aprender o saber; onde nós não deveríamos ter outro gosto que em exercitar-se em sentir a palavra de Deus obedecendo à São Matheus ao II. *Beati qui audium verbum Dei, & custodiunt*

illud; & São Bernardo em uma certa epístula diz. Auris bona est, quae libenter audit vtilia, prudenter discernit audita, obedienter operatur intellecta.

Agora sendo a orelha tão nobre não é maravilha que os Antigos a figurassem com a Lira como diz Pierio Valeriano ao livro 60 dos Hieróglifos, sendo ainda a Lira segundo os Antigos em grande veneração, onde a utilizavam à canta deveras doces Poemas somente à mente*/permissão*/menção de homens grandes.

Se pinta a mão alta com o pleito* como cetro por denotar o sentido do tato, por que o homem tem o domínio, & supera qualquer animal de prontidão deste sentido, sendo temperadíssimo entre todos os outros, qual temperamento é necessário ao tato, devendo judiciar todas as qualidades tando primárias, quanto secundárias; As primeiras são o quente, o frio, o húmido, & o seco; E as segundas são o mole, duro, mórbido, pungente, & outra similares.

E por mais dissera Cicerone *secondo de Natura Deorum tactus toto corpore aequabiliter fufus est, vt omnes ictus omnesque nimios, & frigoris, & caloris appulsus sentire possimus.*

Mas se bem difuso por todo o corpo, não por menos está principalmente nas mãos sendo ditas mãos criadas para pegar, & tocar qualquer coisa necessária às ações humanas temperadíssimas, & em particular o dedo indicador, & por mais não é maravilha se por qualquer mínimo excesso de ditas qualidades se gera a dor, Como pelo contrário tocando coisas gratas ao dito sentido proporcionadas se gera gosto, & Prazer.

O livro entitulado *Aristotelis* significa o gosto, & o Deleite do Filosofar, ou raciocinar, estando fundado sobre o aprender, o quel se exercita segundo Platão com aqueles cinco meio que disse acima, ou seja Juízo, Experiência, Prudência, Razão, & Verdade; E por que Aristóteles tem nas suas obras de cada coisa pertencente à Filosofia tratada, meritamente lhe se dá dito título, onde dissera Petrarca.

Ch'altro Diletto ch'imparar non trouo.

A espada cinta ao lado significa o Gosto dos ambiciosos, ou irascíveis, quais tenham pelo seu objetivo a Potência, Glória, & Vitória quais todas (essas) coisas se conquistam com as armas.

O livro de Música não somente denota o Canto pelo sentimento do ouvido, mas o gosto, & Prazer grandíssimo, que rende a Música, onde Sócrates demandando ao Oráculo de Apollo, que fazer ele deveria para ser feliz, lhe fôra respondido que ele aprendesse a Música, a qual ainda Aristóteles na Política põe entre disciplinas Ilustres, & Beroaldo em uma sua Oração a louvando disse *Musica adeo delectabili* est, vt eius*

dulcedine cuncta capientur; & por maior concideração o Elegante Filóstrato narra os seguintes efeitos daquelas maravilhas.*

Musica merentibus admit marorem hilareo effecit hilariores,* amatorem calidiores, religiosum ad Deum laudandum paratorem eademq; varijs moribus accommodata animos auditorum quocun'q* vult sensim trahit.*

E finalmente Regio Profeta disse.

*Cantate Domino Canticu- nouum, & di nuouo,
Psallite, Dommo in Chitara, & você Psalmi.*

As Pombas na forma sobre dita significam o Praser amoroso, qual é o maior entre todos os Deleites anteposto ainda em Platão, & à todos os outros gostos no livro dito *Conuiuium sine de Amore* dizendo.

Nulla voluptatem esse amore potentiores, & é ainda declarado por um outro belo engenho nesses versos,

*Topatij Oro, Rubin, Perle, e Zafiri
Et cio che il mondo avaro hà in maggior pregio,
Val nulla appo il Thesoro,
Che solo in terra hà pregio,
Che ben che io tal hor miri
Qualche cosa dicare,* tanto foro
Le ricchezze, oue Amorevole ch'aspiri
Che nulla altra vaghezza il car m'ingombra
Ch'oscur mi pare e vile
E à pena hauer di pregio vna lieu'ombra.*

DILIGÊNCIA.

Do Sn. Gio. Zaratino Castellini.

⇒ Imagem. (pág. do livro 155; pág. do PDF 227)

Mulher de vivaz aspecto, tenha na mão direita um ramo de Tomilho, sobre o qual voe uma abelha, na mão esquerda tenha um tronco de **Amêndoa* vencido com um Moro Celso**, aos pés esteja um galo que cisque.

A Diligência é dita segundo alguns, à *diligendo*, que significa amar, por que as coisas que amamos nos são prazerosas, que por mais pomos cada diligência em conseguí-las, proporcionada etimologia, mas não Germânica, pois a Diligência é

derivada da voz *Lego*, ou mesmo *Delego*, naquele sentido que significa escolher. Marco Varrão no quinto livro da língua Latina *Ab legendo legio: & diligens, & delectus*. o mesmo afirma Marco Túlio no segundo. *De natura Deorum A dilige-do diligentes*, pois os diligentes escolhem por eles o melhor, sim que a Diligência é a indústria, que colocamos em eleger, e escolher aquilo que nos é mais agradável* em nossas ações, a qual diligente indústria se lê em Stobeo* que é mais útil que um bom engenho. *Diligens industria vtior quam bonum ingenium*. E ainda mais recomendável, aquilo, que se adquire com indústria, e Diligência, que por sorte, & acaso, sem estudo, indústria, & Diligência, a qual vale muito em qualquer coisa, e nula nos é que por ele não se consiga, esperado que por ele somente todas as outras virtudes se contenham; como ao segundo do Orador assere Cicerone. *Diligentia* in omnibus rebus plurimum valet,* haec praecipue colenda est nobis haec semper abhibenda, haec nihil est, quod non affequetur: quia vna virtute reliquae omnes virtutes continentur*. A diligente indústria, ou mesmo a industriosa Diligência, em eleger, escolher, e aplacar* o melhor vem figurada pela abelha que voa sobre o Tomilho, o qual é de duas espécies, segundo a autoridade de Plínio, um que nasça nas colinas* brancas de raiz lenhosa, a outra é pouco mais enegrecido de flor negra: Plutarco ao tratado da tranquilidade da alma se refere que é planta acentuadíssima, & aridíssima, & não por menos daquelas vão as Abelhas ao mel, a aplica ele aos homens generosos de coração que pela adversidade ajam utilidade. *Homines cordatis sicut Apibus mel praebet thymus, acerrima, & aridissima herba, ita erebus aduersissimus saepe numero conueniens aliquid, & commodum decerpunt*. Mas nós a aplicamos aos homens Diligentes, que com Diligência; & indústria nos seus negócios retiram das coisas áridas, e dificultosas aquilo que é mais útil, & melhor por eles, como a abelha industriosa, & diligente, que do Tomilho acentuado, & árido recolhe doce humor: do Tomilho às Abelhas grato, vê-se em mais lugares Plínio, e Theofrasto. A Diligência pega-se ainda pela assiduidade, & solícitude; como por São Thomás em II.II. questão 54. artigo I. *Est autem Diligentia ide*m quod sollicitudo ideo requiritur in omni virtute, sicut etiam sollicitudo*. E por que alguns por desejar ser Diligentes, & solícitos, são demasiadamente assíduos, & apressados queremos advertir que a Diligência imensa* é viciosa, por que aos homens é necessário o repouso, & o relaxamento de alma, o qual reforça as forças, & renova a preguisa, (& a) memória. Ovídio na quarta Epístola.

Haec reparat vires, fessaque membra leuat

Arcus, & arma tuae tibi sunt imitanda Dianae*,*

*Si numquam cess*es tendere, mollis erit.*

O qual repouso nos estudos, maximamente é necessário, pois a estanca mente não pode discernir o melhor por ser confusa, e perturbada. Protógenes Pintor famoso de Rodes*, se não fosse estado tão assíduo, & demasiadamente diligente no estudo do pintar, fosse em qualquer parte mais excelente, & igual à Apelle, o qual repreendia dito Protógenes que não sabia deixar a mão do cavalete do pintar, onde a demasiada Diligência é nociva, como diz Plínio livro 35 capítulo X raciocinando de Apelle. *Dixit enim omnia sibi cum illo paria esse, aut illi meliora, sed vno se praestare, quod manum ille de tabula nesciret tollere, memorabili praecepto, nocere saepe nimiam diligentiam.* E por mais não se deva ser rápido nos seus negócios & estudos, nem se deva ninguém deixar transportar do desejo de ver o fim da intenção sua, mas (se) deve ser conciderado, cauteloso, & solerte igualmente, sim que a Diligência deva ser com maturidade ministrada, e posta entre a tardância, & a pressa, das quais se forma uma louvada, & matura Diligência. Onde beníssimo dissera Aulo Gellio livro X capítulo 11. *Ad rem agendam simul adhibeatur, & industriae celeritas, & Diligentiae tarditas.* Esta sim feita Diligência a figurou Augusto com o caranguejo, & a borboleta, tendo sempre em boca aquele dito vulgar. *Festina lente.* Tito Vespasiano a figurou com o Golfinho envolto à âncora, Paolo Terzo, com o tardio Camaleão anexo ao veloz Golfinho. O Grande Duca Cosmo com uma Testudinata, ou Tartaruga que dizer queremos, com uma vela* sobre; & nós com o tronco de Amandorlo* unido ao de Moro Celso: por que o Amandorlo é o primeiro à florescer. Plínio *Floret prima omnium Amigdala mense Ianuario*, Sim que seja mais solerte dos outros, & como apressado, & estúpidamente manda fora as flores no inverno, onde bastante privado se fica dado à aspereza do tempo, & por mais deseja unir a solerte Diligência com a tardeza, da qual não é símbolo o Movimento, pois mais tarde de outros floresce, e por isso é reputado o Moro* mais sábio da outras árvores. Plínio livro 16 capítulo 25. *Moru nouissimè urbanorum germinat, nec nisi exacto frigore, ob id dicta sapientissima arborum:* Assim deveras sábio será reputado aquele que unirá a presteza com a tardância entre as quais consista a Diligência. O galo é animal solerte, & diligente, por si mesmo, em ato então de ciscar demonstra a ação da Diligência, por que o Galo tanto cisca por terra, até que ache aquilo que deseja, & discerne dos inúteis grãos de pó* os úteis grãos do seu alimento. Ausônio Poeta escrevendo à Símaco sobre o ternário número, dissera como por Provérbio o Galo de Euclião, querendo significar uma exata Diligência, o qual Provérbio se lê nos Adágios. *Gallinaceum Euclionis Prouerbio dixit, qui solet omnia diligentissime*

perquirere. & inuestigare, ne puluisculo quidem relicto, donec id inuenerit, quod exquisita cura conquisierat.

DESCRIÇÃO.

□ Imagem. (pág. do livro 157; pág. do PDF 229)

Muler de idade, & de aspecto matriarcal terá a veste de ouro, & o manto de cor de pavão; terá a cabeça ao quanto inclinada para o lado esquerdo, & o braço esquerdo recolhido em alto, & a mão aberta em ato de ter compaixão do próximo terá com a mão direita a vara lésbia de chumbo, & sabido se fará um Camelo a deitar sobre os joelhos. Se representa de idade, & de aspecto matriarcal pelo que na idade perfeita é o juízo, & a Descrição, & por mais S. Bernardo falando da Descrição, assim diz *Mater virtutum*.

O hábito de ouro, & o manto de pavão não somente significa a prudência, & a severidade, mas a reta razão em busca da verdade das coisas justas que se encontram no homem bom, & razoável onde S. Thomás III sentença dist*. 33 q.I art. V. *Discretio pertinet ad prudentiam, & est genetrix, custo, moderatrixque virtutum*.

Tem a cabeça ao quanto inclinada para a parte esquerda: & o braço esquerdo recolhido em alto, & a mão aberta em ato de ter compaixão dos outros pelo que Aristóteles no VI de Ética diz, que o razoável facilmente se acomoda em ter compaixão à quem erra, & condena judiciosamente certas imperfeições humanas àqueles nos quais se acham. Tem com a direita mão a régua lésbia de chumbo, por demonstrar que o homem razoável observa com cada diligência a equidade não entretanto aquilo que mostra a obra de dito instrumento, o qual costumavam utilizar os Lésbio à medir as suas fábricas*, feitas à pedras facácias as quais preparam somente acima, & abaixo, & por ser dita régua de chumbo se pega segundo a altividade, & baixeza das pedras, mas ainda não sai jamais do direito*. Assim a reta razão se pega à imperfeição humana, mas ainda não sai jamais do direito da Justiça, sendo ela fundada com juízo, & acompanhada como temos dito da Equidade de cujo quanto mais pode (e) é verdadeira executora (segundo) Aristóteles no V de Ética.

Lhe se pinta ao lado o Camelo na forma que temos dito por demonstra que a Razoável natureza de dito animal, sendo que não leva maior peso daquele que as suas forças suportam, & por mais à imitação deste animal o homem que é racional deve razoavelmente operar (o) bem, pelo que tudo aquilo que será com Razão é virtude, ao contrário tudo aquilo que será sem Razão é vício, como deveras bem dissera Isidoro livro VI de sinod. *Quicquid boni cum Discretione feceris virtus est, quicquid sine discretione gesseris vitium est, virtus enim indiscreta pro vitio reputatur*.

ESTILO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 158; pág. do PDF 230)

Um jovem de aspecto nobríssimo, vestido de uma vaga/longa*, & rica veste, que com a direita mão tenha um compasso, & com a esquerda um espelho.

Desenho se pode dizer que esse seja uma notícia/figura proporcional de todas as coisas visíveis, & terminá-la em grandeza com a proporção de colocá-la em uso. Se faz jovem de aspecto nobre, por que é o nervo de todas as coisas fatífeis*, & prazerosas por via da beleza, razão pela qual todas as coisas feitas pela arte se dizem mais, & menos belas, segundo tenham mais, & menos Desenho & a beleza da forma humana floresce na juventude principalmente. Se pode ainda fazer em idade viril, como idade perfeita, quanto ao Discurso, que não precipita as coisas, como (n)a juventude, & não o tem como (n)a velhice irresolutas. Poderia-se ainda fazer velho, & grisalho como pai da Pintura, Escultura, & Arquitetura, como ainda pois não se adquire jamais o Desenho perfeitamente senão ao último da idade, e por que é honra de todos os artífices manuais, e a honra à velhice de que à (comparação) de outra idade parece que convenha: Se faz o Desenho vestido, por que poucos são que o vejam nu, ou seja que saibam inteiramente as suas razões,* senão quanto a ensine a experiência, a qual é uma veste ventilada pelos ventos, por que segundo diversas operações, & diversos costumes de tempos, e lugares se mova. O compasso demonstra que o Desenho consiste nas medidas, as quais são à hora louváveis. quando entre elas são proporcionais segundo as razões do dobro, metade, terço, e quarto, que são comensuráveis de um, dois, três, & quatro, no qual número se restringem todas as proporções, como se demonstra na Aritmética, & na Música, & por conseguinte todo o Desenho, onde consista necessariamente em diversas linhas de diversa grandeza, ou distância. O espelho significa como o Desenho aparece à aquele órgão interno da alma, qual fantasia se diga, qual lugar das imagens, razão pela qual na imaginativa (alma) se fervam todas as formas das coisas, & segundo a sua apreensão se digam belas, & não belas, como tem demonstra o Senhor Fulvio Marionelli em alguns (de) seus discursos, onde aquilo que deseja perfeitamente possuir o Desenho, é necessário que tenha a imaginativa (mente) perfeita, não maculada, não destinta, não obscurecida, mas concisa, clara, & capaz retamente de todas as coisas segundo a sua natureza, onde por que significa homem bem organizado naquela parte, da qual penda ainda a obra do intelecto, por mais racionalmente aos homens que possuam o Desenho se costuma dar muita fé, & o mesmo louvor convencionalmente se busca por esta via como ainda por que a natureza tem poucas coisas perfeitas poucos são aqueles que chegam à tocar o sinal nesta amplíssima profissão, que por mais talvez em nossa língua venha deverazmente com essa voz Desenho. Muitas mais coisas se poderiam dizer, mas por ter a sólita brevidade isso basta, & quem deseja ver mais, poderá ler o livro intitulado o Êxtase de Fulvio Marionelli, que será de dia em dia às estampas, obra verdadeiramente de grandíssima consideração.

DESPREZO DO MUNDO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 159; pág. do PDF 231)

Homem de idade viril, armado, com um ramo de Palmeira na esquerda mão, & na direita com uma haste, tendo a cabeça para o Céu será coroado em louro, & molde/calce* com os pés uma coroa de ouro com um Cetro.

O Desprezo do Mundo outro não é, que ter aborrecimento, & estimar vil(mente) as riquezas, & as honras desta vida mortal, por conseguir os bens da vida eterna. O que se mostra no Cetro, & na Coroa ignorada.

Tem a testa para o Céu, por que o Desprezo nasce de pensamentos, e estímulos santos, e endereçados a Deus somente.

Se pinta armado, por que não se chega à tamanha perfeição sem a guerra, que faz com a razão o sentido ajudado pelas potências infernais, e pelos homens céleres seus ministros dos quais ao fim restando vitorioso meritamente se coroa em louro, tendo deixado para traz em grande distância aqueles, que por vias tortas se apressam à obter a felicidade, falsamente crendo, que essa se possa em uma breve, e vã representação de coisas prazerosas os gostos deles, onde o Apóstolo bem dissera. *Non coronabitur nisi qui legitime certauerit.*

DESPREZO, E DESTRUÇÃO DOS

prazeres, & maus afetos.

⇒ Imagem. (pág. do livro 160; pág. do PDF 232)

Homem armado, & coroado em uma guirlanda de louro, que esteja em ato de combater com uma serpente, & ao canto se seja uma Ceconha aos pés da qual se são diversas serpentes, que estejam (também) em ato de combater com dita Cegonha, mas se veja, que por essa restam ofesas pelo bico, & com os pés.

Se pinta armado, & com a serpente, por que quem é Depreciador, & Destruidor dos prazeres, & maus efeitos, convenha que seja de ânimo forte, & virtuoso. Lhe se pinta a Cegonha, como dizemos, sendo que ela continuamente faz guerra com(ntra) as serpentes, as quais animais, são totalmente terrenos, que sempre vão com o corpo por terra, & sempre estão àquelas atados, ou mesmo se escondam nos mais secretos confins daquela; onde por imaginação deste pássaro, que devore as serpentes, se mostra o ânimo o qual deprecia as delícias do mundo, & que por si remova, & de uma vez por todas corte os desejos desenfreados, & os afetos terrenos significados pelas venenosas serpentes.

DISTINÇÃO DO BEM, E DO MAL.

⇒ Imagem. (pág. do livro 161; pág. do PDF 233)

Mulher de idade viril, vestida de hábito severo com a direita mão terá uma peneira*, & com a esquerda um debulhador.

Se representa em idade viril, & vestida com veste severa, por que dita idade é mais capaz, & reta pela razão, à distinguir o bem do mal, que a juventude, & a velhice por ser em uma os excessos das ferventes concupiscências, & paixões, & na outra os delírios do intelecto. Outro instrumento é a peneira, por demonstrar a Distinção do Bem & do Mal, do qual se o serve por tal símbolo Cláudio Paradino com um dizer *Et* quis discernit vtrumque?* Quem é aquele que distingue, divide, ou resfrega* um, & outo, ou seja o bem do mal? como a Peneira, que divide, o bom grão do mal joio*/óleo, e da útil ervilhaça, o que não fazem as iníguas pessoas, que sem utilizar o Filtro da razão qualquer coisa reúnem, & por mais Pierio pega a Paneira por Hieróglifo do homem de perfeita sabedoria, pois um estúpido não é apto a saber discernir o bem do mal, nem sabe investigar* os segredos da natureza, onde era esse Provérbio sabido (por) Galeno. *Studi ad cribum*. Os sacerdotes Egípcios por **pegar com sagaz conjeitura os vaticínios**, costumavam pegar uma Peneira em mão, sobre que vêm-se (n)os adágios naquele dito pego pelos Gregos. *μοσμινζα μαντευσμαζε*. *Cribo diuinare*. O ancinho que tem da outra mão, tem a mesma propriedade, por que de tal instrumento serve-se o agricultor por purgar os campos das ervas nocivas, & rapar fora as infestações, e estepes* dos prados, inperio que a peneira*; & o ancinho é dito a rapando, como dis Varrão livro IV *De lingua Latina, eo festucas homo abradit, quae* abrasu rastelli dicti Rastri quibus den talibus penitus eradum terram, à quae* & rutabri dicti*. E no primeiro livro de re rustica, capítulo 49 diga *Tum de pratis stipulam rastellis eradi, atque adere foeniciae cumulum*. Agora sim como o agricultor com a peneira separa do campo as ervas más, & amontoa as palhas boas, & outras úteis recolhidas, assim o homem deve distinguir com a peneira do intelecto o bem do mal, & com a mesma juntas para si o bem, de outra forma se nisto será preguiçoso, & incauto se o doerá, por mais tenha em mente o recorde de Virgílio no primeiro das Geórgiadas:

Quod nisi, & assiduis herbam insectabere rastris
Et sonitu terrebis aues, & ruris opaci
Falce premes vmbras: votisque vocaueris imbrem
Heu magnum alterius frustra spectabis aceruum
Coneussaue famem in syluis solabere quercu.

Se de contínuo com as peneiras não tires, e separe a erva ruim do campo, se não colocares terror aos pássaros, se não lebares* a sombra, & não rezares (à) Deus pela

chuva, com tua dor verás o amontoado da boa colheita daquele outro que é feito diligente, & juizado em fazê-lo, & reduzires a fome com os alimentos*, o que nós podemos aplicar moralmente ao homem, o qual se não desenraizar de si as más plantas de ruins afetos, & desejos, & com a peneira do juízo não saberá discernir o bem do mal, & não repelir de se com coragem os pássaros* dos tolos, parasitas, adutores, & outras más gentes, & com a foice das operações não oprimirá* a sombra do ócio, & se não recordará a Deus com as orações, com dor se verá o bom propósito dos outros, & se passará a alimentar com os porcos, ou seja restará indigente*, estomacal*, ignorante, vil, & baixo, como um porco.

DIVINDADE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 162; pág. do PDF 234)

Mulher vestida de branco, com uma chama de fogo em cima da cabeça, & com ambas as mãos tenha dois globos azuis, & de cada uma saia uma chama, ou mesmo, que sobre a cabeça tenha uma chama, que se divida em três chamas iguais.

A candidez do vestimento mostra a pureza da excelência, que é nas três pessoas Divinas, objeto da ciência dos Sacros Theólogos, & mostrado nas três chamas iguais, por denotar a igualdade das três pessoas, ou em uma chama partida em três, por significar ainda a unidade da natureza com a distinção das pessoas.

A cor branca é própria da Divindade, por que se faz sem composição de cores, com nas coisas Divinas não se é composição de espécie alguma.

Por mais Cristo Nosso Senhor no Monte Tabor transfigurando-se aparece com o vestido como de neve.

Os dois globos de figura esférica, mostram a eternidade, que à Divindade é inseparável, & se ocupa a mão direita, & a falta com essas por que o homem ainda, pelas obras meritáveis feitas & pelos méritos de Cristo participa de eternidade celeste.

E isso basta ter dito deixando lugar de mais longo discurso às pessoas mais dotadas.

DOR.

⇒ Imagem. (pág. do livro 164; pág. do PDF 236)

Homem meio nu com as mãos, & pés entrecolados, & circundado por uma serpente, que decididamente* lhe morda o lado manco, será em vista muito melancólico.

As mãos, & os pés entrecolados: são o intelecto, com cujo se caminha, desencadeando o operar, que dão efeito, e discurso, & venham ligados à acervidade* da Dor, não se deixando se não dificilmente atender às solitárias operações.

A serpente, que cinge a pessoa em muitas maneiras significa ordinariamente sempre mal, & o mal, que é causa de destruição é princípio de Dor nas coisas, que tenham o ser.

Nas sagradas escrituras se têm ainda algumas vezes a serpente pelo diabo infernal cam a autoridade de S. Jerônimo* e de S. Cipriano, os quais, declarando estas palavras do Pater noster. *Libera nos à malo*. dizem, que isso é o maior (do nosso) mal, como causa de todas as imperfeições do homem internas, & externas.

DOMÍNIO.

⇒ Imagem (pág. do livro 165; pág. do PDF 237)

Homem com nobre, e rico vestimento, terá cingida a cabeça por uma serpente, e com a esguerda mão tenha um Cetro, em cima do qual se seja um olho, & o braço, & o dedo indicador da direita mão distendido, como costumam fazer aqueles que têm domínio, & comando.

Lhe se cinge a cabeça em forma de coroa com a serpente, pelo que (como narra Pierio Valeriano ao livro 15) é sinal notável de Domínio, dizendo com uma simples demonstração fôra predito o Império à Severo, sim como afirma Espartano, a cujo sendo ele em um hotel*, cinge a cabeça (com) uma serpente, & sendo acordado, & gritando (à) todos os seus familiares, & amigos que consigo haviam, ele sem têlos feito afensa alguma (decidiu) se ausentar, ainda mais, que dormindo Máximo o jovem o qual fôra pelo pai declarado juntamente consigo* Imperador, uma serpente lhe se faz em torno à cabeça, dando sinal da sua futura dignidade. Deixaremos aqui de reportar os outros Antigos exemplos, que no mesmo lugar Pierio conta, & em vez daqueles, produziremos um de mais fresca história exposto por Petrarca nas obras latinas do livro IV tratado VI de Portenti capítulo 23 onde narra, que Azão Visconde votirioso, por dominação do pai passou com o exército (a*)o Apennino, & tendo obtida uma vitória juntou* Altopasso, com igual ardor, e sorte, se revoltou contra os Bolonheses; em tal expedição, sendo decido do cavalo por reportar-se, levado-se o cabacete que próximo (à) si lhe pôs por terra, se entrou uma víbora sem que ninguém percebesse, a qual, colocando-se Azão denovo à cabeça o capacete, com horrível, e fumoso tumulto se diminuiu abaixo pelas livas do destemido, & valoroso Capitão, sem alguma sua lesão*; voltou-se por mais que fosse por ninguém seguida: mas induzindo aquele bom augúrio usou para sua impresa militar a víbora: Augurio não tanto pelas duas vitórias que então reportara, quanto pelo Domínio que posteriormente obtém pelo Ducado de Milão, e tudo isso afirma Petrarca por ter ouvido dizer em Bolonha enquanto se estava ao estudo: isto adiciono pois outros autores vão com fingidas quimeras operando vária causa, pela qual os Viscondes colocaram por empresa a cobra, **que ninguém por crer se deve que ao Petrarca, que por relação poucos anos depois o caso* seguido no mesmo lugar onde se seguiu. Quod cum**

Bononiae adolescens in studijs versarer audiebam. dissera Petrarca, & mais a baixo. *Hinc praecipue, quod ipse pro signovipera vteretur.* O juvenzinho logo, que sai da boca da serpente, não é outro que figura do juvenzinho Azão, que escapou da boca da Víbora, que não o mordera; mas tornamos à nossa figura. O Cetro com o olho em cima deste, que tem com a esquerda, & a forma do braço, & direita mão, é sem outra declaração sinal de Domínio, como se vê por muitos Autores, & em particular Pitágoras, que sob místicas figuras representando a sua Filosofia, expressa Osiris Rei, & Senhor com um olho, & um cetro chamado por alguns múltiplo olho*, como narra Plutarco sobre Ísis, & Osiris, *Regem enim, & Dominum Osirin oculo, & sceptro pictis exprimunt, & nomen quidam interpretantur Multioculum*, a qual figura nós podemos aplicar ao Domínio, por que um Senhor por reger bem o Cetro do seu Domínio, deva ser vigilante, & abrir bem o olho.

DOMÍNIO DE SI MESMO.

⇒ Imagem (pág. do livro 166; pág. do PDF 228)

Homem a sentar sobre um Leão, que tenha o freio em boca, & rege com uma mão dito freio, & com a outra punja dito Leão com um estímulo.

O Leão a saber (pelos) Antigos Egípcios, foi figurado pelo ânimo, e pelas suas forças; por mais Pierio Valeriano disse ver-se em alguns lugares antigos um homem figurado ao modo dito; por mostrar, que a razão deva exercer o freio ao ânimo, onde demasiadamente arde, e punji-lo, onde se mostra tardo,* e sonolento.

DOUTRINA.

⇒ Imagem (pág. do livro 167; pág. do PDF 239)

Mulher de idade madura, vestida de veste de pavão, que esteja a sentar com os braços abertos, como quisesse abraçar os outros, com a direita mão terá um cetro, acima do qual esteja um Sol, terá ao ventre um livro aberto, & se vê do Céu cair grande quantidade de orvalho.

A idade madura mostra, que não sem muito tempo se aprendam as Doutrinas.

A cor de Pavão significa severidade, que é ornamento da Doutrina.

O livro aberto, & os braços abertos de mesma forma denotam ser a Doutrina liberalíssima de si mesma.

O Cetro com o Sol é indício do Domínio, que tem a Doutrina sobre os horrores da noite da ignorância.

O cair do Céu grande quantidade de orvalho, nota segundo a autoridade de Egípcios, como narra Ot*o Apolline*, a Doutrina, por que, como essa aquece as plantas jovens, & as velhas endurece, assim a Doutrina os engenhos dobra-os, com o próprio consenso (de) enriquecer* a si mesma, & outros ignorantes de natureza deisxa em despartir.

< ITENS COM E >

ECONOMIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 168; pág. do PDF 240)

Uma matriarca de aspecto venerando, coroada em oliveira, que tenha com a esquerda mão um compasso, & com a direita uma baqueta, & ao canto se seja um timão.

Por que à felicidade do comum viver político se requer a união de muitas famílias, que sob as mesmas leis (se) unem, & por aquelas se governam, & por manter qualquer família com ordem conveniente, tem desejo de leis particulares, & mais refli*e*ta* das universais, por mais esta privada ordem de governar a família se demanda pelos nossos com palavra advinda dos Gregos Econimia, & tendo cada coisa, ou família comumente em si três **respeitos** por ser ela pertinente à vida, como seu membro, de patriarca, & de servos, de pais, & de filhos, de marido, & de esposa, por mais essa figura se pintará com a baqueta, que significa o império que tem o patriarca sobre os seus servos, & o timão demonstra o cuidado, & o regimento, que deva ter o pai dos filhos, por que ao mar das delícias jovens **eles não retorçam** o curso da virtude, nas quais se devam treinar com cada vigilância, & estudo.

A guirlanda de oliveira demonstra, que o bom Economista/Gestor* deva necessariamente manter a paz em casa sua.

O compasso ensina quando qualquer um deva medir as suas forças, & segundo aquelas governarse tanto no gastar, como nas outras coisas, por manutenção da sua família, & perpetuidade daquela, por meio da medida, que por isso se pinta matriarca, quase que àquela idade convenha o governo da casa, pela experiência, que tem das coisas do mundo, isso se pode ver no seguinte Epigrama feito com um belíssimo engenho.

Illa domus felix, certes quam frenat habenis.

Prodiga nen aeris mater & ipsa vigil.

Quae caueat nati scopulis, ne forte iuuentus

Allidat saeuis, nec superetur agis,

*Vt bene concordēs, cuncti si*a iusta capessant*

Vnaq; sit varia gente coacta domus

Si caput auellas migravit corpore vita,

Sic sine matre proba quanta ruina domus.

EDUCAÇÃO.

⇒ Imagem (pág. do livro 169; pág. do PDF 241)

Mulher de idade madura, vestida em ouro, e que pelo Céu se veja um raio que faça resplandecer dita figura. Mostrará as mamas que são cheias de leite, & o peito todo descoberto, Estará a sentar & com a direita mão tenha uma vara, & que com atenção mostre de ensinar a ler uma criança & da parte esquerda está um varão fixo em terra, ao qual seja ligado um tenro arvoredor, & que mostre de desejá-lo abraçar com o braço esquerdo.

Educação, é ensinar a doutrina, & maestralmente dos costumes, & instruções de vida pela via universal, & particular da virtude nas ações mentais, & corporais que fazem os pais, aos filhos, ou os mestres aos discípulos.

Se representa em idade madura, pois a Educação por muito tempo exercitada nas letras, e nos bons costumes tem faculdade de instruir & ensinar a via para (se) chegar à verdadeira felicidade.

O vestimento de ouro denota o apreço & a perfeição deste nobríssimo sujeito.

O raio que do Céu pende, & que faz resplandecer dita figura demonstra que à Educação é necessária a graça de Deus, onde São Paulo I Corintos *Ego plataui Apollo rigauit Deus incrementum dedit.*

As mamas cheias de leite, & o peito descoberto, significam uma parte principalíssima da Educação, qual tenha de mostrar apertamente a candidez do ânimo seu, & comunicar as próprias virtudes.

Se representa que esteja a sentar pelo que a Educação é o fundamento de eleger a virtude, & fugir (d)o vício.

Tem com a direita mão a vara por que a régua, é/&* a correção, causa em nós a Sabedoria, como dissera Salomão aos Provérbios a 29.

Virga atq'; correctio tribut sapientiam.

& de mais Sêneca de ira livro III.

Educatio, & disciplina mores faciunt.

O ensinar a ler com atenção à criança denota que seja aquela parte demonstrativa com a qual se ensina por aprender a ciência, sendo ela primeiro hábito do intelecto especulativo, a qual reconhece, & concidera as coisas divinas, naturais, & necessárias pelas suas verdadeiras causas, & princípios.

Se pinta que ao canto à dita figura se esteja o varão fixo em terra o qual é ligado ao tenro arvoredado mostrando de desejá-lo abraçar com o esquerdo braço, pois aqui se demonstra que a Educação não somente se extenda ao ensinar as letras, mas ainda aos bons, & ótimos costumes em fazer cada obra em retidão (conforme*) a planta ou seja à juventude, a qual é como um terreno fértil, que não sendo cultivado, produz tanto mais espinhos, & urtigas, quanto ele tenha mais virtudes, & mais humor/vontade, onde Dante diz no terceiro do Purgatório.

Mà tanto più maligno & più siluestre

Si fà il terren co'l mal seme nen colto

Quant'egli hà più di buon vigor terrestre.

De mais Galeno *de cura animi affecti*.

Puerorum educatio similis est culturae, quae in Plantis vtimur.*

ESCOLHA.

⇒ Imagem (pág. do livro 174; pág. do PDF 246)

Mulher velha de venerando aspecto, vestida de cor de pavão, que leve ao pescoço uma corrente de ouro, & por pendente se seja um coração, Estará a sentar mostrando no semblante de ter altos, & nobres pensamentos, À frente à dita figura se farão duas estradas, em uma à mão direita se será uma Árvore dita Elce*, & na esquerda uma degradante serpente.

Terá o braço direito alto com o dedo indicando a nominada Elce, & com a esquerda um letreiro* revolto em belos giros, no qual se seja escrito *Virtutem Eligo*.

Escolha é um apetite em nós causado pela deliberação feita com conselho, por nosso interesse, ou dos amigos **a quem se diga respeito**, instrumentos, & modos achados em coisas possíveis, porém difíceis, & duvidosas, por conseguir o fim que nos tem* proposto.

Se representa velha, & de venerando aspecto, por que a idade madura, é aquela pela perfeição do saber, & pela experiência das coisas que tenha visto, & praticado, pode ser a verdadeira & perfeita Escolha.

Se veste em cor de pavão, sendo que esta cor significa severidade, conveniente ao sujeito que representamos.

Porta a corrente de ouro, & por pendente o coração, pelo que narra Pierio Valeriano livro 34 dos Hieróglifos, que os Egípcios colocavam o coração pelo símbolo do conselho, sendo que o verdadeiro & perfeito conselho vem do coração, coisa

verdadeiramente própria de Escolha, sendo que ela é proposta, & composta de razão, & de conselho.

Se pinta que esteja a sentar com a demonstração de ter altos, & nobres pensamentos, sendo que a Escolha convém que seja feita não ao azar, mas com o discurso, & fundamento.

As duas estradas onde a uma é o/a* Elce, significa a virtude & por isso daquela convenha de se fazer Escolha, & naquela estar parado, & contante à semelhança da Elce, o qual é árvore em quanto à matéria árdua*, com* raiz profunda, ramos, & folhas, amplo, & verdejante, & quanto mais venha denegrido, mais germina, & ganha maior força, por isso fôra posto pelos Antigos pelo símbolo da virtude, como aquela que é fixa, profunda, & verdejante, & de tal planta em sinal da sua virtude aos valores Capitães de tal árvore a coroa se dava.

A outra via da serpente, denota o vício, o qual é sempre contrário à cada honrosa, & virtuosa empresa.

O mostrar com o dedo indicador da mão direita o dito Elce, & com a esquerda o Letreiro onde é escrito *virtutem eligo*, por que outro não parece que mostre esse nome Escolha se não um certo apegar-se de duas coisas àquela que o conselho, & a razão mostra ser melhor, o que majoritariamente aparece ao nome Grego, pois os Gregos chamavam a Escolha προαρεφ*ισ, ou seja proeref*is, que outro não significa que Escolha de uma coisa aumente à outra, o que não possa fazer-se se primeiro o homem não discorre, & não se aconselha consigo mesmo qual seja a melhor, & qual não.

EQUINÓCIO DE PRIMAVERA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 170; pág. do PDF 251)

Jovem de justa estatura, vestido da parte direita ao alto, & a baixo de cor branca, & do outro lado de cor negra, cinto em meio com uma cintura ao quanto larga, de cor turquesa, seguida sem nódulos com algumas estrelas, ao uso de círculo, terá sob o braço direito com bela graça um Carneiro, & com a esquerda mão um maço de várias flores, & aos pés terá duas asas da cor do vestimento, ou seja do lado branco brancas, & do lado negro negras.

Equinócio é aquele tempo, no qual o dia é igual à noite, & isso advém duas vezes ao ano, uma em Março 21 entrando o Sol no signo de Áries, portando à nós a Primavera, & de Setembro 23 portando o Outono com a maturidade dos frutos.

Se diz equinócio, ou seja igual, & equinocial, ou seja equidal*, & ainda equador, ou seja equalhiador, do dia com a noite, & por aquilo, que se mostra Sacrobosco na sua

esfera: equinocial é um círculo, que divide a esfera por meio, cingindo a primeira nobre (parte*), o divide em duas partes, & similmente os pólos do mundo.

Se pinta jovem, pois vindo o Equinócio no princípio da Primavera, no mês de Março, os Antigos faziam, que em dito mês fosse o princípio do ano. Se diz ainda que fosse a criação do mundo, & ainda (d*)o ano da Redenção, e da Paixão de Nosso Senhor, & ainda daquele no primeiro grau do Cordeiro ter sido criado o Sol, autor do dito Equinócio; onde não fora de propósito os Antigos faziam, que nesse mês fosse o princípio do ano, sendo que lhe seja privilegiado mais do (que) os outros, não somente pelas razões ditas acima, senão por que por isso se pegavam a divisão, as letras Dominicais, & outros conceitos celestes.

Se representa em justa estatura, por ser igualizador, que quer dizer igual, ou seja par.

A cor branca significa o dia, & o negro a noite, a metade por igualdade o um do outro o branco da direita, por que o dia precede à noite, por ser mais nobre.

A cintura de cor celeste, na qual sejam algumas estrelas, se representa o círculo, que faz dito Equinócio, que cinge a primeira nobre (parte*).

Se cinja ainda o dito círculo, por ser ele sem nóculo, & por que os círculos não têm princípio, nem fim, mas são iguais.

O Carneiro que tem sobre o braço direito, demonstra, que entrando o Sol no dito signo se faça o Equinócio de Primavera, que por tal demonstração tenha com a esquerda mão o maço de várias flores, como ainda demonstra, que o Carneiro é o Inverno frio no lado esquerdo, & a Primavera no direito, assim o Sol no Inverno está pelo lado esquerdo do firmamento, & no Equinócio começa a apontar no direito.

As asas aos pés demonstram a velocidade do tempo, & corrida*/curso* dos ditos signos, o branco do pé direito, pela velocidade do dia, & o negro da esquerda parte da noite.

EQUINÓCIO DE OUTONO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 180; pág. do PDF 252)

Homem em idade viril vestido na forma do outro/acima, e cinto de mesma forma com o círculo de estrelas e turquesa, terá com a direita mão o signo de Libra, ou seja um paro de balanças igualmente pendentes, com dois globos, um por lado em dita balança, a metade de cada globo será branca, & a outra metade negro, voltando um ao inverso* do outro, e com a esquerda mão alguns ramos de mais frutos, & uvas, & aos pés as asas, como dissemos ao Equinócio acima.

Por termos dito, que coisa seja Equinócio, & declarado a cor do vestimento, como ainda aquilo, que denota o círculo, & as asas aos pés, sobre isso me parece que baste ainda por declaração à esta figura, sendo que eessa significa o mesmo aquelas acima; somente derei aquilo, que significa o ser de idade viril, digo ainda, que com essa se demonstra a perfeição deste tempo, pelo que nesse muitos dizem, que o nosso Senhor criasse o mundo a nós basta saber, que o mês de Setembro 23 faça o Equinócio, e se porta o Outono com a maturidade, e perfeição dos frutos, que por tal significado se mostra, que com a esquerda mão se tenha das mais variadas.

A Libra; ou mesmo balança é um dos doze signos do Zodíaco; no qual entra o Sol (a)o mês de Setembro, & se faça neste tempo o Equinócio, ou seja se iguala o dia com a noite, demonstrando que os dois globos, metade brancos pelo dia, & metade negros pela noite, (re)volto por um verso ao outro igualmente pendentes pela igualdade do uso do dia com a noite.

ERRO.

⇒ Imagem (pág. do livro 181; pág. do PDF 253)

Homem quase em hábito de viajante, que tenha vendado os olhos, & vá com um bastão devagar*, em ato de buscar* a viagem, por andar com assegurando-se*, & isso vai quase sempre com a ignorância.

O Erro (segundo os Estoicos) é um sair de estrada, e desviar da linha como o não erro é um caminhar pela via direita sem tropeçar por um, ou por outro lado, tal que todas as obras, ou do corpo, ou do intelecto nosso, se poderá dizer, que sejam em viagem, ou peregrinação, depois do qual não torcendo, esperamos chegar à felicidade.

Isso nos mostrou Cristo nosso Senhor, as ações do qual foram todas por instrução nossa, quando aparecera aos seus Discipulos com hábito de peregrino, & Deus no Levítico comandando ao/o povo de Israel, que não desejasse, caminhando virar por um lado, ou pelo outro. Por esta causa o Erro se deverá fazer em hábito de peregrino, ou então de viajante, não podendo sem o Erro sem o passo das nossas ações, ou pensamentos, como se é dito.

Os olhos vendados significam, que quando é obscurecido o lúmen do intelecto com o véu dos interesses mundanos facilmente se incorre nos erros.

O bastão, com o qual vai ceercando a estrada, se põe pelo sentido, como o olho pelo intelecto, pois como aquilo é mais corpóreo, assim o ato deste é menos sensível/visível*, e mais espiritual, e se nota em suma que quem proceda em via do sentido, facilmente pode a cada passo errar, sem o discurso do intelecto, & sem a

verdadeira razão de qualquer coisa que seja, este mesmo, & mais claramente demonstra a Ignorância, que consigo*/a seguir se pinta.

EXPERIÊNCIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 182; pág. do PDF 254)

Mulher velha vestida de ouro, terá com a direita mão uma varinha a qual se seja envolta com belos giros uma carta*, onde seja escrito *Rerum magistra*; & com a esquerda um quadrado geométrico da parte direita, em terra será um vaso de fogo com ardentes chamas, & pela direita uma pedra de comparação com a demonstração que seja feito (através de*) rochedo* com ouro, & outros metais.

Velha se representa, esperado que com o tempo não somente se venha em cognição, mas se faça a Experiência com tudo, como bem diz Ovídio livro sexto Metamorfoses, onde diz.

Seris venit vsu ab annis

& em Mamílio livro primeiro Astronomia.

Per varios vsus artem experientia fecit exemplo mostrante viam.

& Aristóteles no VI Ética.

Multitudo temporis facit experientiam.

Se veste de ouro por que assim como o ouro é de maior apreço, & estima entre todos os metais, assim a Experiência é (mãe) de todas as ciências.

Tem com a direita mão a varinha na forma que tenhamos dito, por demonstrar, que a Experiência é dominadora, & mestra de todas as coisas. Aristóteles livro I Metamorfoses. *Experientia est cognitio singularium, ars vero vniuersalium.*

O quadrado geométrico é instrumento Matemático, com o qual fixa certíssima prova, & Experiência por achar as alturas, profundidades, & distâncias pelas divisões de graus, & multiplicação de números que se acham em dito instrumento.

Lhe se coloca ao lado o fogo, pois com isso se faz diversas provas, & infinitos instrumentos, como diz Isidoro no livro das Etimologias, & o refere-se Boccaccio duodécimo livro da Geneologia dos Deuses, dizendo que sem o fogo alguma sorte de metel não se pode gerar*, no trabalhar, não é quase coisa alguma, que com o fogo não seja composta, com isso se compõe o vidro, o ouro, a prata, o chumbo, o cobre, o ferro, o bronze, & as medicinas, com o fogo o ferro se gera, & doma, com o fogo o ouro se faz perfeito, com o fogo queimam-se as rochas, os muros se convergem, o fogo ardendo* as pedras negras, as faz vir brancas, as madeiras brancas, queimando, manda em pó, & os

faz negros os carvões, as madeiras dures, coisas frágeis, de coisas pútridas, os faz odorosas, desmarra, as coisas estreitas, & as dissolve unindo*, modifica as duras, & as duras rende moles, muitas coisas sobre isso se poderia dizer, mas por não ser tedioso, o* deixo, & atenderemos brevemente à declarar a pedra de comparação, a qual outro não quer dizer, que prova, & experiencia pelo verdadeiro sábio que por outro metal.

EXERCÍCIO.

⇒ Imagem (pág. do livro 183; pág. do PDF 255)

Homem mas de idade juvenil, vestido em hábito sucinto, & de várias cores, os braços sejam nus, em cabeça terá um relógio de soar/cuco, e com a direita mão um círculo de ouro, & com a esquerda um volume onde seja escrito *Encyclopaedia*; à cintura terá uma Coroa da Senhora, ou mesmo daquela do Senhor, & a cada (um) dos pés terá uma asa, da parte direita por terra se serão várias sortes de ramos, & da esquerda diversos instrumentos de agricultura, que sejam lustrosos, & resplandecentes, & mostrem de ser exercitados nas suas operações.

Exercício é aquele cansaço atual, que leva* o homem à chegar à perfeição da sua profissão, na qual é difícil sem o Exercício ainda que a natureza o incline, & a doutrina o ajude: Aristóteles costumava dizer. *Ad parandam sapientiam tria potissimum necessaria esse, Naturam, Doctrinam, & Exercitationem, Exercitatio enim nisi naturae, & doctrina eccedat, nil sola exudictionis aurius*, Ou seja refere-se Laércio livro V capítulo I.

Jovem se pinta pois a juventude resiste*/trabalha mais no*/ao exercício, & ao cansaço de qualquer que seja (a) idade, se bem não devamos deixar em disparte, & a idade viril, o Exercício da qual é de consideração por ser na perfeição, com a qual virtuosamente possa exercitar coisas grandes*, & nos Góvernos a variedade de cores do vestimento demonstra, a diversidade de exercícios, & os braços nus a prontidão no (ato de) exercitar.

O relógio, que tenha na cabeça significa, que assim como o exercício da diversidade de rodas* destedistinguirão o tempo, & a hora, assim o exercício nosso mental faz que possamos conduzir o nosso intelecto por distinguir, & conhecer o verdadeiro, o que não podendo fazer-se (a) o desejo de saber seria em dano* ao* homem, como deveras bem dissera Dante no IV do Paraíso.

Io veggio bene che già mai si satia

Vostro intelletto, se'l ver non lo illustra

*Di fuor dal qual nissun vero si spatia
Posasi in esso come fera illustra
To*sto che giorno l'hà, e giunger pollo
Se non ciascun desio sarebbe frustra.*

E um/com belo engenho ainda ele sobre isso diga.
*Trà le fatiche, onde gl'humani affetti
Per diuerse cagion cercan quetarsi,
L'essercitio mental imperio tiene,
Con questo al Ciel trà più diuini oggetti
Può l'huom sì basso, al primo vero alzarsi
E contemplando vnirsi al sommo bene*

O círculo de ouro que tenha com a direita mão significa a perfeição, sendo entre as matemáticas figuras, & forma perfeita, sim como é similarmente a matéria, que é o ouro entre os metais, onde com razão se ponha dito círculo, em mão do Exercício, sende que ele reduz em suma perfeição todas as coisas.

O volume, que a esquerda mão com a palavra Enciclopedia, significa o giro de todas as ciências, onde que o exercício, sim das letras: como das armas, que em demonstração tenham posto ao lado direito desta figura, & denota, que uma, & outra profissão faz o homem ilustre & imortal.

Tem à cintura a Coroa do Senhor ou da Santíssima Mãe desse por demonstrar o Exercício espiritual, o qual se bem os Exercícios espirituais são muitos; não por menos nós pegamos uma parte pelo todo, que o todo nos conduz na via, & lugar de salvação. *Quoniam vita, hominum ex religione consistit*, diz a Sacra escritura.

Tem à cada pé uma Asa, & não duas por mostrar, que o exercício tenha de ser com termo, & não violento, sendo que por isso se ache utilidade grandíssima, pois assim como o ócio faz (com) que o homem seja negligente, preguiçoso, & que as forças do ânimo juntas com o corpo venham menos, assim ao encontro (d)o exercício moderado rende fortitude, & sanidade como diz Arnaldo de villa nova *de regione sanit* capítulo III. *Exercitium temperatum sanitatem causat, & conseruat, caloremq; naturalem confortat* & aquele que mais importa Aristóteles V metamorfoses. *Exercitium est causa sanitatis, & vero.*

A diversidade de instrumentos de Agricultura, que os coloquemos da parte esquerda, que são lustrosos, & não enferrujados, demonstram o Exercício, & o cansaço que com esses instrumentos se faz o trabalhador, &*/a cultivar a terra, & as plantas. Onde

mediante dito Exercício se recolhe o viver pelo gênero humano, onde sobre isso em Provérbios 12. *Qui operatur terram suam satiabitur panibus*; muito (mais) se poderia dizer sobre esse nobre objeto, sendo que abraça infinitas ações, mas por não colocar em confusão nisso deixaremos de* dizer outro; certificando-nos* de termos colocado as coisas mais principais.

EXÍLIO COMO PINTADO

pelo Reverendíssimo Frade Ignácio Perugino Bispo de Alatri.

⇒ Imagem (pág. do livro 184; pág. do PDF 256)

Homem em veste de peregrino, que com adireita mão tenha um bastão, & com a esquerda um falcão em punho.

Dois Exílios são, um público, e outro privado, o público é quando o homem, ou por culpa, ou por suspeita é banido pelo príncipe, ou pela República, & condenado a viver fora da pátria (por) perpétuo, ou (por) um tempo.

O privado é quando o homem voluntariamente, e por qualquer acaso se elege de viver, e morrer fora da pátria, sem ser caçado, que isso significa a veste de peregrino, & o bastão.

E pelo público o denota o Falcão empunhado*/con i getti alli piedi.

IDADE EM GERAL.

⇒ Imagem (pág. do livro 185; pág. do PDF 257)

Mulher que tenha uma blusa* de várias cores, & uma veste dividida em três partes, ou seja a primeira de cor mutante, a segunda de ouro, & a última ainda ela em giro daquela cor das folhas quando tenham perdido o vigor, & que caiam em terra.

Terá ambos os braços altos com a direita mão terá um Sol, & com a esquerda uma Lua, advertindo, que o braço direito seja mais alto do (que) o esquerdo, & por terra da parte direita se seja um basilisco endireitado*, & elevado, a figura do qual a coloquemos no final do nosso discurso, assim (que) o pintor possa pintá-lo na forma que o descrevam muitos autores.

A idade segundo o Conciliador, defesa* 26 é uma disposição do animal que nasça da própria compleição, atribuída às coisas naturais da ação do calor no húmido radical, causada por um certo fluxo*; medida por período temporal, qual cresça, esteja, decresça, & manifestamente decline.

A Idade fôra por muitos em vários modos dividida, por que, outros diziam que são três somente, outros quatro, outros cinco, outros seis, & outros sete, contudo se

conconsiderarmos bem estas cinco opiniões acharemos que não discordam entretanto entre elas mas são todos em comum concenso.

Aqueles que disseram que são três foram muitos Filósofos Antigos, quais concideram o homem como coisas natural, a qual no seu movimento tenha princípio meio, & fim, com diz Aristóteles I *de coelo, & mundo*, & por mais puseram por princípio a adolescência, por meio a juventude, & por fim a velhice.

A segunda opinião qual parece que seja a mais comum, & seguida por Hipócrates Galeno, Avicenna, & toda a seita dos Médicos racionais, intendemos de seguir ainda nós na nossa figura, qual distingue a idade em quatro partes, ou seja adolescência, juventude, virilidade, & velhice, Estas quatro idades assim são definidas por Galeno no livro das definições medicinais.

A adolescência é aquela idade na qual o corpo cresce, sendo que nesta o calor, & humor (nos*) pega vigor, & força; & nessa o alimento é mais daquele que se consuma, & por isso diz Isidoro livro II (da) *Ethimologia*, que adolescência se diga pelo crescer, como ainda pelo gerar.

A juventude é a flor da idade, & se diz à Juvando*, & é aquela idade na qual o homem é finito de crescer, & pode beneficiar os outros.

A virilidade é aquela na qual o homem é perfeito, & disto no calor, & humor, & aquele se consome pelo calor é igual ao alimento que se pega.

A velhice é aquela idade na qual o homem diminui, & falta, por que faltam nisso o calor, & o sangue & cresce a frieza, & secura, & se diz em Latim *senectus à sensuum diminutione*, Estas quatro idades são assemelhadas sim pelos Filósofos, como ainda pelos Poetas às quatro estações do ano, Por que diz o sobredito Autor no local citado: *adolescentes calida, & humida temperatura sunt verisinales qui floris aetatis agunt, calido, & sicco sunt temperamento, qualis estas; Medijs frigidi, & sicci qualis Autumnus, senes frigidi, & humidi símiles hiemi*. Pelos Poetas logo, dissera Ovídio, no livro Décimo quinto (das) *Metamorfoses*.

E mentre l'anno vn anno in giro è volto

Non imita egli ancor la nostra etade?

Non cangia anch'egli in quatro guise il volto?

Non muta anch'ei natura, e qualidade?

Quando il Sol nel Montone il seggio hà tolto

E i prati già verdeggiano, ele biade

*D'herbe, di fior, di speme, e di trastullo
Non ne suole ei nutrir come vn fanciullo?*

*Mà come al Sole in Cancro apre le porte
E che 'l giorno maggior da noi s'acquista
E per sembrar le spetie d'ogni sorte,
Ogni herba il seme già forma e l'arista;
L'anno vn giouane appar robusto, e forte
A l'operatione, & à la vista
E'l calor natural tanto l'infiamma,
Che tutto ne l'oprar è fuoco, e fiamma.*

*Come à la Libra poi lo Dio s'aggiunge
C'haur*a prima il Leon tanto infiammato
L'anno da tanto fuoco si disginge,
Et vno aspetto à noi mostra più grato:
A quella età men desioso giunge
Che fà l'huom più prudente, e temperato,
A quella età che più nell'huom s'aprezza,
Ch'è frà la giouentute, e la vecchiezza.*

*Diventa l'anno poi debole, e stanco
Il volto crespo, afflitto, e macilente,
Il capo hà caluo, o'l crine hà raro, e bianco.
Raro, tremante, e raggiunoso il dente,
Trahe con difficoltà l'antico fianco
Al findel corpo infermo, e de la mente
Cade del tutto, e muor: mà ne conforta
Che'l nuouo tempo un nuouo anno n'apporta.*

(Não) deixo ainda de dizer que por muitos essas quatro idades foram assemelhadas às quatro partes do mundo, como ainda aos quatro Elementos, corpos simples, dos quais se faça cada composto.

A terceira opinião põe cinco Idades, & esta é por Fernélio livro VII capítulo X & o distingue assim, Adolescência, Juventude, Virilidade, Velhice, & Decrepitude, a qual

opinião se bem pereça que se cresça uma, não aporta por mais outro de novo, mas somente distingue a última idade em velhice, & decrepitude à qual podemos reponder, que a decrepitude, é a última da velhice qual é mais vizinha à morte, contudo não por isso é uma outra idade de novo.

Se é ainda a opinião de Marco Terêncio Varrão livro *origine linguae latinae*, o qual diga que sejam cinco, a qual podemos responder como acima distiguindo a primeira idade em mais partes.

A quarta opinião é de Isidoro no livro das suas Etimologias livro II capítulo II o qual ponha seis idade ou seja Infância, Criancisse*, Adolescência, Juventude, Virilidade, e Velhice, onde seja de advertir que a autoridade desse grande homem não nos contraria (em) nada a nossa opinião de (serem) quatro, pois coloca a infância, & criancisse por partes da adolescência, A quinta, & última opinião é por muitos Filósofos & Astrólogos como narra Pierio Aponese defesa* 26 quais põem a vida do homem (à) distinguir-se em sete idades, ou seja Infância, Criancisse*, Adolescência, Juventude, Virilidade, Velhice, & Decreptude, de modo que sim como são sete os dias nos quais se contém, & fixa* todo o tempo, assim ainda tenham de ser sete as Idades, nas quais se acaba toda a vida nossa, segundo aindo que sejam sete os Planetas pelo meio dos quias se faça a geração, & corrupção em terra.

A primeira Idade ou logo é (a) Infância, a qual é governada pela Lua, e dura até os sete anos, se bem alguns digam até os quatro.

A segunda é a Matureza*, dominada por Mercúrio planeta da ciência, e de razão, & logo se devem as crianças colocar sob a disciplina do mestre, pois nesse tempo começa à entender cada virtude, sendo como uma tabula rasa como dissera o Filósofo III *de anima** 14 & essa idade dura 14 anos.

A terceira Idade, é dominada por Vênus planeta de diletos deste mundo, de alegria, de gula, & de luxúria, por mais ainda nesse modo parece que o homem se disponha nessa Idade, & o seu domínio dura oito anos.

A quarta Idade é regulada pelo Sol por estar ele nos quatro lugares do mundo, & por que este é o Planeta, mais perfeito, & de maior malor (&) amador da honestidade, & qualquer outra ação virtuosa, & o seu domínio dura 19 anos.

A quinta é dominada por Marte, & esta Idade, se chama Idade de soberba, de magnanimidade, & de rixas, & o homem nesta Idade busca com qualquer força adquirir honra, & recursos em qualquer modo exercitando cada operação ainda que dificilmente desejoso em deixar memória dele, & dura nesta idade 15 anos.

A sexta é dominada por Giove, & naquele tempo o homem é desejoso de paz, & de tranqüilidade, arrependendo-se dos erros cometidos nas pretéritas Idades, recorendo a Deus, & buscando qualquer obra, & dura 12 anos.

Ultimamente sobrevem Saturno frio, & seco, planeta de dor de pensamento, & de melancolia, cheio de emburrada angústia, & dispõe em tal maneira o homem, que lhe ocorram enfermidades, & outro incômodos, & dura até a morte, *quae est vltimum terribilium* segundo Aristóteles, Estas então são todas as opiniões acerca (d)as Idades as quais ainda que sejam de homens célebres, & com grande fundamento se podem deveras bem reduzir à quatro, como tivemos dito acima, e por mais é de advertir que as Idades não sempre se concluem* em número certo de anos, por que *aetas non mensuratur numero annorum, sed temperamento*, segundo Galeno. Agora por retornar à explicação da nossa figura, diremos que a **clamidatta**/blusa de várias cores, significa a Idade da adolescência, denotando a Volubilidade, & variedade desta, como dissera Pierio Valeriano livro 40 dos seus Hieróglifos.

A cor mutante nos representa a Idade Jovial, a qual agilmente muda (os) pensamentos, & proposições como diz Aristóteles no II da Retórica *Iuuenes sunt inconstantes & res quas concupiuerunt & fastidiunt*, & Platão II de legib.* III *Iuuenum mores saepe in dies, varieque mutantur*; & Theofrasto apud* stob.* *Difficile est aliquid de iuuenibus diuinare est enim aetas incerta, sine scopo multis mutationibus obnoxia*.

A parte de cor de ouro significa a perfeição da idade viril a qual é capaz de razão, & com essa opera em todas as ações civis, & mecânicas.

A última parte de cor das folhas como temos dito, demonstra que a Idade do velho andando em declinação assemelha(-se) às frondes das árvores, as quais perdem a força, & o vigor mediante o tempo do inverno assemelhando à Idade do velho, & sobre essa cor Ariosto assim diz.

Era la sopra veste del colore

In che riman la foglia che s'imbianca

Quando dal ramo è tolta, & che l'humore*

Che facea viuo l'arbore li manca.

Se pinta com os braços altos, & que com a direita mão tenha o Sol, & com a esquerda a Lua por mais causas, & primeiro por que querendo os Egípcios (como narra Or*o Apolline significar a Idade, pintavam o Sol, & a Lua sendo ditos Planetas Elementos dessa, que sem aquilo não f*a*ria animal, & a Lua o cersce sem do qual não se achasse Idade alguma; em outras por que o Sol, & a Lua regem os três membros

principais, dos quais procedam as três virtudes primárias, ou seja animal, vital, & natural, sendo que o Sol rege a cabeça onde residem as virtudes animais, & o coração onde reside a vital, & a Lua logo rege o estômago, & o fígado, onde reside a natural, sem as quais três virtudes o homem não pode viver, como narra Crínito livro 12 capítulo II.

Querendo então figurar uma Idade permanente, & perfeita os haviam posto o basilisco endireitado em pé por que de mesma forma os Egípcios punham pela idade um basilisco & em dita língua é chamado Ú*reon, que basilisco na nossa ressoa, o qual formado em ouro punham na cabeça dos Deuses, & por isso diziam ditas gentes que tal animal denota a Idade por que sendo três espécies* de serpentes, à todos os outros morrer lhe convenha restando-se esse somente imortal, qual somente com a respiração/sopro* qualquer outro animal (faz) morrer tal que parecendo que isso tenha sua faculdade, a vida, & a morte, o punham na cabeça dos Deuses.

A figura de dita serpente, os Autores descrevem que tenha uma mancha branca na cabeça, & com um certo assinalado diadema de onde ele tenha nome reino por que as outras espécies de serpente o reverenciam, tenha as asas, porém pequenas, & mova o corpo com bastantes, mas não muitas dobras, do meio acima caminha reto, & elevado onde Nicandro deste animal assim diz.

*È Rè de gli animai, che van serpendo
Co'l corpo biondo, e bello oltra misura
Poiche di tre gran donie stato adorno
Hà'l capo aguzzo, e lungo ben che dritto,
Ne penso trouerai terrestre fiera,
Che rassembrarlo possa al fischio, quando
Se n'esce fuora à pascolar pe' Campi.*

ETERNIDADE.

Descrita pelo Franc. Barberini Fiorentino no seu tratado de Amor.

⇒ Imagem (pág. do livro 189; pág. do PDF 261)

Francesco Baberini Fiorentino no seu tratado, que fez sobre o* amor, qual se acha escrito à pena em mão de Monsenhor Maffeo Barberini Cardeal de S. Igreja, & de mesma família, descrevera a Eternidade com invenção muito bella: & tendo-a eu com particular gosto vista, pensei de representá-la aqui, segundo o exemplar, que por origem

dito Monsenhor se for presunçoso deixe-me dizer*, que longo tempo viva ao Pontificado o qual se ingressara.

Ele faz a figura mulher de forma venerável, com os cabelos de ouro ao quanto logos, & caindo sobre as costas, a cujas do lado esquerdo, e direito lado, onde se devam estender as coxas, em troca dessas se vão prolongados dois meios círculos, que pegam aquele à direita, e este à esquerda parte, vão circundando dita mulher até sobre a cabeça, onde se unem juntos, tenha duas bolas de ouro uma por mão alçadas acima, & é vestida toda de azul celeste estrelado, cada uma das quais coisas é muito a propósito por denotar a Eternidade, pois a forma circular não tem princípio, nem fim.

O ouro é incorruptível, e entre todos os metais o mais perfeito, e o azul estrelado representa o Céu, do qual coisa não aparece mais longe da corrupção.

ÉTICA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 191; pág. do PDF 263)

Mulher de aspecto severo, terá com a esquerda mão o instrumento dito arquipêndulo, & do lado direito terá um Leão preso.

A Ética significa doutrina de costumes, contendo-se com essa o concupível, & irascível apetite na mediocridade, está em meio, onde consiste a virtude por consistir nos extremos do vício, ao qual dito apetite se debruça, todavia, que de uma, ou outra parte declina.

Tenha junto de si o Leão nobre, & feroz animal, preso, por significar, che ela refreia essa parte animal do homem já dita.

O Arquipêndulo nos dá por semelhança a entender, que sim como então uma coisa (posa) ser bem em plano se demonstra, quando o fio pendente entre as duas pernas não transgride para algum lado, mas se ajusta com a linha assinalada na parte superior, ende penda; assim essa doutrina da Ética ensina o homem, que à retidão, & igualdade da razão o sensório apetite se conforma, quando não penda aos extremos, mas no meio se retenha.

< ITENS COM F >

FAMA CLARA.

Na Medalha de Antinoo/Antenor*.

⇒ Imagem (pág. do livro 193; pág. do PDF 265)

Uma belíssima figura nua de um Mercúrio com as asas aos pés, & à cabeça, sobre o braço esquerdo com bela graça tenha um pano, & em mão o caduceu, & na direita pelo freio um cavalo Pégaso, que se erga com os pés no alto por voar.

A figura de Mercúrio com as asas, & caduceu significa a Clara Fama pois os Antigos o fingiam emissário* de Giove, e por ele se entende o falar, ou seja a eficácia da voz, & do grito, que por tudo se espanda, & si difunda.

As asas, & a asa que tem em cabeça significam as palavras velozes.

O cavalo Pégaso se entende pela Clara Fama de Antenor velozmente levada, & esparça pelo universo.

O freio deste cavalo governado por Mercúrio, denota, que a Fama é portada pelas palavras, & pela voz, que soa das virtudes dos ilustres fatos dos homens, & que tanto mais, ou menos dita Fama pervenha ao mundo, quanto aquela das línguas, & do falar dos homens é acrescida, & esparça.

E o povo Romano por honrar Domiciano, fizera insingir em uma Medalha o Cavalo Pégaso significante de* Fama, que pelo mundo dele se era esparça; veja Sebastiano Erizzo.

FEBRE.

⇒ Imagem (pág. do livro 196; pág. do PDF 268)

Mulher de idade jovial*, com face macilenta, & extenuada com cabelos negros, tendo a boca aberte da qual saia um vapor espirituoso, cinta de chamas de fogo, será vestida de quatro cores, ou seja da atacadura do pescoço até a cintura de cor citrino, ou amarelo, da cintura até o ombro* será branco, todo o restante da veste será vermelho, & o retalho será de negro, terá sobre a cabeça uma Lua cheia*, aos pés se será um Leão a deitar(-se) melancólico, & aflito, terá uma mão apoiada ao peito do lado do coração, & com a outra uma corrente de escravos, com o dizer.

Membra cuncta fatiscunt.

A febre pelos Gregos foi chamada πυρ ou seja fogo, os Latinos pegaram a sua etimologia do nome fervor*, que outro não significa que uma grande ebulição, & excesso de calor, onde Galeno entre as outras muitas definiçõesno primeiro dos Aforismos* no 16 & in l.introductionis s*iue medici, diz *febris est mutatio innati caloris in igneam naturam.* ou seja em um excesso de quentura*, & secura, & isso ocorre por cinco causas deveras bem aportadas por este no primeiro livro *de differentijs febrium* capítulo III a primeira é o movimento supérfluo, ou violento, a segunda é a

podridão dos humores, a terceira é a proximidade do outro calor, a quarta é a retenção da eventualidade* do próprio calor, a quinta, é a admissão de qualquer substância, ou seja nutrimento, ou medicamento.

A Febre é de três vertentes segundo as três substâncias do corpo humano, a primeira é a efêmera ou mesmo (falta*) de ar fundada nos espíritos, a segunda putridade, ou mesmo humoral causada pelos humores a maior (quantidade*) das vezes putrefados, a terceira ética,* fundada nas partes carnudas & sólidas do corpo, como explica Galeno em muitos lugares, & especialmente livro *de marcone** capítulo VII & livro primeiro *de febriu- differen-tijs*, & por explicar dita figura.

Se pinta em idade jovial, por ser a juventude muito mais sujeita à Febre, tendo ela maior quantidade de calor o qual pelas causas sobreditas facilmente venha a crescer mais do ordinário, do qual excesso se gera a Febre como diz o citado Autor *in Hippocratis paesagia* livro III. *Iuvenes vehementius febricitant, quod biliosa callidaque natura sint*, o mesmo afirma Hipócrates no Aforismo 20 do III livro, & Fernélio livro IV capítulo I a face macilenta & extenuada, nos demonstra a Febre ética, qual primeira consome a própria humidade das partes carnudas, da qual se nutrem, & posteriormente chega à própria carne, & consome a própria substância dessa como beníssimo dissera o mesmo Autor ao livro II *Meth**. *medendi* capítulo II.

O ter a boca aberta significa a necessidade da respiração por acaso, & refrescamento do fechado calor; o fumo/fumaça espirituosa que daquela saia mais do que nos demonstra a Febre efêmera que como temos dito é* fundamentada sobre os espíritos, quais outro não sejam que a mais pura, & fina parte do sangue que ordinariamente se facha dentro das veias pulsantes, quais chamamos artérias; nos demonstra ainda a evacuação das fuligens putredinosas, que sempre se geram dos podres humores.

Será cinta de chamas de fogo, por demonstrar a própria essência da Febre, que à forma de fogo rescalda totalmente, que não pareça (que) se possa sentir mais* calor como tivemos dito acima.

As quatro cores da veste denotam a Febre pútrida, causada pelos quatro humores; por mais o amarelo significa o humor colérico, qual causa a Febre terçã*, por que se dito humor se putrefa nas veias grandes, & próximo ao coração se faz a Febre tercã contínua, se nas veias pequenas, & distantes; se faz a intermitente, & por ser o dito humor o mais ligeiro & fino de todos; se é feita a veste nas partes acima de dita cor; a cor branca no segundo local significa o humor fleumático*, qual faz a febre quotidiana no modo sobredito, a parte maior da veste em cor vermelha significa o sangue, qual é

em maior quantidade dos outros humores, & faz a febre s*inocha/de funcho, ou f*inocho, a qual ou ataca* o homem benignamente, & vai sempre diminuindo até o fim, & (a) isto os Gregos o chamaram πακ*αχμαστιγας, ou mesmo que sempre estejam ao memo vigor até o fim, & o dizem αχυασιχας ou mesmo μ*οτ*ατ*υα; como dissera Galeno II *de crisib.* capítulo VI a Febre causada pelo sangue sempre contínua, & por essa causa se chama sinicha à contínuo fervor, como dissera o mesmo *de diff. feb.* II capítulo II.

O fim da veste negro significa o humor melancólico, qual com sua adiposidade, & por si só* seca do sangue (&*) sempre tira as partes mais baixas; & por isso se gera a quarentena*, & por ser em falta (de) quantidade dos outros acende a febre (a) cada quatro dias, a Lua sobre a cabeça denota que o movimento febril todo depende da Lua, por que sim como a Lua se move em sete à sete dias do novilúnio* ao primeiro quarto, que os Gregos chamam σΕΥΟ ΤΟΥΟΣ, & por isso *ad plenilunium*, & assim de mão em mão, assim ainda todos os movimentos críticos na Febre se fazem por sete em sete dias, ainda que o príncipe da Medicina III *de diebus decretorijs* capítulo VIII. O diga claramente que a razão dos dias febrís* não dependa altamente do número de dias, mas da Lua enquanto diz *Neque enim se ptimi vel quarti numerus crisis author est; sed quod Luna innouante, & terrena innouante motuum quoq;** *circuitus ad hos Principes numeros venire contingat, merito in ipsis tanquam stata alterationum tempora imueniunt*: Em outras não somente o crítico procede pelo número septuagenário como se é dito, mas o quaternário ainda que diante (d)o sétimo venha a ser o quarto, & em frente (a)o quatorze venha a ser o décimo primeiro nos demonstra ainda aquilo que deva acontecer em ditos dias, como diz Hipócrates nos Aforismos & Galeno I *de die decretorijs* capítulo II. *Septenorus quartus est index; & di più Cum enim accurate acutos morbos obseruassemus, quartum diem septimi esse indicem ex sua natura deprebentimus*, Não obstante ao ponto que o quarto dia da Lua nos demonstra a qualidade de todo o percurso lunar como diz o Doutíssimo Arado em certos seus versos citados por Galeno.

Non vno deprehensa die tibi signa loquuntur.

Sed quae signa no*uo dederit mx tertia motu,*

Quartaue, sustollit medios dum einthia vultus

Durabunt coelo

Se pinta a Lua cheia pois na lua plena advém sempre mutações mais que nos outros tempos.

O Leão cabisbaixo, & melancólico se pinta por que Pierio Valeriano no I livro disse que o Leão continuamente tenha a febre, & à ele o usam muitos outros escritores, se bem é de crer que o tenha de quando em quando pela sua grande temperatura*, por que se de contínuo tivesse aquele destemperamento, não se poderia chamar Febre, mas seria a própria natureza do Leão; por mais entre os doze signos do Zodíaco o signo do Leão de Áries e Sagitário são por todos os Astrólogos nomeados Orientais, Masculinos, & ígneos ou seja quentes, & secos, a qual temperamento*, & secura constitui a essência da Febre como tivemos dito acima, & por ser o Leão no meio desses com razão se pode juizar o mais eficaz nas ditas qualidades; afirmam demais todos os astrólogos que o Leão tenha domínio, & aspecto sobre o coração, qual é principal sede da Febre, & por isso dissera Avicenna *Febris est calor extraneus accensus in corde*.

A mão apoiada ao peito no modo dito não só significa a sede principal da Febre como dizemos, mas ainda a dilatação das artérias, & constrição por fazer levar* o calor, que pelos Medici é chamada sístole, & diástole, qual no tempo da Febre se faz mais freqüente, sendo maior a necessidade de dito fluxo; & com este movimento que tem origem no coração, & se confronta à um mesmo tempo por todas as artérias se faça o pulso, qual por ser mais evidente na mão ordinariamente é chamado pulso a artéria do braço próximo à mão, & por mais a tenhamos feita sobre o coração.

Tenha a corrente com o dito movimento, pois verdadeiramente a Febre liga, & aflinge todas as partes do corpo por meio das artérias que se difundam por todos os membros, como beníssimo explica Avicenas livro III *fen. I tract. I* capítulo I.

FECUNDIDADE.

Do Senhor Gio. Zaratino Castellini.

⇒ Imagem (pág. do livro 198; pág. do PDF 270)

Mulher coroada de Mostarda, tenha com as mãos em direção ao seio o Acantocéfalo, por alguns reputado Cardello, com os filhos dentro (d)o ninho, ao pés por um canto um galinha com os seus pintinhos subitamente* nascidos **dois por vezes***, do outro lado uma lebre com as suas partes mandados fora de fresco/saindo da pintura*. A Fecundidade é a maior felicidade, que possa ter uma mulher casada: uma vez que por meio daquela produz os frutos, por ele no Matrimônio com desejos esperados: sabido que por antigo instinto de natureza é necessário aos homens a procriação dos seus filhos

o que ainda é coisa manifesta nos selvagens. Todos os animais naturalmente buscam de adquirir prole, & sucessão, ainda que não esperem utilidade alguma: mas que majoritariamente utilidade, que melhor riqueza que os filhos.

*Hae*c estò Mater possessio pulcherrima,*

Et potiur diuitijs si cui sint liberi boni.

Disse Eurípedes de Meleargo, felizes são reputados aqueles pais, & aquelas mães, que tenham sucessão de muitos bons filhos, ou machos, ou fêmeas que sejam, como mantém Aristóteles no primeiro da Retórica. Sim como um homem que possua multidão de amigos, tenha mais potestade daquilo, que não tenha nenhum amigo; assim muito mais pode um Cidadão, que tenha numerosa prole, que aquilo, que não tem nenhuma ou pouca; Entre os raros exemplos de felicidade humana, reconta Plínio livro VII capítulo 44 de Cecílio Metello* Macedônico, que teve quatro filhos, um Pretor, & três Cônsules, dois triunfais, & um Censor, e no mesmo livro capítulo 13 narra, que à morte sua deixou seis filhos, onze netos, & que entre Gênsros, e Noras, todos aqueles que o saudavam em nome de pai chegaram aos 27. Coloca ainda de ter achado nos documentos* dos tempos* de Augusto no seu décimo segundo consulado, que Caio Crispino Hilare de Fiesole, com sete filhos machos, e duas fêmeas, com 27. Netos* machos, nove* fêmeas, & 29. Bisnetos, com ordenada* pompa sacrificou em Capitólio. Por última felicidade, & maior glória venha chamada Anícia Falt*ônia, Mãe de Cônsules nesta inscrição estampada malmente pelo Smet*c*r*io*, com duas distinções* de mais os quais sejam sobre uma outra inscrição ainda de Anícia Faltônia Proba, que se vê ao Palácio do Cardeal Cefi/a*s.

*Amicia, Faltonia, Proba, Amnios Prinicios,**

Anicioq; decoranti.

Consules vxori. Consulis filia, Consulum

Matri, Anicius Probinus.

V.C Consul ordinarius, & Anicius Probus

V.C Quaestor candidatus.

Filijs, deuincti maternis meritis, dedicarunt.

Valério Máximo ao livro IV capítulo IV sentenciosamente diz, que grandíssimo ornamento* sejam às Matriarcas (a)os filhos; & marra de Cornélia Mãe dos Cracchi, que 12 filhos fizera segundo Plínio, sabido a qual sendo elogiada uma Matriarca de Campo, que a fez pomposa mostra dos seus belíssimos ornamentos, que portava, **ela a pensar a detém tanto que voltassem** da escola os filhos, quais vistos disse, & esses são os meus ornamentos; Fecunda se poderia dizer ainda aquela outra Cornélia da gente dos

Cipiões, que de 62 anos pariu Volúcio Saturnino, que foi Cônsule com Domiciano Imperador do Oitenta e oito, & do noventa e três. Esta felicidade não é tanto privada, quanto pública, sendo felicidade de uma Pátria abundar de muitas boas, virtuosas, & valorosas proles; por mais se fizera um decreto nesta Cidade de Roma, que àquele fosse dado o primeiro lugar, & maior honra, que tivesse não mais anos, porém mais filhos, & fosse preferido em pegar os falsos* Consulares* ao Cônsule, que tinha menor número de filhos, ainda que fosse feito mais velho: & isso consta na lei Giulia, citada por Aulo Gélío livro II capítulo 15. Se faça coroar de mostarda, pois a diminutíssima semente desta erva, sem muita indústria, ou diligência do cultivador, entre todas as ervas divinas tal, & de tanta grandeza, que é apta a prover* os pássaros, que a se pousam sobre. Da Fecundidade do Acânie* reciocina Plínio livro X capítulo 63, onde diga, que qualquer animal, quanto mais é grande de corpo, tanto menos é fecundo, um filho por vez parem os Elefantes, os Camelos, & os Cavalos, o Acânie* mínimo pássaro dá a luz à doze. A galinha posta aos pés por um lado com os ovos, que nasçam dois pintinhos por ovo, demonstra a fecundidade deste doméstico pássaro. Tal reconta Pierio ter visto em Pádova, & se leia nos escritos de Alberto, que em um certo lugar da Macedônia quando uma galinha 22* voa ao nascer foram achados 44 pintos. Utilizando ainda os Antigos neste propósito a ovelha com dois cabritos juntos ligados, pois as antigas Matriarcas, quando tinham parido dois filhos a um parto desejavam significar uma ovelha com dois cabritos à Juno presidente da opulência, & dos reinos, & ajudante das mulheres nos partos, os quais não somente dois ao acaso* por vezes se nasçam em mais lugares, como no Egito; mas por quanto narra Aristóteles livro VII capítulo IV dos animais em alguns lugares, 3 & 4 por vezes, & mais, & mais vezes cinco; Uma mulher particularmente dá a luz* à 20 em quatro partes, cinco por vez, & a maior daquelas poder nutrir, & treinar. Aulo Gélío livro X capítulo II narra, que ao tempo de Augusto Imperador uma serva de dito Augusto no campo Laurente pariu cinco meninos, que poucos dias apareceram*, & a mãe ainda não muito depois morrera, a qual por ordem de Augusto, fôra feito em Laurência um sepulcro, no qual foi escrito o parto de dita mulher. Júlio Capitolino ainda refere-se, que no Império de Antônio Pio, cinco meninos em um parto nasceram, & se bem Aristóteles tenha que este número seja fim da multidão em um parto, & que não se achem serem-se paridos juntos mais; não por menos temos nas relações de Botero, que a Condessa Margarida ao ano 1276 parira 364 criaturas que foram batizadas todas sob os nome de Giovane, & de Elisabeta, como aparece pelo epitáfio entalhado na sepultura em um monastério de Monges de S. Bernardo em Lhaia, na Holanda: isso advém, por que tendo acontecido diante da Condessa uma pobre mulher com dois filhos nascidos a um parto, à demandar a esmola, essa em lugar de ajudá-la, a encarregou, dizendo, que não se podiam se podiam fazer dois filhos de uma vez, se não tivessem de mesma forma dois pais, de que ressentido-se culpada* aquela pobrezinha, rogou (à) Deus, que por manifestar a sua pureza, permitisse que a Condessa já grávida, parisse tantos filhos, quantos dias tenha o ano. Martino Crômero verídico autor na sua Crônica escreve, como o ano 1269. Uma outra Margarida, mulher do Conde Visboslao parira 36 filhos em Cracóvia. Da lebre se lê, que é tanto fecunda, que enquanto dá o lei dá a luz, & se ponha entre um e outro parto pouquíssimo intervalo, & reconta Val. Máximo de uma ilha, onde foram forçados à parir* os habitantes, perla grande quantidade, que se era

multiplicada desses animais. Por mais não são esquecidos alguns, que tenham dito, que os machos (também*) concebem, dêem a luz, & sofrem* os próprios partos, como fazem as fêmeas mesmas/por assim dizer.

FÉ CATÓLICA.

⇒ Imagem. (pág. do livro 200; pág. do PDF 272)

Mulher vestida de branco, com o elmo na cabeça, na mão direita terá um candelabro aceso, & na esquerda a tábua da lei velha junto com um livro aberto.

A fé como uma das virtudes Teológicas tem em cabeça o Elmo por demonstrar, que por ter a verdadeira Fé se deva manter o engenho seguro de golpes das armas inimigas, que são as razões naturais de Filósofos, & as sofisticadas razões dos Hereges, & maus Cristãos, tendo firme à mente a doutrina Evangélica, & a divinos comandos disendo S. Gregório na Homilia 26 que; *Fides non habet meritum, vbi humana ratio prabet experimentum.*

O livro com as tábuas de Miosés, são o Testamento novo, & velho juntos, como principalmente (em) suma disso, que se deva crer, que são as ordens de Cristo N. S. juntas com aquelas da velha lei, por conformidade do dito seu, que diz: Não sou vindo à destruir a lei, senão* à cumpri-la.

O coração em mão com o candelabro aceso mostra a iluminação da mente nata pela Fé, que desfaz as trevas da infidelidade, & da ignorância, dizendo Santo Agostinho sobre São Thiago ao capítulo IX. *Caecitas est infidelitas, & illuminatio fides*, por mais pela antiga cerimônia no sacrifício da Missa, & em outros atos Eclesiásticos, se veja o uso de brilhos, & das tochas acesas, do que difusamente trata Stefano Durante, *de ritib. Eccl.* livro I capítulo X.

FIDELIDADE.

□ Imagem (pág. do livro 203; pág. do PDF 275)

Mulher vestida de branco, com dois dedos da direita mão tenha um anel ou mesmo símbolo de união*, & ao canto se seja um cão branco.

Se faz o símbolo* em mão, por sinal de Fidelidade, pois com isso fecham, e escondem(-se) os segredos.

O cão por que é fidelíssimo terá lugar junto (d)esta imagem por autoridade de Plínio no livro VIII da história natural onde narra em particular do cão de* Tito Labieno vivido em Roma no consulado de Appio Junio*, & Públio Silio, o qual sendo o sobredito Tito (em) prisão não se partiu jamais à deitar(-se) por quanto podia próximo à ele, & sendo ele finalmente como lançado* das escadas **gemonie*** suplício que se usava em Roma

àqueles, que eram condenados pela justiça, estava o cão entornando ao corpo do já morto dono, mostrando muitíssimo efeito de dor, & portando todo o alimento, que lhe se dava, à boca deste, sendo ao final o cadáver lançado no Tibre, o cão ainda de própria vontade se jogou regendo sobre as águas por bom espaço* aquele corpo com infinita maravilha de memórias.

Se lê ainda em Erasto de um Cavaleiro Romano, que tinha um filho único **nelle fasce***, sabido o qual de contínuo estava um cão doméstico em casa/caça*, & advenha, que fazendo-se um dia na Cidade alguns jogos militares, onde o Cavaleiro deveria interferir, queria a curiosa sua mulher intervir à festa, & tendo fechado a criança com o cão em uma mesma sala conduzindo consigo todas as suas servas, se andou sobre um palco* da casa, onde se poderia ter da festa uma visão 360 graus*; saíra naquele tempo por uma fissura da muralha uma horrível serpente, & andado-se ao berço por matar uma criança fôra pelo cão pega, & morta, restando esse somente ensangüentado por algumas mordidas da serpente, à caso naquele combate do cão, & da serpente o berço se voltou de pernas para o ar; anAma ao espetáculo do sangue, & do berço revirado, retornada*/transtornada* que ficou conjecturando a morte da criança, portara com lágrimas ao pai a falsa notícia: ele enfurecido por tais palavras correria ao quarto, e com um golpe de espada o inocente cão por mérito de Fidelidade dividira em duas partes, depois chorando andou em direção ao berço, & crendo ver os tenros membros desmembrados achou a criança viva, e sã com sua grandíssima alegria, & maravilha, após recorrendo-se a serpente morta, (lhe) viera em cognição a verdade, doendo-se infinitamente de ter dado ao inocente animal a morte, em recompensa da riríssima Fidelidade. Muitos outros exemplos recontam diversos outros autores nesse propósito, à nós (nos) bastam esses.

FELICIDADE PÚBLICA.

Na Medalha de Giulia Mammea com estas letras.*

FELICITAS PVBLICA.

⇒ Imagem (pág. do livro 204; pág. do PDF 276)

Mulher quirlandada de flores, que senta(-se) em uma bela cadeira real, na direita mão tenha o Caduceu, E na esquerda a Cornucópia cheia de frutos, e flores.

A Felicidade é repouso da alma em um bem sumamente conhecido, & desejado, & quisto*, por mais se pinta a sentar, com o Caduceu em sinal de paz, & de sabedoria.

A Cornucópia acena o fruto conseguido pelos cansaços, sem os quais é impossível chegar à Felicidade, que por meio dele se conhece & se deseja.

As flores são indício de alegria da qual o feliz estado não se divide jamais; significa ainda o Caduceu a virtude, & a Cornucópia a riqueza, por mais (os) felizes sejam entre

de* nós aqueles, que tenham tantos bens corporais*, que podem prever às necessidades do corpo, & tanto virtuosos, que possam alegras aquelas da alma.

FEROCIDADE.

⇒ Imagem (pág. do livro 205; pág. do PDF 277)

Mulher jovem armada com semblante austero, e que expira, ira, e ameaças, tenha a esquerda mão sobre a cabeça de ferosíssimo Tigre, quase esteja em ato por amedrontar-se* (os) outros, e com a direita um bastão de carvalho, o qual por ser conhecido tenha folhas; e algumas* nozes; mas que o tenha em ato ameaçador, & acene por atacar.

Se pinta jovem, pelo que na maior parte dos jovens reina a caldeira* do sangue: a qual gera em seu o ardor, a prontidão, o desejo de avantajar (sobre) todos: onde sem temor algum interpondo qualquer coisa, qual árdua, e difícil seja: e por colocá-la em execução empregam cada sua força viva, e espirituosamente, a qual propriedade lhe dera Túlio em Catão maior, quando disse. *Infirmas puerorum, ferocitas iuuenenum, & grauitas constantis animi*. Se* calou Virgílio no jovem Turno, introduzindo o Rei Latino, que assim lhe falou.

O praestans animi iuuenis, quantum ipse feroci.

Virtute exuperas, tantum me impensius aequum est

Consulere, &c.

A arma então, pois nos soldados reina principalmente a Ferocidade; Onde o Príncipe dos Poetas Homero, *Qui nil molitur inepe*. Por louvá-lo com as palavras de Horácio não contento de fazer o seu Aquiles tal, qual se acena nesses versos.

Honoratum si forte reponis Achillem

Impiger, iracundus, inexorabilis, acer.

Iura neget sibi nata nihil non arroget armis.

O fizere em criança treinar por Quíron Centauro, nos montes de Tesálha, que combatia cada dia com Ursos, Leões, Javalis, animais confiantes, e ferozes: não por outro, senão por faz-nos credível, que olham o maestro, & Ai*o* seu, ao lugar onde fôra treinado, aos exercícios, aos quais espera, não podia não ser dotado de grande ferocidade militar, a cuja bata*, seguindo Virgílio, faça treinar, e nutrir a sua guerreira de leite de cavalo indômito, a sua Clorinda a Taxa* de um Tigre. Ariosto o seu **Rugido* de midolle*** dos* Ursos, e de Leões, nos quais todos os animais apareça, e despona a Ferocidade. Convenha ainda dar-lhe armas, pois não somente é próprio do feroz o

ofender, mas também se mostra ao parecer esta paixão em defender-se, sendo a Ferocidade a sombra* da audácia que um, e outro abraça.

Tenha a direita mão sobre um ferosíssimo Tigre, por que muitos Poetas pela natureza, e Ferocidade deste animal tenham pego a ocasião de mostrar os ânimos daqueles, que são cruéis, e ferozes, e por que não se pegam por rezas*, ou compaixão, lhe digam, que pelos Tigre Hircanes* tanham tido o leite. Me contento de resto de Virgílio no quarto das Eneidas.

Nec tibi diua Parens generis, nec Dardanus auctor

Perfide, sed duris genuit te cautibus horrens

*Caucasus, hyrcanaque adi*norunt vbera Tygres.*

O qual lugar com felicidade transportando no seu Poema Tasso, em lugar de Didão introduz Armida, que à Reinaldo dissera.

16. Canto.

Ne te Sofia produisse; ne sei nato

De l'Attio sangue tu. te l'onda insana

Del mar produisse, e'l Caucaso gelato,

E le mamme allatar di Tigre Hircana.

O ter com a esquerda mão o bastão em ato ameaçador, é por significar a fiereza do ânimo: dizendo Pierio Valeriano ao livro 51 que não faltam Poetas de clara fama, que dizem, que os homens selvagens, ferozes, e cruéis, privos de qualquer humano costume, e gentileza humana, sejam natos de duro carvalho. Aludindo ao oitavo de Virgílio.

Gensque virum truncis, & duro rebore nata.

FIRMEZA DE AMOR.

⇒ Imagem. (pág. do livro 206; pág. do PDF 278)

Mulher de ornantíssimo hábito vestida por caprichoso da cabeça terá duas âncoras, que em meio com belo ligamento tenham um coração humano, com um movimento que o circunda, & diga. *Mens est firmíssima.*

FILOSOFIA SEGUNDO BOÉCIO.

⇒ Imagem (pág. do livro 207; pág. do PDF 279)

*Com a exposição do Sn. Jr: Zaratino Castellini, dito o intrépido na Academia de Filósofos de Faenza onde publicamente lá recitou em 04 de Outubro (de) 1613 à presença do Ilustríssimo, & Reverendíssimo Cardeal Valente, & de todo o Magistério**

com prefação acomodada ao lugar, & ao Autor, que aqui se tranlassa, e se estampa na maneira, que fôra composta muitos anos antes em Roma pelo mesmo Acadêmico.

Descreve Boécio com vaga, e dotada invenção poética a Filosofia em tal maneira; finge que lhe apartenha uma mulher de venerando aspecto com os olhos cintilantes, & mais ainda a comum potência dos homens agudos, & perspicazes, de cor vivaz, & de inefasto vigor, ainda que fosse tanto lista, que em modo **viam* se satebbe*** acreditada da nossa idade. Era de estatura ambígua império que agora na comum medida dos homens se continha, tal hora logo parecia tocar o Céu com a sumidade da cabeça, que se mais alto a tivesse alçado no mesmo Céu ainda penetrasse*, & estancava a vista dos homens que a guardassem. Tinha a veste de finísimo fio trabalhada com raro artifício de matéria indissolúvel, tecidas por quando ela disse de sua mão, as quais pareciam, com as imagens enfumaçadas/anevoadas*, ofuscadas por uma certa bruma/escuridão de menosprezada antuguidade, na extremidade da veste se lia um Π grego, na sumidade um Θ theta, entre uma, e outra letra à forma de escada se escorram esculpidos alguns degraus, por quais da última letra se acendia a primeira; a mesma veste certos homens violentos partiram, e tiraram fora os retalhos, que qualquer um poderia*, com a mão direita teria alguns livros com a direita mão um cetro.

E de venerando viso meritalmente, pois a Filosofia é digna de honra, e reverência grande, por ser ela Mãe de todas as Artes liberais mestra de costumes, e de cada disciplina, lê(-se*) da Vida, & dispensadora* da tranquilidade,, Dom particular de Deus *Philosophia bona-*, *rum artium nihil est aliud, nisi vt Plato ait,, * donum, & inuentum Deorum.* disse Marco Túlio no primeiro da sua Filosofia; dito reportado de S. Agostinho *de ciuitate Dei* livro 22 capítulo 22 assim concluíra raciocinando-se da Filosofia.

„ Sicut autem hoc, vt fatetur mullum Diuinum maius est dunum, sic à nullo Deo dari crededum est nisi ab illo quo, & ipsp qui multos Deos colunt mullum dicunt est maiorem, Querendo intervir, que a Filosofia seja dom verdadeiro, & um Deus por tantas excelentes suas condições venha a ser venerável, & por mais Sêneca moral Filósofo na Epístula 14 diz *Nunquim in tantum conualescet nequitia, nunquam sic contra virtutes coniurabitur, vt non Philosophiae nomen venerabile,* & sacrum maneat.* Tenha os olhos cintilantes, & a Virtude mais aguda da potência dos homens, por que mediante a cognição dela, com o olho do intelecto os homens vêem, & conhecem muitas coisas ocultas da natureza, tanto da Terra, quando do Céu, sim como exprime Túlio no

sobredito lugar, dizendo, que a Filosofia primeiramente nos instrui no culto de/à Deus, e então na modéstia, & grandeza da alma, & a mesma se desçega* da alma como dos olhos a escuridão, assim podemos ver todas as coisas superiores, primeiras, últimas, & medianas.

É de cor vivaz ainda que **attempata*** seja, & supere a idade nossa, sim porque a sabedoria fôra da suma, & Eterna sabedoria de Deus concedida ao homem súbito criado, ou seja ao primeiro nosso Pai, *dedit illi virtutem continendi omnia* disse a Sabedoria ao capítulo X da cuja grande Sabedoria maior daquela de Salomão vê-se Perério* sobre a Gênese. Ela desde (os) primeiros séculos é sempre feita mestra de todas as criaturas, & é sempre vivaz, & vigorosa, & está de contínuo em pé afastando com o seu esplendor as trevas da ignorância da mente dos mortais: sim por que a sabedoria é estável, & incorruptível, a qual a cada pessoa ainda que cheia de anos dona vigor, & força contra qualquer adverso, e turbulento caso, & igualidêz de mente à qualquer movimento, & perturbação de ânimo, sim como se discorra S. Agostinho *de Ciuitate* Dei* livro IX capítulo III & IV. Não faremos nesse lugar diferença ou distinção da Sabedoria à Filosofia posta por Sêneca epístola 89 que a Sabedoria seja um perfeito bem da mente humana, mas a Filosofia seja Amor, desejo, & estudo de conseguir esta Sabedoria: isso é verdade em quanto a significação do nome, pois a Filosofia outro não significa, que Amor de sabedoria, e de Virtude, & Filósofo Amigo, Amante, & estudioso de Virtude, e Sabedoria; Porém se se concidera todo o corpo da Filosofia segundo a intenção de Boécio, diremos que seja o mesmo, que a mesma Sabedoria, & por mais ele a chama na prosa terceira do primeiro livro *Omnium magistra virtutum*. No segundo, prosa quarta *Virtutum omnium nutrix*. Na quarta prosa primeira *Veri praeuia luminis*. Mestra, e nutridora de qualquer Virtude, aportadora do verdadeiro brilho: Epítetos que se convêm à Sabedoria; sim como é veramente todo o corpo da Filosofia, que contenha em si três partes, a ativa que compõe o ânimo nos bons costumes; a contemplativa, que investiga os segredos da natureza, a racional em cuja consista a razão, com a qual debatendo(-se) o verdadeiro do falso, & esta busca a estrutura, e propriedade das palavras, & dos Argumentos; parte todos (os) três de perfeita Sabedoria, que se coadunam com a **altiva*** definição da Sabedoria, que aduz no mesmo lugar Sêneca à diferença da Filosofia. *Sapientia est nosse, diuina & humana, & horum causas*, a qual definição à meu parecer contenha as três partes da Filosofia, a Sabedoria é conhecer as coisas divinas aqui está a contemplativa, a qual não somente por Física investiga as coisas naturais ditas por Perério no primeiro da Física (ao) capítulo 11 efeitos da divina mente; mas ainda por

Metafísica reputada por Aristóteles diviníssima contempla as inteligências, substâncias abstratas, & a natureza própria (de) Deus. Conhece as humanas, Aqui está a ativa, conhece as causas de ambas, aqui se faz* a racional debativa, mediante a qual se venha em cognição da causas das coisas divinas, & humanas; a Filosofia por conseguinte contendo em si a definição da Sabedoria, venha a ser uma mesma coisa, que a sabedoria, maximamente em vigor da Metafísica, por ele contida, a qual por autoridade de Aristóteles mérita o próprio nome de Sabedoria; M. Túlio no quinto das Tusculânias raciocinando da antiguidade da Filosofia disse, que ela é antiquíssima, mas que o nome é fresco/recente.,., *Antichissima cum videamus nomen tamen esse consitemur recens*. E a reputa a mesma que a Sabedoria. Império que dissera ele quem pode negar que a Sapiência não seja antiga de fatos, & de nome? ou seja a Filosofia, a qual por cognição das divinas, & humanas coisas, dos princípios, & das coisas segundo os Antigos obteve esse belíssimo nome de Sapiência, & os sete sábios da Grécia* foram chamados s*o*fos* ou seja Sapientes, & muitos séculos depois deles. *Lucurgo, Homero, Vlissee, & Nestor*; foram tidos por Sapientes; Similarmente Atlante, Prometeu, Cefeu, pela cognição, que tinham das coisas Celestes foram chamados Sabedores; E todos aqueles, que punham o seu estudo, na contemplação das coisas foram sempre chamados Sabedores até o tempo de Pitágoras, ao qual parecendo o título demasiadamente soberbo de ser chamado Sabedor, se fizera chamar Filósofo Amigo de Sabedoria, & a Sabedoria fôra chamada Filosofia, ou seja Amor de Sabedoria, tal que a Filosofia é aquela mesma que mais antigamente chamava-se Sapiência; onde é que em Diórgenes Laércio na vida de Platão leia-se. *Propriè vero Sapientiam, & Philosophiam vocat appetitionem quandam as* desiderium diuinae Sapientiae*.

A estatura ambígua ora pequena, ora grande, significa que ela ora se implica na cognição das coisas inferiores da terra, & ora nas superiores do Céu, & às vezes formada* tanto alto à investigar as matérias sublimes, que a inteligência humana não a possa compreender, & por mais dissera Boécio que a Filosofia às vezes alçava tanto a cabeça, que penetrando no Céu a/à* vista de resguardantes não era hábil, & suficiente à resguardá-la, e detectar/ver, sabido que os Mistérios Divinos são ocultos, & a excelência divina própria, que no Céu resida não possa ser pelo humano discurso compreendida. *Deus humana ratione comprehendere non potest* dissera São Gregório Nazianzeno na Oração do Santo Batismo, que maravilha? Se Simônides Gentil Poeta Grego demandado por Jirão* Titã que coisa fosse Deus, posteriormente ter pego um dia & dois de tempo a pensar-se, & requerendo de mais duplo termo*respondera ao último quanto

mais conciderar a essência de Deus tanto mais me pareça escura seja. *Quanto diutius considero Deum tanto mihi res videtur oscurior*. Refere-se Cicerone no I *de natura Deorum*.

A veste de finíssimo fio significa a sutileza dos argumentos no disputar a matéria indissolúvel pelas matérias Filosóficas, que são por si mesmas leais, & mananciais* máximos na ativa, busca (d*)os bons costumes. Tecidas por sua mão; pois o hábito da Sapiência é indissolúvel, imutável, & (como em*) manancial*, de sua essência, & própria qualidade; não por artifício humano; É obscuro em quanto à investigação das coisas ocultas da natureza, & isso parece compreendido por Túlio no primeiro da Oração. *Philosophia in trei* partes est distribuita, in naturae obscuritatem, indifferenti subtilitatem in vitam atq' mores*. E se olhamos o costume Filosófico, diremos que o hábito seja obscurecido de uma bruma de negligencial antiguidade por que os Filósofos se iam pela ordinária negligência, & desprezados à Filosófica ***, com lugares* antigos, vis, & profanos*. Pobre, & nua vai (a) Filosofia, não tanto por necessidade, quanto por vontade como Sócrates, & Apollônio que andavam vestidos de manto* feio*, descalços, com a cabeça descoberta, & Diórgenes envolto em uma fosca coberta, bruta, & feia* dentro de um barril, porém isso se bem é verdade dizemos uma mais verdadeira razão. Somente as veste da Filosofia cobertas por uma antiga bruma pois os Filósofos desde os tempos antigos, tenham tido o costume de **addombrarla*** com sofisticados machados. Os Egípcios ocultaram a Filosofia sob escuros véus de fábulas, & Hieróglifos secretos; Pitágoras a vestiu com um pano* de escuros símbolos. Empédocles com enigmas. Protágoras com intrincados comentários, Platão com sensos místicos, Górgias com esquisitos, falácios, & contrátios argumentos, que todas as coisas sejam, & não são, Zenão o mesmo com possíveis, & impossíveis experiências, Aristóteles com termos escuros, & difícil textura de palavras: onde ele mesmo chamava Acromática a audiência*, que a escutava amanhã na qual tratava da mais remota, & simples* Filosofia pertinente à contemplação das coisas naturais, & disputas dialéticas, & mandara em luz alguns livros ditos por ele Acromáticos, que contenham a recôndita disciplina da sua seita Peripatética, os* quais tendo visto Alexandre Magno seu escolar enquanto era na Ásia com Dario, se lamentara consigo por letras que havesse divulgado assim belos segredos de natureza, à cujo Aristóteles conciderando a obscuridade na qual lhe tinha envolto & dado fora, respondera, tenho lhe dado em luz tanto não lhe houvesse dados. o encaixe de ditas letras registradas por Aulo Gélio no 20 livro capítulo IV não desejo deixar de replicar neste lugar por maior certeza à gosto dos estudiosos.

„ *Alexander Aristoteli Salutem*

„ *Haud recte fecisti quod Auscultatorius libros edideris. in qua enim re à caeteris nos item praestabimussi disciplinae* in quibus eruditi sumus omnium omnino sint communes? Equidem malim in rerum vsu optimarum quam in facultatibus anteire Vale.*

„ *Aristoteles Regi Alexandro Salutatem*

„ *Scripsisti me de libris auscultatorijs inter arcana illos condi putans oportere sed t*uo eos, & esse editos, & minime editos scito, cognobiles enim ijs tantum erunt,* qui nos audierint. Vale.*

Estes livros ditos Auscultadores, nos quais por quanto se refere Aulo Gélíio se continham finas, & árduas especulações de natureza são os oito livros escuros da Física intitulados *De Physico Auditu*, do ouvir, do ascultar coisas físicas de natureza oculta, não por outro senão por que tenha Aristóteles pela sua escuridade, que não se possam entender, & saber se não se ouvem explicar pela boca do Mestre. Aparece* aqui que a bela correspondência os Filósofos Antigos paliavam a Filosófica disciplina,* com escuros termos desejando mostrar as gentes que esses entendiam, mas não esperavam* (que) fosse entendido pelos outros tudo aquilo que publicavam, & na mente (d)eles tinham, & às vezes diziam coisas escuras, & extravagantes por serem tidas em maior crédito, & consideração, como acena Luciano no Diálogo de Micílio em desprezo de Pitágoras, quase que não bastasse, que a Filosofia nas coisas ocultas de natureza fosse por si mesmas escuras, se ainda não a adicionavam maior escuridão com difícil textura de palavras, e diversidade de fantásticas opiniões, Sim que Boécio figura a Filosofia com veste fosca pela própria dificuldade das suas matérias, & pela escuridão dos termos nas quais a tenham envolta os Antigos Filósofos.

Na extremidade da veste se lê um Π grego do qual por certos degraus esculpidos à forma de escada se saía à sumidade na qual era um Θ & não um T contra a intenção do Autor como tenham vários textos incorretos muito em mal estado*, pois às vezes se é diferença dupla sim pela qualidade da letra, que esta é um T simples & aquela é unida com a inspiração sim pelo significado diverso, & ao todo contrário quanto a vida à morte, pois o Θ segundo os Gregos, como o C segundo os Latinos dando-se os votos, ou as sortes/sentenças* nos juizes*, era notável de condenação, & o T como segundo (os) Latinos nota de absolvição*, o Delta logo nota de delação de tempo por ver bem a

causa, como segundo os Latinos N. L. não requiere*.* ou seja que não fosse ilícito por agora juizar. Onde Santo Girolamos em S. Marcos chama o T. sinal da saúde, & da Cruz, pois nessa pende a própria* vida de Cristo Nosso Senhor por dar saúde, & vida ao gênero humano & é sempre pego por símbolo da vida desde os Antigos Egípcios, o que fôra por muitos juizado ao tempo de Theodósio Imperador quando por ordem sua foram em Alexandria decaídos à terra todos os Templos dos Ídolos, entre os outros aqueles de Serapides*, na* cuja pedra, e rochedor achando-se escupidos alguns símiles caracteres (parecidos ao) T. sim como ainda hoje em dia se veja no Pináculo do povo cheia de Hieróglifos maximamente na faixa da verso o Ocidente, na qual se veja uma Cruz formada, maior ainda naquela de Sabto Giovani* Laterano verso a escada Santa, dos quais Hieróglifos Torquato Tasso começara a cometer* o seu severo diálogo das impresas. Aparece ainda* em uma estátua Egípcia de Serápides que na mão direita tenha o Tau, o que se vê aqui em Roma no florido estudo do Sn. Giacomo Bósio Historiador, & pelo Senhor Antônio seu Sobrinho Agente de Malta. Tal caracter Luciano no tratado do juízo das vozes o reputa notas de ladrões, por que eram postos em Cruz a qual é similar à letra T. porém como temos dito sendo-se naquela feito posto Cristo verdadeira vida, & tendo (nós) recebido daquela a eterna vida é feita reputada a letra T. símile à Cruz, hieróglifo da vida*, e tinham* avante* a vinda de Nosso Senhor sim como atesta Rufino, Súida, & Nicéforos mais copiosamente de todos livro 12 capítulo 26 narrando a destruição do dito Templo de Serápides*. *Qui etiam Hyeroglyphicarum litt*erarum interpretandarum periti, characterem sub Crucis forma, Vitam futuram significare dixerunt.* Fôra ainda figura o T. da futura vida segundo o povo de Israel quando Moisés fizera alçar no depósito aquele simulacro similar ao Tau, com a serpente de Bronze, sobre o qual resguardado daqueles que eram pungidos por venenosas serpentes dava sua a vida, & Moisés próprio por orar* tanto à Deus no monte protrado com os braços abertos em cruz o Povo de Israel, vitorioso continuava em vida.

Pelo contrário o Θ é feito símbolo da morte por que é a primeira letra da palavra Θανατοσ, que significa morte, & por mais os Antigos nas Efêmeras deles* os mortes os assinalavam com tal caracter Θ quase tranfixo de um dardo: o que se vê em uma Base de mármore dedicada da Tribo succussana* Júnior* à paz eterena da Casa de Vespasiano Imperador no Palácio do Ilustríssimo Senhor Cardeal Farnese*, na qual se

são oito centurias com o nome dele, & dos centuriões, o terceiro dos quais chamado Gneu Pompeu Pelale*, tenha o Theta, & o*/a* similar busca 12 em diversos/diversas centúrias* mortas; por tal causa Marcial concede à este character Epítheto de mortífero.

„ *Nosti mortiferum Quae*storis castrice signum*

„ *Est opera pretium dicere Theta nouum.*

Persio na sátira quarta.

„ *Et potis es nigrum vitio praesigere Theta.*

Negro o chama pela escuridão da morte o mesmo, que mortífero segundo Budeu. Sim como o Theta letra funesta punha-se diante (d)o nome de mortos, assim o Tau diante (d)o nome dos sobreviventes, Se bem esse character T. até agora nos mármores não vi perante à nome algum, exceto* diante de* Tito prenome*: se é não de menos a Autoridade de Santo Isidoro no primeiro da Etimologia capítulo 13. *de notis militaribus. Tau inquit, nota in capite versiculi superstitem designabat Θ ad vnius cuius*q', defuncti nomen adponebatur.* Tudo assim seja dito por falar, & advertir o erro de muitos textos incorretos não que tenha tal significado na Filosofia de Boécio; sabendo que nesta figura o Π grego prática, & o Θ Teoria, nas quais duas partes consiste a Filosofia; assim dividida por Boécio mesmo em Porfírio*. *Est enim inquit Philosophia genus; species vero eius duae, vna quae Θεωρητική. *dicitur altera quae πραχτική, idest speculatiua, & actiua.* Por mais Teodorico Rei escrevendo à Boécio o louva em tal maneira. *Didicisti enim qua profunditate cum suis; partibus speculatiua cogitetur, qua ractione Actiua cum sua diuisione discatur.* A qual divisão se conforma com aquela de Santo Agostinho *de Ciuitate** livro VIII capítulo IV. *studium sapientiae* in actione & contemplatione versatur; vnde pars* eius actiua, altera co-platiua dici potest, contemplatiua autem ad conspiciendas naturae causas & sincerissimam veritatem.* Se* à estas duas partes é diversa a tripartida* distinção, que acima fizemos, não tanto por que a terceira dita racional que investiga as causas, adiciona por quanto dissera Santo Agostinho por* Platão, seja supérflua como quer Sêneca Epístola 28 na referida definição da sabedoria. *Quidam ita fini*erunt sapientia esi nosce diuina, & humana; tralassano alcuni, & horum causas;* sendo a racional disputativa, busca as causas comuns a partir de ambas das coisas divinas, & humanas. Quanto por que S. Agostinho no lugar citado afirma que não é o contrário. *haec tripartito non est contraria illi distinctioni qua intelligitur omne studium sapie-tiae in actione, & contemplatione consistere.* muito menos a partida é contrária à tripartida.

Em suma a Filosofia na prática, & na Teoria, a prática é a ativa moral; a Teórica é a contemplativa, que é sublime, e tenha o primeiro grau em dignidade, último pela sua dificuldade em consegui-la, & por mais por Boécio é feita sobre a escada & ao pé da escada a prática, como mais facilmente começando-se primeiro a colocar o pé naquela como mais baixa por subir de grau, em grau mais ao alto, sabido que o princípio do Filosofar como dissera Aristóteles no primeiro da Metafísica capítulo II tenha origem pelo maravilhar-se das coisas menores que trazem dúvida, e após passando além começou à duvidar-se das coisas maiores, & pela cognição, que se adquiria das coisas menores da prática sua se abriu o intelecto à acender pouco a pouco à cognição das maiores pertinentes à especulativa mais difícil, pois não apareça em nenhum lugar corpóreo, como a ativa que opera atualmente, e visivelmente, porém a especulativa se anuncia ao sentido intelectual contemplando, & meditando com o intelecto a causa, e a verdade das coisas naturais Físicas, & divinas Metafísicas, nas quais consiste a Teórica, voz derivada à Theoreo verbo grego; que significa *inspicio*, resguardar, onde *Theatrum*, lugar feito por ver, & resguardar, & aquilo que vê, & resguarda qualquer coisa Deus se diz pelos Gregos Theos. Sendo o Π primeira letra dessa voz Theos ou seja Deus, podemos ainda dizer que é posto por cabeça da escada, como escopo, termo, & fim de ascender, & chegar à ele, & se guardamos bem a figura esférica de dita letra se nos representa ao ponto um adversário* com aquela linha em meio através como **frezza*** fixa no adversário, sinal que devemos endereçar a mente nossa em direção à Deus, e tê-la sempre fixa nele como sumo bem escopo, & final da sabedoria, pois o fim da sabedoria, & da Filosofia, é o sumo bem, que é Deus. *Philosophia docet hominem cognoscere creatorem suum*, disse Aristóteles *de moribus*, & Santo Agostinho *de Ciuitate** livro VIII capítulo IX disse que o filosofar é amar (à) Deus, & que Platão tenha que o verdadeiro & sumo bem seja Deus, & deseja que o Filósofo seja amador, & imitador de Deus; & mais acima no capítulo VIII dissera que na Filosofia moral se trata do supremo bem sem o qual não se possa ser beato: a dita Filosofia moral é a ativa ou seja prática a cuja primeira letra é o Π sim como temos dito estando na parte extrema da escada significaque pelos degrais das virtudes morais de Justiça, Fortitude, Prudência, Temperança, Magnanimidade, Magnificência, Liberdade, Benignidade, Clemência, & outras se chega à sumidade da escada, ou seja ao último fim, & ao sumo bem, que é Deus nosso Criador cabeça de todas as virtudes, & no livro 18 capítulo 39 assere Santo

Agostinho que a Filosofia especulativa valha mais por exercitar os engenhos, que à iluminar a mente de/para verdadeira sabedoria, como que a ativa seja aquela a qual por maio dos bons costumes nos faça conseguir a verdadeira sabedoria, & com razão, por que a Teórica que é a contemplativa, & espuculativa, examina a verdade/veracidade das coisas; porém a prática ativa (a) moral (e) coloca em obra a verdade, os bons costumes, & todas as virtudes, que nos sirvam por escada a subir a Deus último repouso, fim, e término da beata vida, como beníssimo o reputa Boécio no **Metronomo*** livro III falando de Deus.

„ *Tu requies tranquilla pijs te cernere finis,*
„ *Principiu-, Rector.* Dux, semita, terminus ide-*

& na prosa seguinte *Perfectum bonum veram esse Beatitudinem, & Deum summum bonum esse colligimus.*

Sim como Deus é princípio, guia, término, e fim de qualquer nosso bem, assim nós devemos nesta vida, colocar o pé na escada de bons costumes, & virtudes desde o princípio que começamos a caminhar, até o último passo da vida nossa, & não cessar jamais de subir, até que se chega ao sumo bem. *Semper assiduus esto: & quemadmodum, quis scalas conscendere ceperunt non prius desistunt ab ascensu, quam supremum attigerint gradum; sic & in bonis sempre alti*us scandendo affectus sis.*

d*issera Agapeto Grego à Justino, mas certo que da prática das virtudes morais, & coisas inferiores se possa falar, & ascender à cognição das coisas superiores, & divinas por similitude & conformidade das coisas, sim como perspicazmente exprime Petrarca dizendo.

*Anco*r, & questo è quel che tutto auanza*
Da volar sopra il Ciel gli hauea date l'ali
Per le cose mortali,
Che son scala al fattor chi ben l'estima,
Che mirando ei ben fiso quante, e quali
Eran virtuti in quella sua speranza
D'vna in altra sembianza
Potea leuarsi all'aleu cagion prima.*

É digno* Gesualdo de ser neste lugar visto, mas transladando* o que ele dotadamente diz, & aquilo que replica Cardeal Egídio nas suas instâncias, à imitação de Petrarca, com maior autoridade, confirmaremos com as coisas honestas, & belas que aqui abaixo praticamos ser (a) escada à Deus, se bem se concideram sustentando o

intelecto à contemplação dele como autor de qualquer bem, por que cada coisa criada nesse mundo por mínima que seja, manifesta a majestade, a providência, & a suma bondade de Deus, sim com Mercúrio Trimestigo* em Pimandro capítulo V.

„ *Deus sanè totius expers inuidiae per singulas Mundi particulas vtique splendet.* E Theodoro livro III *de Angelis. Ex visibilis cognoscitur Deus inuisibilis, qui sunt sanæ mentis per terram poti*us perque crescentia germina ad contemplandum terrae, germinumque factorem, tanquam per quaedam media perducuntur.*

Por concluir isso compitamente descavamos aquela gema que se conserva no vaso de Eleição capítulo I aos Romanos, onde não são desculpados* aqueles innjustos Gentili o qual conhecendo somente simulacros, de madeira, de pedra, Pássaros, Animais infinitos por seu Deus não tenham desejado ter notícia do verdadeiro Deus: império que ele sim é mostrado, & as coisas invisíveis suas da criação do mundo, pelas coisas feitas se avistam, & a sua sempiterna virtude, & dignidade. *Quia quod notum est Dei manifestum est in illis. Deus enim illis manifestauit inuisibilia enim ipsius à creatura Mundi per ea quae facta sunt intellecta conspiciuntur sempiterna quoque eius virtus & Diuinitas ita vt sint inexcusabiles.*

Tem a veste maltrapilha por mão de certos homens violentos, que se espalham as partes que podem*. Estas sim como Boécio explica na proza terceira do primeiro livro são as várias seitas dos Filósofos, que pela variedade das perversas opiniões, que qualquer um tenha venha a Filosofia à ser rasgada e maltrapilha em várias partes sendo por si mesma leal, & certa. Pitágoras teve a sua parte na especulativa, Sócrates na ativa que fôra o primeiro que introduziu a moralidade nas Cidades, como dissera Túlio da Oratória*, & no V das Tusculânias o que confirma S. Agostinho *de Ciuitate* livro VIII capítulo III se bem o mesmo Santo livro 18 capítulo 39 dissera que a Filosofia moral resplandecia vivente Mercúrio Trimegisto, que florira muito tempo depois de todos os Sábios da Grécia. *Na- quod attinet ad Filosofiam, duae se dicere aliquid profitentur vnde fiant homines beati, circa tempora Mercurij quem Trimegistum vocauerunt, in illis Terris huiusmodi studia claruerunt longe quidem ante sapientes quos, Philosophos habuit Graecia.* Platão após discípulo de Sócrates teve a ativa, & a contemplativa juntas adicionando a racional em demasia*, a qual não é outro que a Dialética. *Graeci enim rationem differendi logicam appellant, quae circa Orationem versatur* disse Plutarco *de placitis Philosophorum*, Por Platão nascem muitos líderes* de seitas contrárias, cada um por mostrar de ser de engenho mais especulativo, diferia do outro, & muitas* vezes pelo próprio Mestre inventando novas opiniões, & razões como Aristóteles Peripatético, à

cujos fôra contrário Senócrates Acadêmico ambos discípulos de Platão, & de Senócrates fôra escolar Zenão Príncipe da seita estóica.

Príncipe da Epicureza foi Epicuro, que com* 18 anos entendera em Atenas enquanto liam Aristóteles em Calcide*, & Senócrates na Academia, & muitas outras infinitas seitas que partiram a Filosofia violentamente, a despedaçou Pitágoras com a opinião que tinha da ridícula transmigração da alma, que ela fosse feita Ethalide, Euforbo, Hermotimo, Pirro pescadores antes de Pitágoras, & que uma vez após a sua morte seria passado em um galo, que ele o pegara por símbolo da alma, e por isso em vida proibira, que o galo não se devesse matar; onde Luciano Filósofo no diálogo de Micillo*, introduzindo Pitágoras em forma de Galo, faz que diga de ser feito Aspásia Meretriz, Crates*, Cínico, Rei, pobre homem. Sátrapes*, Cavalo, Gralha, Rã, & outros animais infintos, antes, que (o) galo. Na mesma forma a despedaçara Empedocles imitador de Pitágoras, sim como aparece naquele verso posto por Filóstrato ao I livro.

Et puer ipse fui, nec non quandoque Puella.

Sócrates em um golpe despedaçou a metade da veste pois a tolhera a contemplativa, reputando estúpido que se atendia*. *Imo verro illos qui in huiusmodi contemplantis vacant, stolidos esse monstrabat.* dissera (a*)o seu dileto Senofonte no primeiro dos atos de Sócrates, da qual tenha origem aquela incisão posta nos Adágios. *Quae supra nos nihil ad nos.* Não estarei a buscar que ele rasgasse a Filosofianem a moral própria* se era desprezador da religião, & leis de Atenas, & corrupto* da Juventude, sei bem que ele fôra curioso de resguardar, & amar o belo um pouco demais licenciosamente fora do severo, & grave costume Filosófico; no amor de Alcibiades dissera Atheneu livro 13 que Sócrates escapou do cabo (da arma*). *Socrates Philosophus cum omnia despicaretur Alcibidis Pulchritudini fuit impar id est ab ea captus, & de solita magnitudine constantiaque animi deiectus.* Cava bem conselho aos outros que se abstinham das conversações belas, *Admonebat à pulchris abstinere vehementer, non enim esse facile aiebat, cum tales homo tangat modestum esse;* disse o seu escolar, Xenofonte; mas pelo outro canto no III livro sendo-lhe proposto de andar à visitar Theodora belíssima Cortesã, se andou mais que de bom grado*, e se deteve consigo a cortejar & ensiná-lo* (ao) modo de reter na rede os Amantes. Platão a rasgara muito* bem em muitas coisas, tem ainda ele a transmigração da alma **etiamdio*** nas Bestas mas o seu Porfírio Platônico tenha que se achássemos somente nos homens, de que se* é reto* censor* Santo Agostinho *de Ciuitate* livro X capítulo 30 a rasgara demais tendo, que a alma fosse coeterna com Deus sentença (demasiadamente*) provada por S.

Agostinho livro X capítulo 31 *de Ciuitas* Dei*. A rasgou na ativa com o seu ilícito Amor Platônico escarnecido, & detestado por Dicearco Filósofo, & por Cicerone ainda que Platônico no quarto das Tusculanias. A estrapou no quinto da sua suja*/desencostumada* Repúplica, exortando, que as mulheres se exercitassem nas públicas academias* nuas com os homens impudicos, estúpido conselho reputado* por Ênio Poeta nesse verso.

Flagitij pricipium est nudare inter ciues corpora.

Aristóteles lhe* partira a veste à Filosofia sustentando que o mundo fosse à/semi* eterno, que Deus não tivera cuidado com as coisas do mundo, que ele não pensa ao outro, que à si mesmo, & que o bem nos nasça em outro lugar, sim como sofisticamente mantenha no 12 da Metafísica, & nas morais dos Eudêmios livro VII capítulo 15 onde estrapa a Filosofia em mal maneira. *Deus pro sua excellentia nihil praeter seipsum cogitat, nobis autem bonu- aliunde euenti*. Infeliz Aristóteles feliz Boécio, que bem conhece o Creador do Mundo, & a sua divina providência no Metro V do I livro.

O stelliferi conditor orbis,

Qui perpetuo nixus solio

*Rapido Caelum tur*bine versas*

*Omnia certo s*ine gubernas.*

E no Metronono* livro III.

O qui perpetua mundum ratione gubernas.

Terrarum Coeliq; Sator.

E na prosa 12 do mesmo livro.

„ *Deus ipsum bonum esse monstratus est,*

„ *Per bonum igitur cuncta disponit,*

„ *Siquidem per se regit omnia qui bonum consensimus, & hic est veluvi quidam clauus atque gubernaculum, quo mundana machinae* stabilis atque incorrupta seruat.*

Sentenças todas contra o iníquo parecer de Aristóteles. Os Estoicos não menos que os outros laceraram a veste Filosófica em mais lados dizendo que o mundo seja animal animado, racional, & inteligível de substância animada sensível que as disciplinas liberais sejam inúteis*, que os erros, e pecados sejam iguais, que as mulheres devam ser comuns, sendo-se disso Autores (como) Diórgenes Cínico, & Platão como refere Laércio na vida de Zenão líder* da seita estóica, o qual em verdadeiro* partiu a veste de

todo na Filosofia ativa com má prática de costumes concedendo a liberdade do falar, chamando todas as coisas ainda que desonestas com os seus próprios nomes, mandando ainda fora ventosidades* por cada parte sem resguardo algum, como escreve Túlio à Papírio *Peto tectis verbis ea ad te scripsi quae apertissimus agunt Stoici, sed illi etiam crepistus aiunt aequae liberos ac ructus esse oportere*. Movimento de tal desonestidade não é maravilha que a Filosofia se lamenta com Boécio na prosa terceira dos Estoicos, * Epicuristas em particular o chefe* dos quais fracassou a veste à Filosofia pondo fim do sumo bem no prazer, & repouso, como Arístippo ainda que escolar de Sócrates, pusera sumo bem no prazer do corpo; Antístenes seu condiscípulo na alma. Mas Epicuro a pusera no prazer do corpo, e do ânimo como dissera Sêneca se bem Epicuro se lamentou que era malmente entendido pelo ignorantes declarando-se, que não entendia do prazer desonesto lascivo, e luxurioso; mas da quietude do corpo, & da alma livre de qualquer perturbação dotada de uma sóbria razão, sim como afirma Laercio na sua vida, mas não por que estou remendando a veste, sabido que o fim seu é imperfeito, & péssimo, não sendo posto na virtude, & bondade da alma por chegar ao sumo bem Deus último nosso fim; mas pusera o fim em demasiadamente obsoleto, & transitório, negando a imoralidade da alma, confirmando ainda ele que deus não tenha cuidado das coisas humanas, rasgos* feios, e disformes. Rasgaram demais os Epicuristas a Filosofia cortando-a (d*)a racional, Os Cirenaicos* duplamente cortavam a natural, & racional, retendo-se a moral como Sócrates. Aristochio não tanto rasgou a racional, e natural, mas rasgara ainda a moral, que somente tinha deixado a levando a parte da corrupção*, reputando-a parte pelo Pedante*, & não pelo Filósofo como refere Sêneca capítulo 89, *Moralem quoque, quam solam reliquerat circumcidi, non eum locum, qui monitiones continet sustulit, & paedagogi esse dixit, non Philosophi tanquam quicquam aliud quam sapiens quam humani generis paedagogus*; mas estes retalhos e rasgos são demasiadamente menores das perversas opiniões acerca (d)o Mundo, (d)o Céu, (d)a alma, & Deus nosso eterno bem segundo o qual os Sábios deste mundo são estúpidos. *Sapiens huius mundi sunt apud Deum stulti*. Merce* às ridículas*, & pérfidas suas opiniões, com as quais tenham lacerada a veste à sabedoria pelo que méritam nome não de sapientes, mas de estúpidos, assim chamados por São Paulo no primeiro capítulo* aos Romanos. *Euanuerunt in cogitationibus suis, & obscuratum est insipiens cor eorum dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt*. A cuja estúpida e falácia sapiência ao fim resta dispersa, e confusa da verdadeira sabedoria, como escreve São Girolamos* à Paolino* por sentença de Deus em Abdia*, & Isaías capítulo 29. *Perdam inquit*

sapientiam sapientiam, & prudentiam prudentium reprobabo, vera sapientia perdet falsam sapientiam.

Tenha com a mão direita alguns livros, com a esquerda o cetro, os livros significam o estudo que fazer(-se) deve àquilo que (se) deseja adquirir a sabedoria, ocupando-se em voltar os livros lucrativos à aquisição desta distando-se do sono da preguiça, & do ócio, que costumam endurecer lascivos Amores, invejas, & maus afetos, que fecham a via para chegar à sabedoria, & isso é aquilo que adverte Horácio na segunda Epístola do primeiro livro. & *ni**

posses ante* diem* librum cum lumine i* sinen**

Intendes animum studijs & rebus bonestis:

Invidia, vel Amore vigil torquere.

O mesmo Poeta na Poética sua, por aprender bem a sabedoria nos exorta à reorganizar* as cartas Socráticas cheias de Filosofia moral.

„ *Scribendi recte sapere est, & pricipium & fens:*

„ *Rem tibi Socratica poterunt ostendere charta.*

Pérsio Poeta Satírico na Sátira terceira todo desdenhado irrompe contra os tocadores, & os acorda, & convida ao estudo da Filosofia.

Nempe hoc assidue iam clarum mane finestras,

*Intrat, & angustas extendit lumine rimas est stretimus *** &*

mais abaixo

Stretis abhuc laxumque caput compage soluta

*Oscitat a sternum diff*utis, vndique malis,*

Est aliquid quotendis, & in quod dirigis arcum?

Até aqui esclama contra os preguiçosos e negligentes no procurar do saber, pouco depois os exorta à cognição das causas das coisas ou seja à Filosofia natural especulativa.

Disciteque o miseri, & causas cognocite rerum.

Nos seguintes posteriormente os exorta à Filosofia moral ativa.

Quid sumus aut quid nam victuri gignimus ordo,*

Quis datus, aut metae quam mollis flexus: & vnde:

*Quis modus Argento, quid fas optare quid as*per*

Vtile nummus habet, Patria, cariq', propinquis*

Quantum elargiri deceat. Quem te Deus esse

*Iussit; & humana qua parte locatus es in re.**

Disce.

É necessário ainda expulsar o sono, & o ócio inimigos, das disciplinas, & nocivos à aquisição da sabedoria; que com o voltar os livros se consegue sendo o uso dos livros fomentado* pela doutrina, *Instrumentum doctrinae* est visus librorum,** dissera Plutarco na educação dos filhos, & Isidoro no livro III do sumo bem afirma que cada lucro procede do ler os livros, & do meditar isso que se lê. *Omnis;* profectus ex lectione, & meditatione procedit, quae enim nescimus: lectione diximus, quae didicimus meditatione conseruamus,* onde é que os livros chamam-se mutos* maestros*.

O cetro significa, que a sabedoria, a qual nessa obra de Boécio pela Filosofia se pega, e reina entre* todas as disciplinas, & artes liberais, & que por essa venham ordenadas: Império que tendo a Sabedoria & Filosofia notícia das coisas divinas, & humanas, & contendo-se ela na contemplativa, & na ativa venham por ele ordenadas todas as disciplinas, & artes as quais são contemplativas, ou ativas, & como (a) ativa se ordena ainda à* lei civil, a qual recaia sob a Ética Filosofía moral, como ética em geral busca os costumes, aprendemos à dar lei à nós mesmos, em espécie com a economia, à família, & à casa; com a Política aos Povos, & se a lei, *est diuini & humani iuris scientia,* a sabedoria de mesma forma, *est diuinorum, & humanorum scientia,* como diz Sêneca (à) Plutarco & Perério, Marco Túlio, & Platão nos lugares supracitados; nem* maravilha é que o mesmo Túlio diga à Filosofia. *Tu inuentrix legum, tu magistra morum, & disciplina fuisti;* & Sêneca na Epístola 95 que coisa é outro a Filosofia, que lei da vida? que seja Rainha das disciplinas, & artes liberais; não é dúvida pois por ela são produzidas. *Est laudatarum artium omnium procreatrix quaedam & quasi parens ea quam Philosophia Graeci vocant.* dissera Cicerone no princípio do Orador, & nas Tusculânias a chama. *O vite Philosophia dux, o virtutis indagatrix, expultrixq',* vitiorum, quid non modo nos sed omnino vita hominu- sine te esse potuisset? Tu Vrbes peperisti, tu dissipatos homines in societate vite co-uocasti.* Nas quais palavras se atribuem à Filosofia ações Régias, e títulos de Rainha. Aristippo desejando dar a entender que as disciplinas liberais persigam* à Filosofia moral, pela qual todas as outras coisas se aprendam, & que ela é Rainha de todas; disse que aquelas que sejam ornadas de liberais disciplinas, e desprezando a Filosofia, sejam como os Pretendentes de Penélope, os quais faziam contra de Melanthon, & Polidora damas de honra, e não se cuidam das bodas de Penélope, que era Patroa Senhora & Rainha de Ítaca, similar

coisa dissera Aristóteles de Ulisses, que quando andou ao Inferno falou à todas as sombrars Infernais fora que à Prosérpina Rainha. O primeiro dito de Aristippo venha reputado por Plutarco na educação de Bião*, onde chama a Filosofia suma, & cabeça de todas as outras virtudes *Vrbanum est etiam bionis Philosophi dictum qui aiebat sicut Penelopes, Proci cum non possent cum Penelope loqui sermonem cum eius ancillis, habuissent, ita qui Philosophiam nequeunt, appraehendere eos in alijs nullius precij disciplinis. se se conterere, Itaq', c*eliquorum studioru- quasi caput & summa constituenda est Philosophia;* e é digna de ser constituída suma & cabeça dos outros estudos sinceramente de todos eles chamar se pode Rainha.

Em quanto que a Filosofia tenha em uma mão os livros, e da outra o cetro, podemos ainda dar esse significado, que à um Rei, que tenha livros de Ética, & de Política pertinentes ao costume, & ao modo de bem reinar, e tratar o militar império, & aquilo muitas vezes revolta até que* venham escrito nos livros aquilo que os Amigos & inferiores seus devotos, não tenham ardor em avisá-los, & repreendê-los, e por mais Demétrio F*aléreo exortava Tolomeu Rei à ter pelas mãos não menos o cetro, que livros úteis, & idôneos à boa administração do Reino.

Conciderando que a Filosofia tenha os livros pela direita & o cetro pela esquerda, diremos, que a sabedoria deva ser preferida ao Domínio , & ao Reino pois sem a sabedoria, & conselho de Sábios não se possa reger, & governar, onde no século do ouro reinavam somente sabedores Filósofos, & aqueles foram Príncipes, e legisladores como dissera Possidônio em Sêneca Epístola 90. Sólon* foi Príncipe, e legislador dos Atenienses, Licurgo dos Lacedemônios, Zeleuco dos Lociesos*; escreve Plutarco em Ísis, & Osíris, que os Egípcios escolhiam o Rei, ou pelos Sacerdotes, ou pelos Guerreiros, pois estes são tidos em conta pelos seus valores, & aqueles pela sabedoria, porém aquele guerreiro que se criava Rei se dava à disciplina dos Sacerdotes até que se fizesse participar da Filosofia, & sapiência, & se tornasse apto ao Governo & ao Reino, Onde Aristóteles dissera no primeiro da Retórica, que o saber é não só* que coisa apta à Imperar. *Sapere est quiddam aptum ad imperandum.* Átralo* mestre de Sêneca afirmava que ele era Rei, mas à Sêneca parecia que fosse mais que Rei por que podia dar norma aos Reis para bem Reinar, & lhe era lícito de fazer censura daqueles que Reinavam. *Ipse regem esse dicebat; sed plusquam Regnare mihi videbatur cui liceret censuram agere Regnantium.* dissera Sêneca Epístola 108 diremos demasiadamente que os Reis aconselhando-se com pessoas sábias vêm à fazer isso que venha ditado pelo bom conselho deles, & por mais Vespasiano Imperador estando uma vez entre os Filósofos

cheio de júbilo, & maravilha dizendo ó* Deus bom que eu comande aos sabedores, & os sabedores à mim. *O Iupitier inquit vt ego sapientibus imperem, & mihi sapientes,* & pelo bom propósito, que pela conversação (d)eles se buscava*, não desejava que se tivesse porta aos sabedores. *Tunc Rex inquit sapie-tibus vi*ris foris semper patere volo.* narra Filóstrato livro V capítulo X & 11 não é dúvida, que (a*)o conselho de sábios o Filosofar, & a Filosofia é de agradecimento grande ao Príncipe por bem governar, sim como difusamente demonstra Plutarco no tratado que faz ao Príncipe ignorante, & naquele outro onde mantém que se deva Filosofar com Príncipes, fê* o faça* o bom & louvado Império de M. Antônio Imperador aquele que teve cheio de Filosofia a língua, e o peito, por mais em boca* tinha costume aquela preciosa gema de Platão. as Cidades floresceriam se os Filósofos aprendessem*/imperassem*, ou mesmo se os Imperadores filosofassem. *Florerent Ciuitates si aut Philosophi imperarent, aut Imperatores Philosopharentur.* refere-se Julio Capitolino na sua vida; o que advertindo Theodósio Imperador dera (à) Honório, & Arcânio seus filhos à disciplina de Arsênio homem deveras sábio o qual sendo visto pelo Imperador estar em pé diante (d)os filhos eenquanto aqueles amaestrava, & esses soberbamente (por*) sentar se indignou com isso* dele*, & o fizera espoliar dos adornamentos Reais advertindo-o, que era melhor para eles viver privados que imperar com perigo sem doutrina, e sabedora voz demasiadamente comentada por Nicéforos* livro 12 capítulo 23 com justa razão por isso* se dá o cetro à Filosofia, muito convencionalmente à sabedoria, a qual faz que os Príncipes sem perigo seguramente reinem, testemunho se seja a própria sabedoria que ao oitavo Provérbio de si mesma diga. *Per me Reges regnant, & legum conditores iusta discernunt.* Por meio (do) meu Reinado os Reis, & os legisladores discernem o justo, & Hugão* disse, que a Filosofia ensina justa, e retamente reinar. Conhecendo isso Filippo Rei da Macedônia exortava Alexandre Magno seu filho a aprender a Filosofia sob a discipilina do filósofo dizendo isso(:) que tu não cometa muitos erros no Reinar dos quais me arrependo ora eu de ter cometido.

Reportando gloriosa fama o Rei mediante a Filosofia, não tanto por governar os povos com sabedoria quanto por saber reger (a) si mesmos, dado que um Rei reine bem (a) si mesmo, reine ainda bem os Povos com satisfação, & aplauso comum: mas sim como é difícil à um nobre & corajoso (com*) destreza* refrear o curso, se não tenha quem os ultrapasse*, & quem o freie: assim difícil coisa é à uma Príncipe absoluto que nenhum superior conheça saber regular, (a) si mesmo, & refrear o impetuoso curso dos afetos seus, a Filosofia não por menos, & sabedoria facilita tudo isso, por que a

Filosofia segundo Arístippo & outro Filósofos doma os afetos do ânimo. É difícil à um Príncipejovem ser continente não de menos Alexandre Magno mediante à Filosofia de bons costumes fôra jovem continentíssimo porquanto portara respeito à mulher & aos filhos de Dario, que de rara beleza eram dotados & não os* manteve por escravos mas os* honrara* pela mãe, & irmãs, & portara ainda respeito à Raxane* sua belíssima escrava, que a esposara por não fazê-la tortura, & violência, confusão* daqueles Senhores que não deixavam **entreter*** não direi escravos, ou servos, mas não a comparamos* à Vassalos nobres & honrrados. É difícil à qualquer um perdoar os inimigos maximamente aos Príncipes não por menos, Cezar Ditador Ensinoritosos* da República, & do império mediante a sua sabedoria refreara* os ímpetos da ira, e perdoou à todos. Ofendendo os ânimos as maledicências tanto que se comovem ao ódio mortal*/moral* contra os ditadores & caluniadores, Não por menos Augusto, Vespasiano, & outros ótimos Imperadores, não desejavam fazer ressentimento contra eles nem incluir-se* por palavras, ou* panfletos contra os Autores, & com prudência, pois as vozes do Povo maledicente não têm força de detrair* a fama à um grande Príncipe, que com prudência, sabedoria, & justiça governe, sendo que as boas ações eles fazem por si mesmas mentir os malévolos, & por mais Pio segundo Pontífice constantemente perdoava à quem o houvesse provocado, com injúrias, & ditos mordazes, dos quais não se levou em conta, & desejava que em uma Cidade livre como Roma livremente se falasse como dele dissera Platina: *Male de se opinantes vel loquentes cohercuit nunquam libere enim in libera Ciuitate loqui omnes volebat.* o qual dito fôra de* Tibério Imperador mostrou ainda de não estimar as péssimas vozes do vulgar, quando à um que se lamentava, que mal dele diziam, respondera(:) se em campo de flores andares, ouvirás muitos que de mim mesmo ainda dirão mal, em verdade pelos maledicentes Antônio Filósofo Imperador (à mercê* da Filosofia, que assim lhe* ditava) lucro ganhava, porquanto muitas vezes perguntava que se dissesse dele, sentindo-se mal; se dentro de si conhecia ser verdadeiro se se* entendia. *Erat famae suae curiosissimus, requirens ad verum quid quisq', de se diceret, eme-das quae bene reprehensa viderentur.* Narra Júlio Capitolino, & o mesmo apontara Platina de Eugênio Quarto: Todos estes são frutos da Filosofia, que rege os ânimos e modera os afetos, com o cetro da sabedoria, com o qual se regem os homens prudentes em cada advinda suas*, e senhorejam* os movimentos da alma, tanto na adversidade quanto na prosperidade, & soprastenham* à cada golpe de sorte.

„ *Omnia quae cadere in homine*m possunt*

„ *Subter se habet eaque despiciens casus*

„ *Contemnit humanos.* disse o Orador, & Diórgenes Filósofo sendo-o ademandado, que coisa ganhado tivesse da Filosofia, se não outro respondera(:) recebi isto que eu seja* sistematizado* à qualquer sorte, & Dionísio Tirano expulsado do Reino à uma que o dissera, que coisa te tenha louvado* Platão, & a Filosofia; respondera(:) que eu possa esta grave mutação de sorte comportar, pelo que não se matasse como tenham feito outros, mas ficara saldo*, suportou (a*) si mesmo & imperou às paixões do ânimo. Porta ainda o cetro por mais causas pois a Filofia é Rainha de todas as disciplinas, & artes liberais, por que é necessária aos Príncipes, para bem reinar, & por que faz ser aqueles que a possuem Reis, sendo que com a Filosófica liberdade dão conselho, & comando aos outros que façam, & não façam uma coisa: & por que mediante a Filosofia & sabedoria vivamos no pacífico reino da tranqüilidade pois podemos em qualquer tempo, e lugar, & mutação de sorte imperar aos apetites, afetos, & perturbações da alma, & (a) nos mesmos reger, & governar com Prudência, & sabedoria, Onde Zenão aferiu que os sabedores Filósofos não só eram livres mas Reis.

FIM.

⇒ Imagem. (pág. do livro 222; pág. do PDF 294)

Um velho decrépito, com os cabelos estesos, & barba grisalha, vestido de cor verde amarelo, que tenha cinta a cabeça por uma guirlanda de hera, esteja a sentar, & que da parte direita se seja um Sol, que sendo-se partido pelo Oriente, mostre com os seus raios de ser junto ao Acaso.

Terá com a direita mão uma Pirâmide em meio da qual seja(m) dez (letras) M. & com a esquerda um quadro onde esteja delineado um caracter ômega Grego Ω.

Este nome Fim pode significar diversas coisas, Primeiro possa denotar o término, o último, & a extremidade das coisas, & a este sentido diz Petrarca.

Queste cose che'l Ciel volge, e gouerna

Doppo molto voltar, che fine hauranno?

Pode significar a morte, como fim de todos os viventes, onde o mesmo diga

Signor della mia fine, & della vita,

E possa significar a meta, ou escopo de todas as coisas criadas, ou seja um objeto/objetivo, uma última causa, a qual tanto a Natureza, quanto a Arte endireita as suas operações, dizendo Aristóteles no II das Metamorfoses.* *Actio quae non agit propter s*f*inem est ociosa*, Nos dois primeiros significados, é entendido por Sêneca na Epístola 12 enquanto dão a definição do Fim, diz ser o término, ou extermínio de todas as coisas.

No terceiro sentido é entendido por Aristóteles no II *de demonstratione* ao capítulo II texto 12 dizendo o Fim ser o bem por causa do qual se fazem as coisas, ou pela Natureza, ou pela Arte, alegando que aquilo que se faz ao (a)caso, ou por golpe de sorte*, não se faz por nenhum fim, nem por nenhum objetivo, no primeiro da Metafísica confirma o Fim, ser por causa do qual se fazem os movimentos, & todas as ações, Onde estão* logo as ações (que dizem) respeito às artes; & os movimento respeito à natureza, & no primeiro *de partibus animalium* capítulo I dissera que o Fim é aquilo no qual se termina o movimento, se por mais não tenha impedimento algum; O Fim em todas as coisas que ocorrem no mundo, é o primeiro considerado que fazer o devam, embora possa ser o último que se siga, * como ele tenha nome de afeto por que aquele término é conduzido, ao qual de conduzi-lo tenha concebido, no ânimo (de) quem a fizer, ou utilizar se era dado, assim é ele causa que move todas as outras à produzi-lo, em efeito, & venha a ser servido de todas as três outras causas, ou seja formais, materiais, & eficientes, sendo que todas se utilizem somente por conseguir o Fim.

Onde advertir (se) convenha que se bem o Fim, e a causa final possam dizer-se uma mesma coisa sejam por isso entre eles distintos, pois a coisa sozinha, que é atualmente adquirida se diga Fim; mas adiante que se reduza ao outro, se chama causa final, e à isso é apropriada a definição do Filósofo ao II da Física, texto 29 & ao V da Metafísica texto II dizendo que aquilo por causa do qual se fazem todas as coisas tal que diremos que o Fim por diversas sentenças de Aristóteles & em espécie ao terceiro da Metafísica capítulo III é aquilo que não por outra coisa: porém as outras coisas todas por sua causa se façam, Onde Averroé* interpretando todas estas coisas dissera no II da Metáfora ao comentário do texto VIII. & *est manifestum causam finalem esse per quam vnum quodque f*it entium & est illud cuius esse non est in re propter aliam causam in re illa sed omnes causae existentes in re sunt propter istam scilicet agens.* & ante materia & forma in habentibus agens ante materiam, & formam, &c.*

Sendo então que as artes sejam diversas, necessita que os seus fins sejam ainda diversos, sendo que pelo Fim ainda se distingam, pois outros com a alma somente contemplam as coisas, & estas estabelecem o seu fim na simples contemplação das coisas naturais, pelos Gregos chamadas *θεωρηται*, ídest.* Teorica, & deste gênero é a Fisiologia, o Fim da qual é a contemplação das coisas naturais sem ação corporal; Outros estabelecem o seu Fim no operar, não deixando alguma obra manual, & se

chama *πραχτιχαι* ídest. *Practicae*, & deste gênero é a arte de sonar, dançar, & símiles; outros logo deixam depois o seu operar qualquer manufatura, & se chamam *ποιχτιχαι* ídest. *Picticae*; se sejam ainda algumas outras, que não operam alguma coisa factual*, porém somente adquirem com a arte do pescar, voar*, & caçar feras.

Se deve crer que tanto a natureza como todas as artes sobreditas não entendem outro, nem tenham outro por seu Fim que a perfeição quando não sejam impedidas como diz Aristóteles no lugar supracitado; onde o homem estando* entre todas as coisas criadas perfeitíssimo, deva ter por Fim a perfeição da vida sendo que não é de simples natureza, mas composto de todas as qualidades de vida, que sob o Céu se achem, & por isso será ainda necessário que aquelas potências da alma, pelas quais sejam homens, & participem de todas as naturezas das coisas que vivem, tenham os seus fins, ou bens que dizer queiramos, & que estes fins ordinariamente respondam às três potências, ou faculdades das almas, que em nós são/estejam, os quais bens são o útil, que resguarda a potência vegetativa, o prazeroso que é da concupscível, & o honesto apropriado à parte racional, que conheceram os Filósofos Gentili os quais viveram por esse motivo muito conforme ao instinto da razão: porém isto não basta ao Cristiano, o qual mais que o lúmen natural venha ilustrado pelo maior lúmen, que é a fé pela qual conhece o seu nobríssimo Fim, ser a celeste beatidão; onde ainda por meio de uma perfeição Cristã deva emdireitar as suas ações, e* domesticado as partes mais nobres, virtuosas segundo o sentido, pelo que ainda a planta, & o animal irracional se capazes* fossem de Eleição, operariam contra natureza é* monstruosamente, se aquela contentando-se pelo ser; & isto da vida recusavam o viver, & sentir sua maior perfeição.

Se representa o Fim, velho decrépito sendo que esta idade seja a mais vizinha à morte, qual é Fim de todos os animais, como ainda todas as coisas criadas envelhecem-se, & pelo tempo consumando-se venham à extinguir, & anular-se, onde Petrarca

Ogni cosa mortal tempo interrompe,

Se representa com os cabelos estesos, & barba grisalha pois além de* significar a velhice, denotam ainda, que sendo o decrépito junto ao último Fim, das operações deixa em desparte os adornamentos do corpo, não tendo mais pensamentos que se alcem em contemplação das coisas.

Se veste de cor amarelo-esverdeado por significar o estado da velhice semelhante ao inverno, sendo que quando o Sol se distanseia de nós, & que por isso faz* breves os nossos dias, à ora então* as árvores pelo frio, brisa*, não dêem tributo mais às frondes, restringindo-se em si o humor, onde este não tendo aquela vital humidade que as sustentava em vida, se partam pelo amado tronco com a sua cor, amarelo-esverdeado e façam claro ser ao seu Fim, & privos de qualquer vigor, em forma aponto* que a idade decrépita faltam-lhe o humor natural, transforme-se* lânguida; indo ao Fim do ser seu.

Lhe se cinge a cabeça de uma guirlanda de hera, sendo que esta planta venha mista por Piério Valeriano livro 51 por sinal da velhice, sendo que sempre se veja entorno às árvores, & aos edifícios por antiguidade consumados, e às pedras, que ameaçavam ruína, como ainda onde dita hera, se ataca tirando à si a humidade natural, & com as suas folhas* numerosas, & por cada entorno esparça raízes movendo, & restringindo* as árvores privas de humores, se secam, & as fábricas* pouco à pouco arruinando venham a cair por terra.

O estar a sentar, nos demonstra de ser cansado pela viagem que fizera durante muitos anos, & que não podendo-se reger mais em pé, busca o repouso por/como último Fim da sua passagem sendo próximo a reduzir-se na metéria de que fôra formado.

Vi se pinta que da parte esquerda tenha o Sol que partido do Oriente mostre com os seus raios ser junto ao ocaso, por demonstrar sim que o dia seja acabado, como ainda o homem que tendo finito o seu curso, junta ao Fim de qualquer (que) seja obra sua.

Tenha com a direita mão a Pirâmide assinalada na forma que temos dito, sendo que Pierio Valeriano ao livro 39 diga que signifique o Fim, ou a perfeição da obra, & modo completo, pelo que a Miríade laqual* é o número de dez milhões, constitui-se a meta, & que esse número multiplicado da unidade é grandíssimo, & perfeitíssimo de maneira que segundo o princípio da unidade signifique em Miríade a base da pirâmide, & como se lê em* Fílon* se termina com o comprimento de cem pés, & tantos de largura, que duplicados segundo a natureza do quadrado resultem ao número que temos dito que é perfeitíssimo.

Se diz que significa o Fim, & por isso demonstramos ainda que tenha com a esquerda mão o ômega Ω^*/Θ grego sendo a última nota do alfabeto por meio do qual venham à ser explicadas todas as coisas criadas, & por isso ainda dissera Deus bendito al I capítulo *Ego sum Alpha, & Omega*, princípio & Fim, & por mais agradecera o grande & Oniponente Deus que não me tivera abandonado nesta obra feita à honra sua

até o Fim, onde não posso (deixar de) dizer como escrevera David no Salmo 73. *Vt quid Deus repulisti in finem*, mais louvo Deus que é meu princípio, e fim.

FLAGELO DE DEUS.

⇒ Imagem. (pág. do livro 224; pág. do PDF 296)

Homem vestido de cor vermelha, na mão direita tenha um chicote, & na esquerda um raio sendo o ar turvo, & o terreno onde esteja cheio de gafanhotos: se faz* o sexo pelo vigor, & pela pompa sobre os culpados, & celerados.

A cor vermelha, significa ira, & vingança, o chicote é a pena aos homens mais dignos de perdão, por corrigi-los, & retorná-los na boa via segundo o dito.

Quos amo, arguo, & castigo

O raio é sinal do castigo daqueles, que obstinamente perversam no pecado, crendo-se ao fim da vida agilmente reclamar* de Deus o perdão.

Significa estando* o raio à caída de alguns, que por vias tortas, & injustas são à altíssimos graus da glória pervenidos/recebidos, onde quando mais soberbamente sentam não de outro modo*, que fulgora precipitosos, cascam nas misérias, & calamidades.

Pelos gafanhotos, que enchem a área, e a terra se entende o universal castigo, que Deus manda às vezes sobre os povos, acenando-se a história de flagelos do Egito, mandados por causa da pertinácia, & obstinado desjo do Faraó.

FORTITUDE.

⇒ Imagem. (pág. do livro 225; pág. do PDF 296)

Mulher armada, & vestida de leão* & se se deva observar a fisionomia, terá o corpo largo, a estatura endireitada, os ossos grandes o peito carnudo, a cor da face fosca, os cabelos encaracolados, & duros, o olho lúcido, não muito aberto, na direita mão terá uma haste, com um ramo de carvalho, & no braço esquerdo um escudo, em meio do qual se seja pintado um Leão que se atrite com um javali.

O exercitar-se entornando às coisas difíceis, convém à todas as virtudes particulares, não por menos a Fortitude principalmente tenha este olhar, e todo o seu intento é (o) de suportar qualquer advinda com ânimo invicto, por amor da virtude. Se faz mulher, não por declaração, que à costumes símeles deva anunciar-se o homem forte: mas por acomodar a figura ao modo de falar, ou mesmo por que sendo cada virtude espécie do verdadeiro, belo, & apreciável*, o qual se goza com o intelecto, (& atribuindo-se

vulgarmente o belo às mulheres) se poderá aquilo com este convenientemente representar; ou por demasia, por que com as mulheres privando-se daqueles prazeres, os quais as tenha feito retráteis* a natureza se adquire, e conserva a fama de uma honra singular, assim o homem forte, com riscos do próprio corpo em perigos da própria* vida, com ânimo aceso de virtude, faça de si nascer opinião, e fama de grande estima: não deva então a qualquer perigoda vida expor-se, pois com intenção de Fortitude, se possa facilmente incorrer ao vício de temerário, de arrogante, de mentecapto, & de inimigo da natureza, andando à perigo (de) destruir à si mesmo, nobre feitura pela mão de Deus, por coisa, não equivalente à vida doada-lhe por ele. Por mais se diga; que a Fortitude é mediocridade determinada, com verdadeira razão busque a temência, & confiança de coisas graves, & terríveis em sustentar, como, & quando convenha, à fim de não fazer coisa feia, & por fazer coisa belíssima, por amor do honesto, sejam os seus excessos aqueles, que a fazem demasiadamente audaz, como a diziam por hora, & a timidez a qual, por falta de verdadeiras razões, não se cura do mal eminente, por escapar aquilo que falçamente (se) crê, que a esteja sobre & como não se possa dizer forte, quem à qualquer perigo indiferentemente tenha desejo, & vontade de aplicar-se com perigo, assim se é* ainda este, que todos os* fuja por temor da vida corporal; por mostrar que o homem forte, sabe dominar às paixões da alma como ainda vencer, & superar os opressores do corpo, quando a tenha justa causa, esndo ambos esperantes* da felicidade da vida política. Se faz mulher armada com o ramo de carvalho em mão, por que a armatura mostra a fortaleza do corpo, & o carvalho aquela da alma por resistir aquela às espadas, & outras armas materiais, & firmes*; presta ao soprar dos ventos aéreos, & espirituais, que são os vícios & defeitos, que nos estimam a declinar da virtude, e se bem muitas outras árvores poderiam significar isto mesmo, fazendo ainda esses resistência grandíssima à força de temporais, não por menos se ponha isto, como mais movimento, & utilizado pelos Poetas em tal propósito, talvez também por ser (de*) madeira, que resiste grandemente à força da água, serve por edificios e resiste à pesos graves por longo tempo, & maiormente porque desta árvore, pelos Latinos dito rubor, chamando os homens fortes, e robustos.

A cor da veste similar à pele do Leão, mostra, que deva portar-se nas impresas o humano (que dessa virtude quer que a honra sua derive) como o Leão, o qual se manifesta na aparência da cor leonada, & é animal que por si mesmo à coisas grandes se expõe, e os vis com o ânimo desdenhoso aborrece, ainda se desdenha* por-se à exercitar as suas forças com quem seja aparentemente inferior, e assim possa andar a perigode

perder o nome de forte o homem que com semelhanças* de mulher, de crianças, de homens enfermos, ou afeminados deseja mostrar-se poderoso do corpo, e na alma louvável, o qual à tão vis pensamentos se emprega, onde venha por muitos pego(,) Virgílio que fizesse à Eneiais, fingido* por homem forte, vir* pensamento de matar Helena mulher débil, a cuja a esperança do viver vinha nutrida em* lágrimas, que as tinha em abundância, & não pela espada que talvez não houvesse jamais tocado*. Fortes se dizem Sansão, e David Reis nas sagradas letras. Forte se diz Hércules nas fábulas de Poetas, & muitos outros em diversos lugares, que tenham combatido, & vencidos os Leões.

A haste significa, que não somente se deva optar força em rebater os danos, que possam vir dos outros, como se mostracom a armadura no* dorso*, e com o escudo, mas ainda repreendo a soberba, & arrogância alheias com as suas próprias forças. A haste nota majoridade, e senhoria, a qual venha facilmente adquirida por meio da Fortitude. Os signos de fisionomia não tratos por Aristóteles por não faltar de diligência naquilo que se possa fazer à propósito.

O Leão em guerra com o javali, diz Pierio Valeriano livro II que significa a Fortaleza da alma, e aquela do corpo acompanhadas, pelo que o Leão vai com modo, e com menida nas ações, & o javali sem senão pensar se faça diante precipitosamente à qualquer impresa.

SORTE/DESTINO.

⇒ Imagem (pág. do livro 227; pág. do PDF 299)

Mulher com os olhos vendados, sobre uma árvore com uma haste deveras longa percorra os ramos desta, & se caiam vários instrumente aparentes à várias profissões, como cetros, livros, coroas, jóias, armas, &c. E assim a pinta os Dons. Alguns demandam Sorte aquela virtude portadora das estrelas, as quais variamente disponham as naturezas dos homens, movendo o apetite racional, em modo que não o/a sinta violência no operar: mas nesta figura se pegue somente nas coisas que sem intenção do agente raríssimas vezes costuma advir, o qual por aportar muitas vezes, ou grande bem, ou grande mal, os homens que não saibam compreender, que coisa alguma se possa fazer sem a intenção de qualquer agente, tenham com a imaginação fabricada como senhora destas obras aquela, que demandam Sorte: & é pelas bocas dos ignorantes continuamente. Se pinta cega comumente por todos os autores gentili, por mostrar que não favorece mais um homem, que um outro, senão todos indiferentemente ama, & odeia, mostrem* mulheres que assinalam* que o caso as represente, então é que exalta deveras bem às primeiras honras um celerado, que seria digno de suplício, & um outro meritável deixe cair em miséria, e calamidade. Por mais isto digo segundo a opinião dos

gentili, e que costuma seguir o vulgo ignorante, que não saiba mais além: contudo a verdade é, que o todo disponha a divina Providência, com ensina S. Thomás livro III *co-tra gentes* capítulo 92 citado acima. Os homens que estão entrono à árvore do testemunho daquele dito antigo que diz: *Fortunae suae quisq, faber*; por que se bem alguns, pode-se dizer (como se diz) o* é fortunado, não por menos se ele não é judicioso em endireitar o caminho da vida sua por lugar conveniente, não é possível, que venha àquele fim que desejava nas suas operações.

FORÇA DE AMOR.

Seja na água, como em terra.

□ Imagem (pág. do livro 228; pág. do PDF 300)

Criança nua, com as asas aos húmeros, com a direita mão tenha um peixe, e com a esquerda um maço de flores, assim Alciato do grego o traduz.

Nudus Amor viden, vt ridet placidunque tuetur;

Nec faculas, nec quae cornua flectat habet.

Altera, sed manuum flores gerit, altera piscem,

Scilicet vt terra iura, det, atque mari

Nudus Amor blandis idcirco aridet ocellis

Non arcus, aut nunc ignea tela gerit.

Nec temere manibus Florem, delphinaque tractat

Illo etenim terris, hoc valet ipse mari.

FORÇA À JUSTIÇA SUBMETIDA.

⇒ Imagem (pág. do livro 230; pág. do PDF 302)

Reconta Pierio Valeriano no primeiro livro, ter vista uma Medalha Antiga ao seu tempo achada, na qual se era impressa uma mulher vestida de forma real*, com uma coroa à cabeça, à sentar sobre o dorso de um Leão,& que estava em ato de colocar em mão uma espada; a qual pelo dito Pierio fôra pela Justiça interpretada, & o Leão pela Força, sim como claramente se veja ser o seu verdadeiro Hieróglifo.

FORÇA SUBMETIDA À ELOQUÊNCIA.

⇒ Imagem (pág. do livro 231; pág. do PDF 303)

Mulher velha, vestida gravemente, que com a direita mão tenha o caduceu do Mercúrio, & sob os pés um Leão.

Isso demonstra que a Força cede à eloquência de Sábios.

FRAUDE.

⇒ Imagem (pág. do livro 232; pág. do PDF 304)

Mulher com duas faces uma de jovem bela (e) a outra de velha feia, será nua até as mamas, será vestida de amarelo linho até a metade (da) perna, terá os pés símiles à águia, e a cauda de escorpião, vendo-se ao par das pernas, na direita mão terá dois corações, & uma máscara com a esquerda.

Fraude é vício, que deseja inferir falta do devido ofício do bem, & abundância de invenção no mal, fingindo sempre o bem & se siga com o pensamento, com as palavras, & com as obras sob enganáveis cores de bondade, & isso se demonstra com as duas faces.

O amarelo linho significa traição, engano, & mutação fraudulenta.

Os dois corações significam as duas aparências do querer, & não querer uma coisa mesma.

A máscara denota, que a Fraude faz aparecer as coisas além daquilo que são por cumprir os seus desejos.

A cauda de escorpião, & os pés da Águia, significam o veneno escondido*, que fomenta continuamente, como pássaro de presa, por rapir (os) outros, ou o material, ou a honra.

FUROR.

⇒ Imagem. (pág. do livro 233; pág. do arquivo 305)

Homem que mostre raiva em face*, & aos olhos tenha ligada uma faixa, esteja em corajoso movimento, & em ato de vigor lançar de longe um grande embrulho* de várias espécies de armas em haste, as quais tenha entre os braços estreitas, & seja vestido em hábito curto.

A faixa ligada aos olhos mostra, que privo resta o intelecto quando o Furor impera o domínio na alma, não sendo outro o Furor, que cegueira de mente de tudo priva do lúmen intelectual, que leva o homem à fazer qualquer coisa fora de razão.

As armas que tenha entre os braços são indício, que o Furor por si mesmo porta instrumentos de vingar-se, & de fomentar* a si mesmo.

É vestido em curto, pois não olha nem decência, nem decoro.

FUROR POÉTICO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 234; pág. do PDF 306)

Jovem vivaz, & ribucundo com as asas à cabeça, coroadado, em louro, & cinto de hera, estando em ato de escrever: mas com a face revolta ao Céu.

As asas significam, a prontidão, & a velocidade do intelecto Poético, que não se imerge: mas se se sublima, portando consigo nobremente a fama dos homens, que logo se mantém verde/viva, e bela/o por muitos séculos, como a fronde de louro, & da hera se mantenham.

Se faz vivaz, & rubicundo, pois é o Furor Poético uma sobre-abundância de vivacidade de espir*it*os, que enriquece a alma de números/numerosos*, & de conceitos maravilhosos, os quais parecendo impossível, que se possam ter somente perdão da natureza, são estimados dons particulares, & singular graça do Céu, & Platão dissera, que se mova a mente de Poetas por divino Furor, com o qual formam muitas vezes na idéia imagens de coisas sobrenaturais, as quais notadas por eles em cartas/escritos, & relidas* posteriormente à pena são entendidas, e conhecidas, por mais se demandam os Poetas pego os Gentili, por antigo costume, Santos, geradores do Céu, filhos de Giove, interpretes das Musas & Sacerdotes de Apolo. Para o escrever se mostra ainda que esse Furor se gera com o muito exercício, & que a natureza não basta, se não venha pela arte ajudada, como disse Horácio.

Cur ego si nequeo, ignoroque poeta salutor.

Acenando a obra da arte com o não poder, & aquela do engenho com a ignorância.

FURTO.

⇒ Imagem. (pág. do livro 235; pág. do PDF 307)

Jovem pálido, vestido de pele de lobo, com os braços, & pernas nus, & com pés alados, em meio de uma noite, na mão esquerda tenha uma bolsa, & na direita uma faca; com uma ferramenta/alavanca, as orelhas serão símiles àquelas da lebre, & a aparência muito atônita.

Jovem se pinta o Furto, por notar a imprudência, & a temeridade, que é própria de jovens, & intrínseca aos ladrões os quais vendo cada dia infinitos espetáculos de sucessos infelizes de quem tolhe com armadilhas os outros* o rouba/os instrumentos, não por mais se emendam, por dar ao fim nas redes, ou mais vezes nos laços.

A palidez do vizo, & as orelhas de lebre, significam a contínua suspeita, & o perpétuo medo, com o qual vive o ladrão, temendo sempre de não ser descoberto, e por mais foge, & odeia a luz (& é) amigo da noite, favorável companheira de suas desonradas ações.

É vestido em pele de lobo, por que o lobo vive sozinho (&) dos outros rouba*, & de rapinas, como o ladrão, que por ligeireza de cérebro creia com esse mesmo pensamento de sorver à seus desejos.

O pé de cabra*, & a faca não têm necessidade de muita explicação.

Os braços, & pernas nus demonstram a destreza, & as asas aos pés a velocidade, que com grande indústria se procura por parte do* ladrão, por temor de meritados suplícios.

SALDO: 33 A / 9 B / 40 C / 23 D / 12 E / 20 F

ITENS COM IMAGEM 137